I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Humano e Tecnologias

IV Congresso Nacional e VII Seminário de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança

LEPESPE

unesp

ANAIS

I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Humano e Tecnologias

IV Congresso Nacional e VII Seminário de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança

www.lepespe.com

SUMÁRIO

Mini - Cursos 1
1 MINICURSO: ANSIEDADE NO ESPORTE E NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR .. 2
2 MINICURSO: PSICOLOGIA POSITIVA, O ESPORTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR* 5
3 MINICURSO: ESTRESSE PSICOLÓGICO NO ESPORTE E NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR 7
4 MINICURSO: MOTIVAÇÃO NO ESPORTE E NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR 12
5 MINICURSO: LIDERANÇA NO ESPORTE E NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR 15
Palestras 21
PALESTRA DE ABERTURA: PSICOLOGIA DO ESPORTE E A ESCOLA: POR QUE, COMO E QUANDO APLICA-LA? 22
MESA REDONDA 1: A PSICOLOGIA DO ESPORTE E SEUS MÚLTIPLOS OLHARES. (11/Set/2015 – 8:30h) - Prof. Dra. Silvia Marina Anaruma; Prof. Dr. Daniel Presotto 31
MESA REDONDA 2: A AGRESSÃO NO ESPORTE E A INTERDISCIPLINARIDADE. (11/Set/2015 – 10:00h) - Prof. Dr. Flávio Rebustini; Prof. Ms. Ivan Tertuliano; Prof. Ms. André Aroni 39
PALESTRA: LÍDERES ESPORTIVOS: TÊ-LOS OU NÃO TÊ-LOS? EIS A QUESTÃO!!! 51
PALESTRA: ESPORTE PARALÍMPICO: CONQUISTAS, DESAFIOS E CONTROVÉRSIAS 53
MESA REDONDA 3: AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO ESPORTE: O QUE É? PARA QUEM? A QUEM SERVE? (12/Set/2015 – 10:30h) - Prof. Dr. José Maria Montiel; Profa. Ms. Isabela Amblard 58
MESA REDONDA 4: POR QUE A PSICOLOGIA DO ESPORTE NÃO É APLICADA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR? (12/Set/2015 – 14:00h) - Prof. Dr. Rubens Venditti Junior; Prof. Dr. Altair Moioli; Prof. Ms. Gustavo Lima Isler 64
PALESTRA: POR QUE O NOVO ASSUSTA NA PSICOLOGIA DO ESPORTE?_ REFLEXÕES DO CONTEXTO. 80
WORKSHOP 87
WORKSHOP: A FORMAÇÃO DO ATLETA INTELIGENTE: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE 88

WORKSHOP: PSICOLOGIA DO ESPORTE E TREINO ESPORTIVO: O QUE TEMOS E O QUE QUEREMOS? 93

Resumos expandidos 95

ALTERAÇÕES PROPORCIONADAS PELAS NOVAS MÍDIAS NO ESPORTE: UMA VISÃO DOS ATLETAS 96

O AMBIENTE DE RECLUSÃO ESPORTIVA: UMA ANÁLISE DA OPINIÃO DE JOVENS ATLETAS 102

LESÃO NO CONTEXTO ESPORTIVO E SUAS VARIÁVEIS PSICOLÓGICAS 107

O CORPO E SUA EXPOSIÇÃO: UMA ANÁLISE VIRTUAL 112

COMO AS NOVAS MIDIAS CONSTROEM O CORPO CONTEMPORÃNEO 116

COPING NO FUTEBOL: EM BUSCA DA PERFORMANCE IDEAL 120

ESPORTE E INSTAGRAM®: UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS IMAGENS POSTADAS POR ATLETAS DE FUTEBOL E VOLEIBOL. 126

Resumos 131

A ANSIEDADE NO FUTEBOL: UMA VISÃO SOBRE OS GOLEIROS 132

A AUTOIMAGEM CORPORAL DO INDIVÍDUO AMPUTADO MEDIANTE O AVANÇO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS 133

A CAPACIDADE DE REALIZAR ATIVIDADES FÍSICAS: UM ESTUDO POR MEIO DE AUXÍLIOS TECNOLÓGICOS 134

A CRIAÇÃO DE UM PROTOCOLO PARA ANÁLISE DE PERFORMANCE NO GOLFE: UM ESTUDO PILOTO 135

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS 136

A IMAGEM CORPORAL DE PESSOAS COM HEMIPLEGIA: UM ESTUDO QUALITATIVO 137

A IMAGEM DO IDOSO: UMA ANÁLISE DE PROPAGANDAS DISPONIBILIZADAS NO YOUTUBE® 138

A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM ATIVIDADES ESPORTIVAS DE COMPETIÇÃO 139

À MARGEM DOS HOLOFOTES: TEMAS TRANSVERSAIS A PROFISSIONALIZAÇÃO E CARREIRA ESPORTIVA 140

A MOTIVAÇÃO POR REFORÇO POSITIVO E REFORÇO NEGATIVO NA PRÁTICA DO BASQUETEBOL 141

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA À DISTÂNCIA 142

A PSICOLOGIA DO ESPORTE NO ÂMBITO DO BASQUETEBOL FEMININO BRASILEIRO 143

A RELAÇÃO DO HOMEM, DA SOCIEDADE, E DA TECNOLOGIA NO AVANÇO DA TECNOCIÊNCIA 144

A TEMÁTICA NEGRA NOS CURRÍCULOS ESTADUAIS BRASILEIROS 145

A VIGOREXIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA 146

ABORDAGEM LEXICAL NO DESENVOLVIMENTO DE INSTRUMENTOS: UMA ANÁLISE DO MÉTODO 147

ADAPTAÇÃO INTERCULTURAL DE JOGADORES DE FUTEBOL EXPATRIADOS: VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES 148

ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DO ‘SPORT CONCUSSION OFFICE ASSESSMENT TOOL’. 149

ANALISANDO A INDISCIPLINA EM UM PROJETO SOCIAL EM PEDAGOGIA DO ESPORTE ESCOLAR 150

ANÁLISE COMPARATIVA DA MÉDIA DE TEMPO DO NADO LIVRE EM DIFERENTES METRAGENS E FAIXAS ETÁRIAS 151

ANÁLISE DO BURNOUT EM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS 152

ANÁLISE TÁTICA: APLICAÇÃO DE TECNOLOGIAS PARA AUXÍLIO DE TÉCNICOS E ATLETAS DE VOLEIBOL USANDO ESTATÍSTICA 153

ANSIEDADE COMPETITIVA EM CRIANÇAS NADADORAS – ESTUDO PILOTO 154

ANSIEDADE E ESTRESSE EMOCIONAL EM ATLETAS: DIFERENÇAS QUANTO AO GÊNERO E A FAIXA ETÁRIA 155

ARTE DE CADERNO: AÇÕES EDUCATIVAS PARA VALORIZAÇÃO DA ARTE E PRESERVAÇÃO DO PATRIMONIO PÚBLICO 156

AS ATIVIDADES DE AVENTURA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 157

AS TÉCNICAS DE RESPIRAÇÃO DO YOGA PARA CRIANÇAS 158

AS VIVÊNCIAS DO LAZER NO AUXÍLIO DO TRATAMENTO DE DEPENDENTES QUÍMICOS 159

ASPECTOS MOTIVACIONAIS NO *CHEERLEADING* COMPETITIVO 160

ATIVIDADE FÍSICA E RELACIONAMENTO INTERPESSOAL: UMA PROPOSTA DE ESTUDO 161

ATIVIDADE MOTORA, AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: O QUE SABEM PROFESSORES DE CRIANÇAS? 162

AUTOCONHECIMENTO E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO 163

AUTOCONTROLE E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO 164

AUTOMOTIVAÇÃO E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: PROPOSTAS PARA O CENÁRIO ESPORTIVO DE ALTO RENDIMENTO 165

AVALIAÇÃO DA DISSIMILARIDADE DAS COMPETÊNCIAS EM ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO DE TIRO ESPORTIVO 166

BENEFÍCIOS FÍSICOS E EMOCIONAIS DA PRÁTICA DE YOGA 167

BULLYING ESCOLAR: UMA PROBLEMÁTICA INVISÍVEL? 168

BULLYING NO FUTEBOL: OLHARES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE 169

CASOS DE SEXTING ABORDADOS NAS MÍDIAS ELETRÔNICAS: UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO DIVULGADO 170

COESÃO GRUPAL NO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS 171

COM QUE ROUPA EU VOU: ANÁLISE HISTÓRICA DA MODA ESPORTIVA E A LINGUAGEM CORPORAL PARA REFORÇAR ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO 172

COMO OS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SE VÊEM E O QUE SABEM SOBRE IMAGEM CORPORAL 173

COMPARAÇÃO DE VARIÁVEIS CINÉTICAS DA MARCHA COM DUPLA TAREFA DE IDOSOS SAUDÁVEIS E PARKINSONIANOS 174

COMPORTAMENTOS EM RELAÇÃO AO BALLET FITNESS: EXPERIÊNCIA EM UMA AULA DO CURSO DE EDUCACAO FISICA 175

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO FUTEBOL E O DESEVNVOLVIMENTO DA CATEGORIA DE BASE NO BRASIL 176

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA POSITIVA PARA AS LIDERANÇAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA 177

COPING NO ESPORTE: COMPARAÇÃO ENTRE FUTEBOLISTAS DE BASE E UNIVERSITÁRIOS 178

CORPO X TECNOLOGIA: A INTERATIVIDADE EM EVIDÊNCIA 179

CORRIDA DE ORIENTAÇÃO E O USO DO CELULAR EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR 180

DESEJO DE SER MAIS MUSCULOSO: EFICÁCIA DE UM PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO EM ALUNOS DE MUSCULAÇÃO 181

DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO ESPORTE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM JOGOS DIGITAIS 182

DETERMINANTES MOTIVACIONAIS DE ATLETAS VETERANOS DE AMBOS OS GÉNEROS PARA A PRÁTICA DESPORTIVA 183

DIÁRIO DA DOR: MATERIAL AVALIATIVO E INTERVENTIVO DA DOR PARA A PSICOLOGIA DO ESPORTE 184

DILEMA ÉTICO DO ATLETA FRENTE ÀS PRESSÕES DE SUPERAÇÃO DOS LIMITES FISIOLÓGICOS NATURAIS 185

DISCENTES DOS CURSOS SUPERIORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFSULDEMINAS: CONHECENDO SUAS MOTIVAÇÕES 186

DISPOSITIVO DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS. EDUCAÇÃO PARA TODOS? 187

DOPING NO ESPORTE: O QUE OS ATLETAS BRASILEIROS UNIVERSITÁRIOS PENSAM SOBRE ISSO? 188

EFEITO AGUDO DO TREINO DE MARCHA EM ESTEIRA SOBRE A MOBILIDADE FUNCIONAL DE INDIVÍDUOS PARKINSONIANOS 189

EFEITO AGUDO DO TREINO DE MARCHA EM ESTEIRA SOBRE O COMPRIMENTO DE PASSO DE INDIVÍDUOS PARKINSONIANOS 190

EFEITO DA DUPLA TAREFA SOBRE VARIÁVEIS CINÉTICAS DA MARCHA DE IDOSOS SAUDÁVEIS 191

EFEITOS DE UM PROGRAMA DE GINÁSTICA LABORAL: PESQUISA CLÍNICA CONTROLADA E RANDOMIZADA 192

EFEITOS PSICOLÓGICOS DA GINÁSTICA LABORAL: HÁ AVANÇOS NAS PESQUISAS COM O TEMA DISPONÍVEIS NO PORTAL DA BVS? 193

EFICÁCIA DE UM PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO SOB O “SENTIR-SE MAIS FORTE” EM PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO 194

EMOÇÕES NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NAS ATIVIDADES DE AVENTURA 195

EMOTIONAL VARIATIONS IN ELITE FEMALE BASKETBALL PLAYERS DURING INTERNATIONAL COMPETITIONS 196

ENTRE A “PRATA DA CASA” E O “OURO IMPORTADO”: REFLEXÕES SOBRE EQUIPES EM JOGOS REGIONAIS 197

ESPORTE ADAPTADO, INCLUSÃO E ELEGIBILIDADE NO BRASIL 198

ESTADOS DE EMOÇÃO NO DISCURSO DE TEXTOS DIGITAIS 199

ESTADOS DE HUMOR, EXERGAMES E ATIVIDADE FÍSICA 200

ESTRATÉGIAS DE *COPING* EM ATLETAS PARALÍMPICAS 201
ESTRESSE E *COPING* NO GOLFE: UMA ANÁLISE DE ATLETAS INICIANTES ... 202
ESTRESSE E ENVELHECIMENTO 203
ESTRESSE E PADRÕES ALIMENTARES DISFUNCIONAIS EM BAILARINOS 204
ESTRESSE: INFLUÊNCIA DA GINÁSTICA LABORAL 205
ESTUDOS SOBRE YOGA E IDOSOS 206
EXPERTISE NO HANDEBOL: ESTUDO COM ATLETAS DA CATEGORIA SUB 16 207
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFTM – CAMINHOS E CONSOLIDAÇÃO COM A DANÇA 208
FATORES MOTIVACIONAIS PARA A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA EM IDOSAS ATIVAS 209
FATORES MOTIVACIONAIS QUE LEVAM JOVENS A PRATICAREM CANOAGEM VELOCIDADE 210
FATORES MOTIVACIONAIS PARA INSERÇÃO DE IDOSO EM PRÁTICAS DE ATIVIDADES FÍSICAS EM POÇOS DE CALDAS – MG 211
GÊNERO E FUTEBOL FEMININO: UM OLHAR DE ALUNAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFSULDEMINAS 212
IDENTIFICANDO OS MOTIVOS PELO ÓDIO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: SOB A LUZ DO FACEBOOK. 213
IMAGEM CORPORAL NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DE MULHERES INSCRITAS NO PROGRAMA ESPORTE E LAZER DA CIDADE 214
IMPLICIT LEARNING OF GOLF-PUTTING AMONG CHINESE COLLEGIATE STUDENTS: AN ANALOGY APPROACH. 215
ÍNDICE DE ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO PARTICULAR EM EQUIPES DE BASQUETEBOL FEMININO DO BRASIL 216
INFLUÊNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA NO LOCAL DE TRABALHO SOBRE A ANSIEDADE E A DEPRESSÃO 217
INFLUÊNCIA DA TIRA SUBPATELAR NO TREINAMENTO DE EQUILÍBRIO EM IDOSAS COM HISTÓRIA DE QUEDAS 218
INFLUÊNCIA DOS FATORES DE RISCO CARDIOVASCULARES SOBRE A MODULAÇÃO AUTONÔMICA CARDÍACA 219
INFLUÊNCIAS DO CONDICIONAMENTO OPERANTE NO ESPORTE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA 220

INICIAÇÃO ESPORTIVA ATRAVÉS DO MÉTODO GLOBAL: RELATO DE UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO FUTSAL 221

INICIAÇÃO ESPORTIVA E ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE: O DISCURSO E A PRAXIS 222

INTELIGÊNCIA ESPORTIVA DE COMPETIÇÃO: COMPARAÇÃO ENTRE AS PERCEPÇÕES DO TREINADOR E ATLETA 223

INVESTIGAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA E DO NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS 224

INVESTIGAÇÃO DOS ATRIBUTOS PSICOLÓGICOS DE JOGADORES DE FUTEBOL DA CATEGORIA SUB-20 225

INVESTIGAÇÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DO MEDO E DA ANSIEDADE NA PERCEPÇÃO DE ARTISTAS MARCIAIS 226

INVESTIGAÇÃO SOBRE A MOTIVAÇÃO EM PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA 227

JOGOS TEATRAIS PARA ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PROPOSTA DESINIBIDORA 228

LAZER E EDUCAÇÃO POR MEIO DE ATIVIDADES LÚDICAS 229

LINGUAGEM CORPORAL: QUESTÕES DE GÊNERO NO ESPORTE CONTEMPORÂNEO 230

MASCULINIDADES E JUVENTUDES NO VOLEIBOL 231

MULHERES NO ESPORTE: UMA ANÁLISE SOBRE A ANSIEDADE FÍSICA EM PRATICANTES DE FUTSAL 232

NECESSIDADES X REALIDADE: O DESCOMPASSO DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS PARA MINIMIZAR SUAS DEFICIÊNCIAS 233

O ACOMPANHAMENTO ESCOLAR NA PRÁTICA DO VOLEIBOL 234

O AVANÇO TECNOLÓGICO E SUAS RELAÇÕES COM O CORPO HUMANO CONTEXTUALIZADO E COM A SOCIEDADE 235

O CUIDADO NO ESPORTE: UMA DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO CICLISMO. 236

O DESENGAJAMENTO MORAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA 237

O MUNDO DO PARADESPORTO COMO FORMA DE INCLUSÃO E MOTIVAÇÃO PARA UM NOVO COMEÇO DE VIDA 238

O USO DA MENTALIZAÇÃO POR PRATICANTES DE PARKOUR 239

PADRÕES ALIMENTARES E ÍNDICE DE MASSA CORPORAL EM BAILARINOS 240

PARA ALÉM DOS SALTOS: VALORES MORAIS ASSOCIADOS AO PARKOUR.. 241

PEDAGOGIA DO JOGO APLICADA ÀS LUTAS NA INFÂNCIA..... 242

PENSAMENTOS AUTOMÁTICOS NO ESPORTE: PERSPECTIVA DE INVESTIGAÇÃO 243

PERCEPÇÃO DO SIGNIFICADO DE ARBITRAR PARA ÁRBITROS INTERNACIONAIS DE BASQUETEBOL 244

PERCEPÇÃO SUBJETIVA DE ESFORÇO DE ADULTOS JOVENS DURANTE A DANÇA EM AMBIEMTE REAL E VIRTUAL 245

PERFIL DA ANSIEDADE DE TRAÇO E ESTADO EM ATLETAS BRASILEIROS DE ORIENTAÇÃO 246

PERSONAL TRAINER: ORIGEM, ATUACAO E TENDENCIAS NO MERCADO DE TRABALHO 247

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E ESPORTES RADICAIS: PERCEPÇÕES DE UMA PRÁTICA POSSÍVEL 248

PRÁTICA DE YOGA PARA GESTANTES 249

PRÁTICAS DE YOGA PARA ALUNOS PRÉ-VESTIBULANDOS 250

PREVENÇÃO E RECUPERAÇÃO DE LESÕES EM ATLETAS DE VOLEIBOL E AS TECNOLOGIAS 251

PROCEDIMENTOS ÉTICOS EM AMBIENTES VIRTUAIS: UM OLHAR SOBRE A RESOLUÇÃO Nº 466/2012 252

PROCESSOS COGNITIVOS: A CAPACIDADE DE MEMORIZAÇÃO PÓS-EXERCÍCIO 253

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DIFICULDADES E SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS VOCAIS 254

PROGRAMA ESPORTE E LAZER DA CIDADE: SATISFAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL DOS INSCRITOS 255

PSICOLOGIA DO ESPORTE E MÍDIA CONTEMPORÂNEA: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA (IN)VISIBILIDADE. 256

PSICOLOGIA DO MERGULHO: UMA REVISÂO BIBLIOGRÁFICA 257

PSICOPROFILAXIA, ESPORTE E ADOLESCÊNCIA 258

REESTRUTURAÇÃO DO PROGRAMA “GINÁSTICA LABORAL NA UFLA” PARA CONSCIENTIZAÇÃO E MANUTENÇÃO DA ATIVIDADE 259

RELAÇÃO ENTRE ATIVIDADE FÍSICA HABITUAL E APTIDÃO FUNCIONAL EM MULHERES PÓS-MENOPAUSA 260

RELAÇÕES ENTRE IMAGEM CORPORAL E INDICE DE MASSA CORPORAL EM BAILARINOS 261

RELAÇÕES ENTRE O ÍNDICE DE MASSA CORPORAL E AUTOESTIMA EM BAILARINOS 262

RELIGIOSIDADE E SUA RELAÇÃO COM A PRÁTICA DO FUTEBOL PROFISSIONAL 263

RENDIMENTO NOS ESPORTES: A INFLUÊNCIA DA ANSIEDADE NO DESEMPENHO INDIVIDUAL E COLETIVO 264

RESILIÊNCIA E OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO 265

RESPOSTAS AFETIVAS AO TREINAMENTO RESISTIDO COM CARGAS AUTOSSELECIONADAS 266

RESPOSTAS AFETIVAS DO EXERCÍCIO FÍSICO AERÓBIO COM INTENSIDADE AUTOSSELECIONADA E ADERÊNCIA 267

SAÚDE E ESPORTE: ABORDAGEM INTERPROFISSIONAL 268

SCOUT E AS TECNOLOGIAS NA MODALIDADE VOLEIBOL: A VISÃO DE TÉCNICOS E ATLETAS 269

SCOUT FUTEBOL: DIFERENÇAS TÉCNICAS JOGANDO DENTRO E FORA DE CASA 270

SEX-RELATED VIOLENCE ON THE BRAZILIAN TELEVISION NOVELLA, “MALHAÇÃO” 271

SÍNDROME DE BURNOUT e a resiliência EM ATLETAS DE ESPORTES DE RENDIMENTO 272

SOBRE TRABALHOS DE GÊNERO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS EQUÍVOCOS CONCEITUAIS 273

TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO E AGRESSÃO: PROPOSTA DE UM PROJETO DE INTERVENÇÃO E PESQUISA 274

TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO E AUTOESTIMA 275

TEORIA DA COMPLEXIDADE: DIMENSÕES DE UMA ESCALA PARA O ESPORTE 276

UMA META-ANÁLISE SOBRE A SÍNDROME DE BURNOUT 277

USO DE DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS E DA MÍDIA POR JOGADORAS DE BASQUETEBOL 278

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

USO DOS *EXERGAMES* NO CONDICIONAMENTO FÍSICO E MELHORA CARDIOVASCULAR EM INDIVÍDUOS OBESOS 279

VIDEOGAME NAS PUBLICAÇÕES DO SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA, ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA 280

VIOLÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR 281

VIRTUAL E REAL: O ENSINO DE MODALIDADES COLETIVAS A PARTIR DE NOVAS TECNOLOGIAS 282

CORRIDA E CULTURA 283

NÍVEL DE ANSIEDADE EM ATLETAS DE RENDIMENTO DE UMA EQUIPE DE HANDEBOL NA CIDADE DE BAURU – SÃO PAULO 284

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

IV Congresso Nacional e VII Seminário de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança.

10, 11 e 12 de setembro de 2015

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

UNESP - Rio Claro

www.lepespe.com

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

UNESP – Campus Rio Claro

Instituto de Biociências

Diretor

Prof. Dr. Claudio José Von Zuben

Vice Diretora

Profa. Dra. Adelita Aparecida Sartori Paoli

Departamento de Educação Física

Chefe do Departamento

Profa. Dra. Cynthia Yukiko Hiraga

Vice Chefe do Departamento

Prof. Dr. Carlos Alberto Anaruma

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

HISTÓRICO

O IV Congresso Nacional de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança e VII Seminário de Psicologia do Esporte e Motricidade Humana do Instituto de Biociências, Rio Claro, é uma realização do LEPESPE (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte), sediado no Departamento de Educação Física, UNESP, campus de Rio Claro. Teve apoio do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias e do Departamento de Educação Física, do Instituto de Biociências - Rio Claro, de modo a garantir a infraestrutura necessária para um pleno desenvolvimento, além de contar com recursos humanos dos próprios membros deste Laboratório, nas pessoas dos graduandos, mestrandos e doutorandos. Com o passar do tempo e a procura pelo evento, num nível internacional, intitulou-se este ano de I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

O LEPESPE é um laboratório credenciado na instituição e no CNPq, junto aos grupos de pesquisas e realiza suas reuniões semanalmente, as terças-feiras, nas dependências do IB. Os trabalhos de pesquisas são realizados nos espaços do laboratório, junto ao Departamento de Educação Física, ocupando espaço ideal para atender as necessidades dos jovens pesquisadores que compõem o grupo, da graduação à pós-graduação, passando pelos profissionais formados que por ali transitam.

Do ponto de vista logístico, o fato de estar sediado em Rio Claro favorece o entrosamento com equipes de alto nível da região, escolas de ensino básico, fundamental e médio e demais grupos de ensino superior. O suporte técnico oferecido pelo Departamento de Educação Física e o relacionamento mantido com outros grupos e laboratórios de pesquisas, na área, favorece o desenvolvimento de projetos inovadores. A interface com a tecnologia tem sido garantida por meio de projetos idealizados no laboratório ou em entrosamento com outros grupos já estabelecidos, que buscam parceiros em seus avanços. Vamos a alguns detalhes técnicos deste grupo.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

LEPESPE

Histórico da constituição

A existência do LEPESPE se deve à necessidade de aplicar os conhecimentos acadêmicos adquiridos em cursos e outros laboratórios às aulas de Psicologia do Esporte, Aspectos Psicopedagógicos da Educação Física Escolar, Mídia corpo e esporte e Fundamentos da Psicologia da Motricidade Humana, e avançar em direção aos novos conhecimentos que a interface existente entre esporte-psicologia-tecnologias possa possibilitar. O viés da

Tecnologia surge em decorrência do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (PPG-DEHUTE) estar sediado no Campus de Rio Claro, e possibilitar o entrosamento entre cada uma das faces interligadas e apontadas acima.

Busca fortalecer as discussões e trabalhos desenvolvidos pelos docentes da linha de pesquisa "Estados emocionais e movimento", “Corpo, Rendimento e Tecnologia” e “Corpo, Cultura e Tecnologia”, do Departamento de Educação Física e do PPG-DEHUTE/ Instituto de Biociências/UNESP e fundamenta teórica e praticamente a análise e discussão de elementos comuns ao meio esportivo, à psicologia e à tecnologia.

Com a dinâmica mantida por seus membros, o LEPESPE possibilita sugerir e encaminhar questionamentos relativos à psicologia e sua aplicação no esporte e nos anais tecnológicos que emolduram este quadro; são funções deste grupo de pesquisadores: gerar conhecimentos e desenvolver projetos, aplicando o mais inovador dos referenciais teóricos e tecnológicos, fortalecer e incrementar o LEPESPE, levando-o a apresentar à comunidade científica novas e emergentes propostas de atuação de seus membros, por meio de comunicação de seus trabalhos e estudos.

O laboratório mantém uma relação de parceria com outros grupos de pesquisas (Instituto Superior de Psicologia Aplicada/Lisboa-Portugal; Grupo de Pesquisa em Psicologia do Exercício e do Esporte/Universidade São Judas Tadeu e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no campo da Educação Física/Dep. Educação/IB/UNESP), Núcleo de Estudos da Psicologia do Desporto (Universidade do Minho), Núcleo de Estudos em Psicologia do Esporte (Universidade de Montreal-en-Trois Riviére) e Núcleo de Estudos da Ciência Cognitiva (UNISAL) com quem vem fazendo o intercambio necessário para o perfeito entrosamento.

Teve uma pesquisa interinstitucional aprovada pela FAPESP, numa ligação junto à Universidade São Francisco/ Faculdade de Psicologia e inicia um processo de pesquisa interdisciplinar junto à UniMinho- Portugal. O LEPESPE é coordenado pelo Prof Afonso Antonio Machado e tem como membros pesquisadores: Daniel Presoto, Altair Moioli, Marcelo Callegari Zanetti, Marcos Abaide Balbinotti, Carlos Abaide Balbinotti, Ricardo Saldanha, Daniel Bartholomeu, José Maria Montiel, Fernando César Gouvêa, Flávio Rebustini, Gisele Maria Schwartz e Maria Regina Ferreira Brandão, todos professores universitários brasileiros atuantes na área e orientadores de programas de mestrado e doutorado.

Este laboratório ainda tem como membros participantes os demais profissionais: Cristina Akiko Iizuka (Austrália), Gustavo Lima Isler, Henrique Moura Leite Bottura (FM-USP), Mauro Klébis Schiavon, Flavio F. Dezan, Marta Aurélia Campos Silveira (UFMa), Hélio Cozza, além de alunos da graduação da UNESP, UNIARARAS e UNIMEP.

Área física disponível

São duas salas de dezesseis metros quadrados, onde realizamos nossas pesquisas, entrevistas e pequenas reuniões de supervisão ou orientação de projetos.

Equipamentos

Atualmente dispomos de quatro computadores, ligados na rede, por meio do provedor da UNESP, e um conjunto de livros que possibilitam o avanço e desenvolvimento dos membros que desenvolvem seus trabalhos no próprio LEPESPE. O acervo tem perto de 350 dissertações e teses, além de livros atuais e clássicos e revistas da área, disponíveis para os participantes do LEPESPE.

Cooperações com outros centros

O laboratório mantém uma relação de parceria com outros grupos de pesquisas como Instituto Superior de Psicologia Aplicada/Lisboa-Portugal (Prof. Dr. Duarte Araujo); Grupo de Pesquisa em Psicologia do Exercício e do Esporte/Universidade São Judas Tadeu (Profa. Dra. Regina Brandão); Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no campo da Educação Física/Dep. Educação/IB/UNESP (Prof. Dr. Samuel Netto), Núcleo de Estudos da Psicologia do Desporto da Universidade do Minho (Prof. Dr. António Rui Gomes) e Núcleo de Estudos da Ciência Cognitiva (UNISAL, Prof. Dr. Daniel Bartholomeu e José Maria Montiel) e Núcleo de Estudos em Psicologia do Esporte (Universidade de Montreal-en-Trois-Riviére (Prof. Dr. Marcos Abaide Balbinotti) e Grupo de Estudos em Psicologia Aplicada ao Esporte (UFRGS, Prof. Dr. Carlos Abaide Balbinotti) com quem vem fazendo o intercambio necessário para o perfeito entrosamento. Em 2012 foram firmados contatos de parceria com a Universidade de Aveiro, de Coimbra e Nova Lisboa, por meio de docentes presentes no II Congresso Internacional de Sexualidade e Gênero, em novembro, Araraquara.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Perspectiva futura

Com a implantação do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias – IB - Rio Claro: estamos iniciando uma nova fase de desenvolvimento de tecnologias, em que passamos a elaborar e validar instrumentos de pesquisas, em Psicologia do Esporte. No Brasil, é muito escasso o volume de pesquisas que resultem em validação de instrumentos específicos da Psicologia do Esporte. Já temos material coletado e os primeiros ensaios estatísticos já avançam para a validação de testes que avaliam a agressão e a ansiedade no esporte; testes para analisar o estado de humor e sua alteração, durante o decorrer de uma partida esportiva; teste para avaliar personalidade de atletas e sua predisposição diante de

modalidades coletivas e individuais, numa parceria com Dres Rui Gomes (Portugal), Marcos A. Balbinotti (Canadá) e Daniel Bartholomeu (UNISAL).

Convênios

Estabeleceu-se a aproximação entre o grupo de estudos português (Instituto Superior de Psicologia Aplicada- ISPA), por intermédio de seu líder, Dr. Pedro Almeida, além dos contatos com a Universidade de Quebec-Canadá, cuja finalidade é desenvolver programas inter-institucionais e o intercâmbio de membros dos laboratórios, que tende a se implementar com o desenvolvimento dos trabalhos e a internacionalização de seus membros. A participação no Congresso Mundial de Psicologia do Esporte, na Ilha da Madeira, em 2011, foi fundamental para tais contatos e avanços no intercambio.

Proposta

Este ano, 2015, contamos mais uma vez com a presença da Editora Fontoura que sedimenta a parceria estabelecida com o LEPESPE. A Editora Fontoura é grande incentivadora de talentos e profissionais de projeção no cenário nacional, conforme notamos em seu desenvolvimento. Desta forma, ela participa com dois grandes marcos, pensando na produção científico-acadêmica da Psicologia do Esporte: o lançamento do livro "Psicologia do Esporte: da escola ao treinamento esportivo", obra organizada mediante cooperação entre dois grupos distantes: LEPESPE e Núcleo de Estudos em Psicologia do Desporto (da UniMinho-Pt), que teve lançamento simultâneo, acontecendo no evento e em Braga, Portugal, junto ao Prof. Dr. Rui Gomes.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

PARCERIAS

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Humano e Tecnologias

IV Congresso Nacional e VII Seminário de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança

LEPESPE

unesp

FLORIDA STATE UNIVERSITY 1851

Universidade do Minho

Université du Québec à Trois-Rivières

uclan University of Central Lancashire

UNESP - Rio Claro

COMISSÃO ORGANIZADORA

PRESIDENTE: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

COMISSÃO DE RECEPÇÃO E CREDENCIMENTO: Vivian de Oliveira, Renata de Andrade Teixeira, Luciana Botelho Ribeiro, Camila Severo, Arlete Scaramuzza Nicoletti

COMISSÃO CIENTÍFICA: Gustavo Lima Isler, Cláudio Gomes Barbosa, André Luis Aroni, Flávio Rebustini, Marcelo Callegari Zanetti

COMISSÃO CERIMONIAL: Marcelo Callegari Zanetti

COMISSÃO CULTURAL: Vivian de Oliveira

COMISSÃO DE COFFEE BREAK: Gustavo Lima Isler, Renato Henrique Verzani, Kauan Galvão Morão, Guilherme Bagni, Marcus Vinicius Abade Rodrigues da Silva

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO E EDIÇÃO DE SITE: Cláudio Gomes Barbosa, Guilherme Bagni, Renato Henrique Verzani, Kauan Galvão Morão, Yuri Matheus Moro

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

COMISSÃO DE APOIO DIDÁTICO: Yuri Matheus Moro, Matheus de Oliveira Martins, Marcus Vinicius Abade Rodrigues da Silva

COMISSÃO DE CERTIFICADOS: Guilherme Bagni, Luis Fernando Gonçalves, Kauan Galvão Morão

COMISSÃO DE ANAIS: Raphael Moura Rolim, Luis Fernando Gonçalves, Vivian de Oliveira

COMISSÃO DE TESOURARIA, RESERVAS E INSCRIÇÕES: André Aroni, Guilherme Bagni

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO DE PAINÉIS: Gustavo Lima Isler, Cláudio Gomes Barbosa, André Luis Aroni, Marcelo Callegari Zanetti, Raphael Moura Rolim, Ivan Wallan Tertuliano, Luciana Botelho Ribeiro, Vivian de Oliveira, Guilherme Bagni, Luis Fernando Gonçalves, Altair Moioli, Kauan Galvão Morão, Renato Henrique Verzani, Arlete Scaramuzza Nicoletti.

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

BOAS VINDAS!!!

Mais um evento científico tem início e muitas expectativas estão planando entre a comissão organizadora, convidados e congressistas. A seriedade e dedicação empregada na preparação de cada atividade é algo de muito importante e merece ser destacada, em especial por se tratar de um dos grandes congressos nacionais da área. Estamos, portanto, diante do atual e bem-vindo desafio: o I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Humano e Tecnologias e o IV Congresso Nacional e VII Seminário de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança, cujo objetivo é ampliar horizontes do saber e promover os novos nomes da novíssima e atenta elite que formata a massa crítica da Psicologia do Esporte Brasileira e Internacional.

Como já dito, na versão anterior, a Psicologia do Esporte Brasileira, atual, não depende mais de ícones que balizem seus saberes e fazeres: novas gerações de pesquisadores adquiriram vida própria, autonomia e autoridade para muito além de seus criadores e estão em franca atividade, exercendo seus saberes e suas provocações. Isto também nos remete à situações paradigmáticas que cobram retoques, aproximações e intervenções diante de grupos mais resistentes e pouco afeitos a mudanças. É o caminhar da Ciência que se faz presente.

Nos mesmos moldes que em versões anteriores, porém mais experientes, começamos nosso evento muito entusiasmados e confiantes no seu produto final. Podemos garantir que estamos atuando com um grupo de primeiríssimo nível, docentes universitários e pesquisadores jovens que darão sustentação a fase de transição que a Psicologia do Esporte Brasileira irá enfrentar, em breve.

Como coordenador do Laboratório de Estudo e Pesquisas em Psicologia do Esporte e do I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Humano e Tecnologias e o IV Congresso Nacional e VII Seminário de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança cumpre-me agradecer pela escolha do evento e pelo interesse em ter seu trabalho divulgado neste evento científico-acadêmico, além de desejar uma boa imersão neste mundo que analisará a Psicologia do Esporte, com afinco e precisão.

Afonso Antonio Machado, Prof. Dr.

Presidente do congresso

PROGRAMAÇÃO OFICIAL

I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Humano e Tecnologias/UNESP 2015

IV Congresso Nacional e VII Seminário de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança/LEPESPE/DEF-UNESP

Tema central: *Psicologia do Esporte: da educação física escolar ao treinamento esportivo*

	10/set	QUINTA-FEIRA
17:00 - 19:30	CREDENCIAMENTO	Credenciamento e retirada de materiais
18:00- 19:30	Mini-cursos	Ansiedade no esporte e na Educação Física Escolar (Prof. Dr. Daniel Bartholomeu; moderador: Prof. Matheus de Oliveira Martins); Psicologia Positiva, o esporte e a Educação Física Escolar (Prof. Dr. Óscar Gutierrez (Florida State); moderador: Prof. Mestre Luis Fernando Gonçalves); Estresse psicológico no esporte e na Educação Física Escolar (Prof. Dr. Marcelo Callegari Zanetti; moderador: Mestre Raphael Moura Rolim); Motivação no esporte e na Educação Física Escolar (Prof. Dr. José Maria Montiel; moderador: Prof. Mestre Cássio José Silva Almeida); Liderança no esporte e na Educação Física Escolar (Prof. Ms. Claudio Gomes Barbosa; moderador: Yuri Matheus Moro).
20:00 - 21:00	ABERTURA	Palestra de Abertura: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

	11/set	SEXTA-FEIRA
08:30 - 09:30	Mesa Redonda	A psicologia do esporte e seus múltiplos olhares (Prof. Dr. Daniel Presoto; Profa. Dra. Silvia Marina Anaruma; moderador:

		Profa. Doutoranda Luciana Botelho Ribeiro)
09:30 - 09:45	Videoconferência	O pico da performance esportiva: olhares da Psicologia do Esporte (Prof. Dr. Edson Filho; University of Central Lancashire)
09:45 - 10:00	Coffee Break	
10:00- 11:30	Mesa Redonda	A agressão no esporte e a interdisciplinaridade (Prof. Doutorando Ivan Tertuliano e Prof. Doutorando André Aroni; Prof. Dr. Flavio Rebustini); moderador: Prof. Mestrando Guilherme Bagni
11:30 - 14:00	Almoço	
14:00 - 16:30	Workshops A ou B (inscrever-se)	A formação do atleta inteligente: contribuições da psicologia do esporte (Profa. Dra. Regina Brandão/Universidade São Judas Tadeu); moderador: Prof. Dr.Marcelo Callegari Zanetti Psicologia do Esporte e Treino Esportivo: o que temos e o que queremos? (Prof. Dr. António Rui Gomes/ Universidade do Minho-Braga-Pt) ; moderador: Prof. Dr. Altair Moioli
16:30 - 16:45	Coffee Break	
16:45 - 17:15	Apresentação de Painéis	
17:15 18:00	Palestra	Líderes esportivos: tê-los ou não tê-los? Eis a questão!!! (António Rui Gomes/ Universidade do Minho-Braga-Pt); moderador: Prof. Dr. Altair Moioli

	12/set	SÁBADO
08:30 - 09:30	Palestra	Esporte Paralímpico: Conquistas, Desafios e Controvérsias(Profa. Dra. Eliane Mauerberg de Castro/UNESP); moderador: Profa. Mestranda Vivian de Oliveira
09:30 - 09:45	Videoconferência	Aplicações da Psicologia do Esporte; Prof. Dr. Marcos Abbaide Balbinotti/ Universidade de Montreal- Trois Riviéres- Canadá
09:45- 10:00	Coffee Break	

10: 00 - 10:30	Apresentação de Painéis	
10:30 - 12:00	Mesa Redonda	Avaliação Psicológica no esporte: O que é? Para quem? A quem serve? (Prof. Dr. José Maria Montiel; Doutoranda Isabela Amblard); moderador: Prof. Mestrando Renato Henrique Verzani
12:00 - 14:00	Almoço	
14:00 - 15:30	Mesa redonda	Por que a Psicologia do Esporte não é aplicada nas aulas de EF escolar? (Prof. Dr. Rubens Venditti Junior; Prof. Dr. Altair Moioli; Prof. Dr. Gustavo Lima Isler); moderador: Prof. Mestrando Kauan M.Galvão
15:30 - 15:45	Coffee Break	
15:45 - 16:15	Apresentação de Painéis	
16:15 - 17:15	Encerramento	Por que o novo assusta na Psicologia do Esporte? (Prof. Dr. Afonso Antonio Machado/UNESP)

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Mini - Cursos

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

1 MINICURSO: ANSIEDADE NO ESPORTE E NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Prof. Dr. Daniel Bartholomeu

Possui Graduação em Psicologia pela Universidade São Francisco, Mestrado e Doutorado na área de Avaliação Psicológica na mesma instituição. Atualmente leciona no Centro Universitário Fundação Instituto para o Ensino de Osasco, no programa de pós-graduação strictu sensu em Psicologia Educacional e atua como psicólogo clínico. Tem experiência na área de Fundamentos e Medidas da Psicologia, pesquisando principalmente nos seguintes temas: dificuldades de aprendizagem, emoções, relações sociais, inteligência, psicologia do esporte, traços de personalidade, psicometria, construção de instrumentos de avaliação psicológica e educacional. Seus interesses de pesquisa atuais recaem sobre a aceitação e rejeição social, sobretudo em contextos educacionais.

Resumo

A psicologia do esporte emergiu numa tentativa de compreender e optimizar o desempenho de atletas. Nesse contexto, enfatizam-se tanto os fatores que influenciam a participação no esporte e exercícios de forma geral e no contexto Educacional como os efeitos psicológicos derivados dessa participação em tais ambientes, por exemplo, as relações entre a ansiedade e desempenho esportivo têm sido um tópico de interesse de treinadores, atletas e pesquisadores da psicologia dos esportes por anos. Pesquisadores como Olerud (1989) descreve que níveis elevados de ansiedade em situações de competição apresentam tendência a machucarem-se e levam tempo maior para retornar aos treinos após os danos.

Outras investigações foram conduzidas para avaliar as implicações práticas da observação adequada da ansiedade em atletas e que possibilitaria uma maior compreensão dos fatores que a antecedem, de sua dinâmica e de suas consequências (Smith, Smoll & Wiechman, 1999). Os avanços recentes na produção de medidas em psicologia permitiram um progresso na avaliação desse constructo, embora haja ainda certa confusão quanto à definição do constructo. Cabe mencionar que a ansiedade é uma variação das respostas ao estresse e um constructo multifacetado. Basicamente, consiste de uma resposta aversiva emocional, um motivo de evitação caracterizado por preocupação e apreensão quanto à possibilidade de danos físicos ou psicológicos, associado à excitação fisiológica aumentada resultante da avaliação da ameaça.

Comumente a definição do constructo ao longo dos anos foi refletida na operacionalização de sua definição e nos instrumentos de medida desenvolvidos. Nesse contexto algumas distinções são de particular importância, por exemplo, a definição comumente aceite e trabalhada no âmbito esportivo diz respeito à ansiedade traço, que se refere a tendências individuais

relativamente estáveis, associadas à personalidade. Isso indica que pessoas com altas pontuações em ansiedade traço respondem à maior parte das situações e regulam suas percepções, comumente de forma mais ameaçadora do que a maior parte dos indivíduos (Spielberger, 1966). Porém cabe ressaltar que considerar esses aspectos somente não favorece uma maior compreensão da ansiedade.

É possível aferir que um modelo adequado deveria dar conta de explicar a natureza dos processos cognitivos que mediam a avaliação da ameaça e suas respectivas consequências ocasionadas por tais quadros. Como mencionado por Spielberger (1966) que descreve o modelo de que quando os estímulos externos são avaliados como ameaçadores, eles evocam um estado de ansiedade que inclui ativação do sistema nervoso autônomo e sentimentos subjetivos de tensão e expectativa ansiosa, produzindo desta maneira processos de ordem defensiva que objetivam a redução desse estado ou dos sintomas ocasionados. Cabe ainda apontar que as diferenças individuais no traço de ansiedade determinam quais estímulos são cognitivamente avaliados como ameaçadores, qual o nível de ansiedade estado experienciado pela pessoa e quais os efeitos comportamentais provocados.

Neste contexto vale destacar o aspecto multidimensional da ansiedade, ou seja, por suas respostas cognitivas e fisiológicas (Martens, Vealey & Burton, 1990; Sarason, 1974; Smith, Smoll & Schutz, 1990). A ansiedade cognitiva pode ser caracterizada por avaliações negativas de uma situação, preocupação e imaginação mental aversiva, enquanto a fisiológica reflete uma excitação fisiológica, por exemplo, aumento da taxa cardíaca e respiratória, aumento da tensão muscular, entre outras reações fisiológicas.

Considerações finais

De acordo com o exposto anteriormente pôde-se verificar que quanto mais as pessoas se utilizam de estratégias que atenuam a ansiedade, tendem a minimizar os complicadores ocasionados pela ansiedade, e deste modo, estas poderiam ser melhor trabalhadas pelo profissional que as acompanha, neste caso educadores e equipe técnica, com vistas de um melhor desempenho. Considerado tais apontamentos o momento esportivo particularmente fornece um setting adequado para a observação e estudo da ansiedade, uma vez que, seus participantes são expostos às situações repetitivas, identificáveis e predizíveis, permitindo uma estimativa de comportamentos ansiogênicos em contextos reais, assim como avaliar seus efeitos sob tarefas esportivas específicas.

Referências

Martens, R., Vealey, R. S, & Burton, D. (1990). *Competitive Anxiety in Sport*. Champaing: Human Kinetics.

Sarason, S. B. (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey-Bass.

Smith, R. E., Smoll, F. L., y Schutz, R. (1990). Measurement and correlates of sport-specific cognitive and somatic anxiety: The Sport Anxiety Scale. *Anxiety Research*, *2*, 263-280.

Smith, R., Smoll, F., & Wiechman, S. (1998). *Measuring trait anxiety in sport*. In: J L Duda (Ed.). Advances in sport and exercise psychology measurement Morgantown WV: Fitness Information Technology: 105-127.

Spielberger, C. D. (1966). *Theory and research on anxiety*. In: C. D. Spielberger (Ed), Anxiety and behaviour. Nueva York: Academic Press.

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

2 MINICURSO: PSICOLOGIA POSITIVA, O ESPORTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR*

* Curso ministrado em Espanhol, com mediador tradutor em sala.

Prof. Ms. Óscar Gutierrez

Oscar Gutiérrez es un estudiante de doctorado en Psicología Deportiva (Florida State University). Oscar ha obtenido diferentes títulos académicos (Licenciatura y Maestría) en las áreas de psicología. Sus licenciaturas la obtuvo en Florida Atlantic University una con enfoque en Psicología y la otra en Neuro-Psicología y su maestría la obtuvo en Florida State University con un enfoque en Rehabilitation Counseling. Durante su investigación cientifica en Florida State University, Oscar se ha enfocado en aspectos vanguardistas como el uso del sentido del humor y la manera cómo afecta la percepción de esfuerzo y atención durante el ejercicio. Oscar también ha realizado estudios utilizando tecnología de bioretroalimentacion y videos tridimensionales. Estos estudios los ha realizado bajo la supervisión del reconocido Dr. Gershon Tenenbaum. A lo largo de su carrera académica en Florida State University, Oscar ha trabajado como psicólogo deportivo con los equipos de natación, clavados y tenis femenino.

Resumo

La psicología positiva estudia el funcionamiento óptimo de las personas, utiliza el método científico para investigar las experiencias, rasgos e instituciones positivas. La misma se centra en construir sobre las excepciones de problemas, indagan sobre las fortalezas y recursos de los clientes y parten de la base de que las personas quieren tener buenas relaciones y vidas plenas (Seligman y Csikszentmihalyi, 2000). De esta manera, características como la alegría, el optimismo, la creatividad, el humor, mindfullness (atención plena), mentalidad de crecimiento, la ilusión entre otras; han ido ignoradas o explicadas superficialmente. Esta presentación estará enfocada en tres fortalezas mentales como lo son: humor, mentalidad de crecimiento, y mindfullness (atención plena).

El humor y su manifestación externa más común, la risa, son un importante pilar de la investigación en psicología positiva. Aunque la idea de que la risa y el humor fomentan la salud no es nueva, es en las últimas décadas cuando han comenzado a proliferar terapias e intervenciones clínicas basadas en esta materia. La investigación científica ha demostrado que la risa es capaz de reducir el estrés y la ansiedad y mejorar así la calidad de vida y la salud física del individuo (Ruch, 1998). Mindfulness para la mayoría de los autores y a nuestro parecer, es la acción de tomar conciencia del momento del presente, prestando atención: sin juzgar, sin evaluar y sin reaccionar a ella (Kabat-Zinn, 2003). Mindfullness consiste en un entrenamiento de autoconciencia que desarrolla efectos psicológicos positivos: sensación de

bienestar, reducción de la alteración emocional y mejoras en la regulación del comportamiento (Greeson, 2009; Keng, Smoski & Robins, 2013).

La mentalidad fija corresponde a una teoría de la inteligencia fija, donde uno poco puede hacer por mejorar su inteligencia. Sin embargo, una persona que vive en una mentalidad de crecimiento se centrará en el trabajo entre manos, pondrá su foco en la habilidad y en los resultados que quiere producir; cuando vengan las inevitables dificultades, se mostrará más resiliente y tendrá más propensión a continuar, será más perseverante (Dweck, 2012).

Referências

Dweck, C. (2012). Mindset: how you can fulfil your potential. Robinson.

Greeson JM. Mindfulness research update: 2008. Complement Health Pract Rev. 2009;14:10–8. 15.

Keng SL, Smoski MJ, Robins CJ. Effects of mindfulness on psychological health: a review of empirical studies. Clin Psychol Rev. 2011;31:1041–56.

Kabat-Zinn, J. (2003). Mindfulness-based intervention in context: past, present, and future. Clinical Psychology, Science and Practice, 10, 144-156.

Seligman, M.E.P. y Csikszentmihalyi, M.(2000). Positive Psychology: An Introduction. American Psychologist, 55 (1), 5-14.

Ruch, W. (Ed.). (1998). The sense of humor: Explorations of a personality characteristic (Vol. 3). De Gruyter Mouton.

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

3 MINICURSO: ESTRESSE PSICOLÓGICO NO ESPORTE E NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Prof. Dr. Marcelo Callegari Zanetti

Possui Licenciatura Plena em Educação Física pela FFCL de São José do Rio Pardo (2002), mestrado em Ciências da Motricidade Humana pela UNESP, Campus de Rio Claro (2007), doutorado (2013) e pós-doutorando em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (2015) pela mesma universidade, onde é membro do LEPESPE (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte). Pós-graduado em Tecnologias e Educação a Distância (UNICID-SP). Atualmente é Professor Titular dos cursos de Educação Física, Nutrição e Psicologia da UNIP de São José do Rio Pardo, Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física (Mestrado e Doutorado) da Universidade São Judas Tadeu (SP) e Professor convidado nos cursos de Especialização do Instituto ENAF Desenvolvimento e da Estácio. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Psicologia do Esporte, atuando principalmente nos seguintes temas: estados emocionais, psicologia do esporte, interferências externas no esporte, equilíbrio emocional no esporte e atividade física.

Resumo

O estresse pode ser considerado juntamente com a ansiedade, personalidade, motivação, competição e cooperação, coesão de grupo, liderança, comunicação, autoconfiança, concentração, burnout, agressão, adesão ao exercício e ativação um dos temas básicos em Psicologia do Esporte (WEINBERG; GOULD, 2001).

Weinberg e Gould (2001) também apontam que o estresse pode ser definido como um processo que ocorre quando o indivíduo percebe um desequilíbrio entre alguma demanda física ou psicológica e seus recursos para encarar a demanda em uma atividade considerada importante, ou seja, o estresse não é apenas um estímulo ou uma resposta, mais sim, o processo pelo qual avaliamos e lidamos com as situações e desafios do ambiente.

Segundo Samulski (2002) a concepção de estresse é compartilhada e discutida entre diferentes autores, e refere-se à desestabilização psicofísica ou perturbação do equilíbrio entre pessoa e meio ambiente, onde vários aspectos podem fazer com que determinados fatores gerem reações de estresse ou não. São eles: a estrutura de personalidade, a estrutura de motivação, a estrutura da atividade, a estrutura da situação e a estrutura de grupo.

De acordo com Machado (1997) o estresse se manifesta como uma síndrome especifica composta por todas as variações não especificas provocadas dentro de um sistema biológico, porém, para esse autor ainda existe uma concepção de que o estresse seja primeiramente um fenômeno negativo, relacionado com perigos ou prejuízos. Entretanto o estresse é necessário

para a manutenção e aperfeiçoamento das capacidades funcionais, como a autoproteção e conhecimento dos próprios limites.

Mas, para De Rose Jr. (2002), como muitas atividades humanas, o esporte também pode ser um potencial gerador de estresse, se não for adequado às necessidades e potencialidades do praticante, principalmente se esse for despreparado e não estiver pronto para enfrentar situações complicadas inerentes ao processo competitivo. Já, Myers (1999) aponta que quando um atleta é submetido a um quadro estressor, seu corpo passa por reações adaptativas, na qual, na primeira fase se experimenta uma reação de alarme pela ativação do sistema nervoso simpático e na segunda fase, a resistência do corpo está pronta para combater o desafio. Porém, persistindo o estresse, as reservas do corpo se esgotam e causam a terceira fase: a exaustão.

Para Brandão e Machado (2008), o desempenho esportivo depende da forma com a qual o atleta interpreta os estressores, que por sua vez influenciarão o seu desempenho, podendo ser a resposta ao estressor tanto negativa quanto positiva, dependendo da percepção de ameaça, da preocupação e do medo ou de uma reação positiva e desafiadora, desejável ao processo de competição.

Porém, de acordo com Gomes (2011) é habitual verificarmos estudos sobre a relação entre determinados fatores psicológicos (ansiedade, autoconfiança, concentração, motivação, etc.) e o rendimento desportivo, bem como linhas de investigação centradas na importância do treino destes fatores nesse mesmo rendimento desportivo. Para esse mesmo autor, talvez, uma das razões que pode justificar esta tendência, prende-se às dificuldades em encontrar modelos teóricos suficientemente abrangentes que possam ser aplicados aos contextos desportivos. Nesse sentido, Gomes (2011) aponta ainda que uma das propostas que mais têm merecido atenção por parte dos autores na Psicologia do Esporte ao estudar o estresse é o Modelo Transacional Cognitivo, Motivacional e Relacional de Lazarus, que busca estudar como as pessoas reagem às situações de adaptação (e de estresse), a partir de um processo psicológico proveniente de fatores cognitivos, motivacionais e relacionais. Para esse mesmo autor, um dos aspectos mais estimulantes desse modelo prende-se ao fato de propor uma visão suficientemente abrangente, que pode explicar o funcionamento humano nos mais variados contextos sociais e profissionais.

Gomes (2011) aponta que na perspectiva de Lazarus, o estresse deve ser encarado como resultante da interação entre os estímulos ambientais e as respostas individuais. Assim, este fenômeno tende a ocorrer quando a pessoa avalia as exigências externas como excedendo as suas capacidades e recursos para lidar com elas. Nesse caso, assumiriam particular relevância os processos de confronto psicológico, ou seja, o modo como se lida com o estresse e não tanto a frequência e intensidade desses episódios, o que aponta para a necessidade de um olhar mais amplo para o construto “estresse”, principalmente ao tratá-lo somente de maneira negativa, pensamento esse compartilhado pelo autor, que salienta ainda que uma das vantagens de se considerar os processos psicológicos implicados na análise da transação entre

o indivíduo e o meio ambiente, prende-se ao fato de, no final, a experiência resultante do confronto com o estresse não ser necessariamente negativa, mas poder significar uma situação positiva, pelo fato da pessoa ter conseguido lidar de forma eficaz com o problema em causa.

Segundo Gomes (2011), após a formulação do modelo, Lazarus (1991) vai ainda mais longe ao indicar que o estresse, as emoções e o *coping* (enfrentamento) podem ser enquadrados numa mesma unidade conceitual (ou seja, podem e devem ser entendidos em conjunto) e a sua separação (frequente) em termos de investigação é apenas justificada por uma facilitação na análise dos dados. Já, Castillo et al. (2014) apontam que a partir dos anos 60, o modelo transacional de estresse e *coping* vem sendo proposto como forma de se entender e avaliar o efeito de eventos ou experiências estressoras (ou estressantes) causadas pela relação entre a pessoa e o ambiente, quando ocorre uma quebra na harmonia até então existente, gerando desequilíbrio e afetando o bem-estar, o que exige uma ação física e/ou psicológica para restaurar a homeostasia. Para esses autores, este fenômeno dependente da significação dada ao estímulo estressor pelo observador, no qual, inicialmente é realizada uma avaliação primária com o julgamento feito pelo indivíduo sobre o grau de importância deste evento, classificando-o como estressante, positivo, controlável, desafiador ou irrelevante, para posteriormente ser feita uma segunda avaliação que produz uma percepção pessoal das estratégias e estilos de *coping* que deverão ser adotados para a resolução do problema. Neste sentido, este modelo é o que melhor representa o papel modulador entre o meio e o indivíduo, ou seja, os estilos de *coping*.

Mas, de acordo com Oliveira (2015), as estratégias de *coping* também têm sido apresentadas como uma variável que se correlaciona positivamente com a motivação que, sob a ótica da Teoria da Autodeterminação (TAD) é descrita como o resultado da satisfação de necessidades psicológicas básicas e primordiais: Competência (se sentir capaz de algo), Relação social (relações afetivas com o próximo) e Autonomia (se sentir na origem de suas ações). Portanto, possivelmente teríamos atletas mais motivados e dispostos ao enfrentamento de situações estressoras se os mesmos fossem estimulados a ser mais responsáveis e autônomos em busca de novas competências, além de possibilitar um ambiente agradável, acolhedor, baseado no suporte e que promova boas relações sociais. Murcia, Paños e Coll (2009) também caminham nesse sentido ao apontarem que se um atleta/aluno for responsável e seu técnico/professor lhe conceder mais autonomia, o mesmo poderá se sentir mais competente.

Já, Vallerand (2007), acredita que atletas com maior nível de motivação autodeterminada também apresentam maiores níveis de vitalidade, autoestima, diversão, interesse, concentração, esforço, persistência e aderência à prática. Porém, Calvo et al. (2012) salientam que técnicos e professores devem compartilhar responsabilidade e liberdade, mas as atividades propostas devem estar de acordo com o nível de habilidade dos alunos/atletas, ou seja, as mesmas devem ser exequíveis, além de favorecer a tomada de decisão.

Portanto, ao considerarmos o construto “estresse”, seja no Esporte e/ou na Educação Física escolar, é importante que tenhamos um olhar mais amplo, como o proposto por Gomes

(2011), que aponta para a necessidade de se adotar uma metodologia qualitativa na compreensão da relação entre o estresse, a avaliação cognitiva, o *coping* e as respostas emocionais e comportamentais, para que possamos melhorar a compreensão da relação entre essas dimensões e diferenciar essas interligações num determinado contexto específico, aumentando-se assim a validade ecológica da compreensão dos processos de adaptação humana. Tal olhar talvez nos possibilite enxergar de maneira mais global o ser humano, no qual, os temas básicos da Psicologia do Esporte já apresentados (estresse, ansiedade, personalidade, motivação, competição e cooperação, coesão de grupo, liderança, comunicação, autoconfiança, concentração, burnout, agressão, adesão ao exercício e ativação) sejam compreendidos de maneira unidimensional e relacional a partir da própria complexidade humana.

Referências

BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. Coleção de Psicologia do Esporte e do Exercício – Aspectos Psicológicos do Rendimento Esportivo. São Paulo: Atheneu, 2008.

CASTILLO, R. A.; BALBINOTTI, M. A. A.; ZANETTI, M. C.; WIETHAEUPER, D.; NAZARETH, V. L. Coping strategies in a competitive situation: a comparative study, using an elite wheelchair fencing group. Revista de Desenvolvimento Humano, v. 2, n. 2, p. 7-23, nov. 2014.

DE ROSE JR., D. Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar. São Paulo: Artmed, 2002.

CALVO, T. G.; MIGUEL, P. A. S.; MARCOS, F. M. L.; OLIVA, D. S.; ALONSO, D. A. Análisis del grado de diversión e intención de persistencia en jóvenes deportistas desde la perspectiva de la teoría de la autodeterminación. Revista de Psicología del Deporte, v. 21, n. 1, p. 7-13. 2012.

GOMES, A. R. Adaptação humana em contextos desportivos: contributos da teoria para a avaliação psicológica. Avaliação Psicológica, v. 10, n. 1, p. 13-24. 2011

MACHADO. A. A. Psicologia do esporte: temas emergentes. 9. ed. Jundiai: Apice, 1997.

MURCIA, J. A. M.; PANOS, A. H.; COLL, D. G. C. Complementando la teoria de la autodeterminación com las metas sociales: um estudo sobre la diversión em Educación Física. Revista Mexicana de Psicología, v. 26, n. 2, p. 213-222. 2009.

MYERS, D. Introdução a psicologia geral. 4. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

OLIVEIRA, L. P.; VISSOCI, J. R. N.; NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; VIEIRA, J. L. P.; VIEIRA, L. F.; BALBINOTTI, M. A. A.; PEIXOTO, E. M. O papel mediador da autodeterminação sobre o efeito do perfeccionismo nas estratégias de enfrentamento em

atletas juniores de futebol. Revista de Desenvolvimento Humano, v. 3, n. 1, p. 7-16, mai. 2015.

SAMULSKI, D. M. Psicologia do esporte. São Paulo: Manole, 2002.

VALLERAND, R. J. Intrinsic and extrinsic motivation in sport and physical activity. A review an a look at the future. In: Tenenbaum, G.; EKLUND, R. C. (Org.) Handbook of sport psychology. New York: John Wiley, 2007, 3. ed, p. 59-83.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

4 MINICURSO: MOTIVAÇÃO NO ESPORTE E NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Prof. Dr. José Maria Montiel

Possui graduação em Psicologia, especialista em Diagnostico e Triagem. Mestre e Doutor em Psicologia com ênfase em Avaliação Psicológica em Contextos de Saúde Mental pela Universidade São Francisco - USF. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Cognitiva e Neuropsicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação psicológica, avaliação neuropsicológica com ênfase em transtornos mentais e problemas de aprendizagem, desenvolvimento de instrumentos para avaliação psicológica e neuropsicológica e intervenções psicológicas. Desenvolvimento de procedimentos de avaliação e intervenção Psicopedagógicos. Atualmente é Professor com dedicação integral e exclusiva do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Psicologia Educacional no Centro Universitário FIEO - UniFIEO/SP - Fundação Instituto de Ensino para Osasco.

Resumo

O termo Motivação é utilizado em diferentes contextos, com isto sua definição torna-se confusa e relacionada ao contexto aplicado, pois acaba sendo atrelada ao contexto em que está definição é retratada, sendo comumente envolvida a consideração de motivos, impulsos e até mesmo instintos e necessidade envolvidas em um determinado comportamento. É possível de modo genérico, defini-la como ato ou efeito de motivar-se diante de determinadas situações e contextos, onde se justifica alguma manifestação, estímulo, e/ou interesses, sejam esses individuais ou conjuntos, de fatores os quais demandaram ação ou atividade. Sumariamente, a motivação é resultado de um sentimento que ocasionara determinada ação.

No contexto da Psicologia, a motivação, é um assunto estudado desde tempos remotos, e inúmeros estudos têm abordado tais questões e mecanismos, especialmente, pois por meio da motivação se pode avaliar situações e se comportar diante de novos desafios. Neste sentido os aspectos motivacionais podem ocorrer de diferentes maneiras seja, por razões interiores ou intrínseca, e externas ou extrínsecas atrelados a componentes exteriores ao individuo. Tais explicações são tentativas de explicar estímulos que podem evocar determinadas respostas, e buscas por recompensas, decorrentes do cotidiano do indivíduo sem que haja desencadeantes ou evocadores aparentes.

No contexto da aprendizagem motora o principal foco dos aspectos motivacionais encontra-se no contexto referente a interação entre os indivíduos e a qualidade destas relações, por exemplo, para um atleta venha a aprender é necessário que o treinador tenha motivos para ensinar e que propicie com que estes atletas possam aprender. Sucintamente, pensar sobre os processos que envolva a aprendizagem motora, alguém deve estar disposto a desenvolver e

assimilar aquilo que é ensinado. Os problemas de aprendizagem motora costumeiramente ocorrem quando aprendizes são tratados de maneira diferenciada, e que em muitos casos o ensinante apresenta dificuldades em transmitir informações e conteúdo, seja por que motivos forem, especialmente não ocasionado motivadores.

No contexto esportivo e educacional, alguns estudos apresentam peculiaridades que podem possibilitar o desenvolvimento de aspectos motivacionais, tais como, saber o nome do atleta/aluno; estimular a interação dos membros da sala e do esporte; promover atividades que sejam estimulantes e prazerosas; permitir que o atleta/aluno apresente suas dificuldades e tenha indicativos para sana-las; desenvolver curiosidade com outros temas e assuntos; fazê-lo perceber a relação entre coisas/fatores e sua utilidade; entre outros que visem a troca entre indivíduos. Outro aspecto que envolve a motivação no ambiente esportivo/escolar diz respeito a família como facilitadora dos aspectos motivacionais.

A família de modo geral é fundamental e exerce um papel da motivação em relação a aprendizagem, por exemplo, motora, parte por serem as primeiras fontes de educação, de afetividade, e social do indivíduo. De modo genérico é a referência mais próxima nos primeiros anos de vida e do início da inter-relação do indivíduo com o meio, principalmente na transmissão de valores, sendo estes aspectos que iram formar o caráter da criança e os aspectos motivadores para desenvolverem determinadas ações futuras. Em relação à aprendizagem motora o indivíduo para aprender necessita de propósitos e objetos que a família pode transmitir desde o início do desenvolvimento. Neste sentido, ter confiança nas suas capacidades torna-se fundamental para o desenvolvimento motivador no indivíduo pode iniciar-se desde suas relações familiares e as quais se fizerem neste contexto.

No contexto esportivo, o treinador como agente motivador, precisa provocar aspectos importantes para o contexto esportivo de modo a captar a atenção dos aprendizes com sua disposição para ensinar e assim tornar a aprendizagem motora uma experiência agradável. Cabe mencionar que o ser humano aprende à medida que vivencia experiências e desenvolve seus pensamentos. Assim os ensinantes precisam proporcionar as crianças um número infinito de oportunidades. Neste sentido vale destacar atitudes que podem comprometer os processos motivacionais dos atletas/alunos, ter sempre razão, não fazer os ensinantes pensarem; uso de linguajar inapropriado como palavrões e gírias; excesso de exposição sentimentais como nervosismos, gritos; exposição inadequada o, como ridicularizações entre o grupo.

Considerações finais

Cabe mencionar que a motivação é resultado de um sentimento que ocasionara determinada ação e inúmeras repercuções em diferentes contextos e aspectos na vida do indivíduo, deste modo é importante ressaltar que no ambiente esportivo e escolar tais aspectos devem ser considerados e reforçados positivamente. Ainda diante do exposto anteriormente vale destacar as contribuições de Maslow, ao mencionar e classificar as necessidades humanas, por prioridade individuais, ou seja, em necessidades fisiológicas, de segurança, de amor e atenção,

de estima, e de auto-realização. Tais postulados apontam que a hierarquização utiliza dois sistemas, das necessidades puramente biológicas e aquelas mais socializadas. Vale ressaltar que certos tipos de interação são decorrentes do próprio processo de interação individual de acordo com sua trajetória de vida. Nisso postula-se a importância da família e de membros como treinadores, professores, entre outros, que possam a vir contribuir no processo de ajustamento individual, facilitando as interações e buscar individuais aqui também definidos como motivadores ou motivacionais.

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

5 MINICURSO: LIDERANÇA NO ESPORTE E NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Prof. Ms. Cláudio Gomes Barbosa

Possui Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pela Universidade Federal de Uberlândia (2004-2008). Técnico em Assuntos Educacionais/Classe E – Nível Superior (Cargo: Técnico em Desporto) da Universidade Federal de Uberlância (2008 -). Possui pós-graduação em Fisiologia do Exercício e Ciências do Esporte pela mesma instituição. Atualmente é aluno de doutorado no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela Universidade Estadual Paulista (UNESP Rio Claro-SP). Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em gestão esportiva, coordenação de equipes esportivas universitárias, psicologia do esporte, organização e planejamento de eventos esportivos e de lazer, etc.

Resumo

O Esporte e a Educação Física são vistos como excelentes meios de socialização para os jovens e certamente proporcionam inúmeras oportunidades interativas, divertidas e motivadoras para que os mesmos possam aprender habilidades de liderança. Portanto, o esporte e a educação física podem oferecer alguns dos contextos mais potentes para o aprendizado de liderança dentro das escolas.

Segundo Gould e Volker (2013), ao contrário do que muitas pessoas pensam, o esporte e a educação física por si só não fomentam automaticamente o comportamento de liderança nos jovens. O Desenvolvimento de liderança juvenil requer esforços intencionais por parte dos treinadores e professores de educação física, onde aos jovens não são dadas somente oportunidades de liderança, mas também são ensinados a terem atitudes eficazes no papel de líder.

Antes de discorrer sobre a forma como deve ser ensinado e praticado os comportamentos de liderança, necessita-se entender as diversas teorias por trás desse fenômeno.

São inúmeras as teorias e definições que encontramos na literatura para descrever os comportamentos de liderança. As definições existentes sobre este tema apontam para um senso comum: citam como conceito fundamental a capacidade de influenciar pessoas ou um grupo para alcançar um objetivo. Ou seja, liderar é um processo de influenciar as atividades de um grupo rumo à realização de seus objetivos, representando uma interação entre duas ou mais pessoas que, frequentemente, se envolvem na construção ou desconstrução de situações, percepções e expectativas dos membros (WEINBERG; GOULD, 2001; ROBBINS, 2002).

Pode-se complementar também que este processo de direcionamento e influência de indivíduos é exercido de forma intencional (BERGAMINI, 1994). Sempre que uma pessoa procura influenciar o comportamento de outra, a primeira é o líder potencial e a segunda o liderado potencial (BLANCHARD; HERSEY, 1986).

Mais importante que tentar entender todas as abordagens, devemos focar nas principais teorias, ou seja, as mais conceituadas. Com o passar dos anos, desde os primeiros teóricos várias hipóteses surgiram e da mesma forma que se desenvolveram foram desmoralizadas por pesquisas recentes. Entretanto, não se deve descarta-las. Por se tratar de um tema tão complexo, nota-se que as teorias mais recentes trazem em sua essência um conjunto de conhecimentos adquiridos pelos estudos mais tradicionais (GOMES, 2005).

Alguns conceitos e teorias que antigamente eram vistas isoladas como verdades absolutas em suas décadas, hoje juntas formam a base para explicar um pouco esse meio controverso que é o fenômeno da liderança. Pode-se citar três teorias consideradas tradicionais: Teoria dos Traços (voltada para as características pessoais do líder, característica essas natas), Teoria Comportamental (foca na dinâmica do Comportamento do líder, o que ele faz) e Teoria Situacional (propõe que o estilo de liderança deve variar de acordo com o ambiente e a situação). Cada uma dessas teorias possui um conceito que não se deve descartar por completo.

Para um melhor entendimento das teorias de liderança atuais, considera-se importante então uma breve descrição das principais abordagens conhecidas até então. Este breve relato passará pelas teorias mais tradicionais que formam a base para as teorias modernas. Como concluiu Gomes (2005) é mais importante discorrermos sobre as teorias mais consensuais do que rever todos os conceitos presentes na literatura.

Abordagem de Traço

Baseia-se nas características (sociais, físicas, intelectuais) comuns a grandes líderes (indústria e política). Esta teoria aponta que os aspectos de liderança já nascem com os líderes, enfim, são características inatas ao sujeito. Portanto o foco desta abordagem é totalmente nas diferenças de traço entre o líder e seus liderados, ou seja, não levam em conta as situações que ele vivenciará. Apesar de um sujeito possuir características focais para uma liderança eficaz, não significava que ele teria bons resultados quando exposto a situações diferentes. Por volta de 1948, esta abordagem perdeu prestigio, após revisão de centenas de estudos onde foram encontrados poucos traços consistentes. Portanto, os esforços de pesquisa para isolar os traços de liderança resultaram em vários fracassos. (WEINBERG e GOULD 2001; ROBBINS 1999; GOMES 2005).

Abordagem Comportamental

De acordo com Blanchard e Hersey (1986) esta abordagem ganhou força devido a desvalorização dos estudos baseados nos traços. Esta teoria ganhou sucesso por meio dos

estudos realizados na Universidade de Ohio e Universidade de Michigan nos Estados Unidos da América. Baseia-se essencialmente em estudos do comportamento de líderes consagrados e bem-sucedidos, ou seja, o objeto de estudo passou a ser aquilo que é observável em lideranças bem-sucedidas. Voltado ao comportamento dos líderes, os teóricos de Ohio acreditam que as pessoas exercem sua liderança por meio de dois aspectos: consideração (amizade e confiança entre líder e subordinado) e estrutura inicial (liderança rígida, regras, estabelecimento de metas procedimentos e padrões). Já os estudiosos da Universidade de Michigan, definiram dois conceitos (entendidos como polos opostos), que foram chamados de orientação para o empregado (cada empregado é importante, o líder se interessa por cada um) e orientação para a produção (enfatiza os aspectos técnicos da função e produção).

Segundo estas escolas teóricas, é possível ensinar pessoas a serem lideres, contrapondo a teoria de traços. Os estudos de Ohio e Michigan foram muito importantes para esclarecer conceitos fundamentais ao tipo de orientação a seguir pelos líderes em seu grupo de trabalho. O declínio destas abordagens se deu devido a seus teóricos se basearem em apenas dois aspectos para explicar os aspectos da liderança organizacional, não considerando outras dimensões importantes como o local de trabalho, momento que é exercido. Os críticos desta teoria afirmavam que ela era reducionista (BLANCHARD e HERSEY 1986; WEINBERG e GOULD 2001; GOMES, 2005).

Abordagem Interacional ou situacional

Esta abordagem baseia-se na premissa de que o comportamento do líder pode mudar de acordo com a situação. Como já foi dito, grandes líderes não podem ser analisados apenas por seus traços ou comportamentos. Estilos de liderança podem mudar de acordo com a situação (favorável ou não). Da mesma forma não se pode afirmar que um líder deve ser orientado somente pela consideração ou a estrutura inicial. Este estilo pode ser adaptado de acordo com a situação e a relação com seus subordinados. As teorias anteriores não levaram em conta os aspectos situacionais, que posteriormente será ponto fundamental para entendermos uma liderança eficaz (BLANCHARD; HERSEY, 1986 e WEINBERG; GOULD, 2001).

Os estudos procuraram cumprir dois grandes objetivos: por um lado, analisaram as variáveis condicionadoras da eficácia da liderança e, por outro lado, formularam indicações sobre os estilos de ação mais adequados em face de cada uma das situações. Como fatores influenciadores do comportamento do líder, podemos citar: características dos subordinados, o tipo de tarefa a realizar, a posição do líder na hierarquia etc (GOMES, 2005). Modelos teóricos como o de Fiedler (1971) e House (1971) apud Barale (2009), baseado na abordagem situacional, mostram que o líder tem que ser uma peça motivacional na equipe. A eficácia organizacional depende da interação do líder com seus subordinados levando em conta cada situação, guiando todos os envolvidos, mostrando o caminho certo.

Abordagem Multidimensional de Liderança no Esporte

Esta é uma das primeiras abordagens consideradas tradicionais voltadas para o esporte em si. Este modelo leva em consideração uma abordagem interacional na relação líder x subordinado. Levam em consideração as características circunstanciais, do líder e do individuo que antecedem a um comportamento requerido, real ou preferido. Enfim, as interações entre as características gerais do ambiente com o comportamento do líder vão gerar uma consequência. Portanto deve haver uma harmonia destes fatores para se chegar a uma liderança efetiva (CHELLADURAI, 1978 apud WEINBERG; GOULD, 2001).

Estudos evidenciaram que somente traços pessoais não determinam que uma liderança seja perfeita. Após reunir e analisar as principais teorias, das tradicionais as mais modernas, desenvolveu-se um termo chamado Liderança Efetiva. Este conceito reúne quatro fatores essenciais que juntos podem chegar a uma efetividade no alcance de resultados: qualidades do líder (qualidades comuns a lideres bem-sucedidos), fatores circunstanciais (tipo de esporte, tamanho da equipe, tempo), qualidade dos seguidores (sexo, experiência, maturidade) e estilo de liderança (democrático e autocrático). Todos esses fatores podem ser analisados no contexto esportivo.

Cada líder tem seu estilo de liderança e é controversa a questão de determinar qual é o estilo de liderança mais adequado, pois nos parece que tudo varia em função da situação vivida.

Apesar de todas estas teorias terem surgido como ideais e logo depois perderem força atualmente o modelo de Liderança Transformacional tem sido alvo de diversas pesquisas no âmbito esportivo e escolar.

Liderança transformacional baseia-se na capacidade de influenciar e modificar o comportamento de um individua ou equipe a partir de uma visão do líder, da inspiração de ideais, do estímulo intelectual e da consideração individualizada (cada pessoa possui necessidades individuais exclusivas). Este líder motiva as pessoas, impelindo-as a agirem além de suas capacidades, transformando-as e alcançando os resultados organizacionais. Em essência, a liderança transformacional é o processo de construção do comprometimento organizacional através do empenho dos funcionários para acompanhar esses objetivos (JMR Coaching, 2015).

Segundo Chun, Yammarino, Dionne, Sosik, e Moon (2009) apud Braun et al (2013), a liderança transformacional é um fenômeno que se manifesta em diversas dimensões, ou seja, tanto de forma individual (líder x individuo) quanto de forma coletiva (líder x equipe).

Podemos afirmar que, em nível individual, a liderança transformacional mostra uma maior consideração individualizada e são capazes de identificar e incentivar habilidades e aspiração de cada indivíduo. Quanto às considerações de um líder transformacional à frente de uma equipe não pode ser apenas informativa e sim formativa segundo estudos de Walumbwa, Orwa, Wang, e Lawler (2005) apud Braun et al (2013).

Braun et al (2013) conclui que a liderança transformacional aumenta a satisfação no trabalho e desempenho de equipes esportivas em níveis individuais e coletivos, e nos mostra uma grande relevância para o fator confiança entre os membros da equipe e o líder. Desse modo, a autora apresenta evidências importantes do impacto da confiança no supervisor e da equipe em vários níveis, e descreve como positiva as relações de liderança transformacional como fator primordial para melhorar o desempenho de indivíduos e equipes.

No cenário esportivo existe uma diferença de atribuições e ações realizadas pelo líder (Profissional de Educação Física) em seus dois principais contextos: na Educação Física Escolar e nos Treinamentos Esportivos. Em geral, os profissionais de educação física podem executar tanto o papel de Professores de Educação Física quanto de Treinadores de Equipes Esportivas. Em virtude disto os autores Misti (2014) levantaram uma questão: será que estas duas atribuições exigem diferentes comportamentos de liderança?

Este estudo realizado com 80 alunos que praticaram educação física escolar e 79 atletas de Cingapura que foram treinados por um profissional de Educação Física. Os autores utilizaram para medir a percepção de liderança referente ao treinador ou ao professor de Educação Física utilizando a Escala de Liderança do Desporto (Chelladurai & Saleh, 1980 apud Misti, 2014). Enfim, este estudo identificou diferenças de comportamento de liderança percebidas pelos alunos ou atletas entre o Professor de Educação Física e o Treinador.

Primeiramente, estudantes-atletas perceberam que seus treinadores fornecem mais instruções do que o Professor de Educação Física. Além disso, os alunos de educação física perceberam que seu professor demonstrou um tipo significativamente diferente da tomada de decisão quando no papel de treinador, especificamente, o PET utilizado um estilo de tomada de decisão mais democrático ao ensinar aulas de educação física e um estilo de tomada de decisão mais autocrático, quando o treinador seria o contrário. Em segundo lugar, os estudantes atletas perceberam que seu treinador fornece um feedback mais positivo do que estudantes de educação física perceberam em seus professores.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Referências

BARALE, R. F. Adaptação da escala multidimensional de liderança no desporto - versão comportamentos atuais - para o contexto brasileiro de esportes coletivos. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

BERGAMINI, C. W. (1994). Liderança, Administração do Sentido. São Paulo, Editora Atlas, 1994.

BLANCHARD, K.; HERSEY, P. Psicologia para administradores: A teoria e as técnicas da liderança situacional. São Paulo, Editora E.P.U. 1986.

BRAUN, S.; PEUS, C.; WEISWEILER, S.; FREY D. Transformational leadership, job satisfaction, and team performance: A multilevel mediation model of trust. The Leadership Quarterly, Volume 24, Pag. 270–283, 2013.

GOMES, A. R.. Liderança e relação treinador-atleta em contextos desportivos. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia - Universidade do Minho, Braga. 2005.

GOULD, D.; VOELKER, D. K. Enhancing Youth Leadership Through Sport and Physical Education. Journal of Physical Education, Recreation & Dance, Inglaterra, **Volume 83**, **edição 8**, 2012.

JMR COACHING. Liderança Transformacional: Conceito de liderança transformacional. 2015. Disponível em <http://www.jrmcoaching.com.br/blog/conceito-de-lideranca-transformacional/>. Acesso em 22 de junho de 2015.

MISTI, M. The Difference in Leadership Behaviors When Teaching and Coaching. Journal of Physical Education, Recreation & Dance, Inglaterra, 2013.

ROBBINS, S. P. Comportamento Organizacional. 8ª edição. São Paulo, Prentice Hall, 2002.

WEINBERG R. S.; GOULD D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício (trad. Maria Cristina Monteiro), 2ª Edição. Porto Alegre, Artmed Editora, 2001.

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Palestras

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

PALESTRA DE ABERTURA: PSICOLOGIA DO ESPORTE E A ESCOLA: POR QUE, COMO E QUANDO APLICA-LA?

Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

Licenciado em Educação Física pela PUC- Campinas (1976); graduado em Filosofia e Pedagogia. Mestre (1985) e doutor (1994) em Educação, pela UNICAMP. Livre-docente pelo Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro, com a tese "Agressividade e ansiedade em atletas jovens" (1998). Editor-chefe da Revista MOTRIZ, membro editorial da Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança (REFELD), da Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercício e del Deporto, da Revista Movimento, da Revista Movimento & Percepção e da Coleção Pesquisa em Educação Física. Professor adjunto na UNESP/ Rio Claro, em RDIDP. Atua na Educação Física, com ênfase nos temas: estados emocionais, identidade psicológica do esportista, gênero e masculinidade no esporte e lesões psicológicas esportivas. Coordena o LEPESPE (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte), foi presidente da SOBRAPE (Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, de 2006-08). Realizou estágio de pós-doutoramento no Laboratório de Psicologia do Esporte, junto ao Prof. Dr. Duarte Araújo, da Faculdade de Motricidade Humana, em Lisboa (08-09) e na Universidade do Minho, com Prof. Dr. António Rui Gomes (10-11). Bolsista PQ (2010-13). Coordenador do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (DEHUTE), no IB/UNESP

Resumo

Acreditar que a Educação Física seja um dos importantes instrumentos de mudança e bem-estar social exige, além de outras coisas, a reorganização desta disciplina e a redefinição de seus conteúdos e metodologias. Numa sociedade urbana como a nossa, a almejada democratização social passa necessariamente pela instrumentalização, que cabe à escola fornecer, e a própria comunidade subsidiar. Tal leitura e instrumentalização, viabilizada pela assimilação de movimentos novos e de conhecimentos básicos, é algo que deve permitir aos cidadãos conhecer seus direitos e deveres, ter bem presentes e bem claros seus interesses, de modo a serem capazes de organizar-se para mantê-los e defendê-los, objetivando acima de tudo ter acesso às decisões que os afetam individual e coletivamente.

Os fatos demonstram, não obstante, que nossa escola vem transmitindo, ao longo do tempo, informações alijadas da realidade e distantes da prática social dos alunos, sobretudo dos que pertencem às camadas populares, dificultando ou mesmo impedindo a assimilação do que é ensinado, ou ainda ensinando o desnecessário e vivenciando o utópico. Como elemento de transformação social e formação de massa crítica social ela deve cumprir as funções de transmitir conhecimentos, de socializar as conquistas culturais, de divulgar e debater novos

valores e crenças, processos esses que mediatizam a intervenção na realidade social, bem como propor manutenção e/ou melhora de saúde e conhecimento da prática motora.

O profissional da Educação Física

O professor, profissional do ensino, tem um papel relevante – como mediador – na apropriação do saber pelos alunos das variadas camadas populacionais. Para desempenhar bem esse papel, ele precisa compreender os vínculos de sua prática com a prática social global. Necessita, igualmente dominar os conhecimentos específicos a transmitir, de forma a referi-lo ao contexto global, sempre, problematizando-os com os alunos, só assim os conhecimentos assimilados serão instrumentos para os alunos alterarem sua prática social, ininterruptamente.

Em sua passagem pela escola, na condição de aluno, a maior parte dos professores de Educação Física incorporou à sua vivência certa apatia intelectual, uma imagem do professor autoritário, ou ainda, indiferente e omisso, além da noção de que a avaliação do aluno se dá pela devolução, pura e simples, de conteúdos memorizados ou de perfeita execução técnica.

Voltando como docente, notamos que o trabalho ainda não está organizado de forma a desenvolver, nos alunos, condições para serem futuros professores: organização para estudo, independência, criatividade, espírito crítico, consciência política de seu papel como cidadãos na construção da história (NAHAS, s.d.). Ainda, não lhes tem transmitindo conhecimentos mais aprofundados e adequados que possam servir-lhes de referenciais para ensinar. Notemos: um não deu e ou não procurou ...

Com uma formação distorcida, muitas vezes fragmentada, superficial e com uma visão idealizada do aluno, o professor de Educação Física enfrenta precariamente o desafio de obter sucesso no trabalho docente com uma maioria de crianças que não corresponde à "ideia do aluno", que por tanto tempo lhe foi inculcada. Dentro desse quadro, ele precisa lutar diariamente contra aquilo que percebe como "incapacidade" de alunos "mal dotados" que a escola recebe. Frequentemente ele não tem consciência nítida de seu despreparo para exercer uma atuação em relação a esses alunos que são diferentes do que idealizam. E assim, segundo SEURIN (1983) tende a reproduzir as deficiências de sua própria formação.

Em um nível de exercício da profissão, devemos reconhecer que nossas escolas de ensino fundamental e médio não têm, ainda, oferecido totais condições adequadas para o aperfeiçoamento do profissional do ensino, capazes de levá-lo à reconstrução crítica de sua prática docente. A própria organização do trabalho interno da escola não viabiliza momentos de encontro entre docentes que possibilitariam uma revisão crítica de sua prática, com a finalidade de reconstruí-la, de localizar os aspectos em que sintam necessidade de atualizar-se e, juntos, buscarem conhecimentos e assessoria específica dos níveis superiores, com visitas a construir-se um saber pedagógico autêntico, que responda aos desafios que a sociedade hoje lança à escola que aí está, uma vez que os encontros propostos apenas servem para pincelar o real e não para estudá-lo e alterá-lo.

A organização escolar e educacional vem de períodos tumultuados e de inovismos tecnológicos que não atingem o dorso central do problema, que é a definição de sua conduta (LIMA, 1988). Com isso formam-se muitos para pouco; a sociedade não consegue absorver tantos elementos diplomados com tão pouco conhecimento, e isto reflete, de imediato, em nossas escolas de primeiro e segundo graus. Então, em consequência do processo escolar que é oferecido, as crianças saem precocemente da escola etiquetadas, estigmatizadas como incapazes, carentes e, por isso mesmo, destinadas a uma situação inferior, em termos sociais. E infelizmente, a Educação Física competitiva tem muita colaboração nisto, de acordo com a forma como foi trabalhada.

Uma vez admitida que a prioridade do professor hoje, no sistema escolar, é ensinar a estas camadas os conteúdos e habilidades escolares que levam ao domínio da cultura que tem valor socialmente, cabe em seguida um grande esforço em nível pedagógico de (re) habilitar-se profissionalmente de forma a cumprir competentemente o seu papel técnico- político.

E, duas preocupações parecem-nos fundamentais neste sentido, em nossa área de atuação: 1- o domínio seguro dos conteúdos e técnicas pedagógicas e de movimentos que deverão transmitir a seus alunos e, 2- com base em uma crítica profunda das didáticas e metodologias que normalmente fazem parte pedagógica que vêm desenvolvendo, assim como das teorias que as embasaram, tentar reconstruir o fundamento técnico- pedagógico da prática do conhecimento, manifestação e controle corporal, valorizando as formas básicas de jogos e orientando as competições para algo a mais que o ganhar ou perder.

Somente assim, acreditamos, será possível perceber e ressaltar que existem diferenças entre o jogo e a competição. O jogo pode e deve estar presente na fase de iniciação, enquanto que a competição se torna um mal nesta fase, e seguramente causará problemas na formação da criança. Tanto na sua formação pessoal, como ser humano, pode ser deseducativo, como também na sua formação atlética; pois a competição escolar também não tem valor comprovado na formação de atletas de alto nível.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Existem boas opções de formação?

O jogo-festa poderá ser uma nova característica do jogo, devendo estar presente em seu conteúdo alegria, encontro, prazer de jogar. Através destas características, a criança poderá se expressar melhor buscando o bem viver, e não simplesmente um rendimento no que diz respeito ao movimento técnico. Este sim é conteúdo do jogo-competição, que poderá estar presente na formação da criança, mas no momento adequado e com orientação de profissionais competente. É mesmo possível admitir, ainda que hipoteticamente, a existência de diferenças no interior do movimento e do nível de sua motivação. É o caso, de diferenciarmos movimentos afetivos de movimentos técnicos-esportivos.

Avançando neste trabalho, importa salientar, mais uma vez, a necessidade de pesquisas, de publicações e sobretudo, de estudos relativos ao tema proposto. Esta afirmação se torna mais evidente, segundo HUIZINGA (1980) a partir do número crescente de criança

praticantes do esporte, nas diferentes modalidades. O próprio crescimento populacional e, ainda, o desenvolvimento da indústria esportiva acompanhada do agudo desenvolvimento dos meios de comunicação são fatores que influenciam diretamente neste processo, atuando nitidamente como ingredientes de tensões na educação de crianças e jovens. Por isso mesmo, esta temática não pode ser tratada empiricamente.

Do ponto de vista geral, é muito bom que este crescimento ocorra. Quanto mais crianças nas quadras, pistas, campos, piscinas, etc ... maiores alternativas educacionais tornam-se possíveis, privilegiando um momento para a formação do cidadão. Com relação à proposta de trabalho, pode acontecer o equívoco, a iniciação deve priorizar o jogo e não substituí-lo pela prática competitiva. Este é um outro momento do aprendizado e da vida de uma pessoa. Esta opção é importante, devendo, não obstante ser formulada em tempo.

A partir do momento em que se dá a especialização em uma modalidade esportiva, ocorre em paralelo a competição. Esta fase, provável no esporte, e na própria sociedade contemporânea, deve ser precedida de dois momentos educativos, no entender de ROSADAS, já em seu trabalho de 1985. O primeiro momento do aprendizado deve ocorrer, tendo como objetivo o desenvolvimento motor da criança, preparando-a para a atividade seguinte, proporcionando-lhe nesta fase embasamento e maturidade motora, fundamentais para formação do educando. Neste primeiro momento, a atividade deverá ser oferecida de forma lúdica, dando ao educando a possibilidade de conhecer seu corpo, seus movimentos e ainda noções de espaço.

O segundo momento poderá ter como um dos objetivos conhecer as modalidades esportivas. Nesta fase, o educando deverá ter a iniciação com várias modalidades, individuais e coletivas, conhecendo através do jogo os diferentes elementos que compõem cada modalidade. O estágio final do aprendizado permitirá, então, a iniciação específica com uma modalidade. A partir desta fase, a competição poderá estar presente; mesmo assim, com adaptações compatíveis com as opções do ser humano em questão. Estas adaptações devem acontecer privilegiando diferentes níveis de atuação na criança durante o jogo. A organização deve ser voltada para a necessidade do educando. Neste caso, as regras podem ser modificadas, respeitando as características da faixa etária. A aplicação dessas regras deve priorizar o momento educativo da criança.

Até mesmo no nível técnico e tático, as adaptações devem ocorrer e, através de estudos com técnicos e dirigentes, desenvolver uma nova proposta nesta direção. Em suma, uma das hipóteses do nosso trabalho é que a Competição Escolar é deseducativa. Para nós, a competição escolar precoce deixa de ter valor educacional a partir do momento em que deixa de ser simplesmente jogo e passa a ser competição. Disputar um campeonato e tentar ser campeão, portanto mostra que prevalece a disputa e não a participação evidenciando assim um objetivo maior, que não é o educacional.

Entendemos, baseados em LIMA (1991) que esta proposta não tem valor educacional, pois estes eventos têm uma participação reduzida de crianças, em função da elitização pela competição, ainda num primeiro estágio de aprendizagem. Esta falta de respeito pelas fases que compõem a aprendizagem, também evidencia outro fator educativo: existe uma cobrança prematura inserida no objetivo proposto pela prática da modalidade.

Outro fator, que apontamos como deseducativo, é a falta de base dessas crianças, ainda em formação, para suportar as tensões geradas pela incerteza do jogo enquanto competição. Ainda, para CALLOIS (1993), não pode ser educativa uma prática onde somente os vitoriosos serão exaltados, pois na competição é dado valor somente aos vitoriosos, portanto à minoria.

Concluindo, a competição escolar precoce é deseducativa, porque não permite espaço para o jogo e sim a prática da atividade física, limitando movimentos e espaços, inibindo a criatividade pela busca do resultado. Sendo assim, entendemos que a competição escolar não tem existência, tendo em vista os objetivos pelos quais ela se produz. Outro problema, por nós apresentados, é a motivação, que está diretamente ligado ao anterior. Com o passar dos anos, poderá causar uma desmotivação para a prática (GUAY, 1997). Além disso, o valor dado pela prática competitiva a vitórias é inversamente proporcional ao valor dado para as derrotas, sendo assim, a derrota também poderá atuar como fator de desmotivação para a prática. Como resultante deste processo, ocorre a parada prematura de um atleta que, circunstancialmente, poderia ser um atleta de alto nível.

Por último, apontamos o problema da especialização precoce ocorrido na competição precoce. A prática de uma modalidade exige especialização com relação às posições em função do resultado, do rendimento, enfim, da busca pela vitória. Este procedimento, segundo FIORESE, 1989, poderá ter conseqüências irreparáveis na formação de um atleta, podendo, até mesmo, proporcionar um final de carreira esportiva também precoce.

O jogo e a competição antecederam até mesmo o próprio homem. É muito importante diferenciar estas atividades: cada uma delas tem sua história. As duas poderão atuar no processo formativo de um ser, desde que aplicadas no momento adequado e por profissionais competentes, respeitando acima de tudo a criança e sua individualidade. O jogo e a competição são elementos do esporte que, por sua vez, é conteúdo da Educação Física. Sendo assim, permitimo-nos reforçar, de forma conclusiva, uma verdade comumente repetida e geralmente esquecida: toda iniciação esportiva deve priorizar a educação e, posteriormente a formação de atletas (BRUHNS, 1996).

Acreditamos que as atividades esportivas desenvolvidas nas escolas possam vir a se integrar no esforço educativo e social que visem preparar o aluno para a sua integração plena na sociedade em que está inserida. Desta forma teremos a prática esportiva, com suas competições escolares, como uma estratégia formativa, adequada aos objetivos sociais e culturais voltados à valorização humana.

A escola e suas relações com o Mundo

A personalidade de nossos alunos será estimulada pela atividade esportiva e pela competição escolar se os programas propostos enriquecerem a experiência vivida, além de estimular a observação e reflexão sobre eles próprios e aqueles que os rodeiam. Computamos como muito importante o fato de nossos alunos, quando envolvidos com o processo competitivo esportivo escolar, refletirem sobre as dificuldades, assumirem posições, executarem tarefas e controlarem ações relativas ao ato competitivo.

Entendemos que a formação esportiva, dentro da escola, seja aquela que prime pela formação global, trilhando com equilíbrio as etapas de iniciação, orientação e especialização, numa perspectiva de participação crítica, em qualquer das manifestações da prática dos esportes escolares. Não discutimos contrário à competição esportiva escolar, em absoluto. Apenas questionamos os aspectos apresentados, em nossas aulas, de ensino fundamental e médio, quando o tema central é a competição. A cópia fiel do padrão esportivo adulto será a meta que buscamos atingir com nossos alunos?

Para um professor responsável pela orientação e direção de seus alunos e equipes escolares, o domínio dos conhecimentos sobre modalidade e metodologias, sobre comunicação, motivação, observação e outras áreas, constitui uma necessidade visto que sem esses conhecimentos o seu saber não é operacionalizável. Isto significa que não produzirá transformação nem efeitos relacionados com os objetivos da preparação dos atletas (CRATTY, 1998). Sabemos que é próprio da natureza humana procurar a explicação das coisas que rodeiam o homem, que nos acontecem seja como elemento da sociedade. Sabemos, ainda, que o homem sente necessidade de organizar os saberes e os conhecimentos acumulados e que tende a agrupá-los de uma maneira racional de modo a poder utilizá-los com eficiência nas suas tarefas profissionais e sociais (SEGRE, 1995). Se, e somente se isto for verdade, como a Educação Física Escolar consegue ultrapassar tanto conhecimento acumulado e assumir uma vertente tão vulnerável como a competição esportiva escolar, da maneira como se nos apresenta?

Não concordamos com o estímulo e apoio oferecidos, de todas as formas, para a participação de alunos em competições esportivas escolares onde paira a mais forte seletividade. Aceitamos que o esporte, principalmente na roupagem escolar, busque um entendimento do contexto social, histórico, cultural e político da sociedade que o suporta e que determina seus fins; desta maneira, o ambiente escolar prima pela atitude educacional, com objetivos educativos e formativos que dignificam o homem.

Em nível de sugestão, estamos cientes de que a competição esportiva escolar deva ser uma outra, de outra forma e com outras conotações. Talvez buscando uma integração social e não a exclusão do derrotado. Quem sabe, numa forma onde o confronto com as demais pessoas não tenha um gosto de humilhação para os que chegarem nos segundos, terceiros e últimos lugares, embora esteja, ainda, revestida pelas referências sociais concretas que motivam as atividades esportivas.

Apoiamos, sobremaneira, as atividades físicas e as competições esportivas, mesmo na escola, desde que seus fins contribuam para a estruturação da personalidade de nossos alunos, estimulando-os para seu pleno desenvolvimento. Então, é necessário que professores, monitores e demais profissionais da área atentem para o significado educativo adequado aos objetivos sociais e educacionais que permeiam pela atividade trabalhada. Refletir sobre as dificuldades a serem encontradas em competições, tomar consciência das características destes acontecimentos e assumir decisões que levem a uma superação lógica, limpa e adequada podem ser caminhos preparados por aqueles que convivem, concordam e trabalham com a competição, no nível esportivo escolar (MEYNAUD, 1998). Será um processo equilibrado, desafiador e motivante, que permitirá a participação crítica dos envolvidos com a prática esportiva competitiva.

Tais sugestões não buscam solucionar em definitivo o problema da competição esportiva, dentro do ambiente escolar. Apenas procura evidenciar que, por se tratar de um lugar que deva enfocar os princípios educacionais de maneira incisiva, a estratégia que vem sendo adotada não nos pareceu ser a mais adequada e conveniente. Precisamos partir para um projeto de Competição Esportiva Escolar Educativa.

Entendemos, e por isto sugerimos mudanças, que uma prática que apenas seja adotada por profissionais da Educação Física Escolar, em função de uma minoria privilegiada, quer seja pela prática educativa incorreta ou pela habilidade pouco desenvolvida de alguns ou, ainda, por questões outras que nos dificultam imaginar, nada tem de educacional. Pelo significado e abrangência que tal fato pode envolver, não podemos deixar de condenar as atitudes conservadoras interessadas na competição esportiva, dentro das escolas, como continuam ocorrendo. Entender o esporte, o jogo, o lazer e a competição esportiva como fatores psico e pedagógicos e culturais é o mínimo que se pode pretender daqueles que se dizem preocupados com a evolução dos homens e de suas sociedades, em busca de suas próprias felicidades.

E bem sabemos que esta felicidade não está nas lutas corporais agressivas, nos confrontos desleais, nas trapaças atléticas ou nos gritos exaltados de torcidas, pais e professores. Está, entretanto, no crescimento interior que se adquire ao entender o significado de uma superação física, social ou psicológica. Ou está na vitória conquistada com lealdade e compreensão das diferenças existentes entre as equipes adversárias.

O processo será mais lento. Mas o objetivo será atingido. A diferença entre o que acontece com a Educação Física Escolar e a valorização excessiva de algumas de suas práticas em outros ambientes de nossa sociedade, talvez, ainda seja motivo para muita discussão, apesar de já haver saturado as abordagens que, segundo GOULD (1997), em sua grande monta, não conseguiram total aplicabilidade: o problema não está na mudança de nomes de concepções, mas na formação do profissional que não decifra questões ligadas à teoria-prática.

A variedade de estratégias adotadas pela Educação Física e a complexidade do processo em que elas acontecem cobram do professor uma competência, para que possa perceber as relações que se estabelecem no decorrer e em função da aula dada. Acreditamos que este fato seja fruto da própria história da Educação Física Brasileira e da legislação de ensino que nos norteia, além da interpretação sofrida pela literatura estrangeira e nacional (s.m.j.) existente. Notamos que, em muitos casos, a falta de competência técnica e o mau uso do planejamento de ensino, bem como a pouca conscientização do profissional sejam a tônica para a distorcida visão da Educação Física no processo educacional e na sociedade.

Tendo em vista o grupo social apresentado e as atividades que são vividas pelos integrantes de cada região, verificamos que a Educação Física Escolar, em sua feição competitiva, atingia suas funções, como uma das atividades propostas no currículo obrigatório das escolas de ensino fundamental e médio, reproduzindo o esquema vigente na sociedade, apenas que com discurso didático, pedagógico, humanista, sócio- psicologizado fraco e incoerente. Qual o real significado da Educação Física competitiva, na comunidade escolar? Qual o grau de interferência no desenvolvimento do aluno esta prática pode acarretar? Como agem e o que pensam os profissionais envolvidos com a questão? Partindo-se da hipótese de que, por ser um dos componentes curriculares das escolas brasileiras, deva primar pela potencialidade pedagógica- educacional, será essa a constatação atingida?

Onde entram os componentes psicológicos e sociais largamente debatidos em nossos nichos acadêmicos? Onde se praticam as ideias gestadas com valores sociais amplos? Onde se trabalha a igualdade de aprender e de jogar?

Referências

BRUHMS, H.T.O corpo parceiro e o corpo adversário. Campinas: Papirus, 1996.

CAILLOIS, R. Les jeux et les hommes. Paris: Folio Essais, 1993.

CRATTY, B.J. Psychologie et Activité Physique. Paris: Seuil Edit., 1998.

FIORESE, L. Os efeitos do treinamento precoce em crianças e adolescentes, in: Revista da Fundação de Esportes e Turismo, 1 (2): 23-31, 1989.

GOULD, D. Psychosocial Development and children's sport, in: Rev. Quart., 43, 425-539, 1997.

GUAY, H. La Culture Sportive. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

HUIZINGA, J. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectivas, 1980.

LIMA, T. O Desporto está em suas mãos. Lisboa: Horizontes, 1988.

_____. Competição para jovens. Lisboa: Horizontes, 1991.

MEYNAUD, J. Sport et Politique. Paris: Calmann-Lévy, 1998.

NAHAS, M.V. A competição e a criança, in: Comunidade Esportiva, 19, 16-20, s.d.

ROSADAS, R.B. Os efeitos psicológicos do treinamento desportivo precoce, in: SPRINT, 3 (2) 56: 64, 1985.

SEGRE, M. Les enfants et les adolescents face au temps libre. Paris: Les editions ESF, 1995.

SEURIN, P.A. Manipulação da criança para o sucesso esportivo, in: Boletim FIEP, 53 (02/03): 15-17, 1983.

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

MESA REDONDA 1: A PSICOLOGIA DO ESPORTE E SEUS MÚLTIPLOS OLHARES. (11/Set/2015 – 8:30h) - Prof. Dra. Silvia Marina Anaruma; Prof. Dr. Daniel Presotto

Prof. Dra. Silvia Marina Anaruma

Possui graduação em Formação de Psicólogo pela Universidade Metodista de Piracicaba (1980), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1988) e doutorado em Ciências Médicas pela Universidade Estadual de Campinas (1995). Atualmente é professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Ensino e da Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: aleitamento materno, amamentação, educação, obesidade e educação infantil. É coordenadora do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq denominado de Grupo Interdisciplinar em Educação e Saúde.

Resumo

O homem em movimento, seja através de práticas esportivas ou de lazer, é visto por nós pesquisadores comprometidos com uma visão holística, como um ser na sua totalidade, em que corpo e mente tem o mesmo nível de importância, portanto, devendo receber o mesmo cuidado. Partindo deste princípio é que Psicologia e Ciências do Esporte se unem, numa mesma área, ou até como é tratada em alguns artigos, uma ciência, denominada de Psicologia do Esporte.

A Psicologia do Esporte é uma área da Psicologia que tem como objetivos, estudar o comportamento das pessoas envolvidas no contexto esportivo com o propósito de investigar como os fatores psicológicos se apresentam e interferem antes, durante e depois do exercício físico (MONTEIRO, 2014). O profissional que atua nesta área o faz não só dentro das equipes de competição, com atletas de alto rendimento, como com pessoas que praticam atividade em tempo livre, no esporte escolar, na iniciação esportiva e na área mais atual e promissora: na participação em projetos sociais (RUBIO, 2007).

Espera-se que o profissional habilitado para esta área seja o psicólogo. Ele pode atuar tanto no ensino, como na pesquisa e também com intervenção. No entanto, o campo de Psicologia do Esporte não é exclusivo deste. São poucos os cursos de Psicologia que formam o Psicólogo do Esporte. Na realidade o psicólogo precisa fazer, muitas vezes, uma especialização, além de ter que transitar nas duas áreas: tanto na psicologia, como nas ciências dos esportes. Já nos cursos de Educação Física é comum vermos disciplinas relacionadas à Psicologia e à Psicologia do Esporte, por isso, esta delimitação entre os dois campos não são muito claros.

Mas a Psicologia do Esporte é antes de tudo Psicologia, que passa por avanços e recuos - como também acontece com a área de esporte - envolve as várias áreas e correntes da psicologia e funções específicas do psicólogo como: o psicodiagnóstico, a aplicação de testes, a área clínica e educativa, dentre outros.

É importante avaliar que nem toda psicologia aplicada ao esporte é Psicologia do Esporte e nem todo profissional do esporte tem habilidade para desempenhar este papel. A resistência é grande para se contratar este profissional, o que acaba abrindo espaço para a aplicação da psicologia de forma aleatória e a entrada de outros profissionais que não sejam da área. É comum vermos ex-atletas assumindo este papel, mesmo que empiricamente, o que suscita grandes discussões na área (RUBIO, 1999).

Apesar do desenvolvimento da área no Brasil, com pouco mais que 40 anos - em 1979 foi fundada a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte - e das evidências dos resultados positivos na área da pesquisa, a inserção do profissional qualificado no campo do Esporte e lazer, ou da atividade física de uma forma mais ampla e abrangente, pelo menos no Brasil, não tem se dado na mesma velocidade, embora reconheça-se ser uma área emergente. Além disso, os clubes não tem estrutura para acomodar estes profissionais (VIEIRA, et al, 2010).

Quando há interesse na contratação de um Psicólogo do Esporte verifica-se que sua aceitação depende muito do contato que os atletas já tiveram com outros psicólogos, de como são apresentados (se com um grande currículo, já leva a certo afastamento); se vier apenas para "apagar um incêndio", quando o atleta anda deprimido, por exemplo, ou diante de uma derrota, também não há a eficácia esperada. Na área do esporte ele pode ser visto como "o salvador da pátria". Ou ele é tido como a solução de todos os problemas, principalmente pensando no rendimento do atleta. O ideal mesmo, é que o psicólogo faça um trabalho sistemático, não só com técnicos, como com os dirigentes e os atletas (VIEIRA,2010,p.398).

Quando feita uma pesquisa sobre o número de psicólogos do esporte no Brasil, nos principais clubes e federações, percebemos a enorme escassez de informação. Mas verificou-se que a seleção de judô, de handebol, atletismo, já investem a algum tempo neste profissional (DOMINGUES et al, 2014). Nesta busca também levantamos algumas curiosidades. Com letras em destaque, se lê a mensagem: *O BRASIL FOI O PRIMEIRO A LEVAR UM PSICÓLOGO NA COPA, EM 1958*. Porém, nesta mesma ocasião, o grande nome conhecido como pioneiro nesta área: João Carvalhaes reprovou Pelé e Garrincha nos testes psicotécnicos. Um por ter um QI baixo e o outro, por ser agressivo e perigoso! Nas Copas de 1962 e 1966, foram levados psicólogos com a nossa Seleção de Futebol e depois somente nas Olimpíadas de 2000, com Luxemburgo, cujo time naufragou. Em 1999 foi levado somente um motivador, que dava palestras (AZZONI, 2002). Só na última Copa do Mundo, de acordo com as informações coletadas através do Programa Roda Viva da Cultura (2014), verifica-se a contratação de uma psicóloga para a seleção brasileira.

Sobre a seleção vencedora da Copa, foi levantada a informação de que a seleção de futebol da Alemanha tem 12 psicólogos do esporte atuando no time, desde as categorias de base. Eles fazem o acompanhamento psicológico, orientação familiar, mapeamento do perfil, reunião com o Departamento médico e de preparação física. O líder deles era o psicólogo, cientista e pesquisador Hans Herman. Nesta seleção o psicólogo acompanhou o time em todos os seus momentos (COZAC, 2014). Esta situação, sobre a importância do psicólogo nas equipes aparece em outros países, principalmente na Europa e E.U.A.

Enfim, como é visto o trabalho do psicólogo? Como é feita a Psicologia do Esporte? É feita uma Psicologia do Esporte ou no Esporte?

Objetivos e Metodologia

Para entender como a Psicologia do Esporte é compreendida no cotidiano dos clubes esportivos e qual o reflexo desta compreensão nas ações da equipe com o atleta foi analisado um vídeo atual veiculado na mídia televisiva brasileira. Isto foi elaborado com o uso da técnica de Análise de Conteúdo e da interpretação não só do conteúdo manifesto, como simbólico, dos discursos que aparece dos atores envolvidos.

Trata-se de uma reportagem exibida no Globo Esporte de São Paulo (2015), com o técnico de futebol Tite para explicar a queda de rendimento, com o título *"O Corinthians está cansado"* (2015).

Análise dos Resultados

Foram selecionados os principais trechos do vídeo e feita a análise por partes. Esse procedimento de fragmentar o discurso foi necessário para a análise, mas mesmo assim, não se perdeu a sequência e nem o sentido do discurso, pois foi apresentado na sua sequência.

Repórter: *"O Corinthians, assim que foi eliminado do Campeonato paulista, o Tite falou ah o time está cansado. A gente sabe que quando o cara está fisicamente cansado você vai lá faz um furinho na orelha dele, pega uma gota de sangue, você sabe q o cara não tá legal e tal, e psicologicamente cansado? Como fazer para descansar o jogador?*

Neste trecho, observa-se o reconhecimento do aspecto psicológico no esporte, além do físico, porém, o repórter deixa implícito que avaliar o aspecto "físico" é menos complexo do que avaliar o aspecto psicológico. Nesta frase demonstra-se a dificuldade em nomear o que realmente é esta instância. O repórter deixa uma pergunta no ar, como quem diz, *o que será que o técnico entende por aspecto psicológico e como ela resolve o problema decorrente deste*?

Treinador: *"Ela tá cansada. Ela deve tá falando física e mentalmente. Ela tá num processo a gente vê que ela tá... e ainda ficando com menos jogadores, ela precisa dar uma huh, ela precisa quatro domingo, quatro domingo, decide aqui, antecipa alí, faz a campanha que fez, ela tá cansada."*

Na verdade a expressão corporal do próprio treinador é de cansaço; ele insinua o excesso de atividades dos jogadores e a falta de um jogador durante o campeonato como causa do baixo rendimento dos atletas. Seu "huh" parece uma expressão de que os atletas precisam "DAR UM TEMPO". Realmente, um dos problemas maiores dos atletas de alto nível é a exigência fora do normal nos treinos, no excesso de jogos, as concentrações, naturalmente gerando uma tensão grande na equipe. A reportagem ainda esclarece que o time jogou 28 jogos na temporada, enquanto que os outros times que jogaram menos tiveram melhor desempenho. Como a repórter diz:

"Haja perna e haja cabeça"

Aqui aparece o jeito informal de expressar que além do preparo físico, há também uma exigência mental para suportar a dinâmica dos campeonatos. De qualquer maneira a frase revela que o corpo tem limites e que as consequências da quebra desses limites é notável no rendimento dos atletas.

Repórter: *"E aí fica a dúvida: como se recupera a cabeça de um jogador? Pois é, o clube não tem psicóloga, então resolveu, a princípio, apelar pela velha e boa fórmula: folga! O descanso do corpo e da mente numa tacada só. O Corinthians parou numa sexta a tarde e volta a trabalhar só na segunda de manhã."(...)* O jogador comenta: *descansar bastante, conversar bastante, futebol não podia. Não vamos falar de futebol, vamos falar de outra coisa, mas eu acho que é bom, principalmente a cabeça dá uma descarregada é importante."*

Neste trecho a repórter faz questão de mencionar que a equipe não tem um psicólogo. Na falta de uma solução de um profissional parte-se para uma solução paliativa e empírica, a quebra da rotina e o descanso – o que seria o mínimo a ser feito naquele contexto. Foi dado a eles, um descanso de um final de semana, que pelas imagens do vídeo, concentrados, o que já limita a liberdade dos atletas. Será que só um breve final de semana, mantendo o mesmo grupo juntos resolveria uma situação de saturação dos atletas? Não seria o caso de um psicólogo propor atividades diferentes e questionar também as condições que os atletas enfrentam?

Repórter: *"E para manter a cabeça boa nada como um cara bom de papo. Tite adora uma conversa no dia a dia e junto com Gaspar, administrador do futebol, vão reparando no jogador que está mais desgastado. "*

Como já pode ser visto na literatura levantada, outras pessoas assumem o papel do psicólogo no esporte, e as "técnicas" usadas são baseadas na relação paternalista mantida entre o treinador e os atletas e uma boa conversa. Esta é uma ideia também comum, a de que uma boa conversa substitui o trabalho de um psicólogo.

O gerente de futebol: *Psicologicamente é mais no nosso dia a dia. Não é que você olha o atleta e diz: este está com problema de cansaço mental, ou então você vai diagnosticando com o tempo*.

Na função de gerente de futebol, o profissional também assume o papel de psicólogo e, por intuição, vai tomando suas atitudes para lidar com os problemas que vão aparecendo na equipe. E como já foi dito, nem toda Psicologia é Psicologia do Esporte. Eu completo dizendo que nem tudo que parece Psicologia é Psicologia.

O final da entrevista mostra a volta aos treinamentos, de manhã e à tarde e a meta de chegar a um melhor desempenho, que eles se referem como força e potência, de forma gradativa.

Repórter: *"Fôlego, força e uma risadinha mais leve de vez em quando, tudo para que o corinthiano mate a saudade de um tempo não tão distante assim. "*

Neste momento, a repórter conclui que apesar da situação de stress e cansaço dos jogadores, a solução está na persistência, ao mesmo tempo, certa leveza no comportamento. Com tamanha complexidade, acaba a entrevista sem resposta. Lida-se com o limite somente com umas "risadinhas".

Considerações finais

Apesar de reconhecer que a Psicologia está presente em várias ações dos indivíduos, quando se trata de algo tão sério como o acompanhamento da vida emocional, temos que partir da ciência, de algo que foi verificado, estudado, controlado. Não dá para fazer experiências e nem correr o risco de usar metodologias espontaneistas - temos que nos ocupar da Psicologia científica.

Os treinadores e outros líderes das equipes esportistas não devem ser desconsiderados quando o objetivo é auxiliar o atleta para que ele se sinta melhor, afinal de contas, trata-se de uma equipe. Com certeza, nas equipes, há pessoas qualificadas. O que não se admite, é a falta de um profissional qualificado para lidar com a subjetividade do ser humano, como o psicólogo. É uma contradição negociar os jogadores de elite com quantias exorbitantes, quando na equipe há a falta de um profissional que vai lidar com os aspectos psicológicos do grupo. Realmente isto deixa uma falta considerável.

Por outro lado, alguns profissionais da Psicologia, ainda deixam a desejar quando se trata da área de esportes. Com uma visão mecanicista de ciência, ficam apenas na aplicação de testes, não aproveitando a diversidade de possibilidades que a psicologia nos fornece. Inclusive a análise crítica das situações. As ideias estão na linha da previsão e controle do comportamento. O contrário dessa concepção pôde ser vista durante a última Copa do Mundo no Brasil, com a seleção da Alemanha, em que durante os jogos, a concentração dos atletas foi muito diferente do esperado, eles se divertiram, interagiram com o povo, dançaram, soltaram pipa e foram à praia. A alegria e o respeito pelo povo brasileiro eram marcantes nas suas atitudes.

E dentre suas inúmeras práticas, uma chamou mais a atenção, o Yoga, que não só estimula a concentração, como o sentido de união do grupo e trabalha, além da dimensão psíquica, também a energética e a espiritual. Só que enquanto se achar que a Psicologia deve pensar só na motivação, no desempenho, no controle do stress, no resultado, não há lugar para este tipo de abertura. É na formação tanto na Psicologia, quanto na Educação Física que um paradigma humanista e holístico faria toda a diferença.

Outro dado da realidade que interfere no desempenho do atleta é a questão das metas a serem seguidas, do pensamento na vitória a qualquer custo, no aspecto econômico que permeia as competições, dos patrocínios, enfim, neste contexto, não há psicólogo que resolva. Se a busca deste tipo de vitória é a qualquer preço, penso que o psicólogo não deveria se sujeitar a este trabalho, porque o corpo tem um limite de tolerância diante das exigências do meio e quando este limite é rompido os resultados são nefastos, um deles o abandono do esporte. Há uma questão ética aqui envolvida. Um psicólogo consciente de todos estes aspectos sabe que as regras do contexto social, histórico e político em que vivemos são limitantes no esporte e que, enquanto o atleta for tratado como uma moeda de troca, ou um objeto, não há técnica psicológica que funcione.

Um bom avanço que se vê na atual conjuntura é a procura de psicólogos para preparar os atletas para as Olimpíadas de 2016. Esta realidade demonstra que a sociedade está reconhecendo que neste contexto, o fator emocional é determinante. Um dos exemplos desse trabalho será o de lidar com a pressão que o atleta terá que enfrentar, e isto é muito complexo. O objetivo quase sempre é um só - vencer, mas que seja pelo menos com qualidade.

Referências

AZONNI, T. Futebol, uma mente brilhante. Super Interessante. Ed. 176 a, jun, 2002. Disponível em: http://super.abril.com.br/ciencia/futebol-uma-mente-brilhante. Acesso em: 3 jul 2015.

COSAC, J.R. Psicologia e Esporte é levada a sério na Alemanha. Gazeta Esportiva Net. 10/07/2014. http://www.gazetaesportiva.net/blogs/joaoricardocozac/2014/07/10/psicologia-do-esporte-e-levada-a-serio-na-alemanha/. Acesso em: 10 mai 2014.

DOMINGUES, F; MENDES, F; CARDOSO, G; VALESI, R. Principais confederações do Brasil já contam com a ajuda de Psicólogos. LANCE!NET. Minuto. 2014. Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/Principais-confederacoes-Brasil-contam-psicologos_0_1188481275.html. Acesso em: 30 jun 2015.

GLOBO ESPORTE. SP. Corinthians explica queda de rendimento: "Equipe está cansada." [filme-vídeo] . SP. Ed. Globo.TV., 2015. 3,52 min. color.son. Disponível em: http://globotv.globo.com/rede-globo/globo-esporte-sp/t/edicoes/v/corinthians-explica-queda-de-rendimento-equipe-esta-cansada/4148883/. Acesso em: 01 mai 2015.

MONTEIRO, A.C.P. Psicologia do Esporte: técnicas e intervenções. Revista Brasileira de Ciência da vida. M.G. v. 2, 2014.(Ed. Especial). Disponível em: http://jornal.faculdadecienciasdavida.com.br/index.php/RBCV/issue/view/6. Acesso em: 11 jul 2014.

RUBIO, K. Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. Rev. bras. psicol. esporte, São Paulo , v. 1, n. 1, dez. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452007000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 jul. 2015. Acesso em: 09 jul 2015

_____. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 19, n. 3, p. 60-69, 1999 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931999000300007&lng=en&nrm=iso>. access on 09 July 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931999000300007. Acesso em: 09 jul 2015

VIEIRA, L.F; VISSOCI, J.R.N.; OLIVEIRA,L.P.de; VIEIRA, J.L.L. Psicologia do Esporte: uma área emergente da Psicologia. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 2, p. 391-399, abr./jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n2/a18v15n2. Acesso em: 09 jul 2015.

RODA VIVA. Regina Brandão [filme/vídeo]. TV Cultura. SP. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TSg1jmdnaTk. Acesso em: 01 mai 2015.

Prof. Dr. Daniel Presoto

Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (1987), Psicólogo Clínico pela Universidade Metodista de Piracicaba - SP (2004), Especialista em Desenvolvimento Humano e Motricidade (1988, UNESP-Rio Claro), Mestrado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba - SP (1994) e Doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - SP (2005). Atualmente é Professor Doutor na Escola Superior de Educação Física de Jundiaí (ESEF-J). Atua na interface entre as áreas de Educação Física e Psicologia, com ênfase nos seguintes temas: Identidade Social e Esporte, Psicologia do Desenvolvimento e Desenvolvimento, Aprendizagem e Controle Motor e Estados Emocionais na Atividade Física e no Esporte.

Resumo

Tanto no contexto sócio-cultural quanto no natural, ocorrem interações importantes entre o homem e seu ambiente. É o chamado contexto ecológico, onde fluem uma rede de interconexões, possibilitando adaptações ao entorno. O homem, como um sistema aberto,

realiza trocas (energia, matéria e informação) com o meio e consigo próprio. Como resultado dessa interação, emergem comportamentos motores diversos, dentre eles, os ligados à Atividade Física e ao Esporte. Ingredientes tais que caracterizam a constituição do fenômeno relacionado ao movimento do corpo, focalizado pela ciência, dada sua relevância para a vida humana (na saúde, no lazer, na sobrevivência, em ações no cotidiano, etc.). Essas interações tornam-se fundamentais para o campo do Desenvolvimento Humano, as quais só ocorrem graças as ações humanas. Em se tratando de Desenvolvimento Humano e nas chamadas Ciências do Movimento, a dimensão motora passa a se constituir num objeto de estudo e, posteriormente, num campo de conhecimento, ou seja, o do Comportamento Motor. Este, então torna-se uma disciplina que, por sua vez, se subdivide em três subdisciplinas: Desenvolvimento, Aprendizagem e Controle Motor. Cada uma com seus métodos, utilizando níveis de análise diversificados, ou seja, desenvolvem maneiras de enxergar e explicar o fenômeno do movimentar-se do ser humano. No entanto, a palavra motora as une, possibilitando uma via de acesso entre elas, denotando um objeto de estudo em comum. Ocorre ainda que, como comportamento, o movimento é de interesse não só dos que lidam com movimentos propriamente ditos (Educadores Físicos, Fisioterapeutas, Médicos, etc.), mas também e, em especial, dado seu objeto, pela Psicologia. Esta o estuda nos campos da Psicologia do Desenvolvimento, especificamente, no da Psicologia do Esporte e da Atividade Física. No entanto, raras ligações são tecidas entre as subdisciplinas do Comportamento Motor e os achados da Psicologia do Esporte nesse âmbito. Tendo em vista essa contextualização, o objetivo é problematizar a possibilidade de se construir pontes entre os conhecimentos oriundos dessas áreas afins e a questão da prática em Psicologia do Esporte. Assim, constituindo-se em múltiplos olhares, com vias de mão dupla entre as subdisciplinas apontadas. É importante promover a integração de paradigmas, métodos e sistemas de ação, no que tange as subdisciplinas: Desenvolvimento, Aprendizagem/Controle Motor e Psicologia do Esporte. Nessa perspectiva, ao fazê-lo, a intenção é tornar o campo do Comportamento Motor ainda mais vibrante e dinâmico. Os achados da Psicologia do Esporte podem enriquecer os campos do Desenvolvimento, da Aprendizagem e do Controle Motor. Por outro lado, os dados levantados por essas, também podem contribuir para uma melhor compreensão da Psicologia do Esporte. Só assim, com nexos entre os conhecimentos dessas subdisciplinas, desdobrando-se num olhar mais aguçado, livre de amarras impostas e sensível a todos os pontos de vistas existentes, poderá contribuir na compreensão do movimentar-se humano de maneira integrada.

MESA REDONDA 2: A AGRESSÃO NO ESPORTE E A INTERDISCIPLINARIDADE. (11/Set/2015 – 10:00h) - Prof. Dr. Flávio Rebustini; Prof. Ms. Ivan Tertuliano; Prof. Ms. André Aroni

Prof. Dr. Flávio Rebustini

Pós-doutorando em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (UNESP/Rio Claro - 2014 -). Pós-Doutorando em Psicometria (Universidade de Quebéc à Trois-Rivières - Canada – 2013 -). Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologia - UNESP - Rio Claro (2011-2012), com estágio doutoral no departamento de Psicologia da Universidade de Quebéc em Trois-Rivières - Canadá (2012). Reitor da Universidade do Grande ABC de 2008 a 2010 (UNIABC). Mestrado em Ciências da Motricidade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Aperfeiçoamento em Voleibol e Teoria e Metodologia do Treinamento Desportivo no Instituto Estatal de Cultura Física de Moscou - Russia (1997). Graduado em Educação Física pela Universidade de Formação Educação e Cultura do ABC - UNIABC (1994). Editor Associado Revista Motriz. Editor-Chefe da REFELD - Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Parecerista das Revistas Motriz e Kairós.

Resumo

Temos de partir do fato que a agressividade é uma emoção humana, portanto, complexa e que, até então, tem se buscado uma definição que consiga descrevê-la de forma satisfatória. Essa complexidade encontra no esporte um território fértil de fatores que podem desencadeá-la de forma intencional ou não. Jamieson e Orr (2009) apontam que devemos tomar em consideração que o esporte é meramente um reflexo da sociedade, asseverando Rebustini (2012) destaca que o esporte é um mesossistema social, e como tal, coabita e inter-relaciona-se com as demais camadas do sistema.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Nesse sentido cabe retomar a leitura de Adorno (1995, p. 112), se

[...] por um lado, pode produzir um efeito anti-barbárico e antissádico, através do “fair play”, o cavalheirismo e a consideração pelo mais frágil; por outro lado, sob muitas de suas formas e procedimentos, pode fomentar a agressão, a crueldade e o sadismo, sobretudo entre aqueles que não se submetem pessoalmente ao esforço e à disciplina do esporte e sim se limitam a ser meros espectadores e costumam concorrer aos campos de jogos só para vociferar. (ADORNO, 1995, p. 112, grifo meu).

No cenário postado torna-se inviável uma análise compartimentada e desconexa dos mecanismos que desencadeiam a agressão e sobretudo sua análise e consequências no esporte.

Há diversas teorias que tentam descrever e fundamentar a agressividade, tais como: Teoria da Frustração-Agressão (DOLLARD et. al, 1939), Inibição Reciproca (WOLPE, 1954), Teoria

Compleição (BERKOWITZ, 1969), Teoria da Aprendizagem Social (BANDURA, 1973), Teoria do Raciocínio Moral (BREDEMEIER et al, 1984), Teoria da Catarse ou Teoria do Instinto (GILL, 2000), Teoria Reversa (KERR, 2005) e Explicação Fisiológica (DORSCH et. al, 2007). De algumas formas a Teoria da Aprendizagem Social e da Teoria Reversa acaba abarcando as outras teorias, pois são evidentemente multidimensionais.

Na Teoria da Aprendizagem Social há dois pontos fundamentais: 1) a questão da Desindividualização caracterizada pelo fato de que em grandes grupos o indivíduo perder sua individualização e passa seguir a direção do grupo, independente do direcionamento moral dessa ação. Outro aspecto é a Desinibição que trata da interferência das circunstâncias que podem enfraquecer a inibição, fazendo com que o indivíduo tenha comportamento que normalmente não teria. Bandura (1986) fortalece essa perspectiva afirmando que a desinibição pode ser aumentada pela raiva ou pela ativação de outras emoções, em situações em que o estilo agressivo tenha sido desenvolvido, quando não há bons resultados ou não há punição para o comportamento, quando pode ser socialmente justificada, quando ela foi provocada pela vítima o que permite sua culpabilidade ou quando os ferimentos impetrados na vítima podem ser minimizados ou higienizado.

A Teoria Reversa tem mostrado, de acordo com Wilson (2014), que os estados meta-motivacionais podem estar relacionados com a participação, com a mudança nos diversos estados de competição, com as repostas cognitivas e perceptuais ao exercício e pode auxiliar a explicar as respostas dos atletas às lesões. Kerr (2005) destaca 8 estados meta-emocionais que coexistem separadamente em sistemas binários: Crítico (excitação-evitar) – Lúdico (excitação-busca); Negativismo (desejo de quebrar as regras) / Conformismo (desejo de cumprir as regras); Eu (preocupação com si próprio) / Outro (preocupação com os outros) e; Maestria (desejo de controle) e Compreensão (desejo de harmonia). É fundamental pontar a incipiência dos estudos com teoria reversa e agressividade no esporte no Brasil.

Quando transpomos para o esporte, temos que para Adams (2010) a agressividade é uma condição necessária para o sucesso no esporte e na vida em geral, pois segundo o autor o termo trata da tenacidade, a fome e a determinação que as pessoas se imbuem quando estão se esforçando pelas suas realizações

Cashmore (2008); Adams (2010) e Weinberg e Gould (2011) destacam dois tipos de agressão: a instrumental onde o ato não tem a intenção de machucar o outro; e a Hostil ou reativa não qual existe intenção de machucar o outro. Há uma linha muito tênue entre a agressão e a violência que tem demandado uma longa discussão nas ciências esportiva. O ponto chave na diferenciação está no fato que na violência há um ato intencional e a uma consequência com dano e lesão, e que é resultante, nesse ponto, da agressão hostil. Contudo para Krishnaveni e Shanin (2014) há 4 tipos de agressão: 1) direta – quando o atleta pode abusar faca a face de alguém com palavras e ações, 2) indireta - machuca o outro com fofocas, rumores, múrmuros internos, dentre outros; 3) Instrumental – é cognitiva, quando a agressividade é intencional e planejada mas não com a intenção de machucar alguém, e sim para ganhar um prêmio, fama,

marcar um gol, entre outros e; 4) Emocional (agressão impulsiva ou reativa) – quando a agressão ocorre com uma pequenas quantidade de premeditação ou intenção.

Importante apontar que os atos de agressividade não são exclusivos aos atletas e técnicos. De acordo Jamieson e Orr (2009) podem tomar parte nessas ações os árbitros, os fãs, voluntários, administrador, pais/parentes, o cidadão em geral, negócios associados e terrorismo.

Para Weinberg e Gould (2011) as pessoas têm aprendido e creem que é bom ter mais agressividade no esporte do que na vida. Segundo os autores, há alguns problemas; a) a agressão carrega o risco da lesão e dano; b) o esporte deve ensinar as crianças como se comportar dentro e fora do ambiente esportivo; c) permitir uma conduta agressiva no esporte envia uma mensagem equivocada as crianças e; d) os profissionais devem deixar claro que qualquer comportamento inapropriado e qualquer forma de agressão não sancionada pela sociedade é também inapropriada no esporte. Como desdobramento dos limites psicossociais impostos pelos técnicos, professores e a sociedade, há evidências de que os indivíduos que vivenciam a culpa após a transgressão provavelmente terão menos comportamentos antissociais e agressivos. (KAVUSSANU; STAGER; RINGER, 2015)

De maneira geral, os atletas se comportam de forma agressiva por terem sido acometidos por uma agressão, o adversário o irritou, eles têm alta orientação para o ego e baixo nível de desenvolvimento moral, eles querer se mostrar durões, acreditam que faz parte do papel e sentem a pressão do grupo para serem agressivos (WIDMEYER; BRAY; DARSCH: McGUIRE, 2001).

Um fator que não foi tratado por esses autores é que a agressão no esporte pode ocorrer no ambiente esportivo e em suas cercanias, mas também fora dele. O surgimento da internet e, principalmente, das redes sociais possibilitou que a agressão tivesse desdobramentos muito além das quadras, ginásios, pistas e outros aparelhos esportivos desencadeando todo tipo de ações ofensivas, levando a discussão das questões morais relativas ao ambiente esportivo para o mundo virtual. Estas questões das redes sociais na agressão, na moral e na vulnerabilidade foram tratadas nas teses de doutorado de Rebustini (2012) e Moioli (2013). Assim a abertura de novos campos a serem explorados que possibilitam novas formas de dano e em que se pode vociferar livremente contra o outro; abre novas fronteiras e impulsiona a necessidade dos pesquisadores extrapolarem o cenário clássico de análise da agressão, da violência e do assédio.

Referências

ADAMS, M. Anger management in sport: understanding and controlling violence in athletes. Human Kinetics, 2010.

ADORNO. T. W. Palavras e sinais: modelos críticos. Petrópolis: Vozes, 1995.

BANDURA, A. Aggression: A social learning analysis. Engelwood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1973

BANDURA, A. Social foundations of thought and action: A social cognitive theory. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1986

BREDEMEIER, B.J., SHIELDS, D.L. The utility of moral stage analysis in the investigation of athletic aggression. Sociology of Sport Journal, 1, 138-149, 1984.

CASHMORE, E. Sports and Exercise psychology: the key concepts. Routledge. 2th Edition, 2008.

DOLLARD, J., DOOB, L., MILLER, N., MOWRER, O., SEARS, R. Frustration and aggression. New Haven, CT: Yale University Press, 1939

DORSCH, K., M., PASKEVICH, D., M., LOUGHEAD, T., M. Aggression in sport. In: CROCKER, P., R., E. (Ed.), Sport psychology: A Canadian perspective. Toronto: Pearson Prentice Hall, 2007, p. 155-183.

GILL, D. Psychological dynamics of sport and exercise. Champaign, IL: Human Kinetics, 2000.

JAMIESON, L. M.; ORR, T. J. Sport and Violence: a critical examination of sport. Elsevier, 2009

KAVUSSANU, M., STANGER, N., RING, C. The Effects of Moral Identity on Moral Emotion and Antisocial Behavior in Sport. Sport, Exercise, and Performance Psychology, 8, 2015.

KERR, J.H. Rethinking aggression and violence in sport. London: Routledge, 2005

KRISHNAVENI, K.; SHAHIN, A. Aggression and its influence on Sports Performance. International Journal of Physical Education, Sports and Health, 1 (2), p. 29-32, 2014.

MOIOLI, A. A relação das novas mídias de comunicação e o esporte: rupturas e conflitos para a formação moral a partir da representação social do futebol. Tese de Doutorado. Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Neto". Rio Claro, São Paulo, p. 308, 2013.

REBUSTINI, F. Vulnerabilidade no esporte e novas mídias: um estudo sobre o Twitter. Tese de Doutorado. Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Neto". Rio Claro, São Paulo, p. 109, 2012.

WEINBERG. R.; GOULD, D. Foundations of sport and exercise psychology. Human Kinetics, 2011.

WIDMEYER, W.N., BRAY, S.R., DORSCH, K.M., MCGUIRE, E.J. (2001). Explanations of the occurrence of aggression: Theories and research. In SILVA, J. M.; STEVENS, D. E. (Eds.), Psychological foundations of sport. Boston: Allyn & Bacon, 2001, p. 352-379.

WILSON, A. W. Association of moral disengagement, passion and competitive anger and aggressiveness with attitudes toward performance enhancing drugs in sport. *Thesis* Doctor of Philosophy. University of Waterloo, Ontario, Canada, 2014

WOLPE, J. Reciprocal inhibition as the main basis of psychotherapeutic effects. AMA Archives of Neurology and Psychiatry, 72, 205–226, 1954.

Prof. Ms. Ivan Tertuliano

Graduado em Educação Física pela UNINOVE (2002), Mestre em Educação Física pela USP (2007). Docente do curso de Educação Física da Universidade Anhanguera - Campus Osasco e da Faculdade Anhanguera - Campus Taboão da Serra. Atua principalmente nos seguintes temas: Natação, com ênfase em natação para bebês, adaptação ao meio líquido e aprendizagem dos padrões locomotores no meio líquido; Treinamento em Natação, com ênfase em Alto Rendimento e Master; Aprendizagem Motora, com ênfase em fatores, como prática e feedback, que afetam a aquisição de Habilidades Motoras; Desenvolvimento Motor, com ênfase em mudanças no padrão natatório; Psicologia do Esporte, com ênfase em Medo, estresse e Ansiedade no Esporte.

Resumo

Falar sobre interdisciplinaridade nos remete a entender a definição da palavra Interdisciplinaridade.

De acordo com Mattos (2010), interdisciplinaridade remete-se ao processo de integração recíproca entre várias disciplinas e campos de conhecimento. Constitui uma associação de disciplinas, por conta de um projeto ou de um objeto que lhes sejam comuns.

Interdisciplinaridade é a produção de um novo conhecimento que acontece à luz de duas ou mais áreas do saber no momento em que estas estabelecem um diálogo entre si que permita uma nova visão da realidade (MASETTO, 2003).

E no esporte, como podemos utilizar essa ideia de diálogo entre saberes para construção de um novo saber?

Com a ousada tentativa de responder a pergunta supracitada, precisamos entender o sujeito que está inserido no esporte como um ser complexo, cheio de alterações e mudanças.

Assim, a inserção do sujeito no esporte é um processo contínuo e está relacionada com aprender o esporte e vivenciar o esporte – princípio de aprendizagem motora (ANNETT, 1985; NEWELL, 1991) e, diante disso, é importante investigá-la não apenas em relação à padronização da habilidade motora, mas também em relação a como o padrão formado se

modifica, e como esse padrão motor responde as demandas do esporte, além de entender como esse sujeito se modifica, se transforma.

Ao considerar o sujeito como um ser não finito, no âmbito do esporte, nos remete ao entendimento da resposta motora para além da aprendizagem de movimentos. Diante disso um outro processo ganha importância, o adaptativo, logo, os efeitos de diferentes conhecimentos, junto ao sujeito, precisam ser revistos, o que nos remete a interdisciplinaridade.

De acordo com PRIGOGINE (1996), ao longo das décadas, tem se buscado explicar o sujeito para além da estabilização, e para isso tem emergido uma nova ciência de processos de não-equilíbrio, onde se vê por todos os lados instabilidades, flutuações e bifurcações. Com esse novo olhar do sujeito, princípios como instabilidade, desordem, inconsistência, ruído e desorganização são entendidos como fatores do processo de evolução do sujeito.

Um conceito base para a compreensão dessa nova ciência (processos de não-equilíbrio) é o de sistema. Um sistema pode ser definido como um conjunto de elementos em interação (BERTALANFFY, 1977) ou como uma unidade complexa constituída de subunidades que cooperam sistematicamente, preservando sua configuração íntegra de estrutura e tende a restabelecer-se após uma perturbação não destrutiva (WEISS, 1971).

Bertalanffy (1977) afirma que o problema do sistema é essencialmente o problema das limitações dos procedimentos analíticos na ciência. Esses procedimentos significam que um sistema pode ser estudado resolvendo-se em partes e, imediatamente, pode ser constituído ou reconstruído pela reunião das partes.

Os sistemas podem ser classificados como sistemas fechados ou sistemas abertos. Sistemas fechados são aqueles em que não ganham e não perdem nada do seu ambiente, portanto a única troca possível é de suas atividades internas. Como consequência, eles tendem a estados de máxima desorganização e entropia. De acordo com a segunda lei da termodinâmica, num sistema fechado, uma certa medida de desordem chamada entropia deve crescer até o máximo, e finalmente, o processo para em um estado de equilíbrio termodinâmico (BERTALANFFY, 1977; PRIGOGINE, 1996). Os sistemas fechados tendem a atingir estados independentes do tempo, ou seja, independentemente das condições passadas e futuras eles tendem a manter suas características, não evoluem.

Em contra partida, os sistemas abertos são aqueles que obtêm, utilizam e trocam matéria/energia e informação com seu meio ambiente, e por isso tornam-se mais complexos e elaborados (BERTALANFFY, 1977). Além disso, através dessas trocas, eles podem alterar o conteúdo e a organização de seus contextos. Todo organismo vivo é essencialmente um sistema aberto, pois se mantém em contínuo fluxo de entrada e saída de matéria e informação, conserva-se mediante a construção e a decomposição de componentes, nunca estando, enquanto vivo, em um estado de equilíbrio termodinâmico, mas mantendo-se no chamado estado estacionário ou quase estacionário (BERTALANFFY, 1977). Organismos vivos mostram uma tendência de não se aproximar da desordem e do equilíbrio, a fim de buscar

estruturas altamente organizadas, as quais existem a uma certa distância do equilíbrio. Uma vez que esse sistema está em contínua troca com o meio ambiente, eles estão sujeitos a perturbações que podem quebrar sua estabilidade, as variações produzidas por tais quebras podem ser chamadas de flutuações.

Segundo Kauffman (1997), uma distinção crítica entre um sistema fechado e um sistema aberto é que no primeiro nenhuma informação é trocada com o ambiente e por isso o comportamento do sistema é reversível, já nos sistemas abertos, informações são obtidas e descartadas no ambiente, portanto, o comportamento do sistema não é reversível.

Baseado nas teorias acima, pode-se discutir a interdisciplinaridade por meio da teoria das restrições (NEWELL, 1986). De acordo com a teoria das restrições, os movimentos surgem das interações do sujeito (Indivíduo), do ambiente em que o movimento ocorre e da tarefa a ser executada, ou seja, uma constante troca de informação, possibilitando um sistema com flutuações. Desta maneira, para entendermos interdisciplinaridade no esporte, devemos entender o atleta (Sujeito) como algo que faz interações com o ambiente em que pratica esportes e com as tarefas que o esporte o submete.

A mudança de um dos fatores (sujeito, ambiente e tarefa) resulta em mudança no movimento. A interação do indivíduo, da tarefa e do ambiente modifica o movimento, assim os padrões de interação levam a mudanças no desenvolvimento do sujeito (HAYWOOD; GETCHELL, 2010). Para Newell (1986) o indivíduo, a tarefa e o ambiente agem como limitadores (restrições) ao movimento. Neste contexto, restrições são entendidas como características que levam ao surgimento ou desaparecimento de alguns movimentos. As restrições do indivíduo são características únicas do sujeito e podem ser físicas e mentais. As restrições do ambiente dizem respeito ao mundo que o sujeito vive. As restrições da tarefa estão relacionadas às metas da tarefa, aos movimentos necessários para sua execução, aos objetos e equipamentos utilizados na tarefa e regras da tarefa.

Baseado nas definições teóricas acima, como podemos inserir a interdisciplinaridade no esporte? Como podemos utilizar essa ideia de diálogo entre saberes para intervenção no esporte, não negando a evolução do sujeito que foi tratada nas teorias supracitadas?

Neste cenário, pode-se entender o Esporte e o Atleta (sujeito) como dependentes de diferentes áreas, tanto da área de humanas, como por exemplo a Psicologia e Serviço Social, como da área da saúde, como por exemplo a Educação Física e Fisioterapia, quanto da área da exata, como por exemplo Engenharias e Matemática. Além disso, entender a relação destas diferentes áreas e as diferenças entre as equipes profissionais que atendem o esporte, com o intuito de oferecer ao sujeito possibilidades de modificações do comportamento (evolução), seja no comportamento motor, no comportamento social ou no comportamento psicológico, é de suma importância para o sucesso do sujeito no esporte.

Nesta conduta de raciocínio, em boa parte dos artigos e textos sobre interdisciplinaridade encontra-se a ideia de que a especialização em determinadas ciências fracassou, ou seja,

pensar o sujeito ou o esporte apenas por um olhar não é viável, levando-nos a tentar recompor os fragmentos do saber e superar as barreiras em torno das diferentes áreas do conhecimento, integralizando-as (BERNINI, 2010; FURTADO, 2007; MORIN, 1999; NUNES, 1995; PÁTARO; BOVO, 2012; RANDOM, 2000). Sendo assim, na ciência, em uma visão epistemológica, as áreas do conhecimento nada mais são do que um saber organizado, constituído por um conjunto de teorias, conceitos e métodos voltados para melhor compreensão de fenômenos (FURTADO, 2007). Nesta perspectiva, para que possamos tratar adequadamente do esporte e, principalmente do sujeito que está inserido no esporte, algum grau de interação entre disciplinas próximas deve acontecer, porém a forma e intensidade desse intercâmbio podem variar significativamente (NUNES, 1995).

Na tentativa de caracterizar melhor as diferentes formas de aproximação e trocas entre os saberes e áreas do conhecimento, alguns autores elaboraram conceitos delineando os modos de interação do conhecimento, fixando-os em algum ponto entre dois polos: por um lado, quase nenhum contato entre os conhecimentos, e, no outro extremo, grande intercâmbio entre elas (BERNINI, 2010). Desta forma, surge os termos: multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, que representariam, respectivamente, graus cada vez maiores de interação e troca entre universos do conhecimento distintos (BERNINI, 2010; FURTADO, 2007).

Em síntese, independente das definições que cada termo assume, o grande problema da interdisciplinaridade no esporte nos remete as seguintes reflexões, em relação aos profissionais das equipes interdisciplinares:

Os profissionais necessitam assumir que não sabem de tudo;

Os profissionais devem aceitar contribuições;

Os profissionais precisam aceitar o sujeito como um ser mutável e com inter-relações com o ambiente e com as tarefas;

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Os profissionais devem abrir-se para novos conhecimentos;

Os profissionais devem evitar o individualismo e prezarem pelo coletivismo;

Os profissionais devem trazer à equipe novos conhecimentos, realizando contribuições, ou seja, buscar novos conhecimentos para agregar ao todo (partes e todo – Teoria dos Sistema – Discutida anteriormente no texto);

Os profissionais devem entender que o conhecimento permanecerá, sempre, fragmentado, mas os fragmentos devem “conversar” e ajudar-nos a compreender o esporte e o sujeito em um nível cada vez maior de complexidade.

Sendo assim, devemos ter claro que o conhecimento mudará constantemente, pois nós mudamos constantemente e que as diferentes áreas do conhecimento precisam integrar-se na condução dessas mudanças, sempre em prol da evolução do esporte e do sujeito. No entanto,

essas mudanças só superarão seus obstáculos na medida em que não se basearem em concepções neutras, como a da unidade de um saber perdido que "naturalmente" anseia e converge para uma nova integração.

Referências

ANNETT, J. Motor learning: a review. *Motor behavior: programming, control, and acquisition.* Berlin: Springer-Verlag, 1985. p. 189–192.

BERNINI, D. S. D. A contribuição das ferramentas de Educação a distância no ensino interdisciplinar. *16º CIAED Congresso Internacional ABED de Educação a distância*. Foz do Iguaçu: [s.n.], 2010.

BERTALANFFY, L. V. *Teoria geral dos sistemas.* 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

FURTADO, J. P. Equipes de referência: Arranjo Institucional para potencializar a colaboração entre disciplinas e profissões. *Interface: Communication, Health, Education*, v. 11, n. 22, p. 239–255, 2007.

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. *Desenvolvimento motor ao longo da vida*. 5. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

KAUFFMAN, S. A. O que é a vida? Schrödinger estava certo? *O que é vida? 50 anos depois: especulações sobre o futuro da biologia.* São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

MASETTO, M. T. *Competência pedagógica do professor universitário*. 1. ed. São Paulo: Summus, 2003.

MATTOS, G. *Dicionário Júnior da Língua Portuguesa*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2010.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma e reformar o pensamento.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NEWELL, K. M. Constraints on the development of coordination. In: WADE, G.; WHITING, H. T. A. (Org.). *Motor development in children: aspects of coordination and control.* Dordrecht: Martinus Nijhoff, 1986. p. p.85–122.

NEWELL, K. M. Motor skill acquisition. *Annual Review of Psychology*, v. 42, p. 213–237, 1991.

NUNES, E. D. A questão da interdisciplinaridade no estudo da saúde coletiva e o papel das ciências sociais. In: CANESQUI, A. M. (Org.). *Dilemas e desafios das ciências sociais na saúde coletiva.* São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1995. p. p.95–113.

PÁTARO, R. F.; BOVO, M. C. A interdisciplinaridade como possibilidade de diálogo e trabalho coletivo no campo da pesquisa e da educação. *REVISTA NUPEM*, v. 4, n. 6, p. 45–63, 2012.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. 1. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

RANDOM, M. (ORG.). *O pensamento transdisciplinar e o real.* São Paulo: Triom, 2000.

WEISS, P. A. *Hierarchically organized systems in theory and practice.* New York: Hafner, 1971.

Prof. Ms. André Aroni

Possui Licenciatura Plena em Educação Física pela PUC (2002), Especialização em Fisiologia do Exercício e Atividade Motora Adaptada pela UNICAMP (2006), Mestrado em Treino Desportivo pela ULHT de Lisboa - Portugal (2011). Atualmente é doutorando no programa de Desenvolvimento Humano e Tecnologias da UNESP, com bolsa CAPES no país e estágio de 9 meses na *Florida State University* - Estados Unidos. É pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte (UNESP), pesquisador associado do *Sport Psychology Organization & Research Team* (*Florida State University*), e docente convidado no curso de Pós-graduação em Psicologia do Esporte do Grupo Educacional Estácio.

Resumo

O cenário esportivo atual atingiu um alto padrão de preparação física e técnica. Este fato tem exigido que treinadores e atletas desenvolvam suas competências psicológicas e estratégicas, que muitas vezes são determinantes no resultado final de uma competição ou torneio. Neste sentido, o objetivo desta palestra está em debater a agressão instrumental como uma estratégia competitiva, utilizando argumentos do campo cognitivo para justificar tal pensamento.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

Sobre a agressividade, Machado (1998) destaca que alguns autores sugerem uma origem biológica, ou seja, que todo animal possui um instinto agressivo dirigido a determinadas finalidades, seja por meio de ações físicas ou não (DARÓS, 1989). Segue dizendo que se pode considerar a agressividade instintiva quando analisamos o comportamento de animais, ou mesmo dos seres humanos jovens, pois há neles um sentimento de satisfazer suas necessidades por meio de esforços e agressões que a eles não foram ensinadas (CRATTY, 1973). Recentemente, autores como Adams (2010), Weinberg e Gould (2011) destacaram a importância da agressividade no esporte, julgando ser fundamental para que atletas superem os obstáculos e adversários. Entretanto, eles diferenciam as formas de agressão em: 1) a agressão instrumental, como aquela que o atleta não tem a intenção de machucar o adversário, e sim vencer a partida/ prova/ jogo (objetivo da palestra); 2) a agressão reativa, onde existe intenção de machucar o oponente. Sobre o segundo ponto, vale salientar que ele está próximo

do que se entende como violência, e neste existe a lesão como resultado de uma ação agressiva reativa.

Diante dessas informações, é possível utilizar a agressão instrumental como uma estratégia esportiva? De quais formas? E como ficam os aspectos morais e éticos presentes neste processo?

Para responder essas questões, primeiro é necessário revisar (brevemente) alguns aspectos cognitivos do contexto esportivo, principalmente relacionados ao processo de tomada de decisão. Sanfey (2007) destaca que a tomada de decisão é o processo de selecionar apenas uma resposta em um ambiente de múltiplas respostas possíveis. Uma tomada de decisão efetiva inclui uma boa habilidade para antecipar situações, reconhecer padrões de jogo ou prova e sinais relevantes do ambiente (ALLARD; BURNETTT, 1985; MCPHERSON, 1994; ELFERING-GEMSER et al., 2004; GRECO, 2002; DANTAS; MANOEL, 2005; POOLTON et al., 2005). Neste sentido, pressupondo que o sucesso esportivo depende de boas decisões, pode ser vantajoso pensar em formas de impedir que o adversário tome boas decisões durante um jogo ou prova, o que vem de encontro ao conceito apresentado acima sobre agressão instrumental. Mas como fazer?

Os autores Tenenbaum e Eklund (2007) sugerem que um dos objetivos da Psicologia do Esporte é fazer com que atletas apresentem um alto rendimento nas competições, mesmo sob grandes pressões. Assim, a agressão instrumental se apresenta como uma forma de inverter este processo, uma forma de desestabilizar (estado emocional) ou distrair (cognição) o adversário, fazendo com que ele não tome boas decisões e, consequentemente, não apresente uma boa performance.

Diante dos pontos apresentados, essa estratégia tem sido muito debatida por profissionais de diversas áreas (interdisciplinaridade) da comunidade acadêmica, principalmente por levantar questões éticas e morais (ver MOIOLI, 2013). Desta forma, é importante que novos estudos sejam realizados para que esta lacuna seja preenchida, conseguindo assim desenvolver o processo de treino atual.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Referências

ADAMS, M. Anger management in sport: understanding and controlling violence in athletes. Chicago: Human Kinetics, 2010.

ALLARD, F.; BURNETTI, N. Skill in Sport. Canadian Journal of Psychology, v. 39, n. 2, p. 294-312, 1985.

CRATTY, B. J. Psicologia do esporte. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil, 1973.

DANTAS, L. E. P. T.; MANOEL, E. J. Conhecimento no desempenho de habilidades motoras: o problema do especialista motor. In: Tani, G. (Ed.). Comportamento Motor Aprendizagem e Desenvolvimento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985, p. 295-313.

DARÓS, E. Considerações sobre a torcida e agressividade. 1989. Monografia – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1989.

ELFERING-GEMSER, E. M. T.; VISSCHER, C.; LEMMINK, K. A. P. M.; MULDER, T. W. Relation between multidimensional performance characteristics and level of performance in talented youth field hockey players. Journal of Sports Science, v. 22, n. 11-12, p. 1053-1063, 2004.

GRECO, P. J. Percepção. In: Samulski, D. (Ed.). Psicologia do Esporte: Manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. São Paulo: Manole, 2002, p. 55-78.

MACHADO, A. A. Interferência da Torcida na Ansiedade e Agressividade de Atletas Adolescentes. 1998. 205 f. Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

MCPHERSON, S. L. The Development of Sport Expertise. Quest, v. 46, n. 2, p. 223-240, 1994.

MOIOLI, A. A RELAÇÃO DAS NOVAS MÍDIAS DE COMUNICAÇÃO E O ESPORTE: rupturas e conflitos para a formação moral a partir da representação social do futebol. 301 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

POOLTON, J. M.; MASTERS, W. S. R.; MAXWELL, P. J. The relationship between initial errorless learning conditions and subsequent performance. Human Moviment Science, v. 24, n. 3, p. 362-378, 2005.

SANFEY, G. A. Decision Neuroscience: New directions in studies of judgment and decision making. Current Directions Psychological Science, v. 16, n. 3, p. 151-155, 2007.

TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. Handbook of sport psychology (3. ed.). New York: Wiley, 2007.

WEINBERG. R.; GOULD, D. Foundations of sport and exercise psychology. Chicago: Human Kinetics, 2011.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

PALESTRA: LÍDERES ESPORTIVOS: TÊ-LOS OU NÃO TÊ-LOS? EIS A QUESTÃO!!!

Prof. Dr. Rui Gomes

Rui Gomes é Professor Auxiliar na Escola de Psicologia da Universidade do Minho. Obteve os diferentes graus académicos (Licenciatura, Mestrado e Doutoramento) na área da Psicologia, pela Universidade do Minho, na cidade de Braga, em Portugal. Em termos de investigação, tem desenvolvido trabalhos nas áreas da psicologia do desporto e exercício e do "stress" ocupacional, sendo responsável pelo grupo de investigação "Adaptação, Rendimento e Desenvolvimento Humano" (www.ardh-gi.com/). Ao longo da carreira profissional, trabalhou como psicólogo do desporto em clubes desportivos, efetuando também o acompanhamento a atletas de diferentes modalidades. Atualmente, é psicólogo da seleção nacional de Boccia.

Resumo

A influência dos treinadores no contexto desportivo é inegável, sendo os seus efeitos evidentes na preparação das equipas e dos atletas para o alto rendimento. A este propósito, vários modelos conceptuais foram apresentando indicações acerca dos fatores explicativos da eficácia dos treinadores, pressupondo-se com isso que o rendimento desportivo dos atletas pode ser melhorado na medida em que os treinadores se revelam mais eficazes no seu trabalho (para uma revisão ver Chelladurai, 2007; Gomes, 2014a; Horn, 2008). No entanto, existe ainda a necessidade de esclarecer de que modo se faz sentir esta influência dos treinadores junto das equipas e dos atletas, ou seja, existe ainda algum desconhecimento acerca das representações mentais dos treinadores acerca do seu trabalho bem como acerca do modo como estas representações mentais podem influenciar o seu trabalho e eficácia final.

Considerando este aspeto, nesta comunicação abordaremos o tema da liderança dos treinadores no desporto, tendo por base o Modelo Trifásico de Liderança (Gomes, 2014b). Esta proposta procura compreender a eficácia dos líderes (i.e., treinadores) tendo por base uma análise das representações mentais que estes elaboram acerca do seu trabalho (i.e., qual a filosofia de liderança), a relação das representações mentais com a ação concreta assumida pelos treinadores no dia-a-dia de trabalho com os atletas e o modo estas representações podem condicionar a eficácia dos treinadores. Considerando estes aspetos, o modelo propõe que quanto mais próximo está a ação dos treinadores daquilo que estes consideram importante fazer, maior é a probabilidade de serem eficazes na orientação dos atletas e respetivas equipas.

Tendo por base este modelo, abordaremos nesta comunicação a importância dos treinadores explicitarem a sua filosofia de trabalho junto dos atletas, a importância de assumirem padrões de ação que sejam congruentes com os princípios definidos de liderança e a importância de

estabelecerem critérios de eficácia que permitam aferir acerca da concretização da filosofia da liderança. Alguns estudos preliminares acerca da importância dos treinadores evidenciarem filosofias de liderança transformacionais serão ainda apresentados (Gomes & Resende, 2014; Mata & Gomes, 2013) enquanto forma de tornar evidente o impacto positivo que os treinadores podem ter junto das equipas.

Referências

Chelladurai, P. (2007). Leadership in sports. In G. Tenenbaum & R. C. Eklund (eds.), *Handbook of sport psychology* (3rd ed., pp. 113-135). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons.

Gomes, A.R. (2014a). Transformational leadership: Theory, research, and application to sports. In C. Mohiyeddini (Ed.), *Contemporary topics and trends in the psychology of sports* (pp. 53-114). New York: Nova Science Publishers. Disponível em [Available at] http://hdl.handle.net/1822/26921

Gomes, A.R. (2014b). Leadership and positive human functioning: A triphasic proposal. In A.R. Gomes, R. Resende, & A. Albuquerque (eds.), *Positive human functioning from a multidimensional perspective: Promoting high performance* (Vol. 3, pp. 157-169). New York: Nova Science. Disponível em [Available at] http://hdl.handle.net/1822/28118

Gomes, A.R., & Resende, R. (2014). Assessing leadership styles of coaches and testing the augmentation effect in sport. In C. Mohiyeddini (Ed.), *Contemporary topics and trends in the psychology of sports* (pp. 115-137). New York: Nova Science Publishers. Disponível em [Available at] http://hdl.handle.net/1822/26923

Horn, T. S. (2008). Coaching effectiveness in the sport domain. In T. S. Horn (Ed.), *Advances in sport psychology* (3rd ed., pp. 239-267). Champaign, IL: Human Kinetics.

Mata, R. T., & Gomes, A. R. (2013). Winning or not winning: The influence on coach-athlete relationships and goal achievement. *Journal of Human Sport and Exercise, 8*(4), 986-995. DOI:10.4100/jhse.2013.84.09. Disponível em [Available at] http://hdl.handle.net/1822/27689

PALESTRA: ESPORTE PARALÍMPICO: CONQUISTAS, DESAFIOS E CONTROVÉRSIAS

Prof. Dra. Eliane Mauerberg de Castro

Graduada em educação física (licenciatura) pela Universidade Estadual de Londrina (1983), e tem mestrado e doutorado em psicobiologia pela Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto (1989 e 1993). Realizou dois programas de pós-doutorado na Indiana University, em 1995 sob supervisão da Dra. Bev Ulrich, e em 2000 sob supervisão da Dra. Esther Thelen. Em 1998 foi professora associada na Central Connecticut University, EUA. Em 2005 publicou o livro Atividade Física Adaptada, considerado o primeiro livro-texto escrito por brasileiro na área. Em 2011 editou a segunda edição revisada e ampliada. Em 2006 foi convidada pela Universidade de Esportes da Noruega para atuar como professora visitante no mestrado europeu em atividade física adaptada, promovido pelo Erasmus Mundus. Atua desde 1987 na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Como professora adjunta, orienta alunos em nível de mestrado e doutorado no programa "Ciências da Motricidade"; na UNESP de Rio Claro. Em 1993 fundou o Laboratório da Ação e Percepção (LAP) na Universidade Estadual Paulista (UNESP). O LAP é um local onde professores e alunos podem desenvolver pesquisas em áreas da ciência do movimento e percepção humana. Dra. Mauerberg-deCastro tem experiência na área de educação física adaptada, com ênfase em desenvolvimento motor, percepção e ação incorporando a abordagem teórica de sistemas dinâmicos. Atua principalmente com os seguintes temas: atividade física adaptada e análise de tarefas, desenvolvimento motor em populações com deficiência, controle postural e percepção háptica. Coordena desde 1989 o programa de extensão universitária Programa de Educação Física Adaptada (PROEFA) onde implantou em 1999 propostas de inclusão reunindo tutores--alunos de ensino fundamental com participantes com deficiências em diversos contextos de atividade física e esporte.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Resumo

Atletas Paralímpicos alcançaram nos últimos 50 anos inúmeras conquistas no mundo do esporte, e passam hoje por desafios e controvérsias como qualquer atleta de elite: oportunidades restritivas e acesso à alta tecnologia do esporte, visibilidade na mídia, patrocínio e aposentadoria, aspectos éticos e doping, e lesões esportivas. O objetivo desta apresentação será ilustrar brevemente alguns destes desafios e a realidade no cenário nacional e internacional do esporte Paralímpico.

Deficiência e falta de oportunidades: exclusão no esporte

A prática de esportes é, sem dúvida, uma tradição positiva para instituições e culturas inteiras no mundo. A prática de esportes reflete não só o prestígio do esporte de elite, mas promove a

saúde e os benefícios de reabilitação para todos (DePauw & Gavron, 2005; Vanlandewijck *et al*., 2007).

Desde seu início histórico durante a Segunda Guerra Mundial até hoje, as práticas no esporte para deficientes ainda refletem a concepção de habilidade (do deficiente) sob um enfoque médico, o que culturalmente reforça estereótipos e, num panorama global, coincide com a pobreza econômica e violação de direitos humanos. Mundialmente, metade dos indivíduos com deficiência está desempregada, precisa da ajuda de programas sociais e de caridade, e a maior parte vive na pobreza e isolamento (FILMER, 2008). As pessoas com deficiência têm maior risco para a saúde debilitada devido ao estilo de vida sedentário, resultado da falta de oportunidades para a prática de esportes e exercícios (MARTINEZ-LEAL *et al*., 2011; MCKEON, SLEVIN, & TAGGART, 2013).

De maneira geral, a sociedade percebe deficiência como inferioridade e inevitavelmente desta percepção acaba incorporando um julgamento moral atrelado à superstição (e.g., punição espiritual). A tradição de poder das instituições (e.g., religiosas, escolas, e inclusive as do esporte) é bem ilustrada na tutela em torno da participação dos deficientes por pessoas não deficientes. Independente da competência, pessoas sem deficiência sabem melhor sobre o que os deficientes sentem, sobre o que podem e devem fazer com suas vidas e habilidades (MAUERBERG-deCASTRO, 2011). No panorama do esporte de competição Paralímpica, assim como noutros eventos, raramente indivíduos com deficiência marcam presença na qualidade de técnicos, treinadores, pesquisadores, árbitros, diretores, presidentes de clubes, etc.

O esporte para deficientes e o Movimento Paralímpico

Operacionalmente, o *esporte Paralímpico* é parte do movimento *esporte para deficientes*, mas nem todo esporte para deficientes é Paralímpico (RIOUX, 2012). Os esportes Paralímpicos são rigidamente regulamentados por um *sistema de classificação* que, ao longo da história, associou-se com profundas mudanças sociais, começando com o modelo médico. O movimento Paralímpico extrapolou o evento dos jogos e propôs uma transformação política e social na arena global do esporte. Mas esta transformação ainda está na sua "infância."

Da experiência com sobrevivência e da disciplina com rigorosos programas de reabilitação, indivíduos com deficiência tornaram-se atletas. Dos anos 1960 desde a primeira participação Paralímpica, esses atletas mostraram uma contínua evolução em direção ao esporte espetacular dando origem ao segundo maior evento esportivo no mundo da atualidade, os Jogos Paralímpicos. A participação dos países superou os 80% em 2012. Embora individualmente a ascenção no esporte seja rápida, a participação no esporte de elite ainda é reservada para poucos. Países como o Brasil renovam seus atletas representantes nos Jogos em períodos extensos, em geral a maioria permanece dois ciclos Paralímpicos e, alguns,

chegam a 5 ciclos (e.g., Antonio Tenório e Adria dos Santos). Dos 181 atletas que foram a Londres, 22% foram atletas já haviam participado no evento anterior.

Glória e ética (ou sua falta) no esporte Paralímpico

"Heroísmo" e "atleta exemplar" são adjetivos comuns atribuídos aos atletas deficientes. Mas o mundo das competições Paralímpicas não está imune das farsas, corrupção e uso ilícito de meios para atingir sucesso. A propaganda da inclusão e acessibilidade em torno do meio do esporte Paralímpico promove a ideia de que atletas com deficiência são incondicionais exemplos a serem seguidos. Uma ambiguidade deste conceito é a realidade do doping no esporte. Como qualquer atleta, para os atletas deficientes a glória do sucesso no esporte pode significar prêmios em dinheiro, bolsas e subsídios, contratos de trabalho, e eventualmente visibilidade na mídia—embora a mídia retrate atletas Paralímpicos em monumental desproporcionalidade comparado aos atletas Olímpicos. Então, muitos estão dispostos a arriscar.

Segundo Van de Vliet (2012), 1% das violações das regras antidoping no movimento Paraolímpico é relatada oficialmente e, geralmente acontecem nos períodos de competição. Desde 2000, um total de 60 violações foi registrado pelo Comitê Paralímpico internacional. Destas, 37 foram no halterofilismo, o que chega a 4 vezes o volume de infrações na próxima modalidade, o atletismo.

Nos Jogos Paralímpicos de Sydney em 2000, a prática denominada "*boosting*" começou a ser monitorada dada suas graves consequências para quem a adota (derrame cerebral, hemorragia intracranial ou morte). Lesados medulares com lesões acima da 6ª torácica, por deliberadamente impor dor ou desconforto nas áreas corporais abaixo da lesão, induzem um significativo aumento na pressão arterial com o objetivo de melhorar da circulação. Apesar dos riscos, esses atletas acreditam que o desempenho atlético pode melhorar em até 15%.

O IPC ao lado das federações internacionais e comitês Paralímpicos nacionais organizou o código IPC Anti-Doping (IPC, 2015) com objetivo de "promover e proteger a integridade do esporte e a saúde dos atletas." Entretanto, monitorar o comportamento ético dos atletas espalhados pelo mundo é impossível. Os valores éticos precisam sem reforçados no dia-a-dia entre os atletas e seus técnicos.

O custo do sucesso no esporte

Como o engajamento no esporte de competição, inclusive de alto rendimento, vem muito rápido na vida do atleta deficiente, muitas vezes a soma das sequelas da condição da deficiência em si mais as rotinas de treinamento aumentam os riscos de lesões e sua gravidade. Ainda, devido ao fato de atletas nem sempre terem o suporte financeiro adequado, e suas condições pessoais financeiras ruins, muitos nem procuram ajuda médica e as lesões crônicas acabam surgindo com risco de piora ou adicionais deficiências.

O *survey13* pelo IPC sobre a incidência de lesões esportivas em atletas Paralímpicos realizado em Londres em 2012 é o estudo mais detalhado já realizado até o momento, segundo Webborn e Emery (2014). Um total de 49.910 atletas-dia foram monitorados e um total de 633 lesões foi registrado de 539 atletas. A taxa global de incidência de lesão foi 12,7 lesões/1000 atletas-dia. No caso das mulheres, as taxas de lesões pré-competição foram superiores ao período de competição. Atletas mais velhos mostraram taxas mais elevadas de lesão (22,4 lesões/1000 atletas-dia). Mais da metade das lesões foram lesões traumáticas agudas não reincidentes.

Infelizmente, a falta de estudos nesse assunto indica a dificuldade de se promover a participação segura no esporte para deficientes. Muitos atletas desconhecem suas condições físicas e clínicas e, quando expostos a um fator de risco para lesão, as vezes não o reconhecem porque não estão acostumados a inspecionar áreas corporais afetadas pela deficiência (caso de paralisia devida à lesão medular), ou têm dificuldades sensoriais e/ou motoras para acessar locais possivelmente afetados por uma lesão (caso da paralisia cerebral e cegos). Por outro lado, equipes de apoio e técnicos nem sempre estão atentos aos incidentes e riscos de lesão e alguns desconhecem, inclusive, que algumas demandas de esforço no treinamento mais a interação com o meio ambiente podem ser em si prejudiciais ao atleta (elevadas temperaturas, restrição de acesso aos banheiros para eliminação—uma demanda dos atletas com lesão medular).

Considerações finais

O mundo do esporte Paralímpico deu a oportunidade ao atleta deficiente mostrar seu "esporte espetacular." A interdependência da reabilitação com o esporte favoreceu a evolução da tecnologia, e deu à sociedade (ou parte dela) uma oportunidade de testemunhar o significado de superação. No Brasil, o pódio das medalhas brasileiras que destacou e continua destacando os heróis da superação deve ser um alerta sobre a importância do investimento em futuros (para)atletas. Milhares de deficientes espalhados pelo Brasil ainda esperam por oportunidades de mostrar e vivenciar o que é superação. Muitos não irão se destacar no cenário da elite do esporte, mas se as oportunidades de jogar, correr, saltar, nadar fizerem parte das suas vidas nas quadras da escola e ginásios na comunidade, a trajetória da reabilitação e a preservação da saúde poderão ser ajustadas ao real modelo de inclusão que todos falam e advogam e, mais ainda, materializar o modelo de "esporte para todos."

Referências

DEPAUW, K. & GAVRON, S. Disability Sport (2nd Ed.). Urbana-Champaign: Human Kinetics. 2005.

VANLANDEWIJCK, Y., VAN BIESEN, D., VERELLEN, J., REYNDERS, S., MEYER, C. & VAN DE VLIET, P. Socio-Economic Determinants of Paralympic Success. *Journal of the Brazilian Society of Adapted Motor Activity, vol. 12*, p. S16-S22, 2007.

FILMER, D. Disability, Poverty, and Schooling in Developing Countries: Results from 14 Household Surveys. *The World Bank Economic Review, vol. 22*, p. 141–163, 2008. doi:10.1093/wber/lhm021

MARTÍNEZ-LEAL, R., SALVADOR-CARULLA, L., LINEHAN, C., WALSH, P., WEBER, G., VAN HOVE, G., … KERR, M. The Impact of Living Arrangements and Deinstitutionalisation in the Health Status of Persons with Intellectual Disability in Europe. *Journal of Intellectual Disability Research, vol. 9*, p. 858 -872, 2011.

MAUERBERG-DECASTRO, E. *Atividade Física Adaptada*. Ribeirão Preto: Novo Conceito. 2011.

MCKEON, M., SLEVIN, E., & TAGGART, L. A pilot survey of physical activity in men with an intellectual disability. *Journal of Intellectual Disabilities, vol. 17*, p. 157-167, 2013 .

RIOUX, M.H. Disability rights and change in a global perspective. In J.M. Le Clair (Ed.), Disability in the Global Sport Arena. Taylor & Francis: New York. 2012.

VAN DE VLIET, P. Antidoping in Paralympic Sport. *Clinical Journal of Sport Medicine*, vol. 22, no. 1, 2012.

IPC. IPC Position Statement on autonomic Dysreflexia and Boosting, Section 2, Chapter 4.33, 2009 [acesso em 13 de junho de 2015: http://www.paralympic.org/sites/default/files/document/141113170443787_2014_10_13%2BSec%2Bii%2Bchapter%2B4_3_Position%2BStatement%2Bon%2BAutonomic%2BDysreflexia%2Band%2BBoosting.pdf]

WEBBORN, N., EMERY, C. Descriptive Epidemiology of Paralympic Sports Injuries. *Paralympic Sports Medicine and Science*, vol. 6, S18-S22, 2014.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

Nota da autora

Este resumo reflete o conteúdo do artigo “Vulnerabilidade no esporte Paralímpico” por Eliane Mauerberg-deCastro & Carolina Paioli Tavares, capítulo a ser publicado no livro “Vulnerabilidade no Esporte”, Flávio Rebustini & Afonso Antonio Machado (Eds.).

MESA REDONDA 3: AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO ESPORTE: O QUE É? PARA QUEM? A QUEM SERVE? (12/Set/2015 – 10:30h) - Prof. Dr. José Maria Montiel; Profa. Ms. Isabela Amblard

Prof. Dr. José Maria Montiel

Possui graduação em Psicologia, especialista em Diagnostico e Triagem. Mestre e Doutor em Psicologia com ênfase em Avaliação Psicológica em Contextos de Saúde Mental pela Universidade São Francisco - USF. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Cognitiva e Neuropsicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação psicológica, avaliação neuropsicológica com ênfase em transtornos mentais e problemas de aprendizagem, desenvolvimento de instrumentos para avaliação psicológica e neuropsicológica e intervenções psicológicas. Desenvolvimento de procedimentos de avaliação e intervenção Psicopedagógicos. Atualmente é Professor com dedicação integral e exclusiva do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Psicologia Educacional no Centro Universitário FIEO - UniFIEO/SP - Fundação Instituto de Ensino para Osasco.

Resumo

A área de avaliação psicológica no Brasil nas ultimas década tem passando por significativas revisões e propostas de conceitualizações, especialmente relacionado aos instrumentos utilizados, procedimentos adotados, e o próprio processo de avaliação. Tais revisões tende a aprimorar e promover o desenvolvimento de métodos de avaliação mais precisos e fidedignos. Neste contexto, cabe mencionar que dentre os principais atributos da avaliação psicológica estão a coleta de dados, os instrumentos e as demais informações coletadas pelo psicólogo neste processo (Padilha, 2007). Ainda a avaliação psicológica é definida como procedimentos de avaliação e mensuração do "fenômeno" psicológico, fazendo uso para tanto de meios como os testes psicológicos, com vista na compreensão dos fenômenos humanos (Anastasi & Urbina, 2000; Cronbach, 1996).

Considerando os diversos processos na avaliação os testes psicométricos são os que comumente apresentam melhor aceitação e uso por parte dos profissionais da área psicológica. Outro aspecto que merece destaque são os elementos que compõem os resultados de uma avaliação psicológica, comumente são apresentados de forma numérica, os quais proporcionam pontuações quantitativas às características psicológicas, transformando-as em "produto" e/ou constructo psicológico. Neste contexto é importante ressaltar que a objetividade para a execução da atividade e a facilidade na correção dos resultados, tendem a proporcionar melhor uso de tais instrumentos.

Seguindo os apontamentos acima, sendo os testes psicológicos um meio pelo qual se avalia e compreende os fenômenos psicológicos e fornecendo aspectos relevantes sobre o

funcionamento do indivíduo, as informações coletadas por tais instrumentos devem ser organizadas e corretamente interpretadas, de forma a possibilitar a tomada de decisões no âmbito de sua utilização, possibilitando esclarecimentos daquilo que se pretender compreender e para tanto devendo apresentar estudos as quais se fundamentem e que representem de maneira eficiente os aspectos a serem avaliados (Anastasi & Urbina, 2000). Resumidamente, as condições psicométricas favoráveis devem ser observadas pelos profissionais da área de avaliação psicológica.

Como aponta Pasquali e Alchieri (2001) as condições psicométricas e as evidências de validade de um teste são fatores fundamentais para a utilização destes. Ainda descrevem por exemplo, que a validade de um teste diz respeito ao grau em que este mede o que se propõe medir um constructo psicológico, sendo esta reconhecidamente como um dos mais relevantes aspectos dos testes psicológicos. Nisto vale as considerações e definições da (American Educational Research Association, American Psychological Association & National Council on Measurment in Education, 1999), que enfatizam que tais evidencias estão relacionadas ao grau em que as evidências da avaliação e a teoria corroboram as interpretações sobre os escores em um teste conforme os usos propostos por este instrumento, ou seja, se realmente mede aquilo que está se propondo medir.

Dentre os diferentes aspectos a serem considerados, outro que merece destaque são os aspectos éticos relativos às avaliações. Estas devem se constituir com um referencial básico na profissional e social as quais envolvem a criação e reflexão de etapas e condutas profissionais durante as avaliações, fazendo com que as investigações psicológicas tenham objetivos claros e independentemente do contexto que esteja inserida (CFP, 2001). Vale destacar os apontamentos de Batram (1998), o seguimento de diretrizes tendem a conduzir ao uso adequado de instrumentos de avaliações, fundamentais para equilibrar a liberdade com responsabilidade, evitando assim ideias prescritivas e inibidoras para o uso métodos de avaliação, sendo funcionais, que definam a prática profissional em qualquer âmbito de atuação.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

Seguindo os apontamentos anteriormente descritos a Avaliação Psicológica, no âmbito do Esporte os mesmo princípios e pressupostos devem ser considerados e seguidos, uma vez que o fenômeno psicológico é fator primordial para este contexto também. Neste contexto a avaliação psicológica está relacionada ao preparo emocional do praticante, de modo a auxiliar no desenvolvimento de estruturas específicas ao lidar com situações adversas em diferentes momentos e situações, sejam essas de competição ou apenas simulação, tais como pressões internas e externas, mas com o principal objetivo de gerar e conquistar resultados favoráveis.

Considerações finais

Os pressupostos da Avaliação Psicológica aplicada no contexto Esportivo devem ser seguidos e o profissional deve estar atento, as peculiaridades, as atitudes e as reações dos praticantes em seus variados momentos, sejam em treinos, pré e pós-competição, treinos sem visar a

competição, especificamente à conduta, disciplina e motivação para a prática das modalidades em questão. Desta maneira, a avaliação Psicológica no contexto esportivo deve tornar-se uma questão primordial, podendo favorecer e facilitar que praticantes de atividades esportivas tenham melhor desempenho e melhores condições de execução, de modo a facilitar orientações e possíveis intervenções, e com isso melhorar a performance dos envolvidos neste caso praticantes e atletas.

Referências

American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education (1999). Standards for Educational and Psychological Testing. Washington, DC: American Educational Research Association.

Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed.

Bartram, D. (1998). The need for International Guidelines on Standards for Test Use a Review ou European and International Initiatives. *European Psychologist, 3* (2), 155-163.

CFP (2001). *Resolução nº 25/2001 do Conselho Federal de Psicologia*. Disponível em http://www.pol.org.br Acessado em 15/05/2005.

Cronbach, L. J. (1996). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

International Test Commission, (2000). *ITC International Test Commission.* Disponível em http://www.intestcom.org/>. Acessado em 23/03/2015.

Padilha, S., Noronha, A. P. P., & Fagan, C. Z. (2007). Instruments for psychological assessment: use and referee by psychologists. *Avaliação Psicológica*, *6*(1), 69-76.

Pasquali, L. & Alchieri, J. C. (2001). *Os Testes Psicológicos no Brasil*. Em: L. Pasquali (Ed.). Técnicas de Exame Psicológico – TEP – Manual. (pp. 195-221). São Paulo: Casa do Psicólogo, Conselho Federal de Psicologia.

Pasquali, L. & Alves, A. R. (1999). *Testes referentes a conteúdo: medidas educacionais.* In L. Pasquali (Ed.). Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração, (pp. 141-208). Brasília: LabPAM; IBAPP.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

Prof. Doutoranda Isabela Amblard

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2012). Especialista em Neuropsicologia Clínica pelo Centro de Psicologia Hospitalar e Domiciliar do Nordeste (2011) e Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Santos (2005). Atua como professora do curso de Pós-Graduação em Treinamento Esportivo, da Universidade de Pernambuco. É professora do curso de Pós-Graduação em Avaliação Psicológica, da Faculdade Frassinetti do Recife e

professora do Ensino Superior do Centro Universitário Maurício de Nassau. Experiência profissional como psicóloga nas áreas de Avaliação Psicológica, Psicologia Clínica e Psicologia do Esporte.

Resumo

A apresentação sobre a temática proposta pretende responder a algumas questões básicas relacionadas a avaliação psicológica no esporte, quais sejam: o que é; a quem se destina; para quem serve. Tais questionamentos se fazem presentes, pois, embora a avaliação psicológica seja um tema bastante conhecido à Psicologia, no contexto esportivo ainda se faz necessário um aprofundamento maior sobre o assunto dada a carência de pesquisas brasileiras sobre a área, bem como a pouca disseminação de conteúdos a respeito.

Tal realidade dificulta o desenvolvimento da área no país, trazendo uma série de desafios a serem contornados. O fato é que o esporte tem demonstrado desenvolvimento contínuo e, assim, despertado nas pessoas uma busca incessante pela superação, bem-estar e otimização de habilidades psicológicas. A avaliação psicológica revela a sua importância na medida em que é capaz de mensurar aspectos relevantes sobre o funcionamento da pessoa e, consequentemente, contribuir ao desenvolvimento pessoal e desempenho de atletas na medida em que os fatores apontados podem ser trabalhados.

Revisão de literatura

Segundo o Conselho Federal de Psicologia (2010, p. 16),

A avaliação psicológica é um processo de construção de conhecimentos acerca de aspectos psicológicos, com a finalidade de produzir, orientar, monitorar e encaminhar ações e intervenções sobre a pessoa avaliada, e, portanto, requer cuidados no planejamento, na análise e na síntese dos resultados obtidos.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

Os fenômenos psicológicos ocorrem a todo momento em que um ser humano se faz presente. Nesse sentido, a realização de uma avaliação psicológica, com objetivos bem delineados, que dizem respeito ao que se pretende avaliar e o porquê do procedimento, podem acontecer nas diversas áreas de atuação (CRUZ; ALCHIERI; SARDÁ JÚNIOR, 2002).

No contexto esportivo, a avaliação psicológica pode ocorrer por motivos diversos e constitui-se como um levantamento das habilidades específicas de um atleta, bem como de características comportamentais relacionadas a sua prática esportiva. Tais aspectos podem variar de acordo com a modalidade esportiva em questão, pois diante da diversidade de movimentos, técnicas a serem executadas, assim como de acordo com as regras e o funcionamento da prática esportiva, os atletas necessitam utilizar habilidades diferentes e regulá-las, como atenção concentrada e/ou dividida, motivação, liderança, ansiedade, estresse, entre outras.

A avaliação torna-se, portanto, fundamental ao autoconhecimento de cada atleta, bem como a possibilidade de fornecer informações à comissão técnica e familiares sobre o perfil dos atletas e, assim, facilitar o planejamento das ações esportivas e da intervenção psicológica (SAMULSKI; PARREIRAS, 2009). Avaliar não deve ser uma ação isolada, pois assim como qualquer outra atividade na Psicologia só tem sentido quando acompanhada por outras ações que possibilitem o desenvolvimento da pessoa envolvida (CRUZ; ALCHIERI; SARDÁ JÚNIOR, 2002).

A avaliação é utilizada como parte do processo de intervenção psicológica, no período introdutório, para obtenção de dados sobre os atletas de uma forma mais detalhada e rápida, pois, normalmente, as demandas que surgem na Psicologia do Esporte requerem uma atuação rápida e eficaz. Ela pode ser útil também em um trabalho de consultoria à equipe/comissão técnica, mediante solicitação por psicólogos responsáveis pela intervenção na área esportiva, ou por outros profissionais que façam parte da equipe multiprofissional e julguem tal procedimento necessário, pois os resultados obtidos através de uma avaliação instrumentalizam uma possível intervenção posterior.

Torna-se fundamental, portanto, uma difusão maior acerca da avaliação psicológica para todos os profissionais envolvidos no esporte, pois a sua não utilização como ferramenta capaz de contribuir ao desenvolvimento de uma equipe pode estar atrelada ao desconhecimento das pessoas sobre a sua existência e importância.

É comum o processo avaliativo se estender por alguns encontros, nas quais o(a) psicólogo(a) pode utilizar-se de diversas possibilidades de investigação, como os testes psicológicos, questionários e/ou inventários, entrevistas, dinâmicas de grupo (URBINA, 2007) e observação de treinamentos, competições (RÚBIO, 2007). Cabe, aqui, a ressalva para uma das particularidades relacionadas a avaliação psicológica no esporte (observação de treinamentos e competições), por ser de extrema importância à compreensão de como os atletas atuam no cenário esportivo/competitivo e da dinâmica de interação entre atletas e comissão técnica. Observar, em campo, parece uma boa oportunidade para conhecer melhor o atleta.

Vale salientar que a avaliação psicológica no esporte não é restrita aos atletas, mas inclui os demais atores sociais inseridos nesse contexto, como membros da comissão técnica e dirigentes, haja vista que o comportamento destes influencia diretamente os atletas e, em consequência, o seu bem-estar e rendimento em treinos e competições.

Referências

RÚBIO, K. Avaliação em psicologia do esporte e a busca de indicadores de rendimento. In: ANGELO, L. F.; RÚBIO, K. (Orgs.). Instrumentos de Avaliação em Psicologia do Esporte. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Avaliação psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão. Brasília: CFP, 2010.

CRUZ, R. M.; ALCHIERI, J. C.; SARDÁ JÚNIOR, J. J. Avaliações e medidas psicológicas: produção do conhecimento e da intervenção profissional. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2002.

SAMULSKI, D. M.; PARREIRAS, L. A. M. Personalidade. In: SAMULSKI, D. Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas. Barueri, SP: Manole, 2009, p. 35-57.

URBINA, S.; tradução Cláudia Dornelles. Fundamentos da Testagem Psicológica. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

MESA REDONDA 4: POR QUE A PSICOLOGIA DO ESPORTE NÃO É APLICADA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR?

(12/Set/2015 – 14:00h) - Prof. Dr. Rubens Venditti Junior; Prof. Dr. Altair Moioli; Prof. Ms. Gustavo Lima Isler

Prof. Dr. Rubens Venditti Junior

Pesquisador e Docente no Ensino Superior na Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP- Campus Bauru) no Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências. Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) na modalidade de Bacharelado em Treinamento em Esportes (2001), Licenciatura Plena em Educação Física (2004). Também se titulou com Mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2005), na área de Pedagogia do Movimento e Doutorado em Educação Física e Sociedade, na Linha de Aspectos Psicológicos do Movimento Humano (Psicologia do Esporte e do Exercício), período de 2005 a 2010. Em ambos os trabalhos, estudou a autoeficácia docente e a atuação e formação do profissional de Educação Física Adaptada e suas relações com a motivação para a realização. Tem experiência na área de Educação Física Escolar, Recreação e Lazer e Docência no Ensino Superior (Ensino, Pesquisa e Extensão), com ênfase em Atividade Motora Adaptada, Psicologia do Esporte e do Exercício e Pedagogia do Esporte.

Resumo

O objetivo desta mesa redonda está basicamente focado em aprofundar e destacar fatores que não viabilizam a Psicologia do Esporte no contexto escolar (MACHADO, 2006), distanciando as questões conceituais e teóricas das potencialidades de aplicação e utilização da mesma na Educação Física escolar.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Inicialmente, iremos contextualizar e caracterizar o ambiente específico da Educação Física escolar, com suas singularidades disciplinares e aspectos práticos muitas vezes discrepantes das outras disciplinas escolares, destacando seus conteúdos, objetivos e particularidades na realidade educacional, destacando sua importância no processo educacional e no desenvolvimento (DARIDO e RANGEL, 2005; VENDITTI JR, 2005; 2014).

Além da importância das práticas corporais, as questões socioculturais e o respeito às diferenças dos indivíduos integrantes desse contexto, podemos observar e apontar diversos aspectos psicológicos inerentes no contexto da Educação Física escolar (WINTERSTEIN e VENDITTI JR, 2008), que podem ser desenvolvidos nas dimensões procedimentais e atitudinais, favorecendo também as questões biofisiológicas e socioculturais.

Estes aspectos são sempre destacados em acaloradas discussões interdisciplinares, inclusive dentro do âmbito das Ciências do Esporte.

Porém quase sempre se encontram sem sistematizações ou regularidades, com intervenções pontuais ou sazonais, nunca com preocupação de serem trabalhos a médio ou longo prazo, e tampouco de forma continuada inserida e planejada.

É nesse ponto que podemos refletir se o que encontramos atualmente no contexto educacional é a *Psicologia DO Esporte*, autêntica e derivada das Ciências do Esporte, tão em voga atualmente, ou se o que observamos é *a Psicologia NO Esporte*, uma Psicologia tradicional (e muitas vezes derivada da Psicologia Clínica), apenas aplicada e sem aprofundamento ou sistematizações no contexto escolar.

Será que podemos nos arriscar a esboçar uma Psicologia do Esporte Escolar?Qual (ou quais) as contribuições e possibilidades que o profissional de Educação Física atuante pode trazer para a área em discussão?

E como os mesmos podem desenvolver estratégias de aplicação e instrumentos avaliativos para auxiliarem no difícil papel dos educadores em suas ações docentes?

Como podemos atuar de maneira integrada e interdisciplinar ou multidisciplinar, associando nosso trabalho com o de outros educadores e também dos psicólogos escolares?

Apresentaremos na discussão diversos tópicos e temáticas, presentes quando tratamos da Psicologia do Esporte em contexto escolar (MACHADO, 2006; WINTERSTEIN e VENDITTI JR, 2008; SAMULSKI, 2002).

Podemos destacar vários deles, e aprofundaremos os mesmos e suas relações com as atividades e conteúdos da Educação Física escolar, presentes nas aulas e práticas corporais.

Uma temática muito pertinente seria a motivação e aspectos que incidem diretamente na motivação do professor e dos alunos nessas aulas de Educação Física escolar (WINTERSTEIN, 2004; VENDITTI JR, 2014).

Também podemos levantar a importância da questão sensorial, mostrando a importância de se trabalhar com jogos sensoriais e desenvolver as relações sensoriais e perceptivas com a memória sensorial de nossos alunos, desenvolvendo e integrando os sentidos e diversas formas de interpretarmos o ambiente ao nosso redor.

Estratégias de atenção e concentração, utilização de dinâmicas e jogos que mantenham o foco e o envolvimento dos alunos podem também ser destacados (SAMULSKI, 2002).

É necessário percebermos que as aulas de Educação Física escolar são ricos espaços para experimentarmos diversas sensações e partilharmos estados comportamentais e emoções interessantes: *alegria, prazer, raiva, vergonha, surpresa, ansiedade, medo, dor, descanso/relaxamento*.

Essa miscelânea emocional é pobremente trabalhada por nós profissionais de Educação Física, sendo que ao compreendermos a Psicologia do Esporte e desenvolvermos estratégias de aplicação da mesma em nossas rotinas de aula, podemos favorecer o desenvolvimento emocional de nossos alunos, a partir do convívio e partilha das atividades nas aulas.

Mesmo as aulas trazendo diversas situações de alegria e prazer, também podemos encontrar aspectos que comprometem a participação e engajamento de nossos alunos nas aulas, uma vez que em algumas manifestações corporais, teremos a questão dos diferentes níveis de habilidades e competências motoras, que interferem no rendimento e trazem à tona a questão dos aspectos da competição e da comparação entre os alunos.

Especialização Esportiva Precoce, turmas com alunos em diferentes níveis de habilidades motoras e com diversas bagagens e experiências corporais também podem ser suscitados como empecilhos para o desenvolvimento pleno e integral dos mesmos.

Nesse ponto, a Psicologia do Esporte Escolar pode colaborar ao nos mostrar como podemos compreender as diferentes reações emocionais frente ao estresse esportivo, questões de ansiedade e estado de Flow, bem como auxiliar os alunos nas questões do desenvolvimento da Imagem Corporal e sentimento de Pertencimento ao Grupo e ao contexto das aulas.

Muito presente no contexto escolar, a Pedagogia do Esporte tem nos mostrado que um simples gesto ou ação motora é demasiado complexo para ser concebido, planejado e executado; suscitando que hoje, buscamos desenvolver habilidades que vão além dos aspectos motores, mas habilidades sociais, habilidades cognitivas e compreensão dos jogos, brincadeiras e objetivos de cada atividade proposta.

Esse seria o momento final da explanação, que se iniciou com a trajetória e situação da Educação Física escolar atual, passando pela discussão de termos uma Psicologia do Esporte autônoma ou ainda aplicada em diversos contextos da Educação Física.

Mas muitas vezes essa Psicologia do Esporte não permite aos educadores compreenderem melhor esses aspectos levantados e nem permitindo que a Psicologia do Esporte atue integrada com outras Ciências do Esporte, tais quais Pedagogia do Esporte Escolar e a Didática de Aula, nem com aspectos fisiológicos e da saúde que também são possíveis de serem discutidos na Educação Física Escolar.

Essas discussões permeiam a nossa fala nessa mesa redonda e são de fundamental importância, uma vez que repercutem não somente na formação profissional como também nas possibilidades de novos espaços de atuação de psicólogos, profissionais de Educação Física, assistentes sociais dentre outros.

Provavelmente, a questão de mostrarmos a aplicabilidade e possibilidades de se compreender os aspectos psicológicos e comportamentais na Educação Física escolar, bem como desenvolver e aprofundar estratégias e planos de ação que contemplem as questões atitudinais.

Também vale ressaltar as relações de poder e lideranças nas aulas, a motivação dos professores e alunos, estratégias de concentração e comunicação e processos avaliativos e cognitivos de planejamento das ações motoras com acompanhamentos psicológicos possam nos apontar possíveis soluções para o reconhecimento e legitimidade da Educação Física escolar, como fator importante não somente ao desenvolvimento motor e sociocultural, mas para questões de convívio e respeito social, abordando questões favoráveis ao desenvolvimento intelectual e moral, com ética e respeito às diferenças.

Outro aspecto que vale a reflexão está na maior interação e troca principalmente entre os educadores e a figura do psicólogo no contexto educacional, permitindo que cada um destes profissionais por meio de suas perspectivas possa colaborar e auxiliar no trabalho do outro colega, permitindo espaço para desenvolvimento e aplicação de teorias na área educacional e esportiva, bem como espaço para pesquisas e intervenções integradas, que desenvolveria sobremaneira a área da Psicologia do Esporte.

Referências

AZZI, Roberta Gurgel; POLYDORO, Soely Aparecida J. *Auto-eficacia em diferentes contextos*. Campinas: Alínea, 2006, p. 127-148.

BARRIOS, Fátima; LAGO; Laura M.; GARCIA, Miriam C.; MACHADO, Patrícia P.; VENDITTI JR, Rubens. A motivação do profissional de Educação Física escolar e sua interferência na prática docente. (Artigo de conclusão de curso – PEE) Universidade Estadual de Campinas, 2004.

BORUCHOVITCH, E; BZUNECK, J. A. (Orgs.). *A motivação do aluno:* contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2001.

DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006.

DE ROSE JR. Dante. (org). Esporte e atividade física na infância e na adolescência. Porto Alegre: Artmed, 2. ed., 2008.

MACHADO, A.A. Psicologia do Esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006.

PASQUALI, L. (org.) Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração. Brasília: Editora UnB, 1999.

SAMULSKI, Dietmar. Psicologia do esporte: manual para a educação física, psicologia e fisioterapia. Barueri: Manole, 2002.

VENDITTI JÚNIOR, Rubens. Autoeficácia e motivação para realização em profissionais de educação física adaptada. 2010. 228 f. Tese (Doutorado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

VENDITTI JR. R. Autoeficácia Docente e Motivação para a Realização em profissionais de Educação Física Adaptada. CRV: Curitiba, 2014.

WINTERSTEIN, P.J. Fomento da motivação em aulas de Educação Física e programas de intervenção para professores. Intercâmbios Científicos Internacionais em Educação Física e Esportes. Ijuí: 157-176, 2004.

WINTERSTEIN, P.J. VENDITTI JR, R. *A motivação para as práticas corporais e para o esporte*. In: DE ROSE Jr. D. et all. *Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência*. 2.a. ed., Porto Alegre: Artmed, 2008. (p. 115-136).

Prof. Dr. Altair Moioli

Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física e Desportos de Catanduva (1982). Mestre em Ciências da Motricidade Humana pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004). Doutor pelo Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, UNESP Campus de Rio Claro-SP (2013). Atualmente é professor do Centro Universitário de Rio Preto-UNIRP e Universidade Paulista -UNIP. Coordenandor do Curso de Pós Graduação em Educação Física Escolar da UNIRP. Coordenador do Departamento de Esporte-Educação da Secretaria de Esportes da cidade de São José do Rio Preto-SP desde 1993. Tem experiência na área esportiva, com ênfase em Educação Física Escolar, iniciação esportiva. Atua e pesquisa com temas relacionados a educação, futebol, educação física, psicologia do esporte, desenvolvimento humano e tecnologias.

Resumo

Abordar o tema Educação Física Escolar constantemente leva o interlocutor a retratar seu legado pedagógico, vinculado aos inúmeros papéis assumidos em diferentes períodos históricos, ainda, a interminável discussão a respeito da relação teoria e prática, ou as

inevitáveis críticas aos conteúdos hegemônicos, especialmente adotando o esporte como exclusividade das práticas corporais.

É inegável a multiplicidade de temas relacionados à área, mesmo porque, como aponta Darido (2003); Darido; Rangel (2005), o Professor de Educação Física depara-se com uma diversidade de abordagens e tendências pedagógicas que dificilmente consegue assumir sua prática docente pautada em uma concepção teórica pura. A atuação do professor sempre será influenciada por diversas propostas didáticas, metodologias inovadoras ou tradicionais, mas, sobretudo, apoiará sua prática em conteúdos que tenha domínio e conhecimento.

Portanto, a diversificação de conteúdos, a atenção aos alunos menos habilidosos, as propostas de inclusão e o planejamento e seleção das atividades sofrerão interferências do cotidiano, da coordenação escolar e de outros elementos externos à sua área de intervenção, como por exemplo, os meios de comunicação de massa, as novas tecnologias de informação digitais e uma cultura escolar carregada de nuanças e matizes que regem às dinâmicas corporais e a estrutura social da escola.

As questões apresentadas, evidentemente, ganham significado importante quando a discussão e análise têm como objetivo o desenvolvimento e a formação do aluno vinculado a uma educação humanista e integral.

Levando-se em consideração os pressupostos apresentados nos documentos oficiais (BRASIL, 1996; BRASIL, 1997; BRASIL, 1998; BRASIL, 2010) que regulamenta, institui e orienta a organização curricular e, por consequência, garantem a Educação Física como componente curricular obrigatório da Educação Básica pressupõe-se a formação do aluno pautado na reflexão crítica, no humanismo e nas competências e habilidades por meio de vivências corporais e na relevância cultural das aprendizagens.

Quando as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2010) insere a Educação Física na área das linguagens, códigos e suas tecnologias, implica aos profissionais da Educação e Educação Física trabalhar com as manifestações corporais como processos de comunicação carregados de significados, que promovem a divulgação dos signos daquele território para serem apropriados e tatuados no corpo dos alunos.

Ocorre, entretanto, que a dimensão dos conteúdos – conceituais, procedimentais e atitudinais (BRASIL, 1998; DARIDO, 2003) é atravessada pela realidade regional, pelas particularidades contextuais e comunitárias, e sobretudo, de maneira contundente, pelas dinâmicas culturais produzidas no interior da escola.

A organização social escolar, hierarquizada, carregada de nuanças e matizes culturais peculiares constitui-se como o *lucus* para o estreitamento das relações pessoais, para formação dos grupos e tribos, para as disputas e lutas por território e poder, para a construção e disseminação de regras de convivência, para a reprodução da cultura adolescente, para a

produção e mediação de conflitos e, por fim, para o ensino, aprendizagem e transferência de conhecimento (MOIOLI, NICOLETTI, SOUZA, 2010).

Não se pode negar, portanto, que toda dinâmica corporal que ocorre na escola sofrerá intensos ataques das manifestações emocionais próprios desse território e de outros ambientes que integram a vida do aluno. Portanto, é nesse cenário que o Professor de Educação Física desenvolverá suas atividades e enfrentará os conflitos emocionais advindos das inter-relações pessoais que ocorrem com seus alunos.

Atenção básica e situações de intervenção em psicologia do esporte na escola

O ambiente escolar se configura como um importante meio para a produção de cultura, de regras, das convenções sociais, das diferentes linguagens corporais, contribuindo para transformar o conhecimento dos alunos em representações sociais.

A infraestrutura escolar – baseada em uma arquitetura repressiva, contribui para o surgimento de intensos conflitos, guerras por território e poder, próprios de uma fase do desenvolvimento do sujeito, que tem como objetivo garantir *status* e atender a necessidade de pertença.

Cumprir com seu papel de reprodução da cultura e das ideologias dominantes, ou, em sentido oposto, assumir um papel de instituição emancipatória com potencial de transformar a realidade do aluno (GUIMARÃES, 2001; DARIDO, 2005; LUCKESI, 1994), a Escola constitui-se como das instituições para a formação do homem, empreendendo a missão de organizar a vida intelectual e emotiva dos que frequentam o território escolar. Na estrutura escolar, integram e se relacionam professores, alunos, coordenadores, pais, ex-alunos, funcionários, que expressam sentimentos, imprimem suas marcas e ressignificam ações cotidianas como parte do processo educativo.

Desse modo, a atuação dos Professores, em particular, de Educação Física, é balizada pela dimensão cultural, especialmente, pela influência da mídia, dos alunos, dos pais, da direção da escola e, sobretudo, de acordo com as experiências esportivas vividas. Suas ações estão intrínseca e extrinsecamente sugestionadas pelos meios de comunicação, mais precisamente pela televisão, e mais recentemente, pelas tecnologias digitais moveis (MOIOLI, MACHADO, 2003; MOIOLI et. al., 2011).

Portanto, algumas condições são essências para uma atenção básica que deveria, juntamente com as ações pedagógicas, contribuir com manejos positivos para o equilíbrio das manifestações emocionais.

A motivação para a prática esportiva, a ansiedade provocada pelas competições, a agressividade e a violência inerentes ao processo competitivo – pessoal e coletivo, a inclusão e a segregação vivenciadas no mundo esportivo, o uso e abuso de doping, os descompassos referente ao culto ao corpo, as conturbadas questões de gênero, as complexas relações afetivas, os estereótipos e estigmas sociais, a cultura da virilidade masculina e da submissão feminina, o consumo de droga lícita e ilícita, o preconceito, a discriminação, a xenofobia, a

homofobia, fazem parte de um processo de atenção básica e de situações de intervenção da psicologia geral, da psicologia social e/ou da psicologia do esporte.

Apoio e formação do profissional de educação física

Esse cenário de caos e serenidade, guerra e paz, amor e ódio, comprometimento ou desinteresse pela escola e da escola, exige a preparação e formação de profissionais com competências e habilidades para atuação docente diversificada, com fundamentação teórica em diferentes áreas do conhecimento. Formação e conhecimento que, em muitos casos, não são oferecidos pelas instituições formadoras ou então, são superficialmente ministrados, fazendo com que a formação do Professor seja fragmentada, descontextualizada e, quase sempre, sem possibilidade de articulação entre as diversas áreas do conhecimento.

Vale lembrar, entretanto, que tal conhecimento deve ser buscado em um processo de formação continuada. Para suprir essa deficiência da graduação, alguns laboratórios vinculados aos Programas de Pós-Graduação oferecem recursos didáticos e metodológicos de apoio aos profissionais que estão inseridos diretamente no processo final de ensino. A título de exemplo, o Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicologia do Esporte – LEPESPE, (www.lepespe.com) tem contribuído com esse processo, oferecendo cursos com temas específicos da área da Psicologia do Esporte, utilizando os recursos das plataformas *online*, pelo sistema EAD.

Por que a Psicologia do Esporte não é aplicada nas aulas de Educação Física Escolar

Até aqui, o quadro apresentado no processo de educação formal é composto por uma extensa e intensa cultura extraescolar que modela as relações interpessoais no "chão da escola", pela ineficiência da estrutura educacional que não acompanha as transformações da sociedade contemporânea, pela desmotivação e baixa expectativa de alunos e professores, e ainda, pela falta de incentivo da formação continuada de professores e gestores.

Assim, as demandas educacionais brotam e se multiplicam em diferentes contextos, com roupagens distintas para cada escola ou mesmo para cada sala de aula, exigindo atenção para além das atribuições curriculares. Essas demandas – emocionais, de aprendizagens, culturais, sociais, econômicas, sobrecarregam as funções pedagógicas, colocando o profissional de educação – professores e gestores, em estados de estresse físico e psicológico que afetam seu desempenho e inviabiliza ações inovadoras de aprendizagem.

Nesse cenário, o papel da Coordenação e Direção escolar torna-se basilar para alinhavar ações que provoquem mudanças. Assim, deve compreender as dimensões do esporte para além da reprodução de movimento e conquistas de resultados esportivos em competições escolares. Alimentar a visão competitivista dos conteúdos da educação física, uma prática corriqueira no interior das escolas, perpetuando um processo de seleção e segregação dos alunos, não contribui para amenizar os desafios do esporte escolar e seus efeitos práticos.

Por outro lado, a formação de Professores de Educação Física também sofre com a legislação em vigor, tendo em vista a reduzida carga horária que é destinada às disciplinas da área (psicologia do desenvolvimento, psicologia do esporte, psicologia geral, didática) nos cursos de graduação. Em alguns casos, para complicar ainda mais a situação, tais disciplinas são oferecidas pelo sistema EAD ou como optativas.

Mesmo que, como aponta Vieira et al (2010; 2013), a disciplina de Psicologia do Esporte seja oferecida mais nos cursos de Educação Física do que nos de Psicologia, ainda assim, sua carga horária é insuficiente para desenvolver nos Professores de Educação Física, competências específicas para o manejo das manifestações emocionais nos alunos, provocando desinteresse e desconhecimento por parte dos profissionais.

Complementando as deficiências de intervenção com base nos conhecimentos da Psicologia do Esporte nas aulas de Educação Física Escolar, percebe-se também um volume importante de produção acadêmica, via programas de pós-graduação, voltado para o ambiente esportivo de alta competição. Por certo que o esporte de alto rendimento representa um fenômeno sociocultural que mobiliza todos os setores da sociedade. Mas colocar a Escola, a Educação e a Educação Física Escolar à margem do processo de produção do conhecimento, também não contribui para que os profissionais que estão diretamente envolvidos com os alunos possam utilizar as informações atualizadas e assim, minimizar os problemas enfrentados na docência.

Por fim, caberia ao Professor de Educação Física, utilizando-se de um processo interdisciplinar com as demais áreas curriculares, conduzir com propriedade e segurança as diferentes manifestações emocionais durante a permanência dos alunos no território da escola. O que se deseja, não é blindar os alunos de todas as intercorrências emocionais que o esporte provoca. Mas sim, fazê-los perceber a importância de expressar as diferentes emoções e retirar delas as experiências necessárias para o fortalecimento do quadro psicológico.

Administrar emoções como alegria, tristeza, angústia, medo, apreensão, ansiedade, culpa, frustração, permite ao aluno compor um quadro psicológico maduro que permitirá a continuidade na carreira esportiva ou, de fato, a aderência à atividade física e esportiva no decorrer da vida.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física, Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, Resolução nº 4, de 13 de Julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais

Gerais para a Educação Básica. Resolução CNE/CEB 4/2010. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de julho de 2010, Seção 1, p. 824.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica. Acessado em

DARIDO, S. C.. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. A. (Coord.) *Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. il. - (Educação Física no Ensino Superior).

GUIMARÃES, I. V. Escola e Televisão: para além dos antagonismos. *Revista de Comunicação e Educação*. São Paulo: Eca USP Ano VII, n. 21, maio/ago. de 2001. p. 17-28

LUCKESI, C. C.. *Filosofia da Educação.* São Paulo: Editora Cortez, 1994.p. 37-51.

MOIOLI, A.; MACHADO, A. A. A cultura midiática e a prática pedagógica nas aulas de educação física e a manutenção dos estereótipos de gênero. In: FONTOURA, P. (Org.). *Revista Pesquisa em Educação Física*. Jundiaí: Fontoura, 2003b. p.136.

MOIOLI, A.; NICOLETTI, L. P.; SOUZA, G. C.. A agressividade nas aulas de educação física escolar: um estudo de caso. *Revista Coleção Pesquisa em Educação Física*. Editora Fontoura. v.9, n. 1, 2010. p.07-14.

MOIOLI, A.; MACHADO, A. A.; REBUSTINI, F.; ZANETTI, M. C.; SCHIAVON, M.. O ESPORTE E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: *lócus* para análise da educação moral. *Revista Coleção Pesquisa em Educação Física.* Vol. 10, n. 6, 2011. Várzea Paulista-SP: Fontoura. p.125-132.

VIEIRA, L.F.; NASCIMENTO JUNIOR, J.R.A.; VIEIRA, J.L.L.. O estado da arte da pesquisa em Psicologia do Esporte no Brasil. *Revista de Psicología del Deporte*, 22(2) 501-507. Julho-Dezembro, 2013. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=235128058020

VIEIRA, L. F. et al . Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia. *Psicol. estud.*, Maringá , v. 15, n. 2, p. 391-399, jun. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000200018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 maio 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722010000200018.

Prof. Ms. Gustavo Lima Isler

Graduado em Educação Física, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999) e Mestre em Ciências da Motricidade na linha de pesquisa Estados Emocionais e Movimento, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Atualmente é doutorando pelo programa Desenvolvimento Humano e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, na linha de pesquisa Tecnologia, Corpo e Cultura. No âmbito profissional atualmente é professor no Claretiano - Faculdade de Rio Claro/SP e na Secretaria de Esportes da Prefeitura de Limeira/SP. Com experiência nas áreas de Educação Física e Gestão de Recursos Humanos tem atuado nas seguintes disciplinas: Psicologia do Esporte, Educação Física Escolar, Planejamento e Organização de Eventos, Administração e Marketing em Educação Física, Estágio Supervisionado, Voleibol, Atletismo e Qualidade de Vida no Trabalho.

Resumo

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de forma ampla se propõem a ser "instrumento útil no apoio às discussões pedagógicas em sua escola, na elaboração de projetos educativos, no planejamento das aulas, na reflexão sobre a prática educativa e na análise do material didático" (BRASIL, 1997b, p. 9). Sendo assim, os mesmos foram estruturados para uso em âmbito nacional manifestando a importância no desenvolvimento dos mais diversos conteúdos da cultura corporal do movimento: o esporte, o conhecimento sobre o corpo, os jogos, as lutas, a ginástica e as atividades rítmicas e expressivas. Tais conteúdos devem ser desenvolvidos com base em três dimensões: a conceitual, a procedimental e a atitudinal. Transpassando estes, devem-se abordar temas que são de caráter fundamental para o desenvolvimento biopsicosociológico dos alunos, são eles: temas transversais e ética; meio ambiente e saúde; e pluralidade cultural e orientação sexual. Estes conteúdos e temas precisam ser desenvolvidos por todas as disciplinas, as quais se "conversam" estabelecendo relações entre ideias ou uma inter-relação de conceitos fundamentais (BRASIL, 1997a; ZABALA, 1998).

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

Envolvidos com esta intrincada proposta destinada a promover o ensino e a aprendizagem escolar, encontram-se seres humanos dispostos, ou obrigados, a aprender, comunicar, socializar e se envolver consigo mesmo e uma pluralidade de outros indivíduos que dispõem de motivos, interesses e desejos particulares. Estes seres, imersos em um ambiente mutável, devem aprender a lidar com suas subjetividades, as dos outros com quem dividem o espaço, e as do próprio espaço, o qual carrega uma série de características dos que ali estão e daqueles que por ali passaram.

Diante destes fatos, e de que Samulski (2009), ao mencionar a Federação Europeia de Associações de Psicologia do Esporte (FEPSAC), reforçou que a Psicologia do Esporte deve ser entendida por uma perspectiva que abrange os mais diversos aspectos da conduta humana, englobando a afetividade, a cognição, motivação e os aspectos sensório-motores. Essa

abrangência abarca diferentes práticas, como os esportes e os exercícios, bem como seus praticantes, dentre os quais estão treinadores, atletas, árbitros, professores, psicólogos, fisioterapeutas, médicos, pais e espectadores.

Baseando-se nas menções acima e as relacionando à definição e alcance da Psicologia do Esporte, se percebe que tal ramo da Psicologia é capaz de envolver os mais diversos espaços em que o esporte e o exercício físico sejam praticados, e aqueles que neles atuam. Entre estes espaços encontram-se as academias, os clubes, as escolinhas de esporte, e também: as escolas, as universidades, os centros de formação dentre outros. Focalizando estes últimos, com destaque para a escola, uma questão surge: será que as pesquisas em Psicologia do Esporte e Educação Física escolar fazem referência umas às outras?

Na tentativa de responder esse questionamento, uma pesquisa foi realizada utilizando o site de busca de literatura acadêmica, o Google Acadêmico. A primeira busca se realizou em referências escritas em português e usou o descritor "Psicologia do Esporte", obteve-se como retorno, aproximadamente 3770 resultados. Fazendo uma nova pesquisa, mas utilizando-se o descritor "Educação Física Escolar", o retorno foi de aproximadamente 13300 resultados. No entanto, ao unir os descritores em uma nova pesquisa, o número de 609 resultados encontrados sugere que aproximadamente 16% das pesquisas em Psicologia do Esporte mencionam a Educação Física Escolar e 4% das pesquisas em Educação Física Escolar citam a Psicologia do Esporte.

Na tentativa de verificar se tais informações oriundas da internet se refletem em eventos científicos, buscou-se outra fonte de dados. Sendo assim, ao analisar os anais do III Congresso Nacional de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança, realizado no ano de 2014, identificou-se que a quantidade de resumos relacionados à Educação Física Escolar foi de 13,9% do total de trabalhos publicados. Este número corrobora com os anteriores, os quais sugerem que os pesquisadores envolvidos com a Psicologia do Esporte demonstram baixo interesse pelo ambiente escolar. Neste ponto surge outra indagação: por que as pesquisas desenvolvidas em Psicologia do Esporte e na Educação Física Escolar pouco se relacionam?

Dentre as possíveis respostas, uma delas pode estar na dificuldade de implantação prática dos resultados obtidos através das pesquisas. Afirma-se isso, devido à realidade da Psicologia do Esporte brasileira, na área de atuação em que ela tem maior reconhecimento: o esporte de alto rendimento. Neste cenário, a pesquisa desenvolvida por Viveiros et al. (2015), a qual se refere às ciências do esporte, salienta que apesar de seu esforço, os atletas brasileiros vitoriosos que recebem apoio de instituições e treinadores, se formam ao acaso, pois não há no país um "sistema de desenvolvimento esportivo" (p.171) que permita o desenvolvimento de gerações de atletas bem-sucedidos. Neste mesmo artigo, a Psicologia do Esporte, sobre a qual pouco se refere, é mencionada como a área em que os treinadores mais sentem a falta de estudos, os quais afirmam também ter dificuldade de acesso às informações e às possibilidades de aplicação prática das mesmas.

A pesquisa mencionada acima faz referência a um fato que pode ser observado na prática através de notícias frequentemente vinculadas ao desempenho de nossos atletas de alto rendimento. Vejam alguns exemplos: "Onde está a Psicologia do Esporte, Corinthians?" (COZAC, 2015); "Choro da Seleção Brasileira divide opinião de psicólogos do esporte" (CHORO..., 2014); "CONVIDADO EM TERAPIA: Psicologia, esporte e o jeitinho brasileiro" (DIAS, 2014). Estas entre muitas outras são exemplos de como a Psicologia do Esporte no Brasil tem sido praticada, não pelos psicólogos do esporte, os quais têm a clara noção e dimensão de sua intervenção, mas pelos administradores e dirigentes do esporte de alto rendimento nacional, os quais por inúmeras vezes cometem os mesmos erros, como se fosse a primeira vez.

Agora reflita! Se no Brasil, a Psicologia do Esporte não tem sido implantada adequadamente na área em que se compreende sua real e irrestrita importância, qual será o interesse de desenvolvê-la em uma realidade para a qual muitos ainda não entendem sua função e na qual já se encontra consolidado outro ramo da Psicologia? Este ramo é a Psicologia da Educação a qual, segundo Rangel (2010), estuda os "fundamentos psicológicos, processos e consequências psíquicas que intervém numa situação educativa qualquer" (p. 2). Função que ela desempenha amparada, segundo a mesma autora, em outros ramos da Psicologia, dentre os quais está a Psicologia do Esporte.

Sabendo que a Psicologia da Educação, a qual é responsável pelos estudos e intervenções psicológicas no ambiente educacional necessita dos conhecimentos produzidos pela Psicologia do Esporte, faz com que se entenda por onde a Psicologia do Esporte adentrará o ambiente escolar. Mas dentro deste ambiente, quais conhecimentos produzidos por ela podem ser úteis?

No intuito de direcionar algumas reflexões, abaixo se encontram alguns temas, e estudos que os contemplam, os quais podem ser influenciadores de estudos e intervenções no ambiente escolar: a motivação e aderência (PERES; MARCINKOWSKI, 2013); a formação integral do aluno/atleta e a especialização precoce (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014; MARQUES et al., 2014); a inclusão social (MATOS; ANDRADE, 2011); as influências sociais externas (CANATO; SOUZA; XIMENES, 2014; ISLER, 2003); relação entre professor e aluno (LESSA et al., 2013); controle emocional e enfrentamento de problemas (FECHIO, 2011; REBUSTINI; MACHADO, 2012; BAGNI, 2013); agressão e violência (BARREIRA; DOS SANTOS; CURSIOL, 2013; MORÃO, 2012; VERZANI, 2012); conhecimentos sobre o corpo e distúrbios (MACHADO; ZANETTI; MOIOLI, 2011; DEZAN, 2011); o uso das novas tecnologias (REBUSTINI et al., 2011; SCHIAVON, 2012; ZANETTI, 2013)

Os fatores e publicações acima citados são apenas exemplos de contribuições do campo da Psicologia do Esporte que podem servir de estímulo para pesquisa e intervenção na Educação Física Escolar. Obviamente que a implantação destes exemplos na realidade escolar não é imediatamente possível e, certamente, para que a relação ocorra de maneira mais estruturada,

há a necessidade de estímulos e interesses recíprocos, não somente daqueles que pesquisam e atuam em ambas as áreas, mas também dos que as administram. Pois, somente com o estabelecimento desta tríade é que as ações desejadas poderão se concretizar.

Referências

BAGNI, Guilherme. Estratégias de enfrentamento de problemas em jovens atletas: um estudo através do EMEP. Monografia (Bacharelado em Educação Física). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes; DOS SANTOS, Renan Estefano Moreira; CURSIOL, Jônatas Augusto. O Registro Ético no Esporte Socioeducacional: Uma Intervenção Apoiada na Filosofia e Psicologia do Esporte. Revista de Cultura e Extensão USP, v. 8, p. 97-106, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rce/article/view/47737/0>. Acesso em: 15 junho 2015.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997b.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997a.

CANATO, Thalita; SOUZA, Silvia Regina de; XIMENES, Vanessa Santiago. Efeito de um programa de orientação de pais sobre comentários feitos por eles em competições. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 16, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/704>. Acesso em: 15 junho 2015.

CHORO da Seleção Brasileira divide opinião de psicólogos do esporte. Diário Catarinense, 01 julho 2014. Disponível em: <http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/esportes/copa-2014/noticia/2014/07/choro-da-selecao-brasileira-divide-opiniao-de-psicologos-do-esporte-4540695.html>. Acesso em: 19 junho 2015.

COZAC, João Ricardo. Onde está a Psicologia do Esporte, Corinthians? Gazeta Esportiva. net, 14 maio 2015. Disponível em: <http://www.gazetaesportiva. net/blogs/joaoricardocozac/2015/05/14/onde-esta-a-psicologia-do-esporte-corinthians/>. Acesso em: 20 junho 2015.

DEZAN, Flavio Francisco. Corpos modernos e vigorexia na rede social virtual: ideais midiáticos e suas influências na imagem corporal masculina. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

DIAS, Arnaldo Seixas. CONVIDADO EM TERAPIA: Psicologia, esporte e o jeitinho brasileiro. Veja São Paulo, 11 novembro 2014. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/blogs/terapia/2014/11/11/convidado-em-terapia-psicologia-esporte-e-o-jeitinho-brasileiro/>. Acesso em: 19 junho 2015.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP Rio Claro

FECHIO, Juliane Jellmayer et al. Estresse infantil e a especialização esportiva precoce. Revista Psicologia e Saúde, v. 3, n. 1, 2011.

ISLER, Gustavo Lima. Atleta, como seus pais o motivaram para a prática esportiva? Análise das histórias de vida. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

LESSA, Laíse Ferreira et al. Percepção dos alunos-atletas sobre o estilo de liderança dos professores-treinadores de Teresina-PI. RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 5, n. 18, 2013. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/viewFile/175/195>. Acesso em 15 junho 2015.

MACHADO, Afonso Antônio; ZANETTI, Marcelo Callegari; MOIOLI, Altair. O corpo, o desenvolvimento humano e as tecnologias. Motriz, v. 17, n. 4, p. 728-737, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n4/a18v17n4.pdf>. Acesso em: 15 junho 2015.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues et al. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 28, n. 2, p. 293-304, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v28n2/1807-5509-rbefe-28-2-0293.pdf>. Acesso em: 15 junho 2015.

MATOS, Joana Bastos; ANDRADE, Alexandro. Intervenção do profissional de Educação Física em jovens em situação de risco social: a contribuição da Psicologia do Esporte. CONEXÕES: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 9, n. 2, 2011. Disponível em: <http://conexoes.fef.unicamp.br/ojs/index.php/ fef/article/view/663>. Acesso em: 15 junho 2015.

MENEZES, Rafael Pombo; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; NUNOMURA, Myrian. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. Movimento (ESEF/UFRGS), v. 20, n. 1, p. 351-373, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/40200/0>. Acesso em: 15 junho 2015.

MORÃO, Kauan Galvão. A ocorrência de bullying no futebol e sua influência no abandono esportivo. Monografia (Bacharelado em Educação Física). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

PERES, André; MARCINKOWSKI, Bruno. A motivação dos alunos do ensino médio: realização das aulas de educação física. Cinergis, v. 13, n. 4, p. 26-33, 2013. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/2885>. Acesso em: 15 junho 2015.

RANGEL, Annamaria Píffero. Psicologia da educação. Material didático utilizado na formação de professores de música através de curso EaD oferecido pela UFRGS, 2010. Disponível em: <http://prolicenmus.ufrgs.br/repositorio/moodle/material_didatico/

psicologia_educacao/turma_f/un01/links/teorias_aprendizagens.pdf>. Acesso em: 20 junho 2015.

REBUSTINI, Flávio et al. Análise da repercussão do uso do Twitter no esporte de alto rendimento. V Simpósio Nacional da Abciber, p. 1-10, 2011.

REBUSTINI, Flávio; MACHADO, Afonso Antonio. Dinâmicas sociais e estados de humor. Motriz rev. educ. fís.(Impr.), v. 18, n. 2, p. 233-244, 2012.

SAMULSKI, Dietmar. Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas. 2. ed. Barueri: Manole, 2009.

SCHIAVON, Mauro Klebis. Diversão e prazer declarados por crianças que jogam WII®: entre o real e o virtual. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

VERZANI, Renato Henrique. Interferência do bullying no esporte de alto rendimento. Monografia (Bacharelado em Educação Física). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

VIVEIROS, Luís et al. Ciência do Esporte no Brasil: reflexões sobre o desenvolvimento das pesquisas, o cenário atual e as perspectivas futuras. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 29, n. 1, p. 163-175, 2015.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZANETTI, Marcelo Callegari. Second life®: corpo ou avatar? realidade ou fantasia?. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

PALESTRA: POR QUE O NOVO ASSUSTA NA PSICOLOGIA DO ESPORTE?_ REFLEXÕES DO CONTEXTO.

Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

Licenciado em Educação Física pela PUC- Campinas (1976); graduado em Filosofia e Pedagogia. Mestre (1985) e doutor(1994) em Educação, pela UNICAMP. Livre-docente pelo Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro, com a tese "Agressividade e ansiedade em atletas jovens" (1998). Editor-chefe da Revista MOTRIZ, membro editorial da Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança (REFELD), da Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercício e del Deporto, da Revista Movimento, da Revista Movimento & Percepção e da Coleção Pesquisa em Educação Física. Professor adjunto na UNESP/ Rio Claro, em RDIDP. Atua na Educação Física, com ênfase nos temas: estados emocionais, identidade psicológica do esportista, gênero e masculinidade no esporte e lesões psicológicas esportivas. Coordena o LEPESPE (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte), foi presidente da SOBRAPE (Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, de 2006-08). Realizou estágio de pós-doutoramento no Laboratório de Psicologia do Esporte, junto ao Prof. Dr. Duarte Araújo, da Faculdade de Motricidade Humana, em Lisboa (08-09) e na Universidade do Minho, com Prof. Dr. António Rui Gomes (10-11). Bolsista PQ (2010-13). Coordenador do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (DEHUTE), no IB/UNESP.

Resumo

A crescente disposição humana em se autotransformar resulta num fenômeno que, embora constante na História da Humanidade, traz resquícios de crueldade própria da sociedade contemporânea. A construção do corpo atende ao desejo de quem o possui, buscando uma individualidade e uma possibilidade de engajamento numa comunidade de iguais. No entanto, sendo esta situação algo possível ou impossível, o que interessa é comunicar a transformação corporal, seja lá de que forma isso vier a acontecer.

Com o advento da informática, como uma mídia fugaz, temos um pipocar de informações e de transformações c o r p o r a i s que saem das feições cirúrgicas para as feições estéticas, dos acidentes mutiladores às mutilações artísticas, sempre emoldurando um *happening* considerado atual, pós-moderno, contemporâneo, com poucas análises por parte daqueles que trabalham com estes corpos, em qualquer de seus formatos.

Gerações demonstram como os avanços são substanciosos: a geração de 70 se surpreende com a velocidade dos computadores enormes dos grandes centros de pesquisas, a geração da década de 80 viu surgir o walkman, os videotextos e os jogos eletrônicos. A geração de 90 tem familiaridade com as multimídias, a realidade virtual, as redes de comunicações sociais e a geração X, do caos, está totalmente absorvida pela sociedade da simulação, "brincando" de transformar, de colar, de efetuar *zappings*, com imagens, formatando corpos e mais corpos, inclusive os seus próprios corpos. Como decifrar tais (des)caminhos? Como entender cada passo desta complexa evolução?

O ser humano de nosso tempo, na pós- modernidade, é alguém sedento da necessidade de ser desejado. Para tanto, o conceito de comunidade vem se ampliando e sendo aplicado, mais e mais, de modo a termos uma busca pela unicidade do feito, da transformação: os tatuados, os escarificados, os marcados, os atropelados, os implantados, os siliconados. Esta identidade intencional ou espontânea resolve o fugaz problema da temporalidade: comunica qual arte cada um deste manifesta em seu corpo.

Numa visão voltada ao acervo sociocultural é preciso compreender que a tecnologia faz parte da cultura humana e não é mais possível acreditar no homem sem uma dimensão da tecnicidade: ela está presente em cada canto, em cada ato, em cada vontade. Formamos, desta maneira, um ecossistema complexo de modo que a técnica transforma a vida e a vida, eternamente, transformará a técnica. A dinâmica social nos leva a buscar sempre novas perspectivas de pensarmos o ciberespaço e a cibercultura, em especial quando pensamos no corpo do homem contemporâneo.

Longe está o tempo em que nos surpreendíamos com transplantes cardíacos ou pernas mecânicas. Implantes capilar e dentário, fígado, pulmão, traqueia...e parte a parte, o corpo vem ganhando uma repaginação digna dos melhores filmes de ficção científica: tudo de transmuta, com a sutileza de um artista no momento da criação.

Esquecemos, assim, as diferenças e precauções que tínhamos com os androides e com as montagens fantasmagóricas que laboratórios e clínicas pudessem nos propor, para assumirmos o novo, o atual. O estreitamento na relação homem-máquina, que tanto assustava, mal deu seus primeiros passos e já causa efeito assombroso e vertiginoso. Alguns dos atuais estudiosos das Ciências Humanas chegam a arriscar que o homem, no início do século XXI já é mais máquina do que homem (PUTNAM, 2006; FREEMAN, 2009).

Hoje, a neurociência brasileira é uma das mais avançadas ciências, de maneira tal a exportar seus estudos e inventos. Curioso é a situação de se pretender fazer a abertura da Copa do Mundo, no Brasil, com um garoto tetraplégico chutando uma bola. É a demonstração de avanço científico incomensurável da Neurociência....total domínio sobre o corpo e seus movimentos.

Mas e o homem-máquina? Que ideia ainda temos dele? Seremos todos *ciborgs* ou robôs que poderão ser remontados a cada avaria, sempre? Estamos próximo de uma imortalidade corporal, com tamanho avanço tecnológico e científico? Nossas ideias captam todas estas informações e processam adequadamente cada uma destas transformações?

Vemos que hoje a sociedade não precisa manter seu corpo, tal como lhe foi dado naturalmente; cada um pode fazer do corpo aquilo que a sociedade quer que seja feito, quanto mais atender aos modelos sociais vigentes, mais perto do sucesso e fortalecido este corpo estará (BORDO, 1998). No momento atual é impensável aceitar o envelhecimento como algo natural; para isso temos uma corrida obstinada às terapias e cirurgias que alteram o corpo sem alterar o contexto corporal. Rejuvenescer é para todos: dos 8 aos 88 anos, com procedimentos

cada vez mais sofisticados e invasivos, mas fascinantes por serem parte do belo e do aceitável. Este é o padrão.

O fato do corpo vir a se transformar no local, por excelência. Para a fabricação da subjetividade e da identidade da pessoa (SANT´ANNA, 1995) causa certa preocupação com as questões da moda: com pessoas tão parecidas, como lidar com a identidade? E com pessoas tão (des)construídas, como lidar com a subjetividade? Como entender o raciocínio de um transplantado, que carrega meio fígado de outro? Ou daquela traqueia sintética que fora utilizada recentemente? Como entendemos tais perspectivas e como avaliamos cada uma delas? Quem nos proporá o início destes estudos?

Quando pensamos na interação homem- máquina e na internet, logo passa-nos pela cabeça a questão da fluidez no meio e da maneira como as informações serão veiculadas e interpretadas. Aqui vale dizer que o ciberespaço foi habitado por identidades múltiplas, por "personas possíveis" distribuídas em diversos setores de quase-realidades, nas palavras de Turner (2003). Tanto os avatares criados como os *nicknames* dão voz às mais variadas fontes de auto-reconhecimento e pertença: em cada ambiente que os avatares e os nicknames adentram, cria-se uma nova perspectiva de relação, da fonte real à fonte criada, com mais ou menos requinte, com mais ou menos verdade, mas uma perspectiva de relação que cresce e se sedimenta num espaço sociocultural.

Nessa relação, ainda que fantasiosa (ou virtual como merece ser denominada) firmam-se contratos com demais ocupantes e a cibersociedade se estabelece com as regras ali instaladas e pouco comuns deixando a entender que todas as relações sejam possíveis e que quaisquer tipos de personagens têm significado _ já que estamos no virtual e que isto realmente tem significado (WALLACE, 2009). Percebemos, aqui, tratar-se da irrupção dos meios de massa no cenário da comunicação, que de certa forma altera a estrutura dialógica própria da interação face a face.

Indo mais longe, temos que todo o diálogo estabelecido nas novas mídias, quando realizado por meio de avatares, "personas outras", representa um verdadeiro desafio ao monologismo da interação mediada, uma vez que é caracterizado pela simulação e pela busca de pertenças socioculturais elaboradas na virtualidade, não valendo regras nem limites da realidade.

O homem-robô se prende a uma simulação real, em que exerce a função dupla de criador e criatura, mas que deve obedecer aos princípios do jogo estabelecido, caso queira chegar ao final de seu caminho. Em suas andanças deve estabelecer parâmetros ideais para seu desenvolvimento e sua perfeita adaptação, enquanto homem e enquanto máquina, respeitando limites de um e de outra, numa perfeita interação...caso contrário, na linguagem da segunda (da máquina) teremos aquilo que verificamos em jogos eletrônicos: *game over*...tirando o homem do cenário e mantendo a máquina como única vencedora. Triste fim do homem-máquina que não se apercebe de seu espaço e dimensões.

Analisar a cibercultura remete-nos a refletir sobre as atitudes sociais de apropriação criativa das novas tecnologias, segundo Lemos (2011). E os exemplos são claros, quando nos vemos diante da febre dos jogos eletrônicos, as redes sociais, as reuniões e interações por videoconferências, o erotismo descomunal do cibersexo, a fugacidade das manchetes jornalísticas e os contatos intercontinentais em tempo real. Assim, fica difícil não perceber que a tecnologia se torna uma ferramenta de conquista do mundo e de uma nova formação sociocultural; é uma tendência revolucionaria na vida cotidiana.

Tentando sair das análises mais superficiais e dos diálogos fáceis, vamos em direção a questões norteadoras (ou desnorteadoras) de novos campos de atuação ou estudos. Assim, é necessário que tenhamos claro que as transformações tecnológicas atuais tiveram seu início centrado na eletricidade e no amplo processo de alteração da percepção e uso do nosso sentido, que desde o início incentiva- acredita- amedronta-se- busca à relação homem-máquina.

Com o crescente empenho de pesquisadores, estabelecemos um campo denominado psicotecnologia, que passa a ser uma categoria para pensarmos o real significado das intervenções e interações tecnológicas e a interferência midiática nas áreas de conhecimento, que nos permite analisar as transformações culturais da nossa época, diante da expansão das novas formas de culturas midiáticas e das criações e alterações tecnossensoriais nascidas com a eletricidade (KERCKHOVE, 2011).

No Brasil, como no restante do Mundo, ampliam-se cada vez mais os estudos e projetos de pesquisas a respeito dos paradigmas interpretativos voltados às mídias e à cultura de massa. Isso permite que cada estudo e análise objetiva e inédita crie lacunas para novas categorias interpretativas específicas, visto o fato de estarmos diante do novo, que se transforma diante do contexto inusitado em que é experienciado.

Para tanto, já não basta um modelo paradigmático de um bloco cientifico, mas uma estrutura interdisciplinar, em que se cruze elemento referencial e fronteiriço de cada abordagem. O mesmo se passa com relação aos métodos de pesquisas, que devem passar a adotar vieses múltiplos e segmentares para o entendimento do todo, do homem-máquina, que já não é mais o homem, nem a máquina, é a simbiose estabelecida e confirmada. Há que se entender dos dois, para o entendimento contextual.

Neste sentido, resta-nos propor que está estabelecido um roteiro interdisciplinar para que novos caminhos investigativos sejam percorridos. E neste novo trajeto, como é de se supor, a análise interdisciplinar pressupõe significados e interpretações que tocam inevitavelmente todas as áreas e setores do conhecimento e do social. Parece ser assim que segue o desenvolvimento humano e tecnológico do novo tempo.

Significa dizer que o entendimento dos corpos mutilados, facetados, tatuados, escarificados, queimados, enxertados, transformados nunca será pleno se não acompanhar os encaminhamentos destas transformações, nem a época em que elas ocorreram, nem as

técnicas ali adotadas, nem os objetivos da ação, nem as sensações prévias- do momento- póstumas da transformação realizada. Numa leitura antropológica, os sentidos e os significados apenas serão conhecidos se analisados neste seu conjunto, aí expresso (RANDOM, 2010). Aqui reside parte de nossa inquietação: qual formação universitária ou técnica nos permite tamanho leque de compreensões?

O que de fato sabemos é que quando as tecnologias de consumo são finalmente integradas em nossa rotina diária pode acontecer de sermos acometidos por uma obsessão fetichista, fenômeno denominado por Gendlin (2009) de "narcose de Narciso". O que de verdade acontece é que pretendemos que nossas máquinas sejam superiores ao que realmente são, que executem muito além do que estão preparadas para executar. O mesmo pensamento se dá diante de nosso corpo, que está sempre trabalhando para além de seu limite e de seu propósito de criação.

Com a ideia de romper limites, já ultrapassamos vários deles em busca de um novo teto para ancorar, mesmo que provisoriamente. E esta proposta evolucionista reforça nossa narcose de Narciso, transformando-nos em fugazes especuladores de nossos limites e chances de superação, ainda que tenhamos que turbinar nossos corpos com novos incrementos tecnológicos.

Vale a pena desenvolver melhor este conceito: ao adquirirmos um aparelho telefônico celular com infinitos recursos e, realmente, necessitarmos de apenas uma ou duas das funções nele contidas, não nos sentiríamos à vontade por termos um aparelho menos inovador: isso seria limitador e desatualizado. O fetiche ostentatório garante a necessidade consumista do aparelho; mesmo que eu nunca vá utilizar nenhuma das funções possíveis, além daquelas duas que necessito.

Este exemplo nos favorece a interpretação necessária para nossas pendências tecnohumanistas: nem sempre nossa realização humana depende do avanço tecnológico, mas necessitamos de seu anteparo para conviver na cibersociedade, conforme informa Schwartz, em 2007. O tecnofetichismo que se instala é suficiente para entendermos que fica cada vez mais distante a compreensão do homem, de seu corpo e de seu desenvolvimento, sem estar aliado ou transformado pela tecnologia.

É entendido que uma aproximação saudável, não patológica, possa ser aceita e incentivada. É viável a integração com dispositivos tecnológicos usuais ou é possível a utilização de aprimoradas tecnologias em nosso corpo, de modo a garantir melhor qualidade de vida e aproveitamento das capacitações humanas. Mas, também se faz viável o desenvolvimento de uma tecnopsicologia: nossa realidade psicológica depende de nosso contexto, do qual fazem parte as extensões tecnológicas que nos afetam. O entendimento deste ambiente, com seus micro, meso e macro sistemas favorecerão nossa integração e associação ao mundo, de modo a garantir a tão propagada qualidade de vida (MININNI, 2010).

Na mesma linha de pensamento temos que a relação homem-máquina deva ser entendida de maneira não invasiva: quando assisto a um programa de televisão, ouço uma notícia ou interajo por meio de alguma das novas mídias, estou à procura de que? Sou apenas alguém procurando me atualizar e entender meu mundo ou estou permitindo que me conduzam por caminhos e atalhos exteriores às minhas convicções? Estou sempre partilhando assertivamente das escolhas ou estou sendo levado a causas conflitantes em minha liberdade de escolha?

A civilização ocidental tem primado pela inclusão de negros, homossexuais, mulheres, natureza, num processo crescente e fantasioso. O dualismo encontra-se presente em cada uma destas ações, que entende o "normal" e o "não- normal", em cada um dos lados da balança. O mesmo se passa com o corpo híbrido, os perfeitos *ciborgs* que circulam em nossos ambientes profissionais, sociais, culturais, familiares enfim. Apesar da cibercultura contemporânea desenvolver protótipos ao ponto de não sabermos onde acaba o homem e começa a máquina, os homens deste tempo separam os homens dos homens-transformados.

É importante percebermos que, de Gisele Bündchen a Toni Garrido, da criança em cadeira de rodas a um adolescente em hemodiálise, do corpo tatuado aos olhos aguçados do aeronauta, estamos diante de um mesmo processo: a ciborização da cultura contemporânea (LEMOS, 2011). O conjunto de equipamentos para disponibilizar as imagens, a iluminação e sonorização das passarelas, a gravação da voz, a adaptação do tamanho das rodas, a dosagem dos fármacos, a textura das marcas corporais e a amplitude visual são ferramentas da vida cotidiana, com uma tecnologia presente como a colonizar nossos corpos.

Podemos falar numa relação íntima entre o corpo e o eletrônico ou tecnológico; numa construção sincrônica e pontual. Isso nos leva a pensar como a cultura e a natureza só podem ser analisadas e compreendidas em relação: elas não existem como elementos puros. Daí a relação homem-máquina está presente desde a instituição das primeiras sociedades, dando chances ao homem de construir a cultura, de elevar-se acima da natureza e da tecnologia, nos dizeres de Goffman (2003).

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

Esta reflexão serve para direcionar, também, nosso atalho, nesta pesquisa: e este corpo que aí está posto, converge ou conflita com meus ideais de pertença, de escolha e de vulnerabilidade humana? Ao tomarmos contato com notícias do tipo "Adolescente desmaia depois de jogar em rede por 18 horas seguidas" ou "Realizada com sucesso cirurgia por videoconferência" estamos diante de fatos que denotam a interação homem- máquina, ainda que careça de maiores significados (BOURDON, 2009). Porém, todos estamos preparados para estas vivencias.

Referências

AGUIAR, S. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – SBEIC (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Santos, 2007.

BORDO, S. Bringing body to theory. In: WELTON, D. (org), Body and flesh. Oxford: Blackwell, 1998.

BOURDON, J. Introduction aux médias. Paris: Editions Montchrestien, 2009.

FREEMAN, L. The development of social network analysis. Vancouver: Empirecal Press,

2009.

GENDLIN, E.T. Experience and the Creation of Meaning. New York: Free Press, 2009.

GOFFMAN, E. La mise en scéne de la vie quotidienne. Paris: Editions Du Minuit, 2003.

KERCKHOVE, D. A Pele da Cultura: investigando a nova realidade eletrônica. São Paulo: Annablume, 2011.

KOLLOCK, P. Identity and deception in the virtual community. New York, Routledge, 2009.

KOZINETS, R.V. On netnography: initial reflection on consumers research investigations of cibercultura. In: Advances in Consumer Research, V. 25, eds. Joseph W. Alba & J. Wesley Hutchinson, Provo, UT : Association for Consumer Research, p.366-371, 1998. Disponível em

<http://www.acrwebsite.org/volumes/display.asp?i d=8180>. Acesso em: 03/07/2011.

LE BRETON, P. La tribu informatique. Paris: Ed. Métailié, 2003.

LEMOS, A. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: 2011.

MININNI, G. Psicologia cultural da mídia. São Paulo: SESC-SP, 2010.

MITSCHERLICH, A. Psychanalyse et urbanisme. Paris: Gallimard, 1999.

PUTNAM, R.D. Bowling alone: the collapse and revival of american community. New York: Simon and Schuster, 2006.

RANDOM, M. La estratégie de l´ invisible. Paris, Féllin, 2010.

SAHLINS,M. Critique de la sociobiologie: aspects anthropologiques. Paris: Gallimard, 2008.

SCHWARTZ, T. Media: the second God. New York: Anchor Books, 2007.

TURNER,J.R. Interpersonal and psychological predictors of parasocial interaction with different internet performers. Hillsdale: Erlbaum, 2003.

WALLACE, P. The psychology of the internet. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

WORKSHOP

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

WORKSHOP: A FORMAÇÃO DO ATLETA INTELIGENTE: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Profa. Dra. Regina Brandão

Possui graduação em Psicologia, mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria, doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas e pós-doutorado pela Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, Portugal. É professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação Física e do curso de Psicologia da Universidade São Judas Tadeu, SP. Psicóloga esportiva, trabalha na preparação psicológica de atletas de alto rendimento de diferentes modalidades esportivas em especial o futebol e desde 2010 atua como psicológa da Seleção Brasileira de Atletismo Paralímpico. Investiga principalmente os seguintes temas: aspectos psicológicos do desempenho esportivo, burnout em atletas e árbitros, Processo de expatriação no esporte, avaliação psicológica e religiosidade e espiritualidade no esporte. É a atual presidente da Associação Brasileira de Estudos em Psicologia do Esporte e do Exercício – ABEPEEx

Resumo

Atletas de alto rendimento têm excelente talento físico, técnico e tático, mas podem não possuir um controle psicológico estável para alcançar o máximo sucesso no esporte. Qual a razão que leva tantos atletas talentosos a não conseguir atingir os objetivos alcançados? Quais capacidades psicológicas são fundamentais nesse processo? Como essas capacidades psicológicas impactam o desempenho? No presente texto visamos identificar os fatores psicológicos que contribuem para a formação de um atleta inteligente" na perspectiva psicológica e que podem facilitar o desempenho esportivo. O fenômeno inteligência esportiva é, sem dúvida alguma, um excelente tema a ser discutido à luz da psicologia do esporte. Mas é necessário apresentar uma estrutura teórica para fundamentar essa discussão.

Uma das teorias que temos utilizado para explicar as implicações psicológicas do fenômeno esportivo em geral é a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner. Este modelo bioecológico destaca que o desenvolvimento humano deve ser entendido como o fenômeno de continuidades e mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos, tanto como indivíduo quanto como grupo. Além do mais, conduz o estudo do ser humano em seus ambientes, onde o desenvolvimento e comportamentos devem ser examinados como um conjunto de funções das características da pessoa e do ambiente. Essa estrutura inclui tanto atributos biológicos e psicológicos, tais como a herança genética individual e a personalidade, denominados de propriedades da pessoa; quanto as propriedades circundantes nos ambientes imediatos, como fatores físicos, sociais e culturais em que o ser humano vive.

Esta visão ecológica do contexto esportivo torna possível analisar os atletas em seu mundo real; dar a devida atenção à importância da relação e interrelação entre o ambiente esportivo e as pessoas que dele participam e observar as capacidades psicológicas que permitem ao atleta ter êxito no esporte de rendimento. Sendo assim, cabe nos perguntar que propriedades psicológicas dos atletas são importantes e devem ser desenvolvidas ao longo da vida. O que estamos querendo dizer é que determinadas capacidades psicológicas devem ser desenvolvidas para termos um atleta inteligente, entendo por inteligência a maestria de capacidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas que estão relacionadas com o rendimento esportivo.

O primeiro aspecto a se considerar são os atributos pessoais dos atletas, em outras palavras, a trama subjetiva do atleta. Para compreender esses atributos, temos que analisar três características psicológicas importantes: suas disposições (forças psicológicas), seus recursos e suas demandas.

As disposições comportamentais têm uma relação direta com o comportamento dos jogadores, podem fazê-lo se adaptar às características do ambiente e colocar seu processo de interação em movimento, ou ao contrário, interferir ativamente, retardar ou até impedir sua ocorrência. Essas disposições são denominadas no modelo bioecológico como *desenvolvimentalmente-geradoras* ou *desenvolvimentalmente-disruptivas*. As primeiras podem ser associadas com as características positivas do jogador de futebol, como por exemplo, motivação, vontade de cooperar com os companheiros de equipe, iniciativa para aceitar tarefas que favoreçam a equipe, etc. Já as segundas podem ser vistas como características negativas do atleta. Essas disposições disruptivas são colocadas em dois pólos de ativação psicológica. O primeiro pólo inclui atributos tais como impulsividade, explosividade, distração, incapacidade para adiar gratificações, ou de forma mais extrema, prontidão para recorrer a agressões e violência. Ainda pode-se observar a dificuldade para manter o controle sobre as emoções e comportamentos. No outro pólo são colocados os atributos pessoais como indiferença, desatenção, apatia, falta de interesse pelos outros circundantes, sentimento de insegurança e timidez.

O segundo tipo de características refere-se aos *recursos pessoais*, que não possuem por si só nenhuma disposição seletiva para a ação, no entanto "constituem *ativos e passivos biopsicológicos* que influenciam a capacidade para um jogador adaptar-se aos requisitos do ambiente e influenciar positivamente o ambiente. Esses recursos são classificados em duas categorias. Na primeira estão as condições passivas que limitam ou rompem a integridade funcional do atleta, tais como defeitos genéticos, baixo peso, dificuldades físicas, doenças severas persistentes, danos cerebrais causados por acidentes ou processos degenerativos, etc. No futebol, por exemplo, esse tipo de recursos pode explicar tanto a exclusão nas peneiras dos clubes quanto o abandono do futebol por aqueles já engajados em sua prática. Na segunda categoria estão as condições ativas, que, em contraste com as primeiras, são as habilidades, conhecimentos, destrezas e experiências, que são aprendidos na maior parte do curso da vida e

se estendem a novos domínios, caso da participação em um campeonato. Desta maneira, essas condições tornam-se importantes recursos bio-psicologicos que favorecem a adaptação ao ambiente em uma relação reciproca.

Nesta primeira aproximação ao conceito de recursos há três aspectos que são absolutamente essenciais para compreender e explicar o que entendemos por inteligência esportiva: adaptação permanente, resiliência e a competência competitiva.

Em um mundo como o relacionado com o esporte em que as mudanças são uma constante diária, o atleta necessita adaptar-se permanentemente, sua organização psicológica e suas estratégias de adaptação a nova realidade impostas pelo contexto de rendimento, buscando desenvolver capacidades psicológicas que lhe permitam diferenciar-se dos demais. Por isso, o atleta não pode ser um "robô" criado em laboratório, mas tem que ser um indivíduo flexível e logico que vá evoluindo com o que a realidade do esporte de rendimento lhe impõe.

Resiliência é um termo que tem despertado a atenção e a curiosidade das pessoas em diversos segmentos da sociedade. Fala-se em estratégias resilientes, empresas resilientes, escolas resilientes, famílias resilientes e indivíduos resilientes. Este conceito passou a ser utilizado na Psicologia para caracterizar a capacidade humana de passar por experiências adversas sucessivas sem prejuízos para o seu próprio desenvolvimento, superando e, até mesmo, se fortalecendo diante das adversidades da vida.

No esporte, pode-se dizer que as pressões psicológicas e fisiológicas que estão associadas aos treinamentos, competições e a sua organização social mostram que o desempenho esportivo é um fenômeno complexo que é afetado pelas características individuais e por fatores ambientais. Portanto, devido às demandas que os atletas enfrentam para obterem sucesso na carreira, a resiliência parece ser uma característica inerente a eles, pois somente aqueles que conseguem enfrentar e superar as incertezas e angustias inerentes ao esporte de alto rendimento é que terão sucesso, embora poucos consigam atingir tal objetivo.

O esporte pode também propiciar um ambiente que possibilita ao indivíduo vivenciar experiências positivas e, até mesmo, desenvolver algumas características que favoreçam a promoção da resiliência, como por exemplo: aprender a controlar seus sentimentos, ter disciplina pessoal, ter comportamentos direcionados ao alcance de metas, uma maior tolerância ao sofrimento, uma maior resistência a frustração, dentre outras. Assim, essas características podem criar um escudo protetor que auxilia na exposição às influências negativas no decorrer da vida, pois o espírito de luta vivenciado na prática esportiva também será importante nos desafios que a vida nos apresenta. Autores também salientam a importância das experiências positivas para o desenvolvimento da resiliência, pois essas levariam a sentimentos de auto-eficácia, autonomia, auto-estima, capacidade em lidar com mudanças, adaptações e resolução de problemas.

Por último, a competência competitiva se refere aos aspectos que permitem ao atleta compreender e lidar com maestria nas situações competitivas. Isto inclui criar um estado

emocional correto, controle mental e corporal, fazer uso de estratégias de ajuste eficazes, ter força mental, autodeterminação e paixão pelo que faz.

As *demandas* da pessoa são o terceiro tipo de características pessoais que afetam o atleta. Sua ocorrência se dá por sua capacidade para convidar ou desencorajar reações dos ambientes sociais de um grupo, por exemplo, uma equipe esportiva, as quais podem romper ou favorecer processos de crescimento psicológico e esportivo. Exemplos no futebol são encontrados nos tipos opostos de personalidade dos atletas: jogadores nervosos *versus* jogadores felizes, jogadores egoístas *versus* jogadores altruístas, ou jogadores individualistas, do tipo "euquipe" *versus* jogadores voltados para o grupo, do tipo "equipe".

As características psicológicas dos incluem tanto atributos sócio-emocionais quanto cognitivos que, embora sejam essenciais, nem todos possuem o mesmo potencial para influenciar o comportamento e a adaptação dos atletas. Além disso, o modelo aponta outras características dos atletas que devem ser consideradas na formação do atleta inteligente, a idade, o tempo de experiência e a afiliação étnica e religiosa. Esses fatores podem coloca-los em um nicho ambiental particular que define seus papéis no grupo esportivo.

O objetivo escolhido para este texto foi propor a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano como um paradigma para explicar a formação de um atleta inteligente na perspectiva psicológica. Formar um atleta inteligente nos obriga a um estudo exaustivo do indivíduo, de suas competências, de suas potencialidades, de seus valores e crenças.

Referências

Araújo, D. & e Davids, K. (2009). Ecological approaches to cognition and action in sport and exercise: ask not only what you do, but where you do it. *International Journal of Sport Psychology*. V. 40, n. 1, p 5-37.

Brandao, M.R.F. (2000). *Equipe nacional de voleibol masculino: um perfil psicológico à luz da ecologia do desenvolvimento humano*. Dissertação de mestrado, Universidade federal de Santa Maria, RS.

Brandao, M.R.F. (2000). *Fatores de estresse em jogadores de futebol profissional*. Tese de doutorado, Unicamp, SP.

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design.* Cambridge, MA: Harvard University Press.

Bronfenbrenner, U. (1988). Interacting systems in human development. Research prdigms: present and future. In: Bronfenbrenner, U. (Ed.) *Making human being human: Bioecological perspectives on human development* (pp. 3-15). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.

Bronfenbrenner, U. (1992). Ecological systems theory. In R. Vasta (Ed.) *Six theories of child development: Revised formulations and current issues* (pp. 187-249). London: Jessica Kingsley.

Bronfenbrenner, U. (2005) Bioecological theory of human development. In U. Bronfenbrenner, U. (Ed.) *Making human being human: Bioecological perspectives on human development* (pp. 3-15). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (2006) The bioecological model of human development. In W. Damon & R. M. Lerner (Series Eds.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.) *Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (6th ed. p.793-828) New York: John Wiley.

Fontes, R.; Brandão, M.R.F. (2013). A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. Revista Motriz, 19(1), 151-159.

Krebs, R. J. (1995). *Urie Bronfenbrenner e a ecologia do desenvolvimento humano.* Santa Maria, RS: Casa Editorial.

Krebs, R. J., Copetti. F., & Beltrame, T. S. (1997). Uma releitura da obra de Urie Bronfenbrenner: a Teoria dos Sistemas Ecológicos. In: R. J. Krebs, *Teoria dos Sistemas Ecológicos: um novo paradigma para a educação infantil.* Santa Maria, RS: Edições Kinesis, p 17-44.

Krebs, R. J. (2009). Bronfenbrenner's bioecological theory of human development and the process of development of sports talent. *Internacional Journal of Sport Psychology*, 40(1), 108-135.

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

WORKSHOP: PSICOLOGIA DO ESPORTE E TREINO ESPORTIVO: O QUE TEMOS E O QUE QUEREMOS?

Prof. Dr. Rui Gomes

Rui Gomes é Professor Auxiliar na Escola de Psicologia da Universidade do Minho. Obteve os diferentes graus académicos (Licenciatura, Mestrado e Doutoramento) na área da Psicologia, pela Universidade do Minho, na cidade de Braga, em Portugal. Em termos de investigação, tem desenvolvido trabalhos nas áreas da psicologia do desporto e exercício e do "stress" ocupacional, sendo responsável pelo grupo de investigação "Adaptação, Rendimento e Desenvolvimento Humano" (www.ardh-gi.com/). Ao longo da carreira profissional, trabalhou como psicólogo do desporto em clubes desportivos, efetuando também o acompanhamento a atletas de diferentes modalidades. Atualmente, é psicólogo da seleção nacional de Boccia.

Resumo

O rendimento desportivo implica a compreensão de um conjunto de fatores que inclui aspetos tradicionais relacionados com a preparação física, técnica e tática dos atletas mas deverá incluir também aspetos menos considerados, relacionados com as dimensões humana e psicológica do atleta. Infelizmente, a importância dada aos fatores tradicionais do treino desportivo sobrepõe-se habitualmente a um maior cuidado relativo à preparação mental dos atletas para lidar com as exigências competitivas.

As razões para esta situação são variadas e, por vezes, difíceis de compreender e explicar, principalmente porque cada agente desportivo (ex: trinadores, dirigentes) tende a assumir perspetivas muito pessoais acerca da realidade desportiva e dos fatores que melhor poderão contribuir para o sucesso dos atletas. A este nível, existe a tendência para acreditar que o passar dos anos e o acumular de experiência desportiva poderão contribuir para uma efetiva aprendizagem e aperfeiçoamento das capacidades psicológicas (Gomes, 2012). Ou seja, acredita-se aprender competências psicológicas relacionadas com o desporto é algo que os atletas irão adquirindo à medida que forem aprendendo e aperfeiçoando as capacidades motoras, técnicas e táticas. Tal poderá ser verdade para a maioria dos atletas, mas não para todos seguramente. Por um lado, existem imensos atletas que poderiam beneficiar do treino de competências psicológicas (TCP) na medida em que aprendem as competências próprias da sua modalidade, enquanto um número menor (mas não menos importante) poderia efetivamente ter a oportunidade de aprender a lidar melhor e mais eficazmente com as exigências desportivas, uma vez que existem indícios de que estas poderão ser perturbadoras para alguns praticantes (Côté & Hay, 2002; Eklund & Cresswell, 2007; Gomes, 2011; Stuart, 2003; Tremayne & Tremayne, 2004). Por outro lado, não deve deixar de ser referido que o

TCP é ainda o "parente pobre" da preparação dos atletas para a alta competição, existindo a crença de qualquer pessoa com alguma "sensibilidade" para o "lado mental do desporto" pode efetivamente introduzir este trabalho junto dos atletas. De facto, o uso crescente de termos como "coach", "preparador mental", "consultor psicológico", entre outros, torna evidente que vários perfis, ditos profissionais, abundam no contexto desportivo, tornando muito difícil saber o que é treinado do ponto de vista psicológico junto dos atletas, qual o racional dos programas de intervenção, qual a evidência empírica das propostas de intervenção e qual a eficácia final do trabalho realizado.

Em suma, independentemente das razões para a ainda baixa consideração dos fatores mentias no desporto, existe uma necessidade de tornar mais evidente o que é e para que serve a preparação mental dos atletas. Este é o objetivo principal desta "workshop", que se dividirá em cinco partes.

Em primeiro lugar, analisaremos o que é o TCP no desporto, quais as suas vantagens e desvantagens. Em segundo lugar, analisaremos as condições necessárias para uma boa utilização do TCP junto dos atletas e equipas, destacando os aspetos logísticos, temporais e materiais inerentes à boa realização do programa. Em terceiro lugar, abordaremos as fases de implementação de um programa de TCP, destacando a este nível o modo como as competências psicológicas se podem enquadrar na realidade desportiva dos atletas. Em quarto lugar, abordaremos o modo como algumas competências psicológicas podem ser introduzidas no trabalho em equipas a atletas de alto rendimento, usando exemplos de algumas modalidades desportivas. Finalmente, terminaremos a apresentação com uma análise dos principais problemas que podem emergir durante a aplicação do TCP e o modo como podem ser ultrapassados.

Referências

Côté, J., & Hay, J. (2002). Children's involvement in sport: A developmental perspective. In J. M. Silva & D. E. Stevens (Eds.), *Psychological foundations of sport* (pp. 484-502). Boston: Allyn and Bacon.

Eklund, R.C., & Cresswell, S.L. (2007). Athlete Burnout. In G. Tenenbaum & R. C. Eklund (eds.), *Handbook of Sport Psychology* (3rd ed., pp. 621-641). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons.

Gomes, A.R. (2011). A iniciação e formação desportiva e o desenvolvimento psicológico de crianças e jovens. In A.A. Machado & A.R. Gomes (Eds.), *Psicologia do esporte: Da escola à competição* (pp. 19-48). Várzea Paulista: Editora Fontoura.

Gomes, A.R. (2012). Competências psicológicas e preparação mental de atletas de andebol. In M. Arraya & P. Sequeira (Eds.), *Andebol: Um caminho para o alto rendimento* (pp. 361-399). Lisboa: Visão e Contextos. Disponível em [Available at] http://hdl.handle.net/1822/17317

Stuart, M.E. (2003). Sources of subjective task value in sport: An examination of adolescents with high or low value for sport. *Journal of Applied Sport Psychology, 15*, 239-255.

Tremayne, P., & Tremayne, B. (2004). Children and sport psychology. In T. Morris & J. Summers (Eds), *Sport psychology: Theory, applications and issues* (2nd Ed., pp. 527-546). Milton: Wiley.

Resumos expandidos

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

ALTERAÇÕES PROPORCIONADAS PELAS NOVAS MÍDIAS NO ESPORTE: UMA VISÃO DOS ATLETAS

Guilherme Bagni, Renato Henrique Verzani, Kauan Galvão Morão, Luis Fernando Gonçalves e Afonso Antonio Machado

UNESP – Rio Claro, Lepespe

guilhermebagni@uol.com.br

Introdução

Podemos afirmar que vivemos em uma era tecnológica cheia de transformações e modificações que estão acontecendo a todo o momento. Segundo Rossetti e Morales (2007) todas as atividades são atingidas pela revolução tecnológica, um grande volume de informações é transmitido, tendo como sua principal ferramenta a internet.

Estamos sempre interagindo. Antes essa interação era somente física, mas hoje ela acontece principalmente de forma virtual. Recebemos informações a toda hora através dos meios de comunicação como rádio, televisão, jornais, revistas, internet, dentre outros.

No esporte podemos pensar em duas situações da tecnologia ligada ao esporte. As redes sociais que aproximam o atleta do torcedor, através do twitter, facebook, orkut e outros. Em outra situação, um atleta que está em seu momento de folga e não se encontra em seu ambiente de trabalho, pode ser facilmente fotografado por celulares, por exemplo, e rapidamente é possível colocar essa foto na internet, o que tira a privacidade do atleta.

As duas situações citadas acima mostram claramente que as novas ferramentas tecnológicas podem ser usadas para beneficiar e para prejudicar os atletas. É importante enfatizar que a tecnologia pode ser aplicada ao esporte ou ligada ao esporte.

Tecnologia ligada ao esporte são as melhorias na transmissão dos jogos, as redes sociais e a internet como um todo, os celulares, como no exemplo anterior dente outros vários itens. Tecnologia aplicada ao esporte será mais bem exemplificada posteriormente.

Atualmente a aplicação da tecnologia se faz presente e vem se difundindo cada vez mais na maioria das modalidades esportivas. A princípio, poderíamos dividir a utilização de aparatos tecnológicos aplicados ao esporte em dois grupos.

O primeiro deles são os que facilitam a arbitragem, isto é, a utilização de câmeras, replays, chips, comunicação via rádio entre os árbitros dentre outros, que facilitam a atuação dos árbitros e diminui a incidência de erros nas partidas. Porém isso ainda é visto com muita resistência em alguns esportes, como o futebol, utiliza-se como argumento que não seria possível o uso da tecnologia em todos os campeonatos. Além disso, Morais e Barreto (2008), ressaltam o argumento cuja idéia central é a do reflexo do futebol à própria vida.

Os outros aparatos tecnológicos podem ser classificados como aparelhos e implementos que auxiliam os atletas e a comissão técnica na busca de um melhor rendimento esportivo individual e da equipe como um todo. Nessa categoria, maior que a citada anteriormente, estão presentes os centros médicos e fisiológicos de última geração, as academias com o que há de mais moderno no que diz respeito à tecnologia, os materiais

esportivos mais leves e feitos sob medida para cada atleta, as bandagens terapêuticas como a kinesio taping, a qual será o nosso foco do presente trabalho, dentre outros.

É importante ressaltar que a tecnologia não trás por si só bons resultados, ela melhorar o desempenho aliada a técnica do atleta.

Essa relação entre tecnologia e esportes não vêm de hoje. Atualmente ela somente fica mais enfatizada devido ao poderio econômico de algumas modalidades e, principalmente devido ao grande público que a mídia, especialmente a esportiva, atinge.

> A relação entre tecnologia e esportes é antiga. No caso dos equipamentos usados pelos jogadores de futebol, a bola e o uniforme têm evoluído, foram introduzidas caneleiras para todos os jogadores e luvas para os goleiros. Eles têm modificado a dinâmica do futebol, mas também têm afetado positivamente o físico dos jogadores (MORAIS; BARRETO, 2008, p. 2).

Diante disso, este trabalho teve como objetivo analisar as relações entre as novas mídias e o ambiente esportivo, buscando compreender como os atletas veem essas modificações e o que isso trouxe de alterações nesse contexto.

Método

Participaram deste estudo 211 atletas de 10 equipes, todos participantes da Copa São Paulo do ano de 2015. Os atletas tem média de idade de 18 anos (± 0,97) e tempo de prática médio de 9 anos (± 3,27). Como instrumento foi utilizado um questionário com 4 perguntas abertas, desenvolvido especificamente para a finalidade de entender as relações da tecnologia com os atletas. O questionário foi aplicado no intervalo entre as rodadas da primeira fase da Copa. Para a análise dos dados foi utilizado a análise de conteúdo proposta por Franco (1994), onde as respostas foram agrupadas em categorias.

Resultados e Discussão

Na figura 1 nota-se que 29% dos atletas analisados, relataram que as redes sociais trouxeram mudanças em relação à comunicação social, especialmente com amigos, enquanto que 23% indica a interação familiar como grande mudança que as redes sociais trouxeram. Destaca-se também como aspectos positivos: busca por informações (11%), passatempo (9%), popularidade (7%) e busca por melhorias na carreira (6%). 11% dos atletas consideram que as redes sociais não trouxeram nenhuma mudança em seu cotidiano e 4% relatam que isso trouxe efeitos negativos em suas vidas.

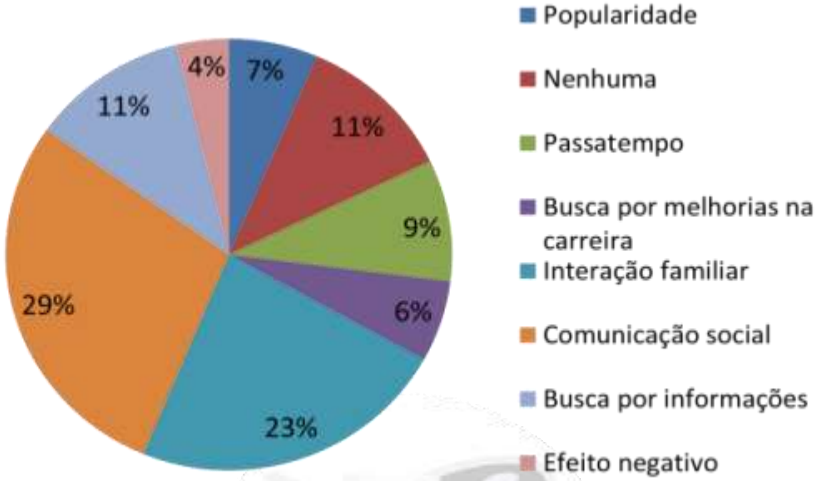

Figura 1. Qual a influência das redes sociais no seu dia-a-dia? Quais mudanças elas trouxeram?

Na figura 2 verifica-se que 54% dos atletas consideram que o uso do celular pode atrapalhar de alguma forma a concentração do atleta, como motivos destacados temos: a perda de foco (30%), uso excessivo (6%), notícias desagradáveis (5%), descanso do atleta (4%) e outros 9% dizem que o uso é prejudicial sem destacarem o motive. Por outro lado, 46% considera que isso não traz prejuízo, sendo: contato familiar (3%), distração (7%), ajuda na manutenção do foco (5%) e 31% dizem que isso não traz prejuízo algum, porém não destacam os motivos. Kocian, Kocian e Machado (2005) apontam em seu estudo que o ambiente da concentração também auxilia na questão do foco do grupo.

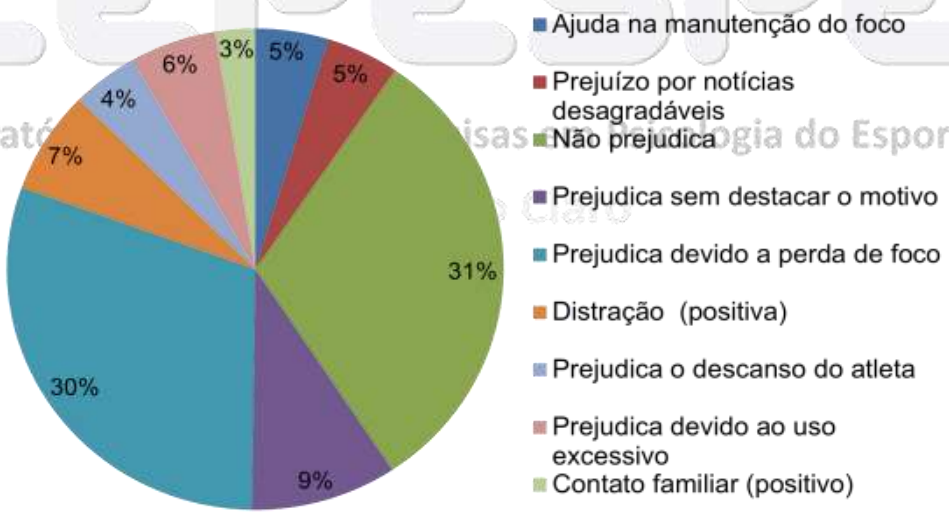

Figura 2. Você considera que o uso do celular pode tirar sua concentração/prejudicar sua atenção em momentos importantes da competição? Por quê?

Na figura 3, 38% dos atletas se dizem indiferente quanto a retirada de seus aparelhos eletrônicos durante o período competitivo, 18% concorda com essa atitude, destacando que isso é essencial para manter o foco (7%) e reconhecendo os aparelhos como prejudiciais (11%). A maioria dos atletas não concorda com isso (44%), destacando: se sentir sozinho (8%), falta de distração (7%), falta de contato com a família (6%), não concorda sem destacar o motivo (6%), não entende os aparelhos como prejudiciais (4%), e relatam que isso traz efeitos negativos, porém não mencionam quais (13%).

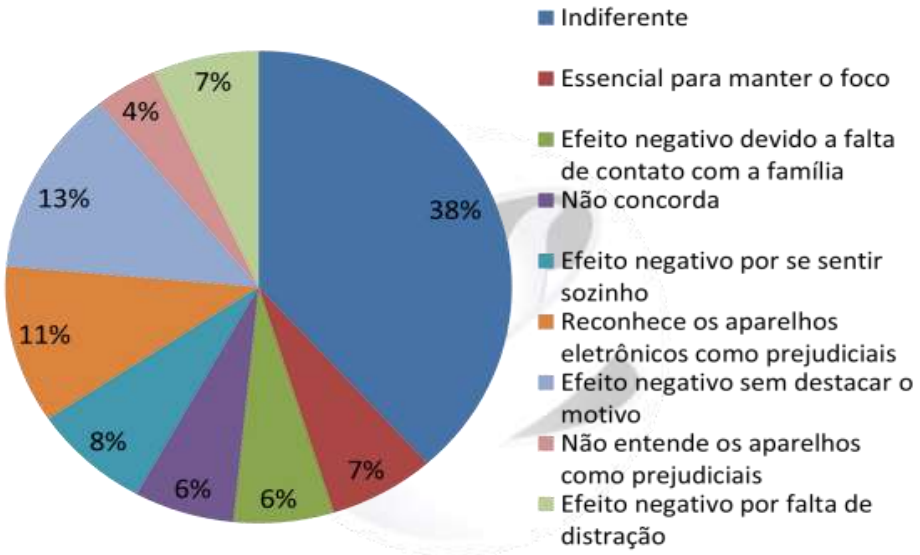

Figura 3. Como você reagiria se seus aparelhos eletrônicos fossem retirados de você em períodos de competição?

Em relação a adaptação em cidades diferentes, 89% dizem que os aparelhos eletrônicos facilitam neste processo, sendo conhecimentos sobre a cidade (14%), contato com novas pessoas (3%), como distração (2%), contato com famílias e amigos (12%) e facilitam sem destacar o motivo (58%). 2% se dizem indiferentes em relação a essa situação e 9% veem que isso não facilita a adaptação.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

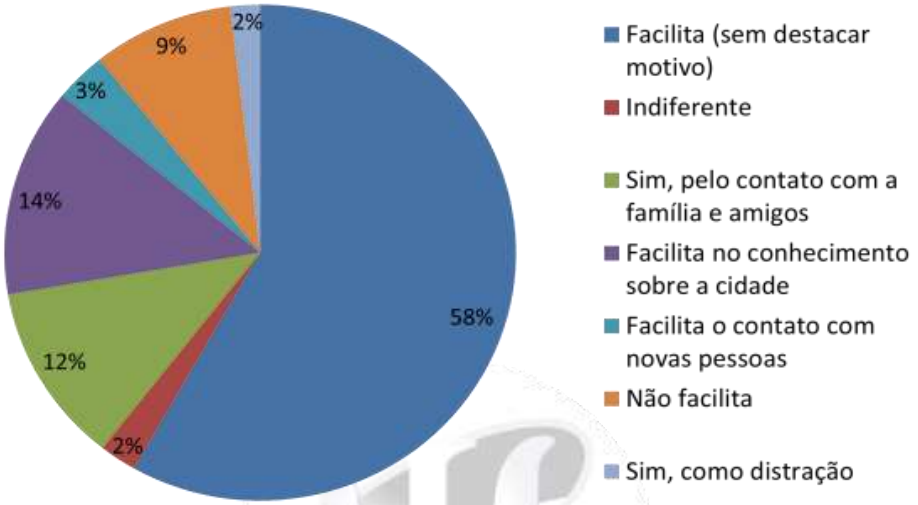

Figura 4. Você considera que os aparelhos eletrônicos facilitam sua adaptação em cidades diferentes?

Brandão e Machado (2008) afirmam que deve haver um grande planejamento para as viagens das equipes, de modo a minimizar imprevistos que possam, eventualmente, interferir no rendimento esportivo.

Conclusões

Percebe-se que as novas tecnologias geram modificações no ambiente esportivo e tais alterações são vistas como boas por alguns e ruins por outros atletas. A maior parte dos atletas indica que as redes sociais trouxeram modificações positivas em suas vidas, porém eles veem os aparelhos celulares como prejudiciais em relação a concentração e a atenção. A retirada dos aparelhos eletrônicos em períodos competitivos que é algo recorrente no ambiente esportivo não é bem vista pelos atletas, os quais indicam que isso pode ter efeito negativo. A adaptação em diferentes cidades também é facilitada pelos aparelhos eletrônicos, especialmente em relação aos conhecimentos sobre a cidade.

Todas essas questões devem ser analisadas e trabalhadas por uma equipe multidisciplinar compondo a comissão técnica em conjunto com os atletas, de modo a maximizar o rendimento esportivo e prevenir eventuais problemas.

Referências

BRANDÃO, M.R.F.; MACHADO, A.A. Viajando com a equipe: o papel do psicólogo do esporte. **Motriz**, 14(4), 513-518, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1936/1883>. Acesso em 7 jul. 2015.

FRANCO, M.L.P.B. **Ensino Médio**: desafios e reflexões. Campinas: Papirus, 1994.

KOCIAN, R.C.; KOCIAN, W.E.; MACHADO, A.A. Aspectos psicológicos positivos e negativos de uma concentração esportiva: umas visão dos atletas. **Revista Digital EF Deportes**, 89, 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd89/concen.htm>. Acesso em 7 jul. 2015.

ROSSETI, Adroaldo; MORALES, Aran Bey. O papel da tecnologia da informação na gestão do conhecimento: artigo científico. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 124-135, jan./abr. 2007.

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

O AMBIENTE DE RECLUSÃO ESPORTIVA: UMA ANÁLISE DA OPINIÃO DE JOVENS ATLETAS

Kauan Galvão Morão, Guilherme Bagni, Renato Henrique Verzani, Afonso Antonio Machado.

Universidade Estadual Paulista – UNESP (Rio Claro)

kauangm@hotmail.com

Introdução:

O ambiente de reclusão esportiva é um tema muito polêmico, capaz de gerar discussões intermináveis no cenário atual, porém não se possui maiores conclusões a respeito desse assunto. Portanto, é essencial que se busque entender a importância dos aspectos positivos e negativos presentes nesse ambiente.

Popularmente, o ambiente de reclusão esportiva também é chamado de "concentração", devido ao discurso das comissões técnicas sempre se referirem à essa estratégia como responsável pelo aumento da própria concentração dos jogadores. Sendo assim, pode ser interpretada como uma estratégia que visa ampliar o foco dos esportistas para uma única partida ou para toda uma competição, buscando aproximar a performance dos atletas dos níveis máximos, evitando possíveis perdas de desempenhos provenientes do enfrentamento de situações estressoras.

Contudo, a psicologia esportiva passa a questionar a eficiência do ambiente de reclusão quando algo foge dos padrões considerados normais, ou seja, no momento em que os atletas estão diante de situações inesperadas ou incontroláveis durante uma partida, no ambiente de alojamento, hotéis, competições e períodos extracampo, surgindo desentendimentos e desafetos, é colocada em dúvida a eficácia dessa estratégia. Sendo assim, é essencial que a opinião dos próprios atletas seja averiguada e analisada de maneira profunda, principalmente, quanto aos fatores positivos e negativos que podem surgir nesse ambiente (KOCIAN; KOCIAN; MACHADO, 2005).

De acordo com a visão de Toledo (2002), a reclusão esportiva utilizada no momento precedente a partida (período pré-competitivo), possui o intuito de agir como uma terapia realizada de maneira coletiva, buscando maior equilíbrio emocional dos atletas por meio do afastamento de estímulos externos (como o contato com as mídias, por exemplo) e contato com outras pessoas, inclusive com os próprios familiares.

Como os atletas, muitas vezes, estão isolados do mundo nesses ambientes de concentração, é comum que busquem distração por meio de brincadeiras, jogos de bilhar, baralho, vídeo games. Entretanto, nos dias atuais, devido a potencialização do uso das novas mídias, os jogadores estão cada vez mais conectados aos seus smartphones e notebooks, o que pode causar dependência e vício, necessitando do estabelecimento de diferentes estratégias e regras traçadas pelas comissões técnicas e treinadores, de acordo com o grupo que cada um possui em mãos, além da extrema importância em instruir e orientar os atletas para o uso adequado desses aparatos tecnológicos.

Sendo assim, é de extrema relevância que, atualmente, sejam estudados os avanços tecnológicos e a implicância que eles podem apresentar na preparação dos atletas, visto que as evoluções pelas quais a sociedade passou e ainda passa, podem ter benefícios ou malefícios, dependendo de como serão utilizadas as novas mídias no cotidiano dos atletas e o significado que os esportistas darão à essa influência.

Analisando os discursos veiculados pela mídia tradicional, abordando a visão de alguns jogadores renomados no futebol brasileiro, nota-se que os atletas julgam o ambiente de reclusão esportiva como uma prisão, podendo chegar a atrapalhar a concentração devido ao tempo excessivo, ausência de contato com outras pessoas e tédio. Por outro lado, há certas atividades que quando somadas à rotina de treinamentos dos esportistas, são consideradas essenciais para a preparação global adequada, principalmente, diante dos períodos competitivos, moldando o jogador de maneira crucial para o campeonato em questão (TOLEDO, 2002).

Com isso, o objetivo dessa pesquisa foi investigar a visão de atletas de futebol das categorias de base de diversos clubes brasileiros, sobre o ambiente de reclusão esportiva, ressaltando os aspectos positivos e negativos citados pelos mesmos a respeito desse local.

Métodos:

Esse estudo conta com uma amostra composta por 211 atletas, sendo todos do sexo masculino, praticantes da modalidade de futebol de campo, apresentando média de idade de 18,05 anos (± 0,96). Os jogadores faziam parte do elenco de 10 equipes que participaram da Copa São Paulo de Futebol Júnior no ano de 2015, sendo essa, a maior competição para atletas de categorias de base do futebol brasileiro.

As equipes foram selecionadas de acordo com a disponibilidade e permissão da comissão técnica, do treinador e dos atletas. Além disso, foram escolhidos os times que estavam alojados/concentrados em certas regiões, incluindo apenas as cidades de Araras, São Carlos e Leme, todas localizadas no interior do estado de São Paulo.

Foi adotado como instrumento de pesquisa, um questionário com 3 questões abertas, desenvolvido especificamente com o intuito de alcançar o objetivo determinado por esse estudo, buscando compreender a visão de futebolistas da categoria de base sobre o ambiente de reclusão esportiva.

Como método de análise, foi adotada a Análise de Conteúdo proposta por Franco (1994), com o intuito de ter uma leitura e interpretação mais adequada dos dados qualitativos, sendo vantajosa pela realização de uma abordagem objetiva e sistêmica dos dados, ressaltando a possibilidade de realizar inferências e analisar o conteúdo obtido em seus sentidos individuais.

Resultados e Discussão:

A primeira indagação realizada foi referente a visão dos atletas sobre o alojamento e o local de reclusão esportiva, podendo ter as principais respostas verificadas por meio do gráfico abaixo (Figura 1). A principal resposta obtida por meio dos dados é que o ambiente oferece as condições necessárias para os atletas (54%). Em seguida, 18% dos participantes apontaram que a reclusão esportiva amplia a convivência social. De maneira contraditória ao que foi apontado pela maioria, 11% afirma que o ambiente conta com falta de estrutura.

Ainda foram constatadas respostas referentes ao ambiente ser importante para a manutenção do foco (7%), além de contribuir para o aperfeiçoamento da coesão grupal (7%). Esses fatores também aparecem na literatura por meio dos estudos de Kocian et al. (2005) e Kocian, Botura, Nicola, Amandio e Machado (2007).

Outro ponto que merece destaque é que apenas um participante da pesquisa afirmou ser desnecessário ficar alojado antes dos jogos, entretanto, esse indivíduo não apresentou argumentos como motivos que justificassem essa opinião.

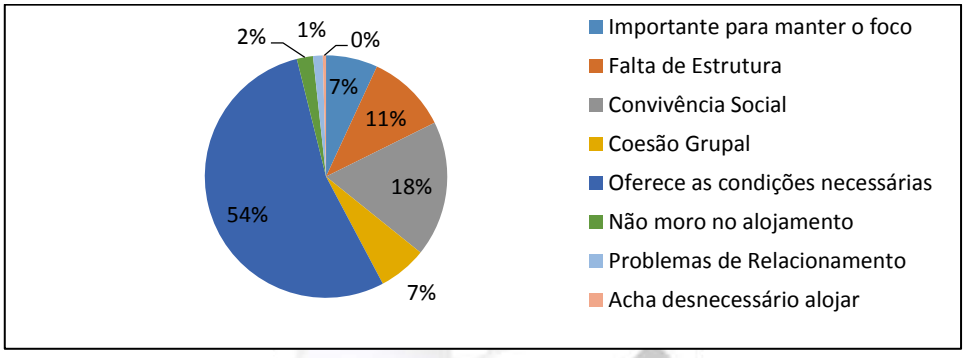

Figura 1. Porcentagem das respostas dos atletas para a pergunta: "O que você acha do ambiente de reclusão/alojamento? Por quê? ".

O segundo questionamento realizado aos atletas, indagava se os mesmos julgavam ser importante que eles ficassem alojados/concentrados antes dos jogos, tendo os resultados expostos por meio do gráfico a seguir (Figura 2).

É possível perceber que a maior parte dos participantes da pesquisa informou que o fato de ficarem alojados resulta em aumento do foco para a partida (62%), além de afirmarem que esse ambiente é responsável pela melhora na coesão grupal (11%) e que também é necessário para os atletas repousarem (9%).

Além dos fatores destacados anteriormente, também é possível notar que os atletas assumem que o ambiente de reclusão é extremamente relevante para a melhora na alimentação e preservação dos atletas.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

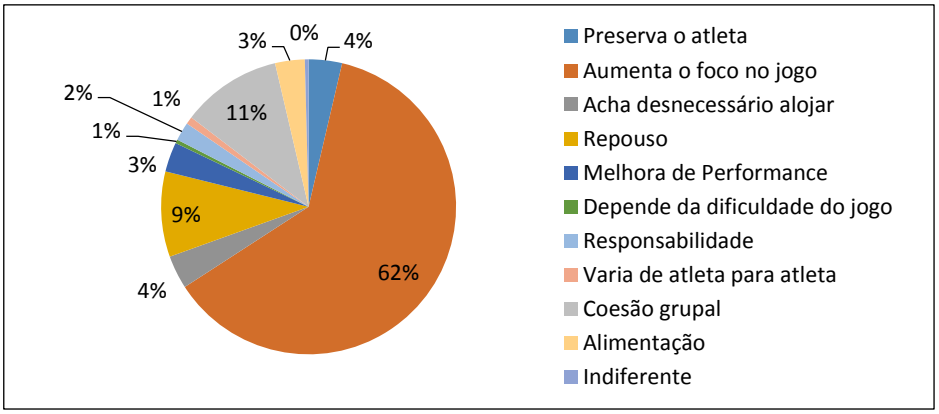

Figura 2. Porcentagem das respostas dos atletas para a pergunta: "Você considera importante ficar alojado? Por quê? ".

As respostas encontradas por meio da análise de conteúdo, também podem ser notadas no estudo de Kocian, et al. (2005), demonstrando alguns aspectos similares entre os entrevistados, principalmente, quanto a preservação dos atletas, alimentação, repouso e aumento no foco para o jogo.

A última questão é referente ao modo com que as notícias veiculadas, tanto pela mídia tradicional quanto pela mídia digital, sobre o próprio atleta ou sobre sua equipe, são capazes de atingir o jogador. As respostas estão expostas no terceiro gráfico (Figura 3).

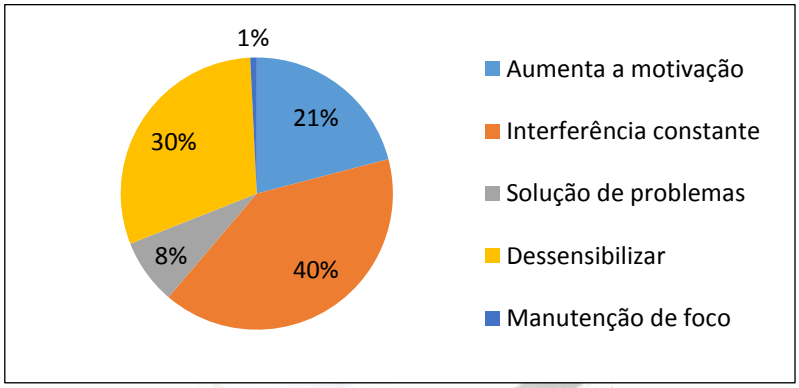

Figura 3. Porcentagem das respostas dos atletas para a pergunta: "Como as notícias divulgadas em meios de comunicação sobre você e/ou sua equipe atingem você?".

Essa indagação foi realizada devido ao contato excessivo que muitos atletas possuem no ambiente de reclusão esportiva com a mídia, principalmente, por meio do uso das novas mídias, redes sociais, aplicativos de comunicação e acesso aos portais, revistas e jornais eletrônicos, podendo ou não sofrer influência devido as notícias veiculadas.

Analisando os resultados, é evidente que a maioria dos atletas (40%) indicou que existe uma interferência constante quando uma notícia sobre si ou sua equipe é divulgada pela mídia. Por outro lado, 30% dos participantes demonstraram dessensibilização para essa situação, ou seja, é indiferente para esses atletas o fato de uma notícia sobre si ser veiculada ou não.

Outra categoria que pode ser destacada devido a esse questionamento, é referente aos 21% dos jogadores que afirmaram aumento da motivação diante da situação colocada, isto é, caso a notícia seja pejorativa, os atletas se motivam com o intuito de superá-la e passarem a ser melhor vistos para uma próxima vez, caso seja uma notícia positiva, os esportistas continuam se esforçando, aumentando a motivação, para se manterem no topo.

O que pode ser verificado é que as respostas são muito distintas, não existindo um consenso por parte da visão dos jogadores, ou seja, futebolistas das categorias de base do território brasileiro apontam diversos fatores que podem surgir no ambiente de reclusão esportiva, apresentando grandes variações entre os aspectos considerados positivos e negativos.

Além disso, é necessário que se tenha atenção para que os atletas saibam o real motivo de estarem alojados/concentrados, para que não acabem replicando aquilo que lhes é informado, ou seja, os jogadores ouvem dos membros da comissão técnica, treinadores e, até mesmo, da mídia que o ambiente de reclusão é propício para o aumento do foco no jogo e acabam replicando isso, sem ter maiores argumentos para tal ação.

Conclusão:

Pode-se concluir que foram destacados pelos atletas participantes dessa pesquisa, diversos aspectos positivos e negativos referentes ao ambiente de reclusão esportiva. Os principais fatores positivos citados foram: o ambiente oferece as condições necessárias para os atletas, além de ser responsável pelo aumento ou manutenção do foco para a partida, preservação dos jogadores (citando fatores como o repouso e a alimentação), melhora ou manutenção do desempenho, evitando a perda de performance e o aperfeiçoamento da convivência social. Já os aspectos negativos citados no estudo, implicam em: falta de estrutura do local e problemas de relacionamento, como desentendimentos e desafetos.

Com isso, nota-se que a maioria dos jovens atletas julga ser necessário o ambiente de reclusão esportiva nos momentos que precedem as partidas, entretanto, essa necessidade varia de acordo com a dificuldade e importância que o próximo jogo apresenta.

Além disso, é essencial que os esportistas saibam o real motivo de estarem alojados, tendo percepção sobre os possíveis benefícios e malefícios que o ambiente de reclusão esportiva pode oferecer, principalmente no que diz respeito a coesão grupal e ao foco no jogo, evitando replicações de informações sem maiores argumentos.

Por fim, como alguns atletas ressaltaram que sofrem interferência constante devido à notícias veiculadas sobre si ou sobre sua equipe, somado com o fato da potencialização do uso das novas mídias, redes sociais e aplicativos de comunicação, é necessário que sejam estabelecidas regras ou acordos entre comissão técnica, treinadores e jogadores, planejando a utilização adequada dos aparatos tecnológicos no ambiente de reclusão esportiva, buscando a criação de um ambiente benéfico para o grupo, contribuindo para a preparação dos atletas, evitando possíveis influências que prejudiquem o desempenho final dos mesmos durante as partidas ou competições.

Referências Bibliográficas:

FRANCO, M. L. P. B. **Ensino Médio: desafios e reflexões.** Campinas: Papirus, 1994.

KOCIAN, R. C.; BOTURA, H.; NICOLA, T.; AMANDIO, J. C. A.; MACHADO, A. A. Existe possibilidade de uma nova forma de reclusão esportiva? Uma visão dos atletas. **Coleção e Pesquisa em Educação Física**, 5 (1), 315-322, 2007.

KOCIAN, R. C.; KOCIAN, W. E.; MACHADO, A. A. Aspectos psicológicos positivos e negativos de uma concentração esportiva: uma visão dos atletas. **Revista Digital EF Deportes**, 89, 2005. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd89/concen.htm>. Acesso em: 01 jul 2015.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no Futebol.** São Paulo: Hucitec, 2002.

Palavras-chave: Reclusão Esportiva, Concentração, Estados Emocionais, Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

LESÃO NO CONTEXTO ESPORTIVO E SUAS VARIÁVEIS PSICOLÓGICAS

Luciana Botelho Ribeiro, Raphael Moura Rolim, Kauan Galvão Morão, Vivian de Oliveira, Afonso Antonio Machado.
UNESP- Universidade Estadual Paulista (Rio Claro)
lulu_bribeiro@hotmail.com

Introdução

As lesões são fatores que influenciam os indivíduos de diversas maneiras em sua rotina diária e principalmente no contexto esportivo. Várias podem ser as causas, intensidades e durações das lesões acarretando diferentes processos de recuperação de acordo com cada indivíduo. Existem fatores internos e externos que influenciam o indivíduo para que esta lesão aconteça, para que retorne a prática esportiva, sendo o fator interno "psicológico", nosso foco de estudo.

De acordo com Machado e Brandão (2006), pensando no esporte, deve-se abrir um campo de compreensão de todas as fases de comportamento do ser humano diante das mais diversas situações encontradas no contexto esportivo. Ao estar inserido nesse contexto, relações são postas entre técnicos, competidores e torcida, nas quais estes passam por tipos e variações de sentimentos positivos e negativos. Lembrando que cada modalidade esportiva apresenta suas características e individualidades específicas.

O atleta apresenta uma constante vulnerabilidade no esporte e com isso precisa adquirir um preparo físico e psicológico mais equilibrado possível. Quando este não se adapta ou não consegue um equilíbrio perante os problemas começam a surgir diversas alterações e uma delas é a lesão esportiva (MACHADO; BRANDÃO, 2006).

Lesão esportiva pode ser definida como qualquer dano físico que aconteça com o indivíduo ao participar de uma atividade desportiva que tenha caráter competitivo acarretando a não funcionalidade do organismo (VASCONCELOS- RAPOSO et al., 2014).

As lesões são fatores influentes no esporte podendo levar o atleta a abandonar a sua rotina diária, e com isso trás diversos outros fatores desfavoráveis junto a essa lesão. Sabe-se que as causas das lesões são diversas e podem acontecer de diferentes intensidades e variações, e que o momento e a causa da lesão são fatores que exercem influência significativa em seu processo de recuperação (BUENO; BUCETA, 1995).

Justificativa

Estudos nessa área se justificam por sabermos da interferência do estado psicológico do atleta no esporte, podendo desencadear quadros patológicos. O esporte constantemente passa por oscilações, ou seja, situações inconstantes de um jogador estar jogando bem, tendo sucesso ou não e em pouco tempo não ser mais convocado para os jogos, os atletas são vulneráveis a instabilidades físicas e psicológicas.

Objetivo

Verificar os fatores psicológicos que são influentes na ocorrência quanto ao índice, local de acometimento, modalidades e tempo de recuperação da lesão.

Metodologia

Avaliaram-se 122 indivíduos (77 do sexo masculino e 45 do sexo feminino) com média de idade de 24,65 (±5,04) anos por meio de um questionário online no *Google® drive* composto de perguntas abertas e fechadas relacionadas à história da lesão e fatores psicológicos. O questionário foi divulgado pelos pesquisadores no Facebook® e solicitado as pessoas que após responderem encaminhassem a sua rede de amigos. O questionário ficou disponível por três semanas na rede social para coleta dos dados. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva.

Resultados

Dos 122 indivíduos avaliados, 93,5% já sofreram lesão no contexto esportivo e os locais de maior acometimento das lesões foram membros inferiores e membros superiores, veja o gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1: Valores dos locais de acometimento da lesão dos indivíduos avaliados.

A maioria dos atletas (70,5%) realizam seus treinamentos acompanhados por um profissional de educação física e (29,5%) não tem acompanhamento. Já as modalidades esportivas que os indivíduos apresentaram maior índice de lesões estão apresentadas no gráfico 2 logo abaixo:

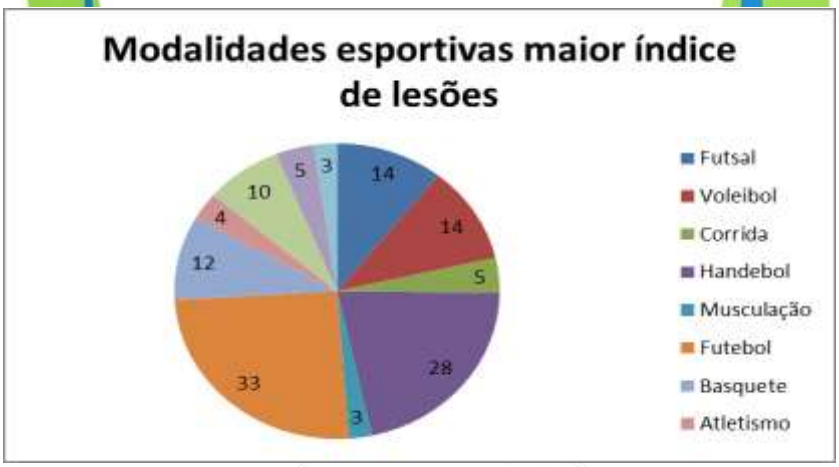

Gráfico 2: Valores das modalidades esportivas com maior índice de lesões dos indivíduos avaliados.

O período de recuperação da lesão variou entre os indivíduos e podem ser vistos no gráfico 3 abaixo:

Gráfico 3: Valores dos períodos de recuperação da lesão dos indivíduos avaliados.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

Ao falar da psicologia do esporte, nosso foco de estudo, vários fatores psicológicos foram relatados após a ocorrência de lesões e podem ser vistos no gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4: Fatores psicológicas relatados pelos indivíduos pós-lesão.

Sabe-se que diversos são os fatores influentes para o retorno à prática da modalidade, sejam eles físicos e psicológicos. O contexto esportivo envolve diversas situações que podem deixar os atletas susceptíveis a alterações nos fatores físicos e psicológicos influenciando no seu rendimento (VASCONCELOS-RAPOSO et al.,2014).

Na prática, é importante o atleta saber validar todo o seu sistema de crenças e algumas atitudes relacionadas ao medo associado à incidência de lesão. Suas crenças e atitudes irão auxiliar nos comportamentos de risco ao longo dos processos de recuperação e reforçar mudanças necessárias para se reprogramar, diminuindo também o impacto psicológico em situações de estresse alheias a competições e treinos (VASCONCELOS- RAPOSO et al., 2014). Ressalta-se que neste estudo, após o período de recuperação da lesão 68,7% dos indivíduos voltaram a praticar alguma modalidade esportiva.

Conclusão

O contexto esportivo exerce grande influência no atleta, tanto física como psicológica. Com o surgimento da lesão o atleta passa por um período de recuperação, o qual deve respeitar diversos fatores internos e externos. Este atleta deverá trabalhar seus fatores psicológicos muito bem, não deixando que estes influenciem negativamente o processo de reabilitação. Talvez algumas modalidades exerçam alguma tendência a lesão, mas isso cabe a equipe multidisciplinar realizar uma intervenção reduzindo as chances de lesão. E se esta acontecer, o importante é uma intervenção adequada nesses atletas para que retornem recuperados a modalidade o mais breve possível.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício**: Aspectos Psicológicos do Rendimento Esportivo, Atheneu, São Paulo, 2008.

BUCETA, J. M.; BUENO, A. M. **Psycologia y salud**: control del estres y transtornos associados. Buenos Aires. Dykinson. 1995.

MACHADO, A. A.; BRANDÃO, M. R. G. Performance esportiva de adolescentes: influências psicológicas externas. **Motriz,** Rio Claro, v.12, n.3, p.262-268, set/dez, 2006.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. Conceitos e Novas Perspectivas. 2009.

VASCONCELOS-RAPOSO, J.; CARVALHO, R.; TEIXEIRA, C. M.; NETO, J. T. Relevância da intervenção psicológica em casos de lesão de atletas. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v.14, n.2, p.110-131, 2014.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Psicologia do Esporte e do Exercício**. Artmed. 2 ed. Porto Alegre. 2001.

Palavras-chave: Estados emocionais, Tecnologias, Lesões, Esporte, Psicologia.

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

O CORPO E SUA EXPOSIÇÃO: UMA ANÁLISE VIRTUAL

Luis Fernando Gonçalves, Guilherme Bagni, Matheus de Oliveira Martins, Afonso Antonio Machado
Universidade Estadual Paulista – UNESP
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte - LEPESPE
lfgoncalves17@gmail.com

Introdução

Sabemos que nas ultima décadas vem aumentando o número de pessoas que tem acesso à rede mundial de computadores. É muito comum encontrar em vários pontos das cidades pessoas com celulares, smartphones, tablets em mãos, sendo que, esses equipamentos eletrônicos transmitem códigos binários que são capazes de colocar esses indivíduos em contato com o mundo todo. Temos então uma geração conectada.

Uma vez em contato com essa rede de computadores, as pessoas se tornam mais ativas no espaço cyber, procurando mostrar para o mundo o "eu" que existe dentro de cada um de nós.

Quando um indivíduo expõe algo em uma rede social, o mesmo esta sendo produtor de informação, e essa informação irá chegar a todos os outros que tem acesso comum a mesma rede, sendo esses demais indivíduos consumidor de informação. De fato, as facilidades do mundo virtual faz com que possamos ser propagadores de informação, produtores de informação tal como consumidores de informação.

O Narcizismo e os corpos humanos

Quando visualizamos a questão da imagem corporal nos vem inúmeros pensamentos, a respeito do tema, o jeito de se vestir, comunicar, expressar e demonstrar (até mesmo sentimentos). Porém para este trabalho iremos utilizar a ideia de imagem corporal transmitida por Goellner (2003), o autor traz o aspecto da imagem corporal voltada para corpos em exposição, retratando a ideia de que o corpo esta articulado com o perfil social em que o individuo esta inserido, tentando então ao máximo demonstrar o corpo belo, o corpo de Narcizo.

Partindo desse pressuposto temos a questão da mutilação do corpo. Mutilação essa que se da através da modelagem do corpo, fazendo com que o mesmo se torne uma escultura, chegando então ao termo corpo escultural.

De certa maneira quando ocorre à estruturação do corpo, o indivíduo passa a ser inserido em outro contexto social. Ele sai da mecanização rotineira de seus aspectos culturais e sociais e passam a serem produtores de informação conforme foi articulado na introdução desse texto. O que também iremos discutir no ao longo do trabalho.

O espaço da visualização, corpos reais ou corpos virtuais?

Para iniciarmos essa parte do texto, podemos especular a questão da exposição dos indivíduos nas redes sociais. Temos em questão o prisma da internet 3.0 que possibilita interações em tempo real entre indivíduos de diversas partes do planeta. Logo especulasse que a maioria dos indivíduos que postam suas imagens em redes sociais, o faz com o intuito de ser visto, de transmitir uma ideia sobre seu corpo, seu modo de vida, seus aspectos sociais.

Então entramos no aspecto exposto por Silva (2012), retratando que no mundo contemporâneo as pessoas estão deixando de serem receptoras de informação e passam a produzir o seu próprio conteúdo; Essa produção de conteúdo também fica exposta quando os indivíduos aplicam os filtros de conteúdos em suas redes sociais. Logo, com esse modelo de vida social, os indivíduos deixam de serem receptores e se tornam produtores de informação.

Dessa maneira se analisarmos a questão do "ser" e "não ser", entraremos em um conflito social, sendo que de um lado estão os que têm vinculo com uma exposição social comum, e de outro lado os indivíduos que buscam uma maior exposição corporal, chegando ao denominado narcisismo.

Quando o indivíduo passa a ficar inserido em sua maior parte do tempo no mundo cyber, esse em questão começa a desenvolver algumas novas rotinas, deixando de lado o vínculo social, a expressão corporal presencial, passando então para as ações de não presença, ou seja, a comunicação mediada pelo computador, a conversação em rede. Logo temos a exposição do gênero em formato de imagem corporal no mundo cyber, e esse corpo escultural começa a desenvolver um pressuposto de erotismo na não presença (MACHADO, 2011).

Quando passamos a analisar a questão por um prisma mais sociológico e filosófico, vamos nos deparar com as condições de auto identidade, onde o indivíduo começa expor em uma rede social algo que ele não consegue colocar em prática em sua vida cotidiana, acaba ocorrendo uma mudança de personalidade. Ora esse indivíduo tem de certa forma uma vergonha social, outrora ele busca uma confirmação de personalidade.

De qualquer modo temos a repaginação da identidade, ela vai se reconstruindo, tendo em vista que a mesma é reflexiva. E com a propagação dos perfis sociais essa identidade acaba por chegar a inúmeras casas, inúmeras pessoas que então tentam se refletir no indivíduo base.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

A busca pelo corpo perfeito tem o efeito de produzir discursos duplos que se justificam por relacionar as atividades físicas como promotoras de boa saúde e veículo de credibilidade social, bem como ser objeto de desejo, mas não deixam claro, ou pelo menos não fazem questão de revelar, quais os processos pelos quais passam os que já adquiriram o tão desejado corpo perfeito, ficando somente sua imagem como fontes de inspirações e desejos.

Procedimentos

O trabalho faz alusão a um perfil direto em uma rede social denominada *Instagram®*. Este é considerado uma rede social de compartilhamento de fotos e vídeos, permitindo também comentários abaixo das fotos/vídeos.

Para Cavendish (2013), o *Instagram®* é uma rede social que apresenta atores mútuos, sendo que as conexões e interações permitidas são de fato geradoras de relações, essa que por

sua vez, é uma forma de comunicação social, troca de informações entre outros. A forma de comunicação proposta é a conversação assincrônica, de acordo com os modos de comunicação previstos para análises de redes sociais, citados por Recuero (2012).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, utilizando o método netnográfico. Segundo Fragoso et. al. (2013), netnografia é um neologismo criado nos anos 90, a partir dos termos net + etnografia, tendo o objetivo de demarcar as adaptações do método etnográfico em relação à coleta e análise de dados, além da ética em pesquisa.

Para realizar a análise final optaremos nesse estudo pelo uso dos comentários realizados nas imagens. Analisando então o poder de reflexão que a expressão corporal causa diretamente em indivíduos que estão vinculados ao mundo cyber.

Análise de conteúdo

Vamos trabalhar a partir desse momento com as legendas das fotos e os comentários que os seguidores foram postando sobre referidas imagens corporais.

Em primeiro momento vamos analisar uma fotografia de uma modelo após um treino de musculação. A imagem vem com seguinte legenda *"Missão cumprida hoje tb!!! Treino de obro abs!!".* Analisando o conteúdo dos comentários postados na imagem, foi verificado que as maiorias dos mesmos fazem alusão ao corpo e a estética exposta, idolatrando o corpo perfeito ou a busca pela perfeição. Outro porto que foi marcado caracteriza o exposto na primeira parte desse estudo, onde discorremos sobre a reflexão de um indivíduo no outro, uma vez que mais de cinquenta por cento dos comentários até então realizados eram de perfis do gênero feminino. Outro fator intrigante é que muitos dos personagens que fizeram os comentários pediam auxílios de treinos e estética. Isso nos faz pensar em até que ponto a inspiração serve de força para buscamos esse padrões de beleza expostos no mundo cyber.

Conclusão

Como objeto, o corpo é agora moldável. Academias, revistas de dietas, clínicas estéticas, cirurgias plásticas, salões de cabeleireiro, tudo ajuda a modificar o corpo e transformá-lo em um híbrido humano-robô, pois quanto mais nos afastamos das imperfeições, menos humanos somos.

E sobre a questão do narcisismo, ou podemos chamar de corpo físico perfeito, temos a questão de que a comunicação mediada pela internet favorece o acompanhamento cada vez maior das diversas maneiras que o narcisismo é imposto. E se isso vai acabar não podemos responder, pois na internet somos criadores, transmissores e receptores de informação. De modo que na cultura virtual não podemos culpar ou mesmo parabenizar os transmissores de informação.

Palavras Chave: Desenvolvimento Humano e Tecnologias; Corpo; Cultura.

Bibliografia

CAVENDISH, A. A. **A passarela virtual**: uma análise do aplicativo *Instagram* como plataforma de construção de narrativas de moda. 2013. 87 f. Monografia (Bacharelado em Publicidade e Propaganda) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade de Brasília, 2013.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2013.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In. LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, S. (Org). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. P. 28-40.

MACHADO, A. A. O corpo, o desenvolvimento humano e as tecnologias. In: **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.4, p.728-737, out./dez. 2011.

RECUERO, R. **A conversação em rede:** comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SILVA, P. I. R. *Instagram*: um modo de narrar sobre si, fotografar ou de olhar para se ver. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE,17, 2012, Ouro Preto. **Anais …** Ouro Preto: 2012.

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

COMO AS NOVAS MIDIAS CONSTROEM O CORPO CONTEMPORÃNEO

Matheus de Oliveira Martins, Luis Fernando Gonçalves, Afonso Antonio Machado
Universidade Estadual Paulista"Júlio de Mesquita Filho" – Campus Rio Claro - Lepespe
matheus.oliveira80@gmail.com

INTRODUÇÃO

A abordagem do tema corpo, com um enfoque especial nos assuntos relacionados à vigorexia, direcionada ao público masculino, como uma forma de análise de distúrbios e tendências contemporâneas, é de extrema relevância, uma vez que o corpo deve ser pensado como uma multiplicidade de forças que adquirem formas distintas ao longo de sua construção em uma determinada época e/ou cultura.

Nos dias atuais, onde a tecnologia está presente no cotidiano das pessoas, em suas mais variadas formas, quer seja através da mídia, das técnicas de intervenção cirúrgicas, nos produtos de beleza, aparelhos para ginástica, etc., não poderíamos deixar de ressaltar o fato de que o corpo toma-se como central seu papel na sua própria construção.

A busca pelo corpo perfeito tem o efeito de produzir discursos duplos que se justificam por relacionar as atividades físicas como promotoras de boa saúde e veículo de credibilidade social, bem como ser objeto de desejo, mas não deixam claro, ou pelo menos não fazem questão de revelar, quais os processos pelos quais passam os que já adquiriram o tão desejado corpo perfeito, ficando somente sua imagem como fontes de inspirações e desejos.

O acesso facilitado de informações para que o indivíduo se torne responsável por si e pela construção corporal, resvala no que é ser valorizado em uma determinada cultura e época, pois vivemos em uma cultura onde os corpos que tem valor são aqueles ditos "sarados", com musculatura aparente, ativos, sempre em busca de uma beleza perfeita, por isso temos sempre corpos em construção, corpos transitórios.

O corpo que tenho hoje pode não ser valorizado amanhã, ao passo que se me empenhar um pouco mais, melhorar meus treinamentos, me alimentar melhor, poderei ser/ter o modelo de corpo perfeito.

Até quando?

Vemos então que se cria uma sacralização do corpo, passa-se a cultuar o corpo como algo a ser cuidado e melhorado cada vez mais, possuindo uma inversão de valores que se opõem ao ideal ascético do corpo.

O corpo passa a ser o objeto de culto e cuidados, estabelecendo relações bastante estreitas com nossas redes de valores atuais, sob o risco de desenvolver patologias relacionadas a estas práticas.

OBJETIVOS

Entender como as tecnologias, em especial as novas mídias, constroem o corpo na atualidade e que relação se estabelece entre o corpo transformado e o corpo anterior.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização desse trabalho se deu pela adoção de uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de recuperar parte do conhecimento científico sobre a temática explorada.

Esse trabalho é classificado como uma pesquisa descritiva, já que são expostas algumas características de um determinado fenômeno, e possivelmente correlacionar àquilo que foi encontrado para determinar uma opinião sólida do pesquisador, de forma a tê-la embasada cientificamente.

A pesquisa bibliográfica possui alguns elementos que podemos destacar com certa facilidade, entre eles o acesso ao público do material científico como artigos, dissertações, teses, dentre outros, ou seja, o pesquisador faz uso daquilo que já está inserido na literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para desenvolver tal estudo, focaremos nossas atenções no fato de que este corpo dito perfeito e desejável, traz consigo inúmeras consequências, até então, somente imagináveis em ambientes de ginásios de fisiculturistas ou atletas de alto nível.

A proximidade das realidades dos ambientes supracitados e a vida cotidiana das pessoas que fogem a estas caracterizações são cada vez mais palpáveis se atentarmos para o fato de as mídias estabelecerem laços estreitos com a população em geral e, deste meio estar cada vez mais sendo influenciado e sendo influenciador em todos os níveis sociais. Segundo Camargo e Barbara (2004), a mídia possui um papel extremamente importante, pois divulga e populariza os conhecimentos científicos.

Segundo Nasio (2009), a imagem do corpo é, senão, a própria substância do nosso eu, não sendo o corpo somente de carne e osso, somos o que sentimos e vemos do nosso corpo. Nosso eu é a ideia íntima que forjamos do nosso corpo, isto é, a representação mental de nossas sensações corporais, que é mutante e incessantemente influenciada por nossa imagem do espelho, sendo composto de duas imagens corporais de naturezas diferentes e indissociáveis, a imagem mental de nossas sensações corporais e a imagem especular da aparência do nosso corpo.

Envolvendo as questões das comunidades digitais ou redes sociais, Garton et al. (1997) cita que este tipo de análise está centrada nos padrões de relações entre as pessoas, refletindo uma mudança do individualismo comum nas ciências sociais para a busca de uma análise estrutural.

Recuero (2004) demonstra que:

> "...para ir além dos atributos individuais e considerar as relações entre os atores sociais, a análise das redes sociais busca focar-se em novas "unidades de análise" tais como: relações (caracterizadas por conteúdo, direção e força), laços sociais (que conectam pares de atores através de uma ou mais relações), multiplicidade (quanto mais relações um laço social possui, maior a sua multiplicidade) e composição do laço social (derivada dos atributos individuais dos atores envolvidos). O estudo de redes sociais procura também levar para a sociedade os elementos principais estudados em uma rede, tais como densidade da rede e *clusterização*, [...] que são grupos de nós muito conectados. Em termos de redes sociais, os clusters são

> considerados grupos sociais coesos. Eles são unidos a outros grupos através de laços individuais de seus membros." (RECUERO, 2004, p.3)

E a cibercultura? Como esse fenômeno contribui na construção do corpo contemporâneo?

Se olharmos para a afirmação de Robster e Webster (1999) que diz que se as forças do capital corporativista e os interesses políticos forem bem sucedidos na introdução sistemática dessas novas tecnologias, passando da robótica ao banco de dados, da internet aos games de realidade virtual, então a vida social dos indivíduos será transformada quase que em sua totalidade, veremos a real dimensão desse processo, suas transformações mudaram ou estão mudando o cotidiano das pessoas, e nesse aspecto o corpo passa a estar em profunda transformação, já que este acompanha as mutações do mundo contemporâneo.

Temos então o chamado corpo transitório, um corpo que nunca está estabelecido, sempre anseia por algo novo, muitas dessas mudanças trazidas pelas informações do mundo da ciber cultura. Aliás, essa, a informação, é a palavra de ordem do processo ciber, segundo Santaella (2003):

> "Genética, assuntos de guerra, entretenimento, comunicações, produção de grãos e cifras do mercado financeiro estão entre os setores da sociedade que passam por uma revolução provocada pela entrada no paradigma informacional"(SANTAELLA, 2003 p. 28, 32)

Posto isso, atualmente, o corpo biológico não retrata o corpo completo, aquele corpo que é explorado de forma integral, nesse aspecto a tecnologia se torna quase como um apêndice desse corpo, ou como um novo membro, parte integrante e que se molda ao anatômico. Sobre isso Minsky (apud Le BRETON, 2003) faz uma importante consideração, pois segundo o autor, o corpo que é biológico se torna obsoleto, pois este sugere uma data para que haja uma espécie de tele transporte do espírito para o computador.

Dessa maneira cria-se uma compulsão desenfreada pela informação cada vez mais veloz e instantânea, de tal forma que o cérebro não consegue assimilar tudo aquilo que deveria ser processado e absorvido de maneira criativa (MACHADO et al., 2011).

Exatamente nesse lugar, a tecnologia toma seu lugar no corpo humano, já que o biológico não desempenha de forma satisfatória suas funções, esta aparece como a grande "sacada" para que exista uma retomada ou em alguns casos, uma melhora do corpo atual.

CONCLUSÃO

Quando falamos do corpo tecnológico, um universo de possibilidades se abre, não existindo mais fronteiras físicas ou biológicas para o cybercorpo. Aideia agora é que o corpo se adeque a máquina, ou seja, a máquina passou a ser o corpo, passaram de uma remota possibilidade para a realidade da biomedicina e da robótica humana. Órgãos e membros,devido a biocompatibilidade, são implantados com uma facilidade muito grande e, por isso, aderem ao corpo com extrema eficácia.

As mutações são alvos de estudos e contribuem para que a interação apenas aumente juntamente com as questões das emoções, dos sentimentos e das identidades. Também vejo que lidar com esses corpos mutantes, escarificados, transformados, enfim, parece algo fugaz, não concreto, e isso me deixa inquieto e pensativo, mas ao mesmo tempo motivado para esse conhecimento, pois a minha profissão é exatamente essa. Se o profissional de Educação Física não souber manusear esses corpos, quem saberá? Como obter de um corpo-máquina seu melhor desempenho? Como entender seus anseios e vontades se ele é tão diferente do meu corpo? Claramente são dúvidas ainda em aberto, mas que movimentam os estudiosos para as novas descobertas.

Por fim, creio que todas essas relações nos surpreenderão em um futuro breve e, dessa forma, devem ser motivo de atenção na comunidade científica, surgindo mais respostas e com elas outras milhares de dúvidas e assim a evolução corporal vai acontecendo diante dos nossos olhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. São Paulo: Editora Papirus; 2003.

MACHADO, A. A; ZANETTI, M. C; MOIOLI, A. **O corpo, o desenvolvimento humano e as tecnologias**. Motriz, v. 17, p. 728-737, 2011

NASIO, J. D.**Meucorpo e suasimagens.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RECUERO, R**. Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs**. In: XXVII Intercom, 2004, Porto Alegre. Anais do XXVII Intercom, 2004.

ROBERTS, D. F., FOEHR, U. G., & RIDEOUT, V. **Generation M: Media in the lives of 8–18 year-olds**. Menlo Park, CA: Kaiser Family Foundation, 2005.

SANTAELLA, L**. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano.** In: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, nº 22, p. 28-32 dezembro, 2003.

COPING NO FUTEBOL: EM BUSCA DA PERFORMANCE IDEAL

Renato Henrique Verzani, Kauan Galvão Morão, Guilherme Bagni, Afonso Antonio Machado, Adriane Beatriz de Souza Serapião
Lepespe – DEF – IB- UNESP Rio Claro
renato_verzani@hotmail.com

Introdução

Analisando o contexto esportivo na atualidade, é necessário ter um olhar apurado para uma série de questões que têm influenciado diretamente os atletas, mesmo que muitos destes fatores passem despercebido por grande parte dos responsáveis, em uma comissão técnica. Na cultura brasileira, ainda existe uma grande valorização de aspectos técnicos, táticos e físicos, sem levar em consideração os aspectos psicológicos, que podem desequilibrar os atletas.

A partir disto, o esporte possui cada vez mais demandas incidindo diretamente sobre os atletas, produzindo um impulso emocional que acaba, mesmo que indiretamente, interferindo sobre eles. É principalmente quanto a este fator que a psicologia do esporte exerce um papel fundamental, possibilitando que os treinadores e atletas consigam adequar seus pensamentos e comportamentos, direcionando para um bom equilíbrio emocional.

O manejo das emoções para os atletas de alto rendimento é fundamental, visto que qualquer alteração sem uma resposta adequada, tem interferência direta no rendimento. Desta forma, de acordo com Machado (2013), não podemos perder de vista que as exigências (sociais, físicas e psicológicas) que os atletas sofrem os deixam à margem da sociedade, visto que ficam ligados aos treinamentos, deslocamentos para competições, momentos competitivos, dentre outros. Isso faz com que não exista a possibilidade de integração social plena.

Destacando um dos aspectos de grande exigência para os atletas, isto é, o físico, temos que o limite dos atletas é testado constantemente, fato este que pode desencadear, segundo Machado (2013), em dores crônicas, cansaço excessivo e até mesmo lesões. Estas novas demandas, por sua vez, vão colocar estes atletas em contato com a frustração, o medo, a vergonha, a ansiedade e diversas outros aspectos psicológicas, que trazem a necessidade de adequação, evitando desequilíbrios que interfiram no desempenho, sendo este um grande desafio.

Através deste breve relato de algumas possibilidades em que os aspectos psicológicos podem se fazer presentes e delimitar o caminho para o sucesso ou fracasso, fica claro que o equilíbrio emocional e uma preparação adequada podem ser fundamentais em momentos decisivos e grandes competições, fazendo com que o atleta esteja apto a executar as tarefas para as quais foi treinado.

Sendo assim, da mesma forma que é feito com relação aos outros aspectos, a questão psicológica precisa ser trabalhada ao longo de uma temporada, sem que sejam utilizados determinados momentos, normalmente de grande desequilíbrio, para qualquer tipo de trabalho como este. Isto é, o trabalho não pode ser apenas em momentos pontuais, mas sim em diferentes períodos e focados em um atleta equilibrado.

Com relação ao enfrentamento de problemas, também chamado de *coping*, é importante de ser trabalhado no ambiente esportivo. Para Barbosa et *al*. (2013), é necessário ter um olhar adequado e uma identificação do modo como os problemas enfrentados pelos atletas no dia-a-dia, para que assim os mesmos sejam direcionados para a melhor solução destes, favorecendo o rendimento esportivo e o bem estar dos atletas.

Segundo as contribuições de Taylor e Stanton (2007), o *coping* se refere diretamente ao ato de procurar lidar corretamente com as demandas, sendo que estas podem ser internas ou externas, uma vez que normalmente se encontram acima das possibilidades e recursos do indivíduo para enfrentá-las, tornando assim necessária uma intervenção adequada pelos profissionais, no caso do esporte, que preparam estes atletas cotidianamente.

Quando existe uma falha no controle destas demandas, ou mesmo quando as estratégias não são adequadas para a situação, o sujeito pode passar por elevados níveis de estresse. Este quadro pode favorecer o surgimento de momentos mais constantes de exaustão, dificuldades de relacionamento com o grupo ou até mesmo transtornos psiquiátricos (KAVANAGH, 2005).

Desta forma, Marques e Rosado (2005) apontam que os atletas que obterão maior espaço e sucesso dentro da modalidade, serão os que demonstrarem maior capacidade de administrar e controlar as mais diversas situações, por mais que as mesmas se mostrem com grande potencial de estresse. Os que possuem maior dificuldade no manejo, podem acabar se direcionando inclusive para o abandono da modalidade.

Analisar o futebol, no contexto brasileiro, é bastante interessante, uma vez que este esporte é uma das modalidades mais praticadas, assim como no cenário mundial. Para Orlik (2008), esta modalidade pode ser considerada como muito complexa, pois exige uma série de habilidades táticas, físicas, motoras, técnicas e psicológicas, trazendo a necessidade de que haja uma ótima integração destas habilidades para um bom rendimento.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar as estratégias de enfrentamento de problemas de atletas juniores de futebol e traçar o perfil destes atletas, com relação a posição, tempo de prática e escolaridade.

Procedimentos Metodológicos

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

Foram analisados 88 atletas, de quatro equipes, todas participantes da Copa São Paulo de Futebol Junior, no ano de 2013. A média de idade era de 17,94 anos e de 8,73 para o tempo de prática. O instrumento utilizado foi o EMEP (Escala Modos de Enfrentamento de Problemas) criado por Seidl et al. Apud Romero et al.,(2010) a partir da versão adaptada para o português por Gimenes e Queiroz (1997). Este instrumento é composto por 45 itens em escala Likert e 2 perguntas abertas. Para este trabalho, utilizamos apenas as questões fechadas. As coletas foram realizadas nos centros de treinamento e hotéis em que as equipes estavam alojadas durante o período competitivo.

Resultados e discussão

A seguir, estarão expostos os dados dos sujeitos analisados referentes à escolaridade, idade e tempo de prática dos mesmos, tornando possível conhecermos estes dados, que são importantes para refletirmos sobre esta população.

Escolaridade	Frequência	%
Ensino Fundamental Incompleto	4	4,5
Ensino Fundamental Completo	3	3,4
Ensino Médio Incompleto	33	37,5
Ensino Médio Completo	35	39,8
Ensino Superior Incompleto	6	6,8
Não respondeu	7	7,9
Total	88	100

Tabela 1. Escolaridade da amostra analisada.

Ao observar esta primeira tabela, temos alguns dados interessantes, visto que a maioria dos atletas encerrou o ensino médio, e outra grande parte da amostra está com o ensino médio incompleto, visto que temos que levar a consideração que este dado reflete na idade dos mesmos, pois muitos ainda estão cursando esta fase, mostrando que o perfil de atleta que não cursa a escola, tão difundido pela mídia, vem se alterando nos últimos anos. Outra questão interessante é que, dentro deste grupo analisado, alguns atletas já cursam o ensino superior, também apontando para esta mudança no perfil dos atletas no contexto nacional.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Idade	Frequência	%
15	1	1,1
16	8	9,1
17	17	19,3
18	32	36,4
19	26	29,5
20	2	2,3
Não responderam	2	2,3

Total	88	100

Tabela 2. Idades da amostra coletada.

Nesta segunda tabela, temos a possibilidade de observar a separação por idade dos atletas, visto que a maioria tem 18 anos de idade, em uma competição em que o limite de idade era de 20 anos, sugerindo que as equipes vêm investindo em atletas mais novos para que ganhem experiência, sendo que, com 20 anos, grande parte dos atletas que o clube julga ter competência para ir para o profissional, já se encontram neste patamar, ao invés de estar a disposição na Copa São Paulo.

Tempo de prática	Frequência	%
Menos de 5 anos	9	10,3
Entre 5 e 10 anos	52	59,1
Mais que 10 anos	15	17
Não responderam	12	13,6
Total	88	100

Tabela 3. Tempo de prática da amostra coletada.

Levando em consideração a tabela 3, a maioria dos atletas tem um tempo de prática entre 5 e 10 anos, seguidos pelos que tem prática acima de 10 anos. Este dado evidencia que a grande maioria dos atletas, mesmo com as idades acima expostas, já apresenta um bom tempo de prática, visto que caso o trabalho executado com os mesmos tenha sido adequado e levado em consideração todos os aspectos já discutidos neste trabalho, aumentam as chances de sucesso desta população em questão.

Marques e Rosado (2005) apontaram que os atletas que conseguirem manejar melhor seu estresse serão os que terão maior sucesso, contudo, temos que ter cuidado com este tipo de afirmação nesta população em questão, visto que é nesta idade e nesta competição, considerada como um "divisor" entre os que serão profissionais e os que terão a carreira encerrada, que surgirão alguns dos momentos mais estressantes da vida destes atletas, e, mesmo com o tempo de prática observado, se a preparação não foi a ideal, muitos não conseguirão ter o desempenho esperado neste momento tão importante.

Estratégias focadas no(a):	Frequência	%
Problema	36	40,91
Emoção	12	13,64
Pensamento fantasioso/religioso	23	26,14

Busca de suporte social	17	19,32
Total	88	100

Tabela 4. Estratégias de Enfrentamento de problemas.

Os resultados encontrados quanto as estratégias de enfrentamento trouxeram um maior enfoque no problema, com mais de 40%, sendo que esta estratégia é considerada muito adequada, pois visa analisar adequadamente a ameaça, para que seja enfrentada ou manejada de um modo efetivo e preciso. De acordo com Barbosa et al. (2013), este dado pode demonstrar a busca por uma estratégia ativa na solução do problema.

Já com relação a segunda estratégia mais utilizada, focada no pensamento fantasioso/religioso, é necessária uma atenção maior, visto que demonstrou ser muito utilizada por estes atletas de futebol. Para Souza Junior (2007), esta estratégia não é adequada para enfrentar situações estressoras, visto que ao invés de buscar entender e solucionar o problema, busca-se situações fantasiosas e inanimadas para este enfrentamento.

Os outros dois resultados (busca por suporte social e focado na emoção), foram muito menos utilizados pelos indivíduos da amostra, mas precisam também ser levados em consideração. A busca por suporte social pode ser bastante interessante, visto que precisamos levar em consideração que os atletas desta faixa etária, ainda em formação, costumam passar longos períodos longe da família e formando novos laços de amizades, o que necessita de cuidados quanto a esta estratégia.

Já com relação ao foco na emoção, que apresentou os resultados menos significantes nesta amostra, é bastante delicada, pois segundo Souza Junior (2007), muitas vezes representam comportamentos de esquiva ou negação, bem como auto-culpa e culpabilização dos outros, demonstrando assim não ser tão adequada.

Conclusão

Portanto, através dos resultados apresentados, pode-se perceber quais são as estratégias de enfrentamento de problemas mais utilizadas pelos atletas juniores de futebol, o que causa certo tipo de preocupação. Esta se deve ao fato de que, entre as duas estratégias mais utilizadas, temos a primeira (focada no problema) considerada bastante adequada e a segunda (focada no pensamento fantasioso/religioso) considerada como não adequada. Sendo assim, os aproximadamente 26% dos atletas a utilizam, necessitam de maiores cuidados, uma vez que esta estratégia utiliza pensamentos que nem sempre são efetivos e sustentam o atleta em um momento de estresse, prejudicando assim sua performance. Desta forma, conclui-se que a principal estratégia utilizada é adequada e interessante para os atletas, mas que grande parte desta população estudada não utiliza estratégias efetivas em momentos estressantes da competição, fato este que pode ser negativo para a performance.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, C. G.; MOURA, R.; BAGNI, G.; VERZANI, R. H.; GONÇALVES, L. F.; MORÃO, K. G.; MACHADO, A. A. Análise de estratégias contextuais de enfrentamento de

problema em jogadores juniores de futebol de campo. **Coleção Pesquisa em Educação Física** - Vol.12, n.1, 2013.

KAVANAGH, J. Stress and performance. **A review of the literature and its applicability to the military**. RAND Corporation, 2005.

MACHADO, A. A. Emoções no esporte: a busca do equilíbrio. In: BARTHOLOMEU, D.; MONTIEL, J. M.; MIGUEL, F. K.; CARVALHO, L. F.; BUENO, J. M. H. (Org.) **Atualização em avaliação e tratamento das emoções**.: Vetor. p. 367–388. São Paulo, 2013.

MARQUES, A.C.P.; ROSADO, A.F.B. Situações estressantes nos atletas de basquetebol de alta competição. **Rev bras Educ Fís Esp**; v.19, p.71-87, 2005.

ORLICK T. **In pursuit of excellence**. 4th ed. Champaign,IL: Human Kinetics; 2008.

SEIDL, E.M.F, TRÓCCOLI, B.T., ZANNON, C.M.L.C. Pessoas Vivendo com HIV/AIDS: Enfrentamento, Suporte Social e Qualidade de Vida. Psicologia: Reflexão e Crítica. v. 18, n. 2, p. 188-195, 2005.

SOUZA JUNIOR, O.M. **Estratégias de enfrentamento utilizadas por praticantes de artes marciais**. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

TAYLOR SE, STANTON AL. Coping resources, coping processes, and mental health. **Ann Rev Clin Psychol,** v.3, p.377-401, 2007

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

ESPORTE E INSTAGRAM®: UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS IMAGENS POSTADAS POR ATLETAS DE FUTEBOL E VOLEIBOL.

Vivian de Oliveira, André Luis Aroni, Luciana Botelho Ribeiro, Kauan Galvão Morão, Afonso Antonio Machado
UNESP – Rio Claro
vivian_oliveira58@hotmail.com

Introdução

Segundo Azambuja (2012), as novas mídias possibilitam uma reapropriação comunicativa da cultura e da cultura comunicativa, já que elas diversificam e intensificam a comunicação e, sobretudo, a transformam em sentido profundo, considerando que o poder de produção e de comunicação são transferidos para os cidadãos comuns. Isso significa uma desterritorialização do poder de comunicação, que passa de algo extremamente concentrado e verticalizado para um modelo mais desconcentrado e transversal. Em outra palavras, a comunicação passa de ser excludente de poucos para muitos e passa a ser um tipo de comunicação interativa de muitos para poucos.

Para o autor, "as novas mídias digitais permitem aos indivíduos tornarem-se os próprios narradores de suas histórias, nas quais podem figurar como personagens principais" (AZAMBUJA, 2012, p. 93). A web e as novas mídias permitem que o sujeito/receptor torne-se um produtor, o receptor é mais emissor do que nunca (SILVA, 2012).

O Instagram® é um aplicativo de rede social que permite aos usuários tirar fotos, editá-las e compartilhá-las com os outros usuários do próprio aplicativo e/ou em outras redes sociais. Foi criado em outubro de 2010 e atualmente permite a captura e compartilhamento de vídeos, já ultrapassando os 300 milhões de usuários.

Mas o que difere o Instagram® de outras redes sociais? Para Linaschke (2011), o Instagram® é único pois é inteiramente sobre a fotografia. Quando acessamos o Instagram®, podemos ver alguns textos e comentários, mas o foco é realmente a fotografia, diferente de outras do Facebook® ou do Twitter®, por exemplo.

Para Carrera (2012) o Instagram® pode ser visto como "um elemento atuante em uma rede de relações em constante mudança, sendo, assim como os sujeitos, fundamental para a modificação do curso social" (CARRERA, 2012, p.160).

O uso de ferramentas como o Instagram® são formas de reafirmar a construção da subjetividade como uma prática social, na qual a participação de outras pessoas não só a influencia como é determinante para a sua existência Diante disso, o sujeito que utiliza ferramentas como o Instagram® busca adequar-se às expectativas da sua rede de relações, construindo a imagem de si através dos recursos disponíveis no ciberespaço. (CARRERA, 2012).

O futebol e o voleibol são os esportes mais populares e praticados no Brasil. Porém, o primeiro ainda possui uma larga vantagem entre o segundo, fato que pode ser comprovado pela grandeza da Copa do Mundo de futebol. Segundo informações do site da Uol, a final da Copa do Mundo de 2014 foi o maior evento esportivo da história do Facebook, fazendo com que 88 milhões de pessoas comentassem sobre o assunto na rede social. Tanta popularidade faz com que os atletas da modalidade conquistem o status de celebridades.

Justificativa

As redes sociais estão cada vez mais presentes na vida dos atletas e podem gerar consequências nos âmbitos pessoal e profissional. Quando mal utilizadas, podem trazer problemas para a imagem e carreira do atleta. Por outro lado, pode ser uma forma de aumentar sua visibilidade, atraindo um maior número de patrocínios e investimentos. Além disso, para Martins (2013), "o visual se torna cada vez mais documento e instrumento indispensáveis na leitura sociológica dos fatos e dos fenômenos sociais". Diante disso, surge a curiosidade de saber como o Instagram®, rede social que visa o compartilhamento de imagens e vídeos, é utilizada pelos atletas de voleibol e futebol, e entender quais podem ser as consequências do seu uso para a carreira dos atletas.

Objetivos

O objetivo do presente estudo foi analisar o conteúdo das fotos postadas no Instagram® por atletas de futebol e voleibol que participaram dos Jogos Olímpicos de Londres (2012) e verificar se houveram diferenças entre as modalidades.

Métodos

Esta é uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, baseada nos pressupostos da Sociologia Visual. Para auxiliar neste processo, foi criado um protocolo de análise, num formato *check-list*, que compreende itens pertinentes aos objetivos do trabalho. Optou-se pela criação de um instrumento para a análise pois não foi encontrado na literatura nenhum outro que possua os mesmos objetivos. Foram selecionados para as análises os atletas das equipes de futebol e voleibol masculino, que participaram dos Jogos Olímpicos de Londres, realizado em 2012. As análises começaram no dia 05 de janeiro de 2015 e terminaram no dia 05 de maio de 2015. As fotos postadas antes desse período não foram analisadas.

Resultados

Dos 12 atletas brasileiros de voleibol que participaram dos Jogos Olímpicos de Londres, 8 (66%) possuem perfil no Instagram®. No caso dos atletas de futebol, dos 18 convocados, 13 (72%) fazem parte da rede social. No total, 1.069 imagens foram postadas no período da pesquisa, sendo que 31% destas fotos foram publicadas pelos atletas de voleibol e 68% delas pelos futebolistas.

A maior parte das fotos postadas pelos jogadores de voleibol e de futebol são fotos do próprio atleta (com ou sem outras pessoas nas fotos), com 37,61% e 56,81% do total, respectivamente. Para os jogadores de voleibol, em seguida aparecem as montagens (20,9%), as selfies (19,70%), as imagens de terceiros (8,36%), de objetos (2,39%), de paisagens (2,09%), os *memes* (1,79%), as fotos de comidas (1,49%) e de pets (0,60%). Para as fotos que não se encaixam em nenhuma destas divisões, criamos a categoria "outros", que engloba 5,07% das fotos postadas por estes esportistas. Já para os atletas de futebol, após as fotos dos próprios atletas seguem as selfies (21,66%), as montagens (8,72%), as fotos de terceiros (4,36%), os *memes* (1,63%) as imagens de pets e objetos (empatadas com 0,95% das postagens), de paisagens (0,82%) e de comidas (0,27%). A categoria "outros" possui 3,81% das postagens.

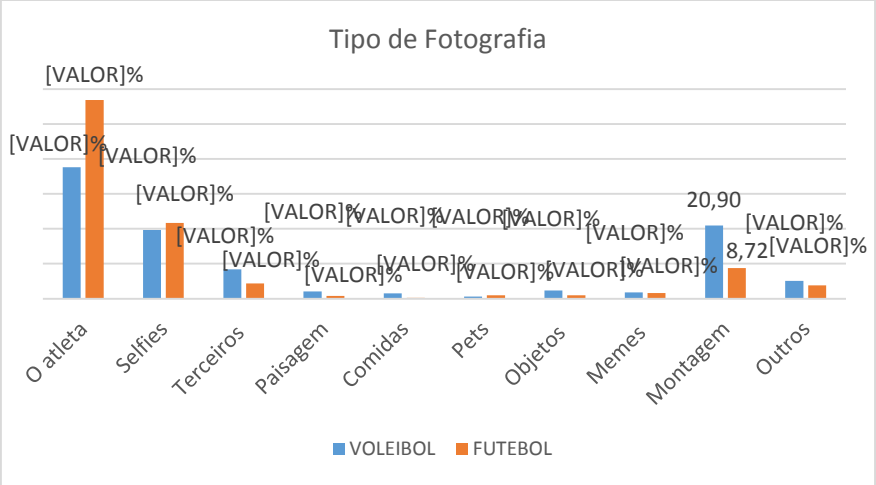

Gráfico 1: Porcentagem do tipo de fotografias postadas no Instagram® por atletas de voleibol e futebol

Após definidos os tipos de fotografias postadas, decidimos continuar as análises para as fotos em que o atleta estava presente, sejam elas das categorias "fotos do próprio atletas", "selfies", "montagens" ou "outros". Em relação ao locas das fotos, a maior parte das imagens postadas pelos atletas de voleibol (36,84%) foram tiradas nos centros de treinamento, vestiários ou ginásios. Em seguida estão as fotos feitas em locais de lazer (22,37%), na casa dos atletas (11,40%), em meios de transporte (4,46%) e nas academias de ginástica (1,32%). Em 10,53% das fotos não é possível definir o local e 10,09% foram classificadas como "outros", por não ser possível encaixá-las em nenhuma das outras categorias. Já para os atletas de futebol, a maior parte das fotos também foram tiradas em seus centros de treinamento, vestiários e estádios (45,17%), seguidas das fotos realizadas em suas casas (10,15%), em locais de lazer (8,84%), em meios de transporte (6,06%) e academias de ginástica (0,98%). Em uma grande parte das fotos (22,09%) não foi possível definir o local onde as imagens foram feitas, e 6,71% foram consideradas "outros".

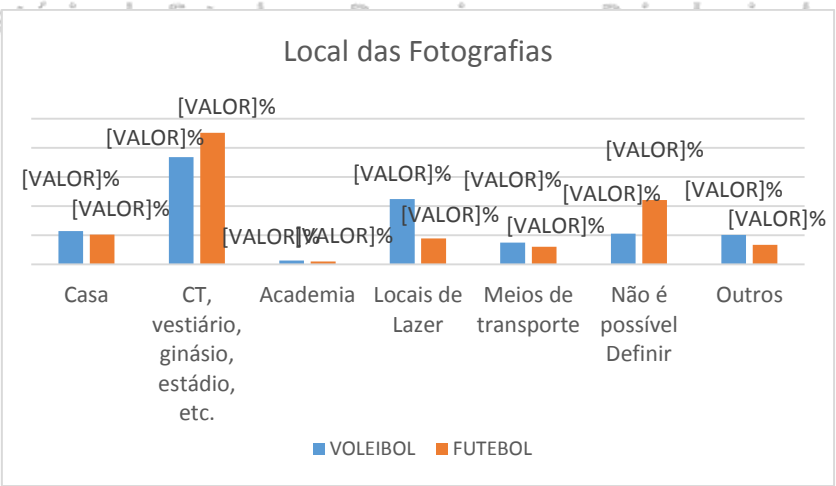

Gráfico 2: Porcentagem do local onde foram realizadas as fotos postadas no Instagram® por atletas de voleibol e futebol

Analisamos também o momento em que as imagens foram feitas. Os jogadores de voleibol postaram 42,98% das fotos em momentos de descontração, 25,44% durante o trabalho, 24,12% em momentos de lazer e 3,95% durante o descanso. Para os jogadores de futebol, 52,21% das imagens foram realizadas em momentos de descontração, 28,81% no trabalho, 10,31% no lazer e 1,80% no descanso. Não foi possível definir o momento em que as fotos foram feitas em 3,51% das fotos dos atletas do vôlei e em 6,87% das postadas pelos futebolistas.

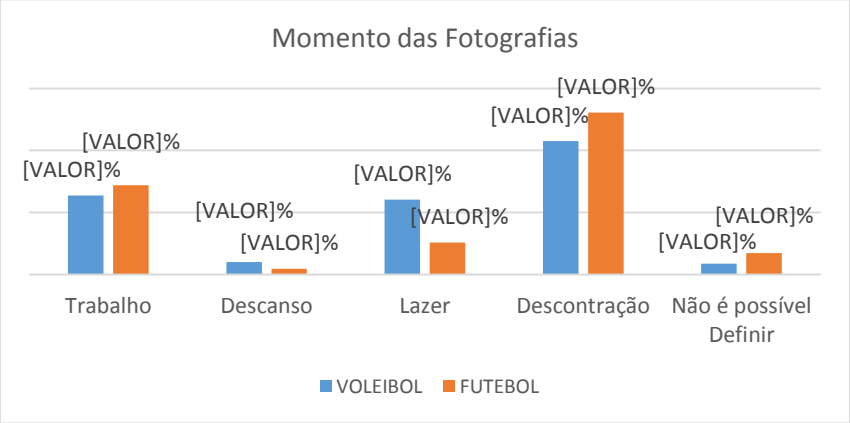

Gráfico 3: Porcentagem dos momentos em que foram realizadas as fotos postadas no Instagram® por ateltas de voleibol e futebol.

Sobre as *hashtags*, elas aparecem em 53,95% das fotos postadas pelos jogadores de voleibol. Para os jogadores de futebol, 44,68% das imagens postadas possuem *hashtags* na legenda.

Sobre a presença de qualquer referência aos patrocinadores, 39,47% das imagens dos jogadores de voleibol possuem essa característica, contra 44,19% das fotos dos futebolistas.

Apenas 2,63% das fotos dos jogadores de voleibol possuem algum destaque ao corpo dos atletas e 1,75% apresentam um destaque às suas vestimentas. Para os jogadores de futebol, 4,91% das fotos destacam o corpo dos atletas e 5,07% chama atenção para a suas roupas.

Conclusão

A partir deste trabalho, percebemos que o Instagram® reforça essa necessidade das pessoas na atualidade, que é mostrar-se nas redes sociais. Com os esportistas este padrão se repete, já que os dados revelam que os atletas estão presentes na imensa maioria das fotos postadas.

Percebemos que a rede social funciona para os atletas como uma espécie de hobby, já que a maior parte das fotos são postadas em momentos de descontração. Porém, não podemos deixar de notar que algumas fotos são também uma forma de promoção para os próprios atletas e para os seus patrocinadores, considerando o número de fotos com destaque ao corpo, às vestimentas dos atletas e aos seus patrocinadores.

Neste ponto, podemos pensar, a partir dos dados encontrados, que os jogadores de futebol utilizam melhor o Instagram® como um meio de promoção pessoal do que os atletas de voleibol, já que pertence aos futebolistas o maior número de fotos com referência aos seus patrocinadores, ou mostrando o corpo e/ou a roupa dos atletas. Isso pode ser justificado com a maior popularidade dada ao futebol no Brasil do que ao voleibol, fazendo com que os jogadores de futebol sejam tratados como verdadeiras celebridades, atraindo um maior número também de patrocínios.

Estas são considerações iniciais da nossa pesquisa, que apontam para a necessidade de outros estudos nesta área. Considerando o potencial das redes sociais, tanto negativo quanto positivo, é preciso melhor entender a relação dos atletas diante desta realidade.

Referências Bibliográficas

AZAMBUJA, C. C. Efeitos McLuhan. In: MONTAÑO, S.; FISCHER, G.; KILPP, S. (Orgs). **Impacto das novas mídias no estatuto de imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 87-94.

SILVA, P. I. R. *Instagram*: um modo de narrar sobre si, fotografar ou de olhar para se ver. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 17, 2012, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: 2012.

CARRERA, F. Instagram no Facebook: uma reflexão sobre *ethos*, consumo e construção de subjetividade em sites de redes sociais. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 12, n. 22, p. 148-165, 2012.

LINASCHKE, J. **Getting the most from Instagram**. Berkeley: Peachpit Press, 2011.

MARTINS, J. S. **Sociologia da Fotografia e da Imagem. 2 ed.** São Paulo: Editora Contexto, 2013.

UOL. Final da Copa-2014 vira o maior evento esportivo da história do Facebook. Disponível em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/14/final-da-copa-2014-vira-o-maior-evento-esportivo-da-historia-do-facebook.htm>. Acesso em 10 de julho de 2015.

Palavras Chave: Redes Sociais; Desenvolvimento Humano; Tecnologias.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Resumos

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

A ANSIEDADE NO FUTEBOL: UMA VISÃO SOBRE OS GOLEIROS

Yuri Matheus Moro, Renato Henrique Verzani, Kauan Galvão Morão, Guilherme Bagni, Afonso Antonio Machado
Instituto de Biociências – UNESP Rio Claro
yuribrx@live.com

O futebol é um dos esportes mais praticados no mundo. No Brasil é considerado como a principal modalidade do país. A Copa São Paulo de Futebol Junior é de valia crucial para atletas juniores que visam espaço e ascensão ao esporte profissional. Na prática do futebol o goleiro é considerado como a última esperança da equipe, quando não há mais ninguém que possa ajudar, somente este pode intervir e garantir um resultado para a equipe. Dessa forma, qualquer tipo de falha pode resultar em um gol ou até mesmo em uma derrota. A ansiedade é um aspecto emocional que quando não trabalhada corretamente pode interferir rendimento esportivo. Ela seria uma resposta emocional diretamente relacionada com algo futuro que possa ser frustrante, agradável ou mesmo ameaçador. Os tipos de ansiedade também podem ser diferenciados entre estado e traço. A ansiedade-estado está em constante alteração e tem relação com situações a que um indivíduo está exposto no momento. Já a ansiedade-traço está ligada a personalidade, apresentando assim uma tendência em reagir de determinado modo as situações de exposição. Sendo assim o objetivo deste trabalho foi avaliar os níveis de ansiedade de goleiros durante a Copa São Paulo de Futebol Junior e comparar os itens positivos e negativos para a interpretação das emoções vividas por estes jogadores. O questionário utilizado foi o IDATE, um questionário de auto-avaliação dividido em duas partes, sendo que na primeira avalia ansiedade-estado e na segunda ansiedade traço, por meio de uma escala LIKERT, que varia de 1 a 4. Participaram do estudo 18 goleiros que estavam disputando a Copa São Paulo, na fase de grupos. De acordo com os resultados observados através da aplicação dos questionários, pode-se perceber que em geral os goleiros encontravam-se com resultados próximos a um nível médio, o que de acordo com a hipótese do U invertido, estaria relacionado a uma ativação ideal em um período competitivo. Esta ativação corresponderia a alterações fisiológicas e psicológicas que teriam ligação direta com a motivação dos sujeitos em determinado momento. Com isso conclui-se que os resultados apresentados apontaram para um nível adequado de ansiedade durante o período analisado, demonstrando equilíbrio quanto a este aspecto que pode influenciar o rendimento atlético.

Palavras Chave: Futebol, Ansiedade, Psicologia do Esporte.

A AUTOIMAGEM CORPORAL DO INDIVÍDUO AMPUTADO MEDIANTE O AVANÇO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS

Astor Reis Simionato, Afonso Antônio Machado.
Instituto de Biociências – PPG-DEHUTE – UNESP/Rio Claro, São Paulo, Brasil.
astor_ars@hotmail.com

O avanço tecnológico promove uma importante ferramenta fornecedora de recursos para melhoria da autoimagem da sociedade. A aparência corporal carrega consigo significados culturalmente construídos (SANT'ANNA, 2001). Assim, algumas marcas corporais são significativas de beleza, de saúde e de perfeição, enquanto outras são vistas como sinal de feiura, de doença ou de deficiência (SFEZ, 1996; TUCHERMAN, 1999). Em meio uma sociedade que preza pela perfeita estética corporal, o sujeito amputado de um membro, ou parte dele, passa a ser um corpo fora dos padrões funcionais e morfológicos mediante uma visão socialmente construída. Inclusive os indivíduos não amputadas acabam por lidar as pessoas amputados com inferioridade por "pré-conceituá-las" como menos eficientes, gerando a nomenclatura "*deficiente*" ou "*pessoa com deficiência*". Feitos estes tendem a trazer sentimentos de incapacidade e inutilidade por parte dos sujeitos amputados. A tecnologia caminha no sentido de contribuir para a readaptação da identidade do sujeito amputado. A protetização permite uma releitura do trauma de amputação, oferece subsídios para ajudar o amputado, juntamente com seu aceite e enfrentamento, a adaptar-se a esta situação, passando a viver seu cotidiano normalmente em condições funcionais e de satisfação corporal (PAIVA; GOELLNER, 2008). As autoras Paiva; Goellner (2008) ainda comentam que a protetização aliada à aceitação da amputação, gera uma construção de um sentimento de evolução, o qual contribui para a superação do indivíduo. Muitos dos indivíduos amputados possuem um sentimento de incompletude e de imperfeição, sentindo-se estrangeiros aos olhos da sociedade. Situação a qual faz com que os mesmos não se sintam pertencentes a nenhum grupo social. Desse modo, são muitos os que não aceitam a amputação, passando um momento de "luto" (PAIVA; GOELLNER, 2008). Entretanto, a protetização é capaz de mudar o "olhar sobre si mesmo" da pessoa amputada, muitos deles tratam a prótese como mecanismos para reconstrução do corpo, ferramenta, ou meio, para dar-lhes a normalidade a qual a sociedade lhes prega. Porém, algo se faz necessário para potencializar a recuperação e a vida cotidiana do amputado, isso se dá em focar o olhar nas potencialidades do indivíduo e não apenas em suas limitações. E para o "eu próprio" do amputado, deve haver uma ressignificação da vida por completo, entender que a vida não acabou no momento do acidente ou da amputação, e que houve apenas uma transformação a qual deve ser seguida de uma significação da vida e dos prazeres desta.

Palavras Chave: Tecnologias, Protetização, Amputação, e Corpo.

A CAPACIDADE DE REALIZAR ATIVIDADES FÍSICAS: UM ESTUDO POR MEIO DE AUXÍLIOS TECNOLÓGICOS

Raphael Moura Rolim, Lara Flôr Barroso Gadelha, Rianny de Lima Santos, Thayse Milenna de Oliveira Pequeno
UNIFACEX
raphaelmoura_@hotmail.com

Introdução: A psicologia do esporte tem contribuído com estudos relacionados aos processos cognitivos e comportamentais no contexto esportivo. As percepções quanto a capacidade em atingir metas fazem parte destas investigações, a fim de identificar possibilidades futuras de realização dos objetivos previamente elaborados. **Justificativa**: Esse trabalho se justifica por trazer em discussão aspectos sociais da sociedade contemporânea brasileira, e buscando entender melhor as interferências na percepção da capacidade de realizar atividades físicas. **Objetivo**: Verificar a percepção da capacidade de fazer exercícios físicos pelo menos três vezes por semana nos próximos três meses em um grupo de indivíduos maiores de 18 anos. **Metodologia**: Foi realizada uma pesquisa netnográfica utilizando a rede social *Facebook*® como meio de divulgação. Utilizou-se o questionário validado de Percepção de Controle Comportamental (PCC), desenvolvido por Cruz e Gomes (2006) e baseia-se na Teoria do Comportamento Planeado de Ajzen (2002) bem como em estudos de adaptação realizados em Portugal (CAPELÃO E GOMES, 2013; CRUZ et al., 2008; GOMES E CAPELÃO, 2012), aplicando-o na ferramenta de construção de formulários do *Google*® drive, disponibilizando, assim, um link para obtenção das respostas. O questionário continha quatro perguntas fechadas e para as respostas utilizou-se a escala likert, de 1 a 7, sendo 1 e 2 (muito fácil), 6 e 7 (muito difícil), quanto ao acreditar na capacidade de fazer exercícios físicos pelo menos três vezes por semana nos próximos três meses. Os dados foram analisados quantitativamente por meio de frequência relativa. **Resultados**: Participaram 111 indivíduos com idade média de 33,5 anos, de ambos os gêneros. Verificou-se que 51,4% da amostra consideraram ser muito capaz de realizar exercícios físicos pelo menos três vezes na semana durante os próximos três meses. No entanto, 14,2% responderam não ser capaz de tal feito. **Conclusão**: A maioria dos indivíduos estudados revelaram que se sentem muito capazes em realizar atividades físicas regularmente nos próximos três meses, o que nos apresenta uma amostra que, minimamente, se preocupa com a saúde física e que também pode ser reflexo da busca pelos padrões de beleza e estética estabelecidos pelas mídias. Certamente, serão necessárias mais pesquisas para avaliar aspectos relacionados à preocupação com o corpo saudável e o bem estar psicológico em praticantes de atividade física.

Palavras Chave: Psicologia, Esporte, Google® drive.

A CRIAÇÃO DE UM PROTOCOLO PARA ANÁLISE DE PERFORMANCE NO GOLFE: UM ESTUDO PILOTO

André Aroni[1], Vivian De Oliveira[1], Claudio Gomes Barbosa [1], Afonso Antonio Machado[1]
[1]Universidade Estadual Paulista - Brasil
Email: andre-aroni@hotmail.com

O objetivo de um jogo de golfe está em realizar o menor número de tacadas possíveis em um determinado percurso (campo). Em geral, a duração de um jogo é de quatro horas, com inúmeros tipos de tacadas e jogadas, o que dificulta as formas de análise de desempenho dos jogadores. Desta forma, o objetivo do estudo foi criar um protocolo para análise de performance de jogadores de golfe. A pesquisa se caracterizou como quali-quantitativa, de cunho experimental. Com relação aos participantes, aceitaram participar do etudo vinte jogadores de golfe, sendo todos do sexo masculino, membros de diferentes clubes nos Estados Unidos da América e com idade entre dezoito e cinquenta e dois anos [M = 40.5; DP = 9.8]. O *handicap* oficial dos participantes estava entre vinte e trinta pontos [M = 25.7; DP = 3.8], podendo ser considerados intermediários em relação a habilidade esportiva. Como instrumento, foi criado um protocolo com quatro questões, baseadas nas principais jogadas do golfe, sendo: 1) A tacada de saída acertou o *fairway*? 2) A segunda tacada apresentou boa qualidade? 3) A menos de cento e vinte jardas para a bandeira, o atleta acertou o *green*? 4) O primeiro *putt* estava a menos de 2 metros? A resposta para todas essas questões era "sim" ou "não". A coleta de dados foi realizada pelo autor principal deste estudo, que acompanhou individualmente cada participante durante um jogo amistoso de golfe, preenchendo o protocolo de análise. Na análise dos dados, o conteúdo foi tabulado e apresentado por meio de valores percentuais, e seguidos de uma leitura qualitativa. Como principais resultados, 48.89% dos participantes acertaram o *Fairway* na tacada de saída, enquanto 43.61% realizaram com boa qualidade a segunda bola. Com relação as duas primeiras questões, os jogadores que tiveram baixo aproveitamento na tacada de saída, também continuaram com médias baixas na segunda tacada, o que aponta para a dificuldade de se jogar fora dos *fairways.* A menos de 120 jardas da bandeira, 34.17% acertaram os *greens*, enquanto 24.44% conseguiram deixar a bola a menos de 2 metros do buraco. Como conclusões, o protocolo de análise mostrou um bom potencial na análise de desempenho dos jogadores. Contudo, indicamos a necessidade de mais estudos no futuro, com grupos maiores e diferente habilidade técnica. Também se faz necessário uma leitura qualitativa mais profunda, devido ao número reduzido de estudos publicados na área.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano; Análise de Performance*;* Golfe.

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Vera Lúcia Teixeira da Silva, Luciene Farias de Melo, Bruno Allan Teixeira da Silva, Vilma Leni Nista-Piccolo

UNIPIAGET- Brasil Faculdade Paiget-Suzano; USJT- Universidade São Judas Tadeu; UNISO- Universidade de Sorocaba

profaverateixeira@hotmail.com

Desde a antiguidade as investigações sobre a inteligência humana têm ocupado destaque entre os pesquisadores. As várias investigações expressam a difusão da ideia de quantificação do intelecto nas mais diversas áreas. No final do século XX diversos pesquisadores contestaram essa perspectiva quantitativa, alegando que a inteligência por natureza apresenta-se de forma complexa, sendo totalmente inviável sua quantificação. Além disso, a concepção de inteligência varia de acordo com os valores inseridos em determinada cultura. Alicerçando essas ideias, a Teoria das Inteligências Múltiplas além de considerar as questões biológicas não nega a influencia cultural, defendendo que a inteligência apresenta uma gama de manifestações. Sustentando-se nessa Teoria, essa pesquisa objetivou verificar a possibilidade das aulas de Educação Física escolar serem embasadas no princípio da multiplicidade de manifestações e expressões de inteligências. A amostra foi delimitada por um grupo de treze estudantes matriculados no quinto ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública do Estado de São Paulo. Partindo de análises bibliográficas relacionadas à Teoria das Inteligências Múltiplas, foram elaboradas e ministradas intervenções pedagógicas, por meio de situações problemas, com ênfase em atividades cinestésicas, visando estimular as múltiplas inteligências desses estudantes. As aulas foram desenvolvidas pela professora de Educação Física, uma das pesquisadoras deste estudo, ministradas em três vezes por semana de aproximadamente sessenta minutos, totalizando quarenta e um encontros. Os dados foram coletados por meio de filmagens, observações e registros. Na analise utilizou-se o método indiciário, o qual permite à possibilidade de abordar o subjetivo, mas sem desprezar a objetividade, compreendendo que o singular não é individualista. Esse método fundamenta-se na observação dos detalhes aparentemente sem importância, em detrimento do que é visivelmente característico. Após o período de intervenções pedagógicas sustentadas na Teoria das Inteligências Múltiplas, os indícios apontaram que as aulas de Educação Física embasadas na perspectiva da pluralidade intelectual podem estimular as várias manifestações e expressões de inteligência, proporcionando uma variedade de acesso ao saber, possibilitando ao aluno, de acordo com a sua individualidade, percorrer os vários caminhos na construção do conhecimento.

Palavras Chave: Educação Física escolar, Inteligências Múltiplas, Intervenções pedagógicas.

A IMAGEM CORPORAL DE PESSOAS COM HEMIPLEGIA: UM ESTUDO QUALITATIVO

[1]Lucilene Ferreira, [2]Carla Miranda Bordin, [3]Ângela Nogueira Neves

[1]Docente permanente do Mestrado em Fisioterapia – Universidade do Sagrado Coração – USC; [2]Graduanda em Fisioterapia da Universidade do Sagrado Coração – USC; [3]Docente da Escola de Educação Física do Exercito.

lucilene.ferreira@usc.br

A Imagem Corporal é a representação mental do corpo. Quando o sujeito adoece e perde temporariamente ou definitivamente movimentos e sensações do corpo, pode ocorrer a desintegração da identidade corporal. **Objetivos:** identificar elementos da experiência e imagem corporal na hemiplegia e no processo de reabilitação física. **Métodos:** estudo exploratório qualitativo, realizado numa amostragem não probabilística determinada por saturação. Foi realizada uma entrevista semiestruturada em 05 sujeitos, homens e mulheres, com idades entre 18 e 78 anos, com hemiplegia. A entrevista continha três questões geradoras: "Para você, como é o seu corpo?", "O que você sente quando o lado do seu corpo paralisado se movimenta?" "A hemiplegia mudou algo em você?" **Resultados:** Foi aplicada a Analise Temática para extrair as subcategorias das questões geradoras e em seguida, a Análise de Conteúdo, que resultou nas seguintes categorias: 1) corpo deficiente, inconformado, bom e impotente; 2) sentimentos de apatia, de peso corporal, de bem estar e alegria e sentimento de esperança na reabilitação; 3): incapacidade funcional, dependência, incapacidade para cuidar de si, negação da realidade atual, vergonha e sentimento de inutilidade. Observa-se que o significado psicológico/afetivo da deficiência, bem como a percepção que se tem da mesma, desempenha papel decisivo na auto aceitação do indivíduo com hemiplegia, o que irá, por sua vez, determinar as condutas de investimento corporal e reabilitação da paralisia. **Conclusão**: A presença da hemiplegia pode provocar uma influência significativa no modo como a pessoa se percebe, gerando mudanças na autoestima e na identidade, pois a imagem corporal é o produto de um organismo como um todo, logo, uma alteração por uma enfermidade em uma parte dele não afetará sua imagem corporal apenas em relação a essa parte, a mudança será geral, resultando em novas relações do indivíduo consigo mesmo e com os outros. Desse modo, ao pensar em estratégias para reabilitação do indivíduo com hemiplegia o foco da reabilitação não deve ser a própria deficiência e, sim, a preservação e continuação, tanto quanto possível, do desenvolvimento normal desse indivíduo.

Palavras-chave: Imagem Corporal. Hemiplegia. Reabilitação

A IMAGEM DO IDOSO: UMA ANÁLISE DE PROPAGANDAS DISPONIBILIZADAS NO YOUTUBE®

Nara Heloisa Rodrigues, Gisele Maria Schwartz
LEL - Laboratório de Estudos do Lazer-DEF/IB/UNESP - Rio Claro/SP
E-mail: narahelo@hotmail.com

O Youtube® é um espaço de veiculação de informações diversas apresentadas de diferentes modos. Um deles é por meio de vídeos de propagandas, caracterizando a difusão de ideias e a divulgação de produtos e eventos, que podem ser utilizados como instrumentos de propagação de valores entre grupos sociais diversificadas, dentre os quais, o indivíduo idoso. Todavia, ainda não está claro o modo como vem ocorrendo a veiculação da imagem do idoso brasileiro e as relações de uso desta imagem para a venda de determinado produto. O estudo de natureza qualitativa, teve por objetivo, analisar a figura idosa que vem sendo apresentada nas propagandas disponibilizadas no Youtube®. Para tanto, foi realizada um busca no *site*, utilizando-se os termos "idoso" e "mídia", sendo selecionados apenas os vídeos brasileiros que continham imagens em movimento, se enquadrassem à estrutura do tipo propagandas e data de postagem entre os anos de 2011 e 2012. Durante a realização da busca observou-se que havia um resultado inicial de 2250 vídeos, porém o sistema realizou a busca somente até o número de 643 vídeos. Após a busca e aplicação dos critérios de inclusão, foram selecionados 12 vídeos de propagandas amostrais submetidos à análise de conteúdo em 3 categorias: 1) Expressão facial, 2) Características físicas e 3) Vestimentas. Os resultados indicaram que na categoria 1, em 6 situações os idosos estavam sorrindo ou dando gargalhada, predominantemente, enquanto que, nas outras 6, estavam sérios. Na categoria 2, observou-se que a cor do cabelo era predominantemente branco/grisalho (20) e poucos (5) tinham cabelos escuro/tingidos. A cor de pele era branca predominantemente (19), pele parda (4) e apenas 1 idoso era negro. Na categoria 3, observou-se que as roupas, na maior parte das situações, eram de tons claros e pequenas estampas, ou de cores escuras, porém simples (10), 1 idoso tinha vestimenta do estilo *rock* e 1 esportivo. Apesar das constantes investidas que têm sido realizadas, tanto no campo acadêmico como no social, a veiculação da figura idosa ainda continua estereotipada, calcada pela imagem do idoso de cabelos e pele branca, que utiliza apenas vestimentas simples e que está sempre sorrindo, demonstrando estar de bem com a vida, o que não necessariamente condiz com sua realidade na sociedade atual. Sugerem-se novos estudos que contribuam para novas reflexões acerca das tecnologias envolvendo a imagem do idoso, não apenas nas mídias interativas, como o Youtube®, mas, inclusive, em diferentes contextos.

Palavras-chave: idoso, youtube, propagandas.

.

A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM ATIVIDADES ESPORTIVAS DE COMPETIÇÃO

Adriane B. S. Serapião, Rogéria A. P. Mussio, Renato H. Verzani,
Fernanda C. Pereira, Afonso A. Machada
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Rio Claro
adriane@rc.unesp.br

Atletas de qualquer modalidade esportiva em qualquer categoria, seja em esportes coletivos ou individuais, tanto no treinamento quanto na competição, estão constantemente sob pressão em busca de bons resultados. Quase sempre, ser bom não é suficiente. É necessário ser o melhor. Treinadores, equipe técnica, patrocinadores, imprensa, torcedores e a autocobrança do atleta depositam enorme carga sobre o seu desempenho esportivo, gerando desgastes físicos e emocionais. Fatores externos como mídia, relacionamentos profissionais, relacionamento afetivos e familiares, questões financeiras, medo de lesões, também colaboram fortemente no desempenho físico e técnico do atleta. A história do esporte mundial tem mostrado talentos promissores ou atletas de grande destaque ou ídolos que sucumbem em grandes competições por desempenhos muito abaixo de seu potencial, onde em alguns casos tal fracasso leva-os a abandonar a carreira ou nunca mais recuperar-se com o mesmo desempenho de antes. Também já testemunhou-se atletas desacreditados e/ou lesionados gravemente, sem nenhuma expectativa de sucesso, superarem suas limitações e tornarem-se vencedores incontestes, contrariando todas as previsões. Parte do sucesso na atividade esportiva está intimamente relacionado a fatores ligados à Inteligência Emocional. Embora muito já tenha se pesquisado sobre este assunto em várias áreas do comportamento humano, na prática esportiva este ainda é um tema pouco explorado. A estabilidade, ascensão ou declínio, temporário ou definitivo, de um atleta depende do seu grau de desenvolvimento emocional e de como lida e comporta-se diante de fatores (positivos ou negativos) que não estão sob seu controle. Os cinco componentes comportamentais da Inteligência Emocional podem ser aplicados no âmbito esportivo. Autoconhecimento é a habilidade do atleta reconhecer e compreender os fatores que mais influenciam seu desempenho e motivação no esporte. Autocontrole significa a capacidade do atleta gerir e/ou redirecionar emoções, humor e reações diante de situações de desafio, conflito ou euforia. Automotivação é o conjunto de estratégias usadas pelo atleta para motivar-se em realizar seu papel diante de circunstâncias adversas que influenciam seu desempenho e aproximar-se de suas metas. Empatia é a capacidade de compreender a constituição emocional dos outros e tratá-los conforme suas reações emocionais para melhorar seus relacionamentos e favorecer seu desempenho esportivo. Sociabilidade é a capacidade do atleta de admitir diferenças com os outros e aprender a conviver com elas, administrando os relacionamentos, criando redes e cultivando afinidades. Desenvolver competências emocionais é fundamental para qualquer esportista atingir êxito na carreira, devendo fazer parte de seu programa de treinamento. Esta linha demanda estudos mais aprofundados.

Palavras Chave: Desempenho esportivo, Inteligência Emocional

À MARGEM DOS HOLOFOTES: TEMAS TRANSVERSAIS A PROFISSIONALIZAÇÃO E CARREIRA ESPORTIVA

Bruno Bember Lofiego; Raphaell Moreira Martins; Gabriel Keine Kuga; Afonso Antônio Machado.

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

brunolofiego@gmail.com

Introdução: Muitas são as dificuldades enfrentadas no trajeto para a profissionalização esportiva, e não menores são os dilemas ao optar pela carreira esportiva. Boa performance, culminando em bons resultados e aprovação social, não é sinônimo de diminuição da problemática. No campo psicológico, observa-se comumente estresse, ansiedade, pressão, medo. Tais questões, dentre outras, refletem no campo físico com uso de substâncias ilícitas (recreativas ou para se obter/manter a performance), lesões e por vezes aposentadoria precoce. Justificativa: O trabalho justifica-se na tendência da contemporaneidade de, assim como na literatura, reeditar elementos de mitos ancestrais, personalizando-os nas versões e visões modernas de atletas. São evocados novos heróis, ofuscando o difícil trajeto, preparo e esforço deste, direcionando a admiração aos seus resultados fundindo-se ao indivíduo, que, portanto, deve manter mesmo que a custo elevado. Aos que não atingem tal nível de reconhecimento social, mesmo sendo grande maioria, ocorre certa invisibilidade pela indiferença, que pode ser observada não apenas na eminente falta de destaque ao indivíduo, mas também por estigma e preconceito por este não se enquadrar ao midiático, evidenciado constantemente como normalidade, mesmo que construída. Objetivos: O trabalho tem por objetivo aproximar questões transversais as constantemente divulgadas e tida por realidade ao grande público, tanto profissional quanto a futuros atletas, para que conhecidas as dificuldades da atividade em questão possa ser realizada análise e diagnóstico partindo de cada situação e individualidade. Métodos: O método utilizado vem sendo revisão bibliográfica através de análises de estudos científicos, notícias e entrevistas, para que partindo da compreensão global da problemática possa ser feito melhor aprofundamento da questão e análise da situação regional. Com a teoria e visão melhor formuladas, será proposta aproximação com profissionais e aspirantes a partir de contato pessoal e netnográfico, com questionários e entrevistas a serem desenvolvidos. Resultados e Conclusão: Através de equipe interdisciplinar, é possível pensar em direcionamento e melhor análise de questões esportivas e ampliar a visão dos entornos ligados a profissionalização de atletas. Neste sentido, cabe à Psicologia, sobretudo por meio de trabalhos atuais, fazer o caminho inverso ao que se tem proposto, não apenas dando voz aos próprios atletas e aspirantes, como também olhá-los de maneira atenta e única, demonstrando que são sujeitos dignos e singulares.

Palavras chave: Psicologia do Esporte; Profissionalização; Invisibilidade

A MOTIVAÇÃO POR REFORÇO POSITIVO E REFORÇO NEGATIVO NA PRÁTICA DO BASQUETEBOL

Matheus Roncon Dias, Cleyton Paulino Luiz, Beatris Lourdes Alves Hunh, Lucas Vieira Gomes, Rafael Castro Kocian.
GEPPEM / CeCAES / IFSULDEMINAS – Câmpus Muzambinho
Matheus.roncon3@gmail.com

Quando acompanhamos o esporte de rendimento, percebemos que diversos treinadores buscam diferentes intervenções para motivar seus atletas a renderem o esperado. Este trabalho tem como tema a relação de desempenho entre o aspecto motivação por reforço negativo e reforço positivo no treinamento da modalidade basquetebol. O objetivo do presente trabalho foi identificar o desempenho de alunos de basquetebol em relação ao aspecto de motivação por reforço positivo e reforço negativo, tendo como problema: como verificar a relação de desempenho dos atletas nos métodos de motivação por reforço positivo e reforço negativo? O trabalho justifica-se na ideia de produzir conhecimentos acerca da motivação para professores de basquetebol. Trabalhamos com uma pesquisa de campo com 17 atletas divididos em três grupos: reforço positivo, reforço negativo e grupo de controle (sem intervenção). Foram realizados cinco encontros para a pesquisa, no ginásio municipal da cidade de Cabo Verde/MG. No processo da pesquisa os atletas foram avaliados nos seguintes fundamentos: lance livre e bandeja, e analisados por meio do "escalte" possibilitando a contabilidade do rendimento e gerando gráficos. Cada atleta realizou 10 arremessos de lance livre e 20 arremessos de bandeja, divididos em duas posições (esquerda e direita), onde eram avaliados dois itens: o acerto da cesta e o gestual correto. Ao longo das tentativas cada grupo recebia a intervenção cabível. Através de análises e comparações dos resultados obtidos, o método de motivação por reforço positivo manteve uma média bastante elevada de acertos durante todo o processo, com uma melhora de percentual de 18,1% comparando o primeiro e último momento da pesquisa. O método de reforço negativo obteve uma melhora ainda maior no percentual comparando o início e fim do processo, sendo de 26,3%. Por fim, no grupo de controle, que não recebeu nenhum tipo de intervenção, os participantes mantiveram uma média baixa de acertos com um aumento de 9,5% referente ao início e fim do processo. Verificou-se, em todos os grupos, atletas que tiveram desempenho melhor com os estímulos e atletas que pioraram com os estímulos. Conclui-se que para a iniciação do basquetebol é necessário o conhecimento do perfil do atleta e recomenda-se variação de estímulos vindo do professor.

Palavras-chave: Estados Emocionais; Esporte; Basquetebol; Reforço Positivo; Reforço Negativo;

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA À DISTÂNCIA

Dra. Maria Cecília Lieth Bonacelli Soares

Claretiano Faculdade

ceciliab@terra.com.br

Como tutora do Curso de Educação Física à distância do Claretiano Faculdade, tenho a intenção neste trabalho de expor minhas preocupações no que diz respeito ao preconceito que existe na modalidade de ensino à distância. Tal trabalho se justifica pela necessidade de ampliarmos nossos olhares no que diz respeito a educação à distância, pois a mesma ainda sofre muitos preconceitos por falta de pesquisas e conhecimentos na área. Essa pesquisa tem como objetivo demonstrar como se da a relação entre professor/aluno no curso à distância em Educação Física, a relação entre tempo/espaço na produção do conhecimento, pois nesse segmento de ensino, a organização entre corpo real/corpo virtual e tempo/espaço é diferenciada, ou seja, a aprendizagem pode acontecer sem que o professor e o aluno estejam no mesmo lugar ao mesmo tempo. Sendo assim, o corpo real não se diferencia do corpo virtual, ambos assumem a mesma posição na dialética do conhecimento. Não há um tempo cronológico (começo/meio/fim da aula) e nem um espaço físico (sala de aula). O espaço do saber rompe fronteiras físicas e estruturais, tornando-se assim muito atrativo e desafiador. Está pesquisa é bibliográfica e de campo, onde pretende-se mostrar como os tutores, além de orientarem academicamente os alunos nos assuntos específicos das disciplinas que lhe são atribuídas, temos também um encontro mensal, onde temos a função de dar esclarecimentos quanto as ferramentas tecnológicas do ensino à distância, bem como "acolher" os alunos durante todo o processo de ensino/aprendizagem e a compartilhar o aprendizado específico das disciplinas do curso. Por meio desta pesquisa, pudemos constatar que o ensino à distância pode possibilitar aos alunos uma forma diferente de aprendizagem, nem melhor e nem pior que o ensino presencial, mas sim diferente, uma nova possibilidade dos alunos organizarem seus estudos, uma democratização dos conhecimentos, novas formas de compartilhar informações, uma nova forma dos tutores/professores organizarem suas práticas pedagógicas, superando a distância geográfica que existe entre o professor e o aluno e entre o aluno e o conhecimento. Nessa pesquisa, pudemos concluir que o ensino à distância em Educação Física ainda necessita de algumas reformulações no processo de ensino/aprendizagem principalmente nas disciplinas da área da saúde.

Palavras-chave: Educação Física, Educação à Distância, relação professor/aluno, produção de conhecimento.

A PSICOLOGIA DO ESPORTE NO ÂMBITO DO BASQUETEBOL FEMININO BRASILEIRO

Luiza Darido da Cunha[1], Marlus Alexandre Sousa[2] Rubens Venditti Jr[3], Dagmar Hunger
Unesp Rio Claro[1], Unicamp[2], Unesp Bauru[3], Unesp Bauru
Ldarido@yahoo.com.br

A intervenção psicológica esportiva no Brasil ainda é uma realidade um pouco distante em algumas equipes de alto rendimento, não havendo em muitos casos uma organização e planejamento do trabalho realizado, sendo que na maioria das vezes o trabalho psicológico só é lembrado quando algum desempenho inadequado coloca em risco o resultado positivo da equipe ou em situações de crise. Na presente pesquisa, analisamos parte da Seleção de Basquete, feminina da década de 1990 e 2000. Apuramos as consequências do trabalho psicológico em que as atletas se consagraram Campeãs Mundiais em 1994 e Vice Campeãs Olímpicas em 1996; bem como das seleções de 2000, em que houve um declínio nos resultados internacionais. A pesquisa de caráter qualitativa foi realizada com os principais sujeitos da época através do método da entrevista semi estruturada com técnicos, atletas e dirigente esportivo. Para Corrêa e Guiraud (2009, p. 677): "Assim, a história oral surgiu para valorizar as memórias de indivíduos, resgatando a tradição oral e buscando a variante de experiências vividas por atores sociais que a *história tradicional* deixou à margem". Pudemos observar nos relatos orais que existem fatores internos e externos que comprometem as relações entre técnico e atletas, dentro e fora das quadras; na década de 90 observamos que era um time que se encontrava em harmonia, não possuía vaidades, como afirmaram os depoentes, e possuía trabalho psicológico efetivo. Na Seleção da década de 2000, com ausência de orientação em alguns momentos, notamos que ocorria um distanciamento entre comissão técnica e atletas. Para Beck Jr. (2002), para que ocorra uma relação positiva entre treinador-atleta é necessária uma comunicação adequada. Também analisamos que a parte da preparação física é sempre mais visada, sendo a maior preocupação na busca de resultados positivos, ignorando que os aspectos psicológicos também fazem parte da preparação. Hoje, pesquisas científicas comprovam sua relevância e influência significativa e favorável no desempenho esportivo, aspecto este confirmado com a análise de nossos relatos no estudo.

Palavras Chave: Basquete feminino – psicologia do esporte – história oral

A RELAÇÃO DO HOMEM, DA SOCIEDADE, E DA TECNOLOGIA NO AVANÇO DA TECNOCIÊNCIA

Astor Reis Simionato, Juliana Lôbo Froio, Lara Moreira, Leandro Oliveira da Cruz Siqueira, Afonso Antônio Machado.
Instituto de Biociências – PPG-DEHUTE – UNESP/Rio Claro, São Paulo, Brasil.
astor_ars@hotmail.com

O avanço tecnológico possibilita o surgimento de novos meio de comunicação. Assim na contemporaneidade é possível haver diferentes meios de interação e sociabilidade, refigurando as experiências de corpo por reinventar as relações sexuais, formas do corpo, experiência de identidade e de comunidade. Ambiente este onde o corpo é capaz de atravessar fronteiras geográficas, culturais, profissionais e hierárquicas (BALDANZA, 2006). A internet, é capaz de diferenciar de maneira particular o processo de interação e sociabilidade por diferentes fatores (fácil comunicação, ausência de censura, mobilidade territorial, liberdade de relacionamento, desbloqueio sociais ou preconceituosos, identidades alternativas, descompromisso social e temporal no processo comunicativo, e anonimato). Além de desafiar as fronteiras do tempo e do espaço, o processo de desmaterializar o corpo, provocado pela comunicação no ciberespaço ajuda a ultrapassar outras barreiras como a falta de mobilidade física ou econômica, de "aparência física inadequada" ou fora dos padrões "impostos" socialmente, e, assim como comenta Martins (2005), possibilita a experimentação de diferentes opções e classes sociais, raças, nacionalidades e profissões, etc. Baldanza (2006) ainda corrobora comentando que a internet inovou este processo de comunicação no ciberespaço, uma vez que, além de apresentar interação e sociabilidade à distância (ausência do corpo), ela também criou formas alternativas de representação de emoções e expressões corporais que suprem as necessidades da mesma (corpos virtuais). Evidenciando a importância do corpo e de suas expressões no processo de comunicação. A internet vem despertando mudanças de várias ordens, não só na relação do corpo e da comunicação propriamente ditos, mas também em suas relações econômicas, sociais, políticas, culturais e filosóficas (PINHO, 2011). Nesta perspectiva, o presente texto buscou promover uma relação das diferentes facetas que envolvem discussões entre a relação do homem contemporâneo, e sua sociedade, com o avanço tecnológico. Atualmente a relação do homem com a tecnologia tomou proporções que são irreversíveis, numa visão voltada às questões sócio-culturais do homem em sua sociedade. Assim, é preciso compreender que a tecnologia faz parte da cultura humana, não sendo mais possível acreditar no homem sem uma dimensão da tecnociência (MACHADO; ZANETTI; MOIOLI, 2011). Nesta interface, o corpo por si é objeto comunicativo e cultural relacionando-se com o avanço da tecnociência. Atualmente ambos caminham fortemente interlaçados não podendo ser dissipados. A tecnologia além de fazer parte da história da humanidade, está contribuindo para modificá-la, remodelando e ressignificando o modo do ser humano viver e interagir-se com sua sociedade e com a própria tecnologia.

Palavras Chave: Internet, Ciberespaço, Corpo, Comunicação, e Tecnologia.

A TEMÁTICA NEGRA NOS CURRÍCULOS ESTADUAIS BRASILEIROS

Dandara de Carvalho Soares, Fernanda Moreto Impolcetto.
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus de Rio Claro
E-mail: dan_natacao19@hotmail.com

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram elaborados pelo Governo Federal com o intuito de auxiliar as abordagens escolares, focando num projeto pedagógico que ajude no processo de cidadania do aluno e se tornaram referências tanto para o Ensino Fundamental quanto para Ensino Médio (BRASIL, 2007). No PCN há os temas transversais que são: Ética, Meio ambiente, Saúde, Pluralidade cultural, Orientação sexual e Trabalho e Consumo. No documento, estas temáticas possuem o objetivo de expor conceitos e valores essenciais à cidadania, tendo também responsabilidade de tratar de questões importantes para a sociedade. O Brasil possui uma enorme diversidade étnica que é composta por culturas diferentes, assim, nota-se a necessidade de abordar a temática da pluralidade cultural durante o período escolar, que é um momento de formação do indivíduo, no qual terá contato com diversas culturas que o auxiliará a compreender a composição do Brasil e respeitar as diferenças. Outro fator importante quando se pensa na Educação Física escolar é o currículo, que orienta e propõe conteúdos sistematizados que o professor deve seguir, pois estes quando se fazem presentes, são de uso obrigatório nas escolas. O objetivo dessa pesquisa foi verificar se a temática do negro é de fato abordada nos currículos estaduais elaborados para a disciplina de Educação Física. Para atingir este objetivo realizou-se um levantamento sobre o tema em dezesseis currículos estaduais brasileiros, a partir dos quais analisou-se se a temática está ou não presente como conteúdo da disciplina. A metodologia desta pesquisa é de natureza qualitativa e os resultados foram analisados por meio de categorias que surgiram a partir do levantamento dos dados nos currículos estaduais. Os principais resultados encontrados indicam que a maioria dos currículos assume a cultura corporal como objeto da Educação Física; grande parte dos documentos aborda o negro como conteúdo da disciplina, porém de forma superficial, com foco na prática e não o conhecimento necessário para compreender a prática, por exemplo: ensinar os golpes da capoeira, mas não como e o porquê ela surgiu. Conclui-se que apesar do tratamento superficial, os dados revelam o que pode ser considerado um avanço para a área, pois considerando a história do Brasil, a temática do negro ser abordada como conteúdo da Educação Física é algo significativo. Entretanto, entende-se que os estudos sobre o tema precisam ser ampliados e aprofundados, pois apesar de estar presente na maioria dos currículos, é tratado de forma superficial e limitada.

Palavras Chave: Negro, Currículo, Educação Física, Escola.

A VIGOREXIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Nely Sandra Abreu de Castro, Solange Ferraz, Raphael Moura Rolim
UNIFACEX
nsacastro@hotmail.com

Introdução: Tendo em vista que a sociedade brasileira se encontra envolvida na busca de atingir a qualidade de vida há uma parcela da população que é atraída por caminhos que trazem resultados visuais e rápidos ao corpo de modo a atingir uma representação de uma imagem de saúde, que acaba sendo equivocada. **Justificativa:** Os jovens, principalmente, são influenciados pela mídia que dita modelos de perfeição, se empenham na busca pelo corpo ideal e se exigem de tal maneira que manifestam um comportamento compulsivo, conhecido por vigorexia. **Objetivo:** Esta pesquisa propositou a realização de uma revisão sistemática acerca do termo vigorexia, a verificação das mudanças que a tornaram uma doença mental, um transtorno psicológico específico a partir do Manual de Psiquiatria – DSM-V. **Método:** Nas pesquisas selecionadas dentre 2010 a 2015, obtidas através do *Google*™ Acadêmico, foi possível selecionar seis artigos com idioma em português, que incluíam os vocábulos vigorexia e dismorfia muscular no título ou no corpo do trabalho, com critério de exclusão monografias, dissertações e teses. **Resultados:** Foi possível verificar que a vigorexia vinha sendo enquadrada como dismorfia muscular, não se encontrando especificadamente no manual de psiquiatria DSM-IV, pois englobava o transtorno compulsivo alimentar (TCA), o transtorno obsessivo compulsivo (TOC) e o transtorno dismórfico muscular (TDM) (OLIVEIRA, 2010; MOTA e AGUIAR, 2011). Todavia, atualmente por se encontrar no DSM-V, publicado em 2013, como transtorno de dismórfico corporal, é considerado um problema de saúde mental. A vigorexia se trata de uma visão distorcida da própria imagem, onde o indivíduo não se percebe como forte e realiza treinamentos excessivos de força, com o objetivo de crescimento muscular, (OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA, 2010; MOTA e AGUIAR, 2011; AZEVEDO, 2012) faz uso de anabolizantes e esteróides, possui transtorno de humor, alimentar, de ansiedade, é dependente do exercício, desenvolve a irritabilidade, e possivelmente a depressão caso não atinja os seus objetivos (SOLER, 2013; AZEVEDO, 2012). Pode ter sua origem ainda na adolescência por se tratar de uma fase em que ocorrem diversas modificações, conhecida como puberdade (OLIVEIRA, 2014; MOTA e AGUIAR, 2011, AZEVEDO, 2012). **Conclusão:** É imprescindível a emergência de novas pesquisas e é observável que devido abranger uma quantidade de considerada de pessoas, não somente jovens, pode ser apontado como um problema de saúde pública. E com a inserção da vigorexia no DSM-V é indicada novas revisões em busca de conscientizar praticantes e profissionais que estão envolvidos com a prática do treinamento de força.

Palavras Chave: Vigorexia, Dismorfia Muscular, Transtorno, Autoimagem.

ABORDAGEM LEXICAL NO DESENVOLVIMENTO DE INSTRUMENTOS: UMA ANÁLISE DO MÉTODO

Flávio Rebustini[1,2], Marcos A. A. Balbinotti[2], Renata E. L. Ferretti-Rebustini[2,3], Afonso Antonio Machado[1]
[1]LEPESPE – UNESP- RIO CLARO, [2]LaMPE – Université du Québec à Trois-Rivières, [3]Escola de Enfermagem da USP - SP
(frebustini@uol.com.br)

O desenvolvimento de instrumentos de medida tem sido uma das áreas que têm recebido atenção dos pesquisadores em psicologia do esporte. Contudo, há deficiências dos procedimentos a serem utilizados, principalmente na fase de desenvolvimento e validação de conteúdo. São raros os estudos que tratam do desenvolvimento de instrumento a partir da abordagem lexical – uso apenas de palavras -, apesar de alguns dos mais utilizados instrumentos da psicologia do esporte serem baseado nessa abordagem (POMS, BRUMS, PANAS), na psicologia um dos mais utilizados é o 16PF de Catell. Assim o objetivo desse trabalho é uma análise dos procedimentos metodológicos adotados para os instrumentos lexicais. Foi realizada uma análise aprofundada dos procedimentos adotados na validação ou adaptação de 20 instrumentos lexicais nos últimos 5 anos. Não foi possível encontrar instrumentos de abordagem lexical validados para o esporte. A análise dos artigos apontou para questões fundamentais no desenvolvimento dos instrumentos: a) dificuldade de reprodução de modelos psicossociais da cultura ocidental, principalmente das culturas anglo-saxões, para outras culturas; b) a interdependência do significado do léxico com a cultura; c) o questionamento de que se é realmente possível adaptar culturalmente instrumentos com abordagem lexical, isto decorre de que palavras que têm um sentido positivo em uma cultura podem ter um sentido negativo em outras, consequentemente, os instrumentos quando adaptados não têm mantido a estrutura original, o que compromete a consolidação da teoria que deu suporte para o desenvolvimento do instrumento; d) a utilização de palavras que não fazem parte do coloquialismo e/ou jargões da população alvo, e; e) o uso de palavras ambíguas. Diante destas constatações podemos afirmar que há problemas e fatores significativos que têm de ser considerados no momento de desenvolvimento dos instrumentos lexicais, soma-se a ausência de protocolos delineadores dos procedimentos da fase de validação de conteúdo destes instrumentos. Esses aspectos, também, afetam a formatação do comitê de especialistas na fase validação do conteúdo dos instrumentos e exige dos pesquisadores envolvidos um conhecimento mais profundo da linguística e da etimologia das palavras no intuito de desenvolver instrumentos mais robustos e precisos.

Palavras Chave: Abordagem lexical, métodos, psicometria, desenvolvimento humano.

ADAPTAÇÃO INTERCULTURAL DE JOGADORES DE FUTEBOL EXPATRIADOS: VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES

Aline Iris Gil Parra Magnani, Maria Regina Ferreira Brandão, Flávia Renata de Almeida, Gisele Maria da Silva, Luís Felipe Tubagi Polito,

Universidade São Judas Tadeu
alinemagnani@gmail.com

O Ajustamento Intercultural é definido como a adaptação de uma pessoa quando esta migra de um lugar para o outro. Este fenômeno acontece entre países, estados e/ou cidades. Com o advento da globalização e a facilidade de locomoção, é cada vez mais comum nos depararmos com pessoas - executivos de grandes empresas, estudantes e atletas de diversas modalidades - que mudam de cidade ou país (para trabalhar, estudar e/ou treinar). Esta pesquisa teve por objetivo investigar como a Adaptação Intercultural foi vivenciada e percebida por jogadores de futebol (de alto rendimento) brasileiros que jogaram ou ainda jogam em outros países. Especificamente, buscou-se investigar a percepção sobre a Adaptação Intercultural e suas dimensões na vida pessoal e no desempenho esportivo dos atletas; e compreender a percepção dos atletas sobre os fatores que favoreceram e/ou prejudicaram sua Adaptação Intercultural. Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista individual, aberta e semiestruturada. Os dados foram analisados seguindo as orientações de Aguiar e Ozella (2006): Transcrição das Entrevistas – na íntegra e sem interpretação; Leituras Flutuantes; Audição das Entrevistas; Agrupamento das Respostas em Categorias (previamente estabelecidas) e Considerações Finais. Os resultados indicaram que os atletas entrevistados, que não receberam nenhum apoio da nova equipe de trabalho, apresentaram muitas dificuldades em seu processo de Adaptação Intercultural. Essas dificuldades estão relacionadas ao idioma; alimentação; locomoção; moradia; conhecimento das normas e regras socioculturais; preconceito intercultural/racial; dificuldades com a adaptação dos familiares; além das questões relacionadas ao seu desempenho esportivo, ao novo treinador e a nova equipe de trabalho. Os dados coletados e analisados reforçam a recomendação de um trabalho preventivo e de preparação do atleta para sua Adaptação Intercultural, que trará benefícios econômicos e sociais. Visando minimizar queda de rendimento e no tempo de adaptação e aprendizado ao novo ambiente de trabalho e as novas relações socioculturais.

Palavras Chave: Cross Cultural; Adaptação Intercultural; Atletas; Esporte de Alto Rendimento.

ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DO 'SPORT CONCUSSION OFFICE ASSESSMENT TOOL'.

Renata Eloah de Lucena Ferretti-Rebustini[1], Crislaine Santos de Almeida[1], Flávio Rebustini[2], Afonso Antônio Machado[2].
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte da Unesp-Rio Claro.
(reloah@usp.br)

Introdução e justificativa: A concussão cerebral, apesar de comum, é de difícil diagnóstico, avaliação e tratamento na prática esportiva, já que o resultado dessa lesão são sinais e sintomas inespecíficos. O "*Sport Concussion Office Assessment Tool" (SCOAT)*[1] é um instrumento que foi originalmente elaborado em inglês, para avaliar a concussão cerebral em vítimas de trauma esportivo, no serviço de saúde. Até o momento, a versão brasileira do instrumento não foi feita. **Objetivo**: Realizar a adaptação transcultural do SCOAT para a língua portuguesa falada no Brasil. **Métodos:** Por meio de um estudo psicométrico foi feita a adaptação transcultural do instrumento para a língua portuguesa falada no Brasil. Primeiramente, foi obtida a autorização do autor da escala antes de todos os procedimentos, que por sua vez, respeitaram as recomendações propostas por Beaton[2]. O nível de concordância entre os juízes sobre as equivalências semântica, idiomática, cultural e conceitual, foi analisado por meio do Índice de Validação de Conteúdo (IVC) e o *Kappa de Light*. Para corrigir o efeito de prevalências muito altas ou muito baixas de uma das categorias e a possibilidade de vício de resposta do juiz, foi utilizada uma variação do *Prevalence Adjusted Bias Adjusted Kappa* (PABAK). Foi considerado significante o p-valor <0,05 e para os IVC < 75% foi feita revisão do item por um comitê expandido de juízes. **Resultados:** Após procedimento de tradução, sínteses e retrotradução, a versão brasileira do SCOAT foi nomeada de "Instrumento de Avaliação da Concussão no Esporte em Serviço de Saúde" (SCOAT-B). Observou-se uma concordância significativamente quase perfeita (0,82 – 0,85) entre os juízes, para as equivalências medidas. Os valores de PABAK, considerando a prevalência entre as categorias de resposta e a possibilidade de viés, foram expressivamente maiores do que os valores não ajustados de Kappa e significante (p<0,001) para todas as equivalências. Cinco itens que necessitaram de revisão (IVC < 75%) e foram revistos por um comitê expandido, e posteriormente foi elaborada a versão pré-final. Todos os itens foram considerados conceitualmente relevantes pelos juízes, sem apontamentos quanto a inclusões ou exclusões. **Conclusões:** O SCOAT-B foi considerado adaptado para a língua portuguesa falada no Brasil, podendo ser utilizado para avaliar a concussão encefálica decorrente da prática esportiva, em serviços de saúde. No entanto, estudos de validação são necessários, com vistas a testar a aplicabilidade na prática clínica e as propriedades psicométricas do instrumento.

Palavras Chave: Trauma esportivo, Concussão Cerebral, Avaliação, SCOAT, Psicometria.

ANALISANDO A INDISCIPLINA EM UM PROJETO SOCIAL EM PEDAGOGIA DO ESPORTE ESCOLAR

Roberta Panunto da Silva; Rubens Venditti Júnior; Lilian Aparecida Ferreira
Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências, UNESP- Bauru
e-mail: ropanunto@hotmail.com

A indisciplina é apontada por professores como um fator limitante nos desenvolvimentos das aulas, até por aqueles que são mais experientes na profissão. Os problemas indisciplinares envolvem valores que regem a sociedade e ditam o contexto social. A indisciplina é apontada como principal agente que afeta o desempenho do professor resultando em estresse, síndrome de burnout, depressão e insatisfação profissional. Em um projeto social ("Ensinando e aprendendo o Handebol") oferecido a crianças de Bauru, por meio de atividades educativas, para a prática do handebol. As ações comportamentais negativas encontradas nas aulas tornaram-se obstáculos nas ações pedagógicas dos professores de EF, afetando a aprendizagem da prática, desmotivando ambos e criando dificuldades neste processo pedagógico. O estudo busca analisar a indisciplina e os fatores de sua incidência, a partir dos dados levantados em 12 encontros deste projeto. Com isso, busca-se discutir as questões indisciplinares ocorridas, relacionando-as com atitudes provenientes dos alunos e dos docentes envolvidos; e assim propor melhoria nas ações pedagógicas, com o intuito de suprir as necessidades e melhorar o ensino/aprendizagem dos envolvidos. Fizemos relatórios das aulas, com análise qualitativa das percepções do ensino e aprendizagem e quantitativa, a partir das ações indisciplinares cometidas e categorizadas. Nos doze encontros, com duas turmas de alunos de handebol (9 a 11 anos e 12 a 14 anos)- realizados no primeiro semestre de 2015, apontamos as ações indisciplinares que mais ocorreram. Em relação à equipe dos menores, observamos que são mais recorrentes atos indisciplinares com desrespeito aos colegas, sugerindo a não aceitação dos atos alheios provenientes dos parceiros de quadra. Em seguida, a falta de interesse na aula, pode ser considerada um ato aversivo ao conteúdo apresentado, sugerindo que o mesmo não está convidativo. Por último, surgem ações ou comportamentos contrários a(o) professor(a) como espécie de enfrentamento à autoridade. Na equipe dos maiores, o desinteresse pelo conteúdo foi mais encontrado, com atos que sugerem da mesma forma que na equipe dos menores, que pode não existir interesse nas atividades propostas. Desrespeito aos parceiros de forma geral, e atitudes adversas ao professor, nos levam a pensar em alternativas que atraiam os alunos, para que tenham interesse na prática. Porem é importante a aceitação e convivência com os colegas, para que aprendam uns com os outros, uma vez que o aspecto atitudinal é um objetivo central neste projeto; e trabalhá-lo integrado às atividades esportivas seria uma possibilidade de transformação comportamental e social destes praticantes.

Palavras-Chave: Indisciplina. Educação Física. Handebol. Iniciação Esportiva. Pedagogia do Esporte.

ANÁLISE COMPARATIVA DA MÉDIA DE TEMPO DO NADO LIVRE EM DIFERENTES METRAGENS E FAIXAS ETÁRIAS

Ivan Wallan Tertuliano, Caio Graco Simoni da Silva, Alic Carolina de Brito Viana, Antônio Carlos Mansoldo, Afonso Antonio Machado

UNESP – Rio Claro, USP, UNIÍTALO

ivanwallan@gmail.com

Nos últimos anos, a Natação Competitiva passou por grandes evoluções, tanto pelo avanço tecnológico quanto científico (STAGER; TANNER, 2008). Para que as mudanças ocorressem, a Natação tem sido investigada em diferentes perspectivas, com o intuito de determinar qual é o aspecto mais relevante para o sucesso na competição. Pelo fato do Crawl ser o nado mais praticado, a maioria dos estudos envolveu este nado. Para vencer uma competição o nadador deve ser o mais veloz da competição. Sendo assim, a velocidade tem recebido grande interesse por parte dos pesquisadores (CHOLLET; CHALIES; CHATARD, 2000; LERDA; CARDELLI, 2003; SEIFERT; CHOLLET; ROUARD, 2007; STAMM et al., 2011; TERTULIANO et al., 2013). Nos estudos acima citados, a maior quantidade foi conduzido com adultos, o único que trabalhou com crianças foi o trabalho de Tertuliano et al. (2013). Sendo assim, o objetivo do presente estudo é analisar e comparar o tempo total de nado em provas de Natação, Nado Livre, para diferentes faixas etárias e verificar as mudanças no tempo total de nado para cada faixa etária, ou seja, analisar as mudanças entre as diferentes populações etárias e sexo. A análise foi realizada com 378 participantes de ambos os sexos, com idade entre (08 e 17 anos), participantes do Festival de Natação da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE-USP), em provas de 25 e 50 metros, utilizando a média do tempo total de nado, para o Nado Livre. Os resultados apresentam uma evolução nos tempos médios de prova entre 08 e 12 anos de idade FEMININO e MASCULINO, ressaltando uma evolução mais acentuada entre 08 e 09 anos, quando comparado com os resultados de Mansoldo et al. (2011). Porém, há uma queda de desempenho na idade de 13 anos em diante. Diante do exposto, pode-se concluir que estudos relacionados a fatores intervenientes, como fatores de ensino-aprendizagem e fatores psicológicos faz-se necessário.

Palavras Chave: Nado Livre, Natação, Tempo Total de Nado.

ANÁLISE DO BURNOUT EM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Natália Cristina Leão Andrade[1], Hiago Luan Rolla Martins[2],

Ingrid Lôbo[1], João Roberto Ventura de Oliveira[1], Camila Cristina Fonseca Bicalho[1;2]

[1]UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais

[2]UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

camilabic@yahoo.com.br

A categoria dos professores no Brasil está exposta a ambientes conflituosos e de alta exigência de trabalho, fatores que contribuem para que seja considerada uma das profissões mais estressantes e com forte incidência de elementos que conduzem à Síndrome de *Burnout* (SB). A SB é caracterizada por três dimensões: a exaustão emocional, a baixa realização pessoal e a despersonalização. É consequência do estresse crônico no trabalho e leva ao esgotamento profissional. Manifesta-se a partir de sentimentos negativos como ansiedade, frustração e culpa que resultam no declínio de desempenho no ambiente laboral. Assim, compreender melhor a relação entre SB e o comportamento do docente é um fator relevante para melhora da qualidade de ensino desse profissional. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UEMG (30344414.2.0000.5525). A amostra foi composta de 100 professores da rede estadual da metropolitana B de MG, atuantes no ensino fundamental ou médio, com idade entre 22 e 55 (M=37,33±8,33) anos. Foram utilizados os instrumentos: questionário de dados demográficos e o MBI (*Maslach Burnout Inventory*) forma ED. Foi realizado o contato com a Secretaria Estadual de Educação (SEE) para delineamento das escolas pertencentes a Regional Metropolitana B. Realizou-se visitas nas escolas para apresentação do estudo e aplicação dos questionários. Constatou-se que 99% população estudada apresenta sintomas da SB. Algumas características se destacaram como facilitadoras para desenvolvimento da SB, tais como ambiente de trabalho envolto por uma esfera de fatores estressores, baixa remuneração e cobranças constantes. Professores mais novos ou com pouco tempo de experiência possuem maiores chances de desenvolver a SB. Os professores, em sua maioria, estão insatisfeitos com sua atuação escolar e acham sua profissão estressante. O grande número de professores com sintomas da SB mostra a necessidade de se alertar aos outros professores sobre os perigos do estresse crônico no trabalho.

Palavras Chave: Síndrome de *Burnout*; professor; educação básica

Apoio: FAPEMIG ([1]Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais).

ANÁLISE TÁTICA: APLICAÇÃO DE TECNOLOGIAS PARA AUXÍLIO DE TÉCNICOS E ATLETAS DE VOLEIBOL USANDO ESTATÍSTICA

Mateus da Silva Pinheiro[1], José Calixto[2], Adriane Beatriz de Souza Serapião[2]
[1]FHO – Uniararas, [2]UNESP – Rio Claro
mateus.spineiro@gmail.com

Evidencia-se o uso de novas tecnologias no ambiente esportivo, com o desenvolvimento de técnicas cada vez mais eficiente como na modalidade de voleibol, deixando o jogo muito mais dinâmico e competitivo, além de auxiliar e minimizar erros da equipe de arbitragem. A estatística é uma das ferramentas mais utilizadas por equipe de alto rendimento em competições regionais, estaduais, nacionais e internacionais. Há muitas razões para usar estatística. Devemos reconhecer quais estão sendo feitas e para que propósito estão sendo usadas. O *scout* é realizado de acordo com as característica da equipe e/ou adversário com objetivos de analisar aspectos técnicos e táticos através dessa ferramenta e de dados estatístico, afim de criar estratégias contra as deficiências adversárias ou para corrigir falhas dentro da equipe ou de atleta(s). A pesquisa sobre o tema foi realizada com o objetivo de auxiliar técnicos e atletas para uma melhor performance, aumentar a atenção e diminuir a quantidade de erros nos fundamentos de bloqueio, passe e defesa, apresentado pelo técnico no 59° Jogos Regionais do Estado de São Paulo, em São José do Rio Pardo, 1ª. Divisão, junto a equipe de voleibol masculino de Araras. O *scout* foi realizado no decorrer da partida e o técnico tinha o acesso aos dados a cada lance, quantificados taticamente nos fundamentos de ataque e saque do adversário, buscando encontrar a posição que estava tendo a maior incidência e também a análise da própria equipe, bem como de qual posição saiu a bola no momento do ataque (entrada, meio, saída ou fundo de quadra). A partir desses dados o técnico tomava suas decisões, organizando um bloqueio mais eficiente ou posicionando sua defesa conforme a incidência de ataques. O mesmo se repetia com os saques. No caso da análise da equipe em estudo, quanto maior o número de pontos mais ataques teria que ser direcionado nessa posição. Esse método estatístico é muito utilizado em treinamentos associado à vídeos e aplicativos como o *Vídeo Coach*, que transfere a imagem da câmera ou filmadora para um tablet com o "*delay"* estipulado pelo treinador/atleta, podendo assim assistir o lance em tempo real e depois analisar o lance novamente com um olhar mais crítico ou corrigindo seu próprio fundamento após sua execução no caso do atleta.Existem vários outros aspectos para vencer a partida,como formação, alimentação, fisiologia, entrosamento e principalmente o estado psicológico do atleta. Todo esse conjunto é o que determina a vitória dentro da partida.

Palavra-chave: *Scout*, técnico, análise estatística, voleibol, atletas.

ANSIEDADE COMPETITIVA EM CRIANÇAS NADADORAS – ESTUDO PILOTO

Ivan Wallan Tertuliano, Caio Graco Simoni da Silva, Tatiane Almeida de Luna, Antonio Carlos Mansoldo, Afonso Antonio Machado
Unesp – Rio Claro, USP, UNIÍTALO
ivanwallan@gmail.com

A ansiedade é um estado negativo que gera nervosismo, preocupação e apreensão. Ela está associada à ativação e agitação do corpo, sendo a ativação uma mistura de atividades fisiológicas e psicológicas, referindo-se às dimensões de intensidade de motivação em um determinado momento. A ansiedade é dividida em duas: ansiedade-estado ou pré-competitiva e ansiedade-traço. A ansiedade-estado é um estado momentâneo, que sofre muitas alterações. Já a ansiedade-traço representa a disposição da personalidade de modo que quase permanente, ou seja, fator pertencente à personalidade. Com o intuito de investigar à ansiedade-estado no contexto esportivo, Martens, Vealey e Burton (1990) desenvolveram o *Competitive State Anxiety Inventory* (CSAI-2). Este instrumento é um dos principais instrumentos de avaliação da ansiedade-estado no contexto desportivo. O instrumentos avalia duas dimensões da ansiedade competitiva: a ansiedade cognitiva e a ansiedade somática. Sendo assim, o objetivo do presente estudo é analisar a ansiedade competitiva em crianças nadadoras em um festival de natação. Participaram do estudo 17 participantes, de ambos os sexos, com idade entre 08 e 17 anos, participantes do Festival de Natação da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE-USP), em provas de 25 metros. Todos os participantes responderam a um questionário, mediante autorização dos responsáveis através do termo de consentimento, livre e esclarecido (TCLE). O questionário adotado foi adaptado da versão traduzida do CSAI-2 por Cruz e Viana (1993) - Inventário do Estado de Ansiedade Competitiva (IEAC; CSAI-2). Todos os participantes responderam aproximadamente 30 a 15 minutos antes do festival, respondendo a cada item optando por uma alternativa, numa escala de 4 pontos (Pouco=1, Muito=4). O CSAI-2 engloba 27 itens, distribuídos por 3 sub-escalas, com 9 itens cada: a) ansiedade somática; b) ansiedade cognitiva; c) autoconfiança. A pontuação mínima para cada escala é 9 e a máxima é 36. Os resultados foram analisados através de estatística descritiva para as diferentes sub-escalas, relativos à administração do CSAI-2 antes da competição, avaliando, por isso, a ansiedade pré-competitiva. Os resultados obtidos, apesar de preliminares e exploratórios, permitiram evidenciar que a ansiedade somática e a cognitiva apresentam-se baixas (15±2,79 e 15± 3,58, respectivamente) e que a autoconfiança apresenta-se média (21±4,48). Os resultados permitem concluir que existe nos participantes níveis de autoconfiança maiores que os de ansiedade, o que pode contribuir para um bom resultado dos nadadores, pois um alto nível de autoconfiança pode ajuda-los a cometer menos erros e, com isso aumentar seus níveis de concentração durante a prova.

Palavras Chave: Ansiedade-estado, Ansiedade-traço, Ansiedade Competitiva, Natação.

ANSIEDADE E ESTRESSE EMOCIONAL EM ATLETAS: DIFERENÇAS QUANTO AO GÊNERO E A FAIXA ETÁRIA

Josiane Ferreira dos Santos
Universidade Federal do Triangulo Mineiro
jf.santos772@hotmail.com

A maioria dos atletas sofrem medo, pressão e ansiedade, motivada pela obrigação de vencer, algo que está inserido em uma sociedade em que glorifica a emoção da vitória e o sofrimento da derrota. Muitas vezes a ansiedade é vista como ruim, mas nem sempre ela é prejudicial. Ela pode ter diversas causas e sua identificação é muito restrita por conta das várias possibilidades de origem. É sabido que qualquer situação em que o atleta possa estar inseguro, seja por conta da torcida, da presença dos familiares e até mesmo do técnico, pode colaborar para um aumento da ansiedade. O presente estudo tem por objetivo estudar o nível de ansiedade e estresse emocional em atletas de diferentes modalidades, gênero e idade. Para operacionalizar a revisão integrativa da literatura utilizou-se os termos Ansiedade, Estresse Emocional e Atletas nas bases LILACS e SciELO no período de 2004 a 2014. Foram encontrados 35 trabalhos dos quais se selecionaram 8 de acordo com os critérios de inclusão/ exclusão. A revisão mostrou que a ansiedade pode afetar o desempenho do atleta em situações competitivas, porém ela é um fator essencial para que o atleta possa ter um bom rendimento, impulsionando-o e motivando-o para as realizações. Ao analisar todos os artigos escolhidos, pode-se perceber que a ansiedade, tanto a ansiedade-Traço quanto a ansiedade-Estado, está presente em todas as faixas etárias, em ambos os sexos nas modalidades observadas (Voleibol, Basquetebol, Futebol de campo e Atletismo). Em relação à ansiedade e a diferença de gêneros, os artigos mostram que o gênero feminino possui maior traço de ansiedade competitiva que o masculino, justificam esse resultado aos fatos de que os jogos ainda são enfatizados para atletas do gênero masculino, fazendo com que a mulher, ao competir, seja muito mais cobrada; em outro artigo a justificativa se baseia em que as mulheres respondem mais profundamente do que os homens a circunstâncias esportivas competitivas, possibilitando maior índice de ansiedade por ser mais sensível. Em relação a idade os artigos mostram que atletas mais jovens possuem níveis mais elevados de ansiedade traço-competitiva, o que permite inferir que esta variável pode ser modulada pela idade e pela experiência. Conclui-se que a ansiedade pode variar no esporte de acordo com a personalidade do praticante, a idade, o sexo e a experiência como atleta. Competidores mais experientes apresentam padrões diferentes de emoções pré-competitivas quando comparados com atletas menos experientes.

Palavras-Chaves: Ansiedade; Estresse emocional; Atletas.

ARTE DE CADERNO: AÇÕES EDUCATIVAS PARA VALORIZAÇÃO DA ARTE E PRESERVAÇÃO DO PATRIMONIO PÚBLICO

Márcio Luiz Bess[1], Carlos José Martins[2], Gustavo Siqueira Barbosa[1], Raphael Miranda Martins[1]
[1]Instituto Federal Sul de Minas – IFSULDEMINAS Poços de Caldas-MG, [2]Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquista Filho- UNESP Rio Claro-SP
marciobess@hotmail.com

O Projeto Arte de Caderno iniciou em 2009 em Florianópolis SC, desde então vem sendo realizado em diversas instituições de ensino, promovendo interação da comunidade escolar, das mais variadas idades, que participa apresentando obras e premiando as mais originais. Mesmo havendo premiação o projeto não é uma competição e sim uma oportunidade para trazer a público talentos do desenho. Este estudo, de natureza qualitativa tem por objetivo produzir um relato da experiência vivenciada ao longo de cinco anos de aplicação do projeto, que é uma ação educativa, que resgata desenho feitos de forma espontânea durante o ano letivo, geralmente nas últimas páginas de cadernos, agendas, provas, dentre outros de alunos e servidores. Com essa ação, além de resgatar e valorizar essa forma de arte, pretende-se fomentar a preservação do patrimônio público, incentivando produção de desenhos no suporte correto e não em carteira, paredes, portas e outros, dessa forma, diminuindo os danos ao espaço físico e consequentemente a necessidade de reparos e a sobrecarga dos profissionais da limpeza. De todas as obras inscritas no concurso são selecionadas e premiadas 60 trabalhos por edição anual, estes participam de exposição planejada pelos próprios educandos. Nas mídias sociais do projeto são eleitas por votação pública 1º, 2° e 3º lugares. A premiação é composta por produtos criados e estampados com as imagens captadas e tratadas no próprio projeto - como camisetas, agendas, canecas, bonés, sacolas, calendários, dentre outros. Dessa forma visa também oferecer vivências e experimentações, para construção de conhecimento em marketing, empreendedorismo, artes, dentre muito outros. Com o suporte das mídias sociais eletrônicas, impressas e programas de TV o projeto foi ganhando visibilidade, alcançou outras regiões do Estado de Santa Catarina, continuou crescendo com o apoio do Instituto Federal de Santa Catarina, Instituto Federal do Sul de Minas e também de artistas consagrados, apadrinhando o projeto. Em 2014 superou as expectativas dos organizadores, atingindo 05 Estados e recebendo 1458 obras. Através da análise dos resultados observava-se que as imagens mais representadas são de personagens de *cartoon* com 21%, o que comprova uma forte influência desse tipo de arte na produção artística da comunidade escolar. Empatados com 18% cada paisagens e pessoas, 12% carros, 4% animais, 2% abstratos e os 25% restantes imagens diversas. As análises também possibilitaram a reforçar questões de identidade de gênero. Para 2015 espera-se repetir o sucesso da ação, chegando a um número maior de estados e de participantes.

Palavras Chave: Preservação do Património Público, Tecnologia, Arte Educação, Recreação

AS ATIVIDADES DE AVENTURA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bruno Allan Teixeira da Silva, Valdilene Aline Nogueira, Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva
Universidade São Judas Tadeu – USJT
Faculdade Piaget - Brasil
allans3@hotmail.com

O segmento das Atividades de Aventura tem sido almejado por diversos profissionais de Educação Física. Estas atividades são práticas realizadas no âmbito do lazer, quando as pessoas utilizam o tempo livre para enfrentar desafios, visando superar-se, desafiar o desconhecido, desafiar suas emoções e buscar ~~experiências~~ extremas. Essa área ganha força na formação e atuação profissionais pois são atividades que buscam uma aproximação maior com os lócus da origem do ser humano e valorizam a relação entre ser humano e natureza. Essa comunicação é um relato do trabalho realizado com a disciplina Atividades de Aventura na formação profissional em Educação Física. Foram vinte aulas de caráter teórico-prático, que abordou temas como gestão de segurança, pedagogia da aventura, classificação e conceituação dos esportes de aventura, práticas de aventura nos meios aéreo, terrestre e aquático. Foram incentivadas discussões e pesquisas sobre o tema e sua inserção na realidade profissional. Observou-se que muitos alunos, durante as vivencias práticas em vários ambientes, se fascinaram com as emoções sentidas, com as paisagens até então desconhecidas, com o conhecimento do seu próprio ser. Alguns relataram que, por conta disso, buscaram uma formação complementar em alguma modalidade de aventura. Essa disciplina ainda é recente e faz se necessário ter clareza sobre seus objetivos e contribuições para a área de atuação do licenciado e do bacharel em Educação Física. Em geral, é uma disciplina que apresenta carga horária limitada (40 horas/semestre) e não oferece tempo suficiente para aprofundamento nos conhecimentos técnicos das diversas modalidades de aventura. Dessa maneira, vemos que a disciplina acaba por ter como meta principal introduzir o aluno nas discussões dos temas presentes na área, mostrar o que pode ser feito e adaptado para sua futura realidade profissional, e leva-lo a algumas experiências de autoconhecimento por enfrentar situações que envolvem o enfrentamento de riscos e de situações desconhecidas. Capacitar-se, no entanto, para atuar com atividades específicas de aventura, exige mais tempo, mais aprofundamento, inclusive para que o profissional domine protocolos de segurança e técnicas básicas para controlar os riscos.

Palavras Chave: Formação Profissional, Atividades de Aventura, Esportes de Aventura, Relato de Experiência.

AS TÉCNICAS DE RESPIRAÇÃO DO YOGA PARA CRIANÇAS

Caio Alessandro de Almeida, Silvia Deutsch
Universidade Estadual Paulista – UNESP "Júlio de Mesquita Filho" / Rio Claro.
Caio.almeida11@hotmail.com

O fato da respiração se apresentar como uma ação natural do ser, sendo essencial, justifica sua importância. Porém, tem sido negligenciada ao longo do tempo, ao passo que falta atenção desprendida à respiração no cotidiano das pessoas em decorrência da atual vida em sociedade, que é pautada no imediatismo de ações e na alta quantidade de informações, dificulta o processo respiratório, tornando-os muitas vezes ineficiente. Normalmente, ao respirar as pessoas executam um movimento mecanizado, utilizando apenas a parte superior do tronco. Este mecanicismo afeta de maneira negativa o sistema respiratório, pois não utiliza a sua real capacidade de inalação, podendo gerar assim uma série de outras complicações, incluindo a arritmia cardíaca, além da redução da qualidade de vida e de sono, e ainda o aumento nos níveis de estresse. O objetivo deste trabalho foi desenvolver diferentes estratégias de ensino de práticas de controle respiratório provenientes do Yoga, para a as crianças. Nota-se que com o exercício dessas diferentes técnicas de respiração ocorre uma melhora no padrão respiratório das crianças na medida em que forem sendo praticadas. Com a introdução dessas técnicas de forma lúdica na rotina das crianças ao longo do tempo, poderemos notar efeitos calmantes, de aquecimento, melhora na concentração, entre outros. Quando trabalhamos tais técnicas concomitantemente e de maneira quase imperceptível dentro da ludicidade, as crianças além de se entreterem, acabam se interessando e repetindo os procedimentos em outros ambientes. É possível observar que essas atividades simples e lúdicas são capazes de causar impacto na qualidade de vida, uma vez que, por meio da brincadeira elas conscientizem-se sobre a importância de observar a sua própria respiração e até mesmo controla-la, a fim de gerenciar efeitos desejados, como obter calma e concentração, por exemplo. Após leituras, estudo e compreensão das técnicas respiratórias do Yoga e a elaboração das atividades lúdicas através de brincadeiras e métodos alternativos, ocorre então a introdução delas no ambiente escolar, adaptados para que as crianças consigam praticar de maneira divertida e agradável.

Palavras Chave: Yoga; Respiração, Estratégias, Lúdico, Brincadeiras.

AS VIVÊNCIAS DO LAZER NO AUXÍLIO DO TRATAMENTO DE DEPENDENTES QUÍMICOS

[1]Letícia Masson [2]Mayara Bertolo
[1]Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP; [2]União das Faculdades dos Grandes Lagos – UNILAGO
leticia_edfisica@hotmail.com

A dependência química é considerada como um dos principais problemas sociais da atualidade, por conta dos diversos riscos e prejuízos atrelados ao consumo e principalmente pelo crescente número de usuários. Estudo realizado em 2011 coordenado pelo Centro de Estudos e Pesquisa de Álcool e outras Drogas - CEPAD apontou que no Brasil existem 1.795 comunidades terapêuticas, entidades que atendem a usuários de álcool e outras drogas. Essas comunidades possibilitam através do acolhimento institucional o acompanhamento dos usuários no processo de reverter sua dependência através de atividades psicológicas, sociais, religiosas, físicas e familiares. Perante todas as atividades realizadas para a reabilitação dos usuários, sejam elas encontros com psicólogos, atividades sociais, prática de atividades físicas, vivência de momentos de lazer e atividades religiosas, verifica-se a importância e as possibilidades de implantação de atividades que proporcione aos usuários bem estar, qualidade de vida, prazer e distração. Portanto o objetivo do estudo busca verificar a importância das atividades de lazer como instrumento auxiliador no tratamento dos dependentes químicos de comunidades terapêuticas. O estudo parte do pressuposto de que as atividades realizadas nos momentos de lazer dos pacientes podem facilitar o período de tratamento, possibilitando vivências agradáveis e de bem estar, contribuindo para os fatores sociais, físicos e psicológicos dos dependentes assistidos. O estudo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica tendo como base as ideias de Severino (2007), será efetuada a partir de um levantamento bibliográfico nos Sistemas de Bibliotecas da FAMERP e da UNIFESP correspondente às obras de autores da Antropologia, Sociologia, Psicologia e da Educação Física que se centram em um referencial sociocultural. Portanto nota-se a importância de atividades que atendam os interesses culturais do lazer, sendo eles: Físicos esportivos, ou seja, atividades físicas individuais e coletivas; interesses manuais, criação de materiais artesanais; interesses intelectuais como jogos de xadrez e conhecimentos de outras culturas através de leituras; interesses artísticos, como realizações de pesas teatrais e atividades que despertem a criatividade e fantasia e por fim interesses sociais, que irá estar presentes em todas as vivencias anteriores porém com um incentivo maior para a troca de informações, conhecimento e experiências. O intuito dessas atividades é oferecer aos dependentes químicos inúmeras possibilidades de distração, desenvolvimento através de atividades prazerosas e diferenciadas que lhes proporcionem bem estar minimizando as necessidades de consumo das diferentes substâncias.

Palavras Chave: Dependentes químicos, Interesses culturais do lazer, Comunidade terapêutica e Tratamento.

ASPECTOS MOTIVACIONAIS NO *CHEERLEADING* COMPETITIVO

Yuri Matheus Moro, Kauan Galvão Morão, Afonso Antonio Machado
Instituto de Biociências – UNESP Rio Claro
yuribrx@live.com

No ambiente esportivo os aspectos emocionais possuem grande importância para o desempenho de um praticante. Durante uma disputa, um atleta passa por diversos estágios emocionais como: medo, ansiedade, raiva, coragem, vergonha, satisfação, dentre outros. A motivação, um dos fatores fundamentais para um bom rendimento esportivo, pode ser definida como um interesse espontâneo de um indivíduo sobre uma atividade a ser realizada ou como um apontamento momentâneo e intenso da atenção, execução e ação resultante a um objetivo traçado. O *Cheerleading* é uma prática corporal caracterizada pelo uso organizado e ritmado de músicas, danças e elementos ginásticos para apresentação de coreografias. Com o passar do tempo sua prática tornou-se mais evidente e em consequência disso acabou-se por ser esportivizada, na qual seu objetivo visa à disputa entre equipes utilizando os aspectos destacados. Contudo, para que esses objetivos sejam alcançados, os integrantes dos times devem ter sua motivação sempre elevada por conta da alta complexidade e fatores de risco envolvidos em suas atividades. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi avaliar os fatores motivacionais mais evidentes envolvidos na prática do *Cheerleading* competitivo e quais são os principais motivos que levam seus praticantes a competir nesse tipo de modalidade. Neste estudo participaram 22 atletas, sendo 15 do sexo feminino com idade média de 19,27 anos (± 22,27) e 7 do sexo masculino, com idade média de 18,26 anos (± 20,57), todos integrantes de um time de *Cheerleading* competitivo. Para a coleta de dados foi utilizado uma versão traduzida e adaptada do *Participation Motivation Questionnaire*, constituída por 30 questões, subdividindo-se em 8 fatores, com respostas dadas em uma escala Likert de 5 pontos (de 1 = Nada importante, a 5 = Muito importante). Os questionários foram aplicados dias antes do Campeonato Nacional de *Cheerleading*. Após a análise dos dados, foi possível verificar que dentre os oito fatores relacionados com a motivação, o elemento principal para o time durante o período de pré-competição é o de Competência Técnica, seguido por Aptidão Física e Competição, enquanto o fator menos motivacional apontado foi o de Reconhecimento Social. Com isso, conclui-se com base nos resultados encontrados, que durante o período pré-competitivo, os atletas possuem maiores elementos motivacionais direcionados ao rendimento técnico e superação de limites, sendo eles físicos ou psicológicos.

Palavras Chave: *Cheerleading*, Psicologia do Esporte, motivação.

ATIVIDADE FÍSICA E RELACIONAMENTO INTERPESSOAL: UMA PROPOSTA DE ESTUDO

Rodrigo Nunes da Silva; Jhonyson de Oliveira; Stefânia Maria Vicente Figueiredo; Mariana Zuaneti Martins; Rafael Castro Kocian

GEPPEM / CeCAES / IFSULDEMINAS – campus Muzambinho

rodrigo6216@gmail.com

Atualmente existe uma preocupação governamental na promoção de saúde através da prática de atividade física. Essa preocupação gera como resultado a criação de programas direcionados a públicos específicos como é o caso do PELC (Programa de Esporte e Lazer da Cidade) promovido pelo governo federal através do Ministério do Esporte. O IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho possui um núcleo deste programa e atende a aproximadamente a 200 idosos da cidade, localizada ao Sul de Minas Gerais. O programa visa proporcionar a prática de atividades físicas, culturais e de lazer envolvendo todas as faixas etárias e pessoas portadoras de deficiência, além de estimular a convivência social, a formação de gestores e lideranças comunitárias, favorecendo a pesquisa e a socialização do conhecimento, contribuindo para que o esporte e lazer sejam tratados como políticas e direitos de todos. Sendo assim, surgiu uma proposta de trabalho no GEPPEM (Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Esporte e Movimento) que foi norteado pelo objetivo de identificar, entre os beneficiados do programa, se houve algum tipo de mudança no relacionamento interpessoal dos mesmos a partir da prática de atividade física através do PELC. Para isso, fez-se uso de um roteiro de entrevista semiestruturado para coleta experimental dos dados como piloto de uma pesquisa posterior. A amostra, composta por duas mulheres e dois homens colaborou com efetiva participação na entrevista. Segundo relatos, os mesmos obtiveram algumas mudanças relacionadas às atividades de vida diária (AVD) bem como melhora na disposição para realizar os afazeres domésticos, melhora na alimentação e percepção de melhora da qualidade de vida. Outro aspecto notado na fala dos entrevistados foi o laço de amizade e companheirismo criado dentro do grupo. Os relatos mostram que, a partir do momento em que os participantes ingressaram no programa, o relacionamento proporcionado pelo grupo fez com que os "companheiros" se sentissem dentro de uma família, que tem problemas, dificuldades, mas que também tem alegria, cooperação, amizade, "paquera" e respeito. Após a análise dos resultados surgiram alguns debates no GEPPEM relacionados a importância da atividade física como promoção não só de saúde, mas também de socialização, integração e inclusão entre participantes e comunidade. Além da conclusão da pesquisa, com um número maior de participantes, sugere-se também que diferentes estudos nessa linha continuem a fim de identificar quais as formas viáveis de se promover a socialização através da prática de esportes.

Palavras Chaves: Estados Emocionais, Atividade Física, Relacionamento Interpessoal, Esporte, Lazer

ATIVIDADE MOTORA, AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: O QUE SABEM PROFESSORES DE CRIANÇAS?

Vitor Antonio Cerignoni Coelho, Silvania do Nascimento Corsino, Rute Estanislava Tolocka
Universidade Federal do Tocantins – UFT/Miracema,
Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP/NUPEM
v7coelho@yahoo.com.br

Pesquisas indicam que os profissionais que atuam com crianças não estão tendo uma formação adequada sobre a infância e pouco se sabe sobre o conhecimento deles relativos à atividade motora, o ambiente e ao desenvolvimento infantil. Assim o objetivo do estudo foi identificar o conhecimento sobre aspectos da atividade motora, do ambiente e do desenvolvimento infantil de professores que atuam na Educação Infantil de uma cidade do interior do estado do Tocantins. Foram coletados dados de 20 professores, através de um questionário sobre Conhecimento do Desenvolvimento Infantil – CDI. O questionário foi elaborado com cinco questões abertas referentes a: Q1 "Relação da criança com a tarefa e o meio ambiente"; Q2 "Elaboração de critérios para avaliar adaptações feitas nas atividades em sala"; Q3 "Critérios para acompanhar o desenvolvimento integral das crianças"; Q4 "As interações sociais entre as crianças e adultos durante atividades motoras" e Q5 "Possibilidades de Movimento Corporal na Educação Infantil". Em todas as questões há professores que dizem desconhecer os assuntos como P8: "não sei trabalhar"; P10 "desconheço esse critério"; e P18 "não tive instrução nenhuma". Na Q1 Não houve nenhum caso que relacionasse o indivíduo, a tarefa e o ambiente. Na Q2 os professores citam a necessidade de P1 "atividades diversificadas", P4 "trabalhos individualizados" e P12 "deverá ser conforme o seu desenvolvimento e a sala deverá ser adaptada", mas não estabelecem critérios adequados de adaptação. Em relação a Q3 houve professores que adotaram critérios de avaliação como P4 "estabelecer metas/objetivos de atividades diárias, adaptação de currículo/plano e acompanhamento individualizado" e P19 "usa-se uma ficha de avaliação com critérios básicos". Sobre a Q4 e Q5 os professores dizem ser importante a interação, atividade motora e as possibilidades de movimento como P12 "o movimento corporal é necessário na educação infantil"; P13 "porque ajuda o aluno na coordenação visomotora" e P14 "verdade a interação social e de grande valia", porém a maioria dos profissionais não conseguem estabelecer as relações entre os aspectos da atividade motora e do ambiente com o desenvolvimento infantil. As respostas são isoladas e muitas delas não representam os elementos da pergunta. Nota-se uma dificuldade em compreender o ambiente como um contexto social e considerar a atividade motora como parte integrante do desenvolvimento integral, da avaliação e das possibilidades de adaptação de atividades. Preocupa a quantidade de casos que citam desconhecer os assuntos, entretanto, muitos reconhecem a necessidade de cursos de formação e capacitação.

Palavras chave: Educação Infantil; Formação Profissional, Desenvolvimento Infantil, Ambiente e Atividade Motora.

AUTOCONHECIMENTO E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO

Rogéria A. P. Mussio, Adriane B. S. Serapião, Renato H. Verzani,
Fernanda C. Pereira, Afonso A. Machado
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Rio Claro
rogeria@rc.unesp.br

Inteligência Emocional pode ser resumida como capacidade de reconhecer os diferentes estados emocionais, avaliar os efeitos das emoções no comportamento e mudar para um melhor estado emocional para gerir uma situação específica. Estudos mostram que pessoas emocionalmente inteligentes usam mais habilidades psicológicas que as outras, tais como imaginação, determinação de metas e conversa interna (*self talk*) positiva, sendo mentalmente fortes. A Psicologia do Esporte vem buscando avaliar a relação entre emoção e desempenho esportivo em competição. Entretanto, grande parte das pesquisas concentra-se nas manifestações físicas das emoções, como raiva e frustração. Somente mais recentemente pesquisas começaram a focalizar no aspecto mais cognitivo das emoções. Porém, pouco ainda sabe-se da natureza exata do papel das emoções no desempenho esportivo. Dentre os cinco domínios da Inteligência Emocional propostos por Daniel Goleman, o autoconhecimento é talvez um dos mais importantes aspectos para os atletas. Autoconhecimento no esporte é a capacidade de mudar os estados emocionais e de aprender a regular as emoções em relação ao desempenho esportivo. Ou seja, os atletas precisam identificar quando suas emoções estão afetando o seu desempenho, como elas variam ao longo do tempo e como mudá-las. Além de avaliar seus próprios estados emocionais, precisa também avaliar os estados emocionais dos outros atletas e do bem estar deles através da observação da linguagem corporal, gestos verbais e não verbais. Resultados de competições anteriores podem deixar resquícios emocionais que também influenciam um atleta em novas competições quando confrontado com os mesmos adversários ou mesmas situações competitivas. A autoconsciência dos estados emocionais permite ao atleta regular suas emoções e influenciar suas realizações. Através de observação e treinamento mental o atleta pode utilizar diferentes técnicas para estabelecer seu equilíbrio emocional e focar em suas metas. Este trabalho pretende discutir elementos que compõem o autoconhecimento, como: autoimagem, auto-avaliação, autocompreensão, auto-aceitação, consciência, discernimento emocional, autoconfiança e segurança na tomada de decisões, e cujo desequilíbrio (exarcebação ou inibição) durante fases de competições pode levar a resultados inesperados, positivos (superação) ou negativos (frustração), influindo no rendimento. Também pretende-se destacar potenciais fatores que podem intervir na visão do atleta sobre si e subestimar ou superestimar seu autoconhecimento, como: mídia, *bullying*, fama, enfrentamento, pressão social, lesões, sucesso/fracasso. Para um atleta de alto rendimento é essencial saber conduzir uma avaliação realista de suas habilidades, fragilidades e virtudes. Isso torna-o capaz de perceber e reconhecer uma emoção quando ela surge, propiciando que saiba utilizar as preferências que dirigem suas decisões.

Palavras Chave: Autoconhecimento, Desempenho esportivo, Inteligência Emocional.

AUTOCONTROLE E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO

Rogéria A. P. Mussio, Adriane B. S. Serapião, Renato H. Verzani,
Fernanda C. Pereira, Afonso A. Machado
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Rio Claro
rogeria@rc.unesp.br

Inteligência Emocional pode ser compreendida como a capacidade de empregar de maneira eficiente o poder e a sagacidade das emoções como fonte de informação, energia, influência e vínculo com outros indivíduos, para motivar a si mesmo e nos relacionamentos interpessoais. Uma importante competência da Inteligência Emocional é o autocontrole, que para um atleta de alto rendimento envolve o controle de impulsividade, emoções e comportamentos em situações normais e principalmente em situações adversas, nas quais o equilíbrio emocional é mais difícil de ser estabelecido, visto que durante uma competição as emoções do atleta podem favorecê-lo ou prejudicá-lo, alterando o seu desempenho esportivo. Dificuldades na interpretação e regulação de emoções podem causar problemas no desempenho atlético. O excesso emocional pode originar excitação, alerta, desatenção, euforia, frustração, raiva, apatia, podendo potencializar ou inibir o rendimento do atleta. Atletas com melhor controle emocional tendem a recuperar-se mais rapidamente dos reveses e dificuldades da carreira esportiva, pois desenvolvem a capacidade de interromper estados emocionais negativos e de prolongar os estados positivos. Embora a definição de autocontrole seja de fácil entendimento, ela vem sendo usado de forma isolada e pouco discute-se sobre suas características ou elementos que compõem-no. Assim, discute-se aqui o autocontrole como um conceito amplo que inclui o controle da impulsividade, previsibilidade, estabilidade emocional, consistência de reações, autonomia e autoconfiança, que fazem parte constante da vida do atleta de alto rendimento. Identificar os fatores que desencadeiam a perda do autocontrole é importante para definir quais estratégias os atletas podem usar para administrá-los. Por exemplo, durante a ocorrência insistente de erros pelo atleta na competição, uma estratégia pode ser rememorar os bons resultados obtidos durante o treinamento e fazer com que esse reconhecimento de sua capacidade trabalhe a seu favor, buscando recuperar estabilidade emocional e autoconfiança. Enquanto o atleta que não foi treinado para fazer uso dessas habilidades de controle geralmente coloca em risco um bom resultado na competição. Por outro lado, a perda de autocontrole causada por um estado de euforia diante do sucesso momentâneo numa competição pode fazer com que o atleta perca a capacidade de previsibilidade de ações de seus companheiros e/ou adversários, tornando-o mais impulsivo em suas reações, resultando em uma desatenção nos aspectos táticos e/ou técnicos estabelecidos nos treinamentos. Para que isso seja evitado é necessário que o atleta tenha desenvolvido habilidades de concentração e manutenção do foco. Tal cenário demonstra a relevância de estudar-se Inteligência Emocional no âmbito esportivo.

Palavras Chave: Autocontrole, Desempenho esportivo, Inteligência Emocional.

AUTOMOTIVAÇÃO E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: PROPOSTAS PARA O CENÁRIO ESPORTIVO DE ALTO RENDIMENTO

Fernanda C. Pereira, Adriane B. S. Serapião, Rogéria A. P. Mussio,
Renato H. Verzani, Afonso A. Machado
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Rio Claro
fernanda@rc.unesp.br

A Inteligência Emocional pode ser entendida como a capacidade de perceber, conhecer e entender as informações emocionais, a fim de se automotivar e administrar estas emoções, tanto no âmbito individual quanto interpessoal. Nela são enfatizadas as relações, experiências cotidianas e suas influências sobre o sucesso na resolução de problemas. À medida em que as emoções interferem na capacidade de raciocínio e de planejamento, de empenho em alcançar uma meta distante ou solucionar problemas, elas delimitam o poder de se usar as capacidades e habilidades, e assim definem o sucesso ou fracasso do indivíduo. O desempenho atlético está intimamente relacionado à interpretação e regulação emocional. Dificuldades ocorridas nestes componentes podem resultar em perturbações no desempenho atlético. Diante disso, surge a possibilidade de utilização dos componentes da Inteligência Emocional na regulação do equilíbrio emocional. A automotivação é um dos elementos comportamentais que compõem a Inteligência Emocional. Ela é o conjunto de estratégias motivacionais que podem ser utilizadas pelo atleta, a fim de exercer seu papel diante de circunstâncias adversas que interferem no seu desempenho e aproximar-se de seus objetivos. Um atleta devidamente automotivado consegue canalizar sua ansiedade antecipatória, no intuito de preparar-se bem para uma determinada tarefa, com isso saindo-se bem em sua execução. Ao focar nos estados de espírito positivos o atleta automotivado consegue flexibilizar seu pensamento, e também aumentar sua complexidade, tornando assim mais fácil encontrar soluções para os problemas intelectuais ou interpessoais. Atletas automotivados possuem otimismo, ou seja, possuem uma forte expectativa de que, em geral, tudo vai dar certo na vida, apesar dos reveses e frustrações. Os otimistas têm confiança em suas aptidões, são autoeficazes, e se recuperam de fracassos lidando com as adversidades por meio de uma perspectiva mais confiante e menos preocupada. Do ponto de vista da Inteligência Emocional, o otimismo é a atitude que protege as pessoas da apatia, das frustrações, desesperanças ou depressão diante das dificuldades. Automotivar-se significa ter a capacidade de iniciar um tarefa, persistir nela, progredir e ultrapassar quaisquer obstáculos. É tecnicamente aquilo que leva o indivíduo a dispender energia numa direção específica com um propósito específico. No contexto esportivo é o que leva o atleta a lutar pela vitória. Muito tem se estudado acerca da motivação esportiva, porém poucos são os estudos que correlacionam Inteligência Emocional e rendimento esportivo. O estudo mais aprofundado acerca deste tema busca trazer consigo propostas de interligações com o cenário esportivo e assuntos afins.

Palavras-chave: Automotivação, Desempenho esportivo, Inteligência Emocional.

AVALIAÇÃO DA DISSIMILARIDADE DAS COMPETÊNCIAS EM ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO DE TIRO ESPORTIVO

Angela Nogueira Neves[1], André Justino Carvalho[1], Lucilene Ferreira[2], Marcelo Callegari Zanetti[3]
[1]Escola de Educação Física do Exército; [2] Universidade Sagrado Coração
[3] Universidade São Judas Tadeu, Universidade Paulista
angelanneves@yahoo.com.br

O tiro esportivo é um dos esportes de maior exigência de controle emocional, requerendo precisão e consistência se o atleta desejar conquistar bons resultados no alto rendimento. Há diferenças consideráveis entre as diversas provas de tiro, em termos de exigência emocional. Manter-se adequadamente relaxado, mas ainda com um tônus muscular que permita precisão e a habilidade de manter-se estável na posição de tiro exige um alto controle consciente sobre a musculatura voluntária, o controle da respiração e até dos batimentos cardíacos. Manter a concentração, controlar as emoções, ter a habilidade de usar imagens mentais para se preparar para o tiro, ignorar ruídos externos, manter a autoconfiança, analisar a performance e traçar rotas adequadas de ação são outras competências exigidas nessa modalidade. Há a necessidade de conhecer como os atletas avaliam e percebem as similaridades e diferenças entre estas competências, o que poderá auxiliar na otimização do treinamento psicológico das equipes de alto rendimento das Forças Armadas da modalidade de tiro esportivo, à qual recai uma grande expectativa de medalhas nos Jogos Mundiais Militares de 2015. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi avaliar subjetivamente as dissimilaridades das seis principais competências no tiro esportivo. Foram avaliados 17 atletas militares de tiro esportivo, integrantes do programa de alto rendimento das Forças Armadas, sendo três mulheres. Os atletas ordenaram de 1 a 6 as competências (manter a concentração; controlar as emoções; controlar nervosismo e tensão; uso das imagens mentais; manter autoconfiança; e analisar a performance e planejar ações apropriadas) na ordem que julgam a importância de cada uma delas no tiro esportivo. O julgamento subjetivo da importância dessas habilidades nos permitiu inferir a distância (e a proximidade) que elas guardam entre si por escalonamento multidimensional, com distância euclidiana. O modelo com melhor aderência teve Stress = 0,07 e RSQ=0,96, indicando uma aderência perfeita do modelo e uma proporção de 96% dos dados escalonados no modelo. Os atletas julgam que o controle do nervosismo e emoções são habilidades mais próximas entre si, assim como a manutenção da concentração e autoconfiança. É possível que a equipe técnica consiga trabalhar estas habilidades nestes pares. Já o uso de imagens mentais e a análise do próprio desempenho são habilidades completamente distintas de todas as demais, devendo então ser desenvolvidas em momentos específicos. A comissão técnica poderá selecionar habilidades que possam ser desenvolvidas concomitantemente (pois fazem sentido para os atletas) e aquelas que devem ser trabalhadas em separado.

Palavras chaves: tiro esportivo, modelo, psicologia do esporte

BENEFÍCIOS FÍSICOS E EMOCIONAIS DA PRÁTICA DE YOGA

Ana Claudia Gomes de Amorim Pinto, Silvia Deutsch, Amanda Cristina Faria, Carine Cassiane Rubira Mauricio, Juliana Lodder Martins dos Santos

Departamento de Educação Física do Instituto de Biociencias da Unesp de Rio Claro.

anaclauamorim@hotmail.com

A prática de Yoga vem crescendo no mundo todo e se tornado cada vez mais conhecida como uma prática que proporciona equilíbrio físico e emocional. Sua procura, seja como opção de atividade física, ou seja de forma terapêutica, tornou-se grande assim como o surgimento de várias modalidades. Neste contexto o projeto de extensão de Yoga da UNESP – Rio Claro vem de encontro a essa tendência. Vigente, desde março de 2011, possui duas turmas onde é oferecida a prática de Hatha Yoga, que atende aos alunos da Universidade e a comunidade local. Para participar das aulas, é necessário que os alunos respondam uma ficha de anamnese, que visa identificar possíveis problemas de saúde. Em geral, grande parte dos alunos apresenta problemas físicos, incluindo problemas posturais, lesões articulares e dores. Também é frequente a constatação de problemas de ordem psicológica/emocional, caracterizados por sintomas de estresse e ansiedade excessivos, depressão e insônia. À partir dos dados coletados na ficha de anamnese, os professores preparam aulas mais específicas, a fim de minimizar tais problemas. O procedimento é acompanhado do controle da frequência. Após um ano do início da prática, os alunos responderam novamente a ficha de anamnese onde foi possível verificar as alterações ocorridas. Na comparação dos dados foi observado melhoras tanto nos componentes psicológicos quanto físicos desses praticantes. Destacamos melhora na qualidade do sono e também no controle dos níveis de stress e ansiedade, além da melhora na concentração. Estes apontamentos recorrentes feitos na ficha de anamnese pelos alunos, ainda contaram com alguns aspectos físicos, como melhora da flexibilidade e de dores na coluna. A melhora destas questões mostra-se importante, uma vez que essa informação divulgada, fortalece o valor dessa prática.

Palavras chaves: Yoga, saúde, estados emocionais, benefícios.

BULLYING ESCOLAR: UMA PROBLEMÁTICA INVISÍVEL?

Juliano Daniel Boscatto, Vitor Abdias Cabót Germano, Suraya Cristina Darido.
UNESP- Campus Rio Claro
juliano.boscatto@ifsc.edu.br

O bullying escolar é um fenômeno que, por muitas vezes, passa sem ser percebido pela escola. Situações mais extremas como a violência física, podem expressar de forma mais nítida a gravidade da problemática. As suas consequências para a vítima podem resultar em sofrimento, situações de desespero, baixo rendimento escolar, sentimento de culpa, isolamento social e até relutância em ir à escola. Desta forma, o objetivo desse trabalho é apresentar formas de prevenção para evitar o bullying na educação básica. Trata-se de uma pesquisa teórica que buscou identificar na literatura pertinente elementos que possam subsidiar a intervenção profissional no contexto escolar com vistas a prevenção do bullying. Com base nos estudos de Medeiros (2011), Souza *et al* (2012) e Amado *et al* (2012) os resultados demonstram que existem formas prevenção a nível da escola, das vítimas e dos agressores. Compete a escola primeiramente diagnosticar a situação, detectar contextos potenciais de conflito, tornar o pátio escolar e a hora do intervalo mais atrativo e seguro. Promover momentos de reflexão e de formação e, com isso, buscar um consenso quanto a regras e planos de combate. Essas regras contra o bullying podem resultar em cumprimento de tarefas e às atitudes na aula. É fundamental obter a anuência dos alunos às regras e atitudes, através da sensibilização para o problema. Reuniões periódicas para esclarecer ocorrências, ajustar consequências à especificidade e gravidade dos fatos e reafirmar ou reformular regras e sanções. Para os estudantes que sofrem o bullying é importante possibilitar o contato direto com alguém que as escute e possa ajudar, organizar encontros entre seus pais e os professores buscando-se estabelecer um ambiente seguro. Aos agressores é imprescindível mostrar-lhes que o seu comportamento é inadmissível, identificar qual a causa da agressividade e conscientizá-los de sua atitude não permitida. Dependendo da gravidade da agressão e/ou de reincidência dos agressores deixar claro que sanções serão executadas. Por fim, o comprometimento coletivo de toda a comunidade escolar em evitar o problema, conscientizar os estudantes de sua gravidade e manter o ambiente seguro são fatores de fundamental importância.

Palavras Chave: Bullying; Escola; Prevenção.

BULLYING NO FUTEBOL: OLHARES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Guilherme Bagni, Renato Henrique Verzani, Kauan Galvão Morão, André Luis Aroni e Afonso Antonio Machado

UNESP – Rio Claro, Lepespe

guilhermebagni@uol.com.br

(Introdução) O bullying é um fenômeno social caracterizado por atitudes agressivas contra uma vítima. Nesta prática temos os agressores, as vítimas e os espectadores, sendo que este último grupo é poucos lembrado, porém exerce grande influência neste fenômeno. No esporte competitivo o bullying também está presente. Dentre outros fatores, os atletas ficam em contato direto grande parte do tempo, especialmente em competições nacionais, onde equipes de diferentes partes do Brasil passam longos períodos em viagens e em hotéis, sendo necessário um ambiente agradável a todos aqueles que fazem parte da mesma equipe. Devido ao acréscimo do tempo em que a equipe está em contato direto, emergiram brincadeiras, podendo estas serem sadias e utilizadas como um fator de coesão da equipe, mas é necessário que se tome cuidado para que elas não se tornem ofensivas, passando dos limites, dando origem ao bullying. (Justificativa) Os estudos realizados sobre bullying abordam comumente o ambiente escolar, porém são poucos os estudos que abordam o contexto do esporte. (Objetivo) Analisar o fenômeno do bullying no futebol, verificando a frequência do mesmo e como este fato pode influenciar a prática da modalidade. (Metodologia) Aplicou-se um questionário com 12 perguntas fechadas desenvolvido especificamente para este estudo, sendo que os atletas poderiam assinalar várias alternativas. O trabalho foi realizado com sete equipes, totalizando 140 atletas do sexo masculino, com idade entre 15 e 18 anos, sendo todos participantes de uma competição de âmbito nacional em 2011. (Resultados e Discussão) Os resultados indicam que 55,94% dos atletas já viram, 29,37% sofreram e 29,37% praticaram ofensas, sendo que a categoria ofensa apresentou maiores resultados nessas 3 questões. Além disso, os atletas relataram ver, praticar e/ou sofrer roubos, ameaças, agressões, intimidações, ato de ignorar e provocar brigas, sendo possível verificar que os jogadores confessam a prática de atitudes que caracterizam o bullying e o sofrimento das mesmas, porém apontam que em sua maioria são apenas espectadores de atos que enfatizam este fenômeno social, do que propriamente agressores ou vítimas. (Conclusão) Conclui-se que o bullying se faz presente no ambiente esportivo, já que os atletas relataram terem sido agressores, vítimas e/ou espectadores. Ressaltamos também que poucos jogadores confessam ter medo de sofrer agressões na equipe. O psicólogo do esporte possui papel fundamental para que colabore contra as atitudes deste fenômeno social, visando maior controle por parte da comissão.

Palavras Chave: bullying, futebol, psicologia do esporte, violência.

CASOS DE SEXTING ABORDADOS NAS MÍDIAS ELETRÔNICAS: UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO DIVULGADO

Kauan Galvão Morão, Carlos Norberto Fischer.

Universidade Estadual Paulista – UNESP (Rio Claro)

kauangm@hotmail.com

Introdução: A utilização dos aplicativos de comunicação trouxe vantagens e desvantagens para a sociedade. Como desvantagens, pode-se citar os crimes virtuais e o sexting, que implica o compartilhamento com outras pessoas de textos, fotos ou vídeos com conteúdo sensual, provocativo, íntimo. **Justificativa**: Necessidade de conhecer mais afundo as implicações do sexting para a sociedade. **Objetivo**: Verificar os casos de sexting no Brasil, abordados pelas mídias eletrônicas e suas possíveis implicações. **Métodos:** Foram selecionadas 17 matérias em um universo de, aproximadamente, 70 disponíveis, escolhidas devido à pertinência ao estudo. Foram abordados somente casos brasileiros, excluindo matérias repetidas encontradas em mais de um provedor eletrônico, sendo eles: Terra, Uol, Folha de SP e G1, por serem algumas das plataformas virtuais mais acessadas. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva. **Resultados:** Algumas categorias foram selecionadas para análise, sendo elas: autores de sexting, vítimas, idade das vítimas, consequências e ano das ocorrências. Jovens do sexo masculino, principalmente, os companheiros das garotas, foram autores em 41% das ocasiões. As meninas foram citadas como autoras em apenas 6% das situações. Em 23% dos casos, as notícias não destacaram a autoria. Como única vítima, as mulheres aparecem em 59% nos casos e os homens em apenas 6%. Ambos os sexos aparecem como vítimas em 35% dos casos. As vítimas com idade entre 13 e 17 anos representaram a maioria, 69% do total. As consequências foram as mais diversas, sendo a tentativa de suicidar-se, o suicídio de fato, a popularização do conteúdo e a vergonha fatores destacados em 52% dos casos (13% cada um). Ainda, ressalta-se o apoio familiar e a superação em apenas 18% das notícias. Quanto ao ano de veiculação, nota-se que o sexting é um fenômeno relativamente novo, já que 12% das notícias eram de 2015, 29% de 2014, 23% de 2013, 17% de 2012, seguidos por apenas um caso por ano em 2009, 2010 e 2011. **Conclusão**: Nota-se que o sexting é um fenômeno novo, não tendo ainda muito destaque em revistas eletrônicas. As notícias mostram que as maiores vítimas seriam adolescentes entre 13 e 17 anos. Como consequências do sexting, podem ser observados resultados danosos às pessoas, que iriam desde a vergonha e a popularização do conteúdo até outros irreversíveis para o indivíduo, como o suicídio. Essas vítimas necessitam de grande apoio familiar para a superação quanto ao ocorrido, na tentativa de ter de volta sua vida normal.

Palavras-chave: Sexting, Novas Mídias, Tecnologias, Estados Emocionais, Ciberespaço.

COESÃO GRUPAL NO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS

Manoella Fiochi Marques, Aline Dessupoio Chaves

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

manoella.marques@aiesec.net

Introdução: Este é um projeto de pesquisa de iniciação científica na intersecção entre Educação Física e Psicologia, que tem a intenção de compreender os aspectos psicológicos, principalmente a coesão grupal, em atletas praticantes do basquetebol em cadeira de rodas. Neste contexto acredita-se que o psicólogo do esporte tem a função de auxiliar o indivíduo oferecendo recursos especializados para desenvolver mais plenamente seu potencial, e/ou superar ou minimizar suas dificuldades. Justificativa: O presente estudo se justifica pela relevância acadêmica e social, pois contribui para a divulgação da temática, suprimento do escasso número de publicações brasileiras no âmbito do esporte adaptado e melhor suporte para o desenvolvimento do basquetebol em cadeira de rodas. Objetivo: Compreender as relações intra e interpessoais no basquetebol adaptado, especialmente o processo de coesão grupal. Métodos: Participarão da pesquisa atletas de um time de basquetebol em cadeira de rodas de uma cidade do interior de São Paulo. Como instrumento serão utilizadas a técnica de grupo focal no primeiro e último dia da coleta de dados a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado, bem como aplicação do Questionário de Ambiente de Grupo (QAG), e ao longo de um semestre serão desenvolvidas dinâmicas de grupo com o objetivo de estimular a coesão grupal. A análise dos dados será através da Análise de Conteúdo e Estatística descritiva. Resultados esperados: Espera-se obter um conhecimento maior das relações que se estabelecem entre os atletas da equipe investigadas no intuito de melhorar ou manter o ambiente do grupo sempre adequado para manutenção da prática e para um melhor desempenho esportivo. Considerações finais: Conhecer os motivos, o ambiente de interação e como se repercute o esporte na vida dos sujeitos é de suma importância para o desenvolvimento e a manutenção da prática esportiva que proporcione benefícios para os atletas envolvidos.

Palavras Chave: Basquetebol adaptado, Coesão grupal, Psicologia do Esporte.

COM QUE ROUPA EU VOU: ANÁLISE HISTÓRICA DA MODA ESPORTIVA E A LINGUAGEM CORPORAL PARA REFORÇAR ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

[1]Altair Moioli; [2]Afonso Antônio Machado

[1]UNIP Campus JK; [2]UNESP/Rio Claro

amoiolli@uol.com.br

As diferentes linguagens transmitidas pelo corpo nas práticas esportivas tem uma estreita relação com dimensão cultural e, muitas vezes, são marcadas por um forte apelo erótico e fetichista. O contesto esportivo apresenta intensa disputa por território onde, historicamente, é dominado pelo poder masculino. A distribuição de papéis e atributos para os agentes deste processo caracterizam-se pela adoção de intensas marcas e símbolos que farão parte da composição das representações sociais do ambiente esportivo. Assim, a utilização de equipamentos, a escolha das cores, o *designer* dos uniformes e os produtos patrocinados pelo atleta compõe o personagem para projetar a imagem adequada às modalidades esportivas. Este estudo teve como objetivo verificar a conexão entre a adoção do modelo de uniforme esportivo e os produtos derivados deste mercado e a construção de atributos de gênero no esporte. A *netnografia* foi utilizada como parte dos procedimentos metodológicos, adotando-se a sociologia visual para analisar imagens projetadas nos meios de comunicação e propagandas de TV onde aparecem atletas em trajes esportivos e sociais como garotos propaganda dos patrocinadores. Portanto, pode ser classificada como uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa descritiva. A partir da análise do material selecionado, composto por revistas esportivas, jornais, revistas de notícias e comerciais de TV, verificou-se a construção de personagens para atuar nos respectivos territórios e desempenhar o papel com atributos adequados a eles. Assim, constrói-se a imagem do homem virilizado e da feminilidade da mulher para compor o cenário esportivo e carregar essas marcas para outros territórios de convivência, influenciando comportamentos sociais. Mesmo que o atleta não manifeste pessoalmente o desejo adotar tais atributos de gênero, expressa este papel por meio da sua roupa por conveniência.

Palavras-chave: Linguagem corporal. Esportes. Atributos de gênero. Moda esportiva

COMO OS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SE VÊEM E O QUE SABEM SOBRE IMAGEM CORPORAL

Juliana Cardoso Daniel Silvia;Marina Anaruma

UNESP-Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filio"Rio Claro-SP

E_mail: jujubarccardoso@yahoo.com.br

Uma das áreas que a Psicologia aborda nos curso de Educação Física é sobre a imagem corporal. Nós acreditamos que para isso, primeiramente devemos abordar a própria imagem do estudante, para depois partimos para a teoria. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é o de descrever qual a imagem que os alunos de um curso de Bacharelado em Educação Física têm de si mesmos, e qual o seu conhecimento prévio a respeito. Foi utilizado dois instrumentos de avaliação: O Boby Scale de Cooper et al (1987) e um questionário com perguntas abertas, elaborado por Anaruma (2011). Eles foram preenchidos durante uma aula individualmente, por 35 alunos, sendo 17 do sexo feminino com média de idade de 22,6 anos e 16 do sexo masculino, com média de idade de 24 anos de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Com relação aos resultados, foi observado através da análise da Escala que a maioria dos alunos estavam muito satisfeitos com o corpo, principalmente os homens (75,7%) se comparados às mulheres (52,9%). Já no Questionário observa-se que 80% de ambos os sexos não se achavam feios e o rosto foi a parte do corpo que mais eles valorizam. Quanto ao conhecimento prévio, os alunos acreditavam que a formação da imagem corporal é inata, tendo pouca influência da cultura. 90% confirma que a imagem corporal é a forma como cada um vê o seu corpo. Sobre os distúrbios da imagem corporal, só 60% dos alunos responderam e demonstraram conhecem os principais, porém nenhum deles citou a obesidade e a ortorexia. 80% julgou importante o estudo do tema no curso. Sobre como abordar o assunto profissionalmente as sugestões foram: o diálogo, a utilização de técnicas corporais e as argumentações baseadas em evidências científicas. As conclusões revelam que esta autoavaliação possibilitou a reflexão, a discussão e a mudança de percepções sobre suas próprias imagens. Também demonstraram que a especificidade do curso, que fundamentalmente tem o corpo em evidência, os torna mais exigentes em preencher um modelo de corpo perfeito. Sendo assim, sugerimos que pesquisas sejam feitas em outros cursos, para verificar se o tipo de curso é um fator de influência na imagem corporal.

Palavras chaves: Imagem corporal, ensino- aprendizagem,ducação física, corporeidade

COMPARAÇÃO DE VARIÁVEIS CINÉTICAS DA MARCHA COM DUPLA TAREFA DE IDOSOS SAUDÁVEIS E PARKINSONIANOS

Patrícia de Aguiar Yamada[1], Késia Maísa do Amaral[1], Roberta Monteiro[2], Deborah Hebling Spinoso[1], Flávia Roberta Faganello Navega[2]
[1]Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro - SP, Brasil
[2]Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília - SP, Brasil
pathy_yamada@hotmail.com

Introdução: O processo de envelhecimento leva a alterações nos parâmetros da marcha, as quais caracterizam o declínio do desempenho da mesma em idosos, predispondo-os a um maior risco de quedas. Indivíduos com doença de Parkinson (DP) também representam um grupo com elevado risco de quedas, pois os comprometimentos motores característicos da doença podem resultar em modificações nos padrões da marcha. A realização da marcha concomitante à outra tarefa tem demonstrado forte relação com a maior propensão a quedas, as quais podem ter consequências potencialmente danosas. Variáveis cinéticas têm sido estudadas para determinar o padrão do movimento da marcha, podendo a força de reação do solo (FRS) ser aplicada com confiabilidade para avaliar alterações na marcha. **Justificativa:** A marcha é um aspecto fundamental para garantir a independência de um indivíduo, assim, analisar se existem diferenças entre idosos saudáveis e Parkinsonianos, por meio de variáveis cinéticas, durante a marcha normal e com dupla tarefa, pode contribuir para fundamentar o tratamento de doenças que comprometem o aparelho locomotor. **Objetivo:** Comparar variáveis cinéticas da marcha com dupla tarefa de idosos saudáveis e Parkinsonianos. **Metodologia:** Participaram do estudo 10 idosos saudáveis e 10 indivíduos com DP, classificados nos estágios de I a III da escala de Hoehn e Yahr, de ambos os gêneros. A coleta dos dados foi realizada através de uma plataforma de força AMTI®, com amostragem de 100Hz, acoplada a uma passarela de 7 metros de comprimento. Os participantes foram solicitados a realizar marcha em 3 diferentes condições: marcha normal, marcha falando ao celular e marcha segurando sacolas com peso igual a 10% do peso corporal. Foi analisado o pico de força de reação do solo (PFRS) durante as fases de toque do calcâneo e propulsão da marcha, esses dados foram normalizados em relação ao peso corporal dos voluntários. Para análise estatística foi utilizado o teste Anova Two Way considerando o valor de $p<0,05$. **Resultados:** Houve diferença significativa entre idosos saudáveis e Parkinsonianos durante as diferentes condições de marcha, sendo o PFRS durante a propulsão de Parkinsonianos 5% menor durante a marcha normal ($p=0,022$), 5% menor durante a marcha falando ao celular ($p=0,008$) e 5% menor durante a marcha segurando sacolas com peso ($p=0,017$). Porém, não houve diferença significativa no valor do PFRS durante o toque entre idosos saudáveis e Parkinsonianos nas diferentes condições de marcha. **Conclusão:** Idosos saudáveis e Parkinsonianos aprensentam diferenças em relação a variáveis cinéticas durante marcha com dupla tarefa.

Palavras Chave: Doença de Parkinson, Idosos, Marcha, Dupla tarefa.

COMPORTAMENTOS EM RELAÇÃO AO BALLET FITNESS: EXPERIÊNCIA EM UMA AULA DO CURSO DE EDUCACAO FISICA

Marla Aparecida Silva, Arielle de Fátima Da Silva, Priscila Carneiro Valim-Rogatto

Universidade Federal de Lavras

(marlasilva@edufisica.ufla.br)

Ainda uma modalidade pouco conhecida o Ballet Fitness foi criado há 22 anos por uma ex-bailarina clássica lesionada. O Ballet Fitness é uma combinação do Ballet Clássico com exercícios isométricos e de sustentação os quais focam o tônus e definição muscular. Contudo, a dança, principalmente o ballet clássico, é associada ao gênero feminino o que pode trazer resistência à participação de homens nas aulas que evitam se submeter aos preconceitos e aos estereótipos da sociedade. Assim, o objetivo deste relato de experiência foi analisar e discutir as reações de alunos do curso de Educação Física em relação à vivência prática de uma aula de Ballet Fitness durante a disciplina "Atividades Rítmicas e Expressivas". Foram observados os comportamentos de 100 alunos de ambos os sexos matriculados na referida disciplina do curso Educação Física da Universidade Federal de Lavras. A aula, com duração de 60 minutos, foi ministrada por um Professor formado em Educação Física e com formação em Ballet Contemporâneo em uma quadra poliesportiva coberta. No início da aula os alunos do sexo masculino se mantiveram no fundo da quadra. Percebemos também que todos os alunos ficaram retraídos enquanto as posições do ballet clássico eram ensinadas. Com a evolução da aula e com exercícios de sustentação e isometria percebeu-se que os alunos passaram a se comportar com insegurança uma vez que mencionavam não ter força corporal suficiente para realizar o que era proposto. Por outro lado, as alunas se mantiveram preocupadas em manter uma boa postura para executar os movimentos. Na fase final trabalharam-se alguns passos para a elaboração de uma coreografia, o que levou muitos alunos a desistirem, pois para a execução dos movimentos eram exigidos coordenação e ritmo apesar de ser uma aula para iniciantes. Percebeu-se, pelos comentários iniciais, que o ballet ainda era considerado uma modalidade feminina, mas, ao termino da aula os relatos giravam em torno da grande resistência exigida para a execução dos movimentos, o que não imaginavam. Foi possível ouvir de alguns deles que não mais utilizariam a frase "se não aguenta, faz ballet", e que "o ballet exige muito mais que uma aula de musculação", a qual poderia ser substituída pela modalidade apresentada.

Palavras Chave: Ballet Fitness; Comportamento; Relato de Experiência.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO FUTEBOL E O DESEVNVOLVIMENTO DA CATEGORIA DE BASE NO BRASIL

Talita Machado Vieira, Deivis Perez
Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis
tmachadovieira@gmail.com

Este trabalho insere-se no conjunto mais amplo de uma pesquisa de mestrado em andamento cujo objetivo é investigar os processos de subjetivação de jovens em formação para o trabalho como atletas de futebol. A pesquisa é realizada com adolescentes vinculados às categorias de base de um clube voltado à formação esportiva. A importância desta investigação remonta à função social do futebol no contemporâneo, em que a projeção global da modalidade, devido a sua ampla exposição na mídia e aos elevados montantes financeiros que movimenta, contribui para que inúmeros jovens vislumbrem neste esporte uma possibilidade de ascensão e reconhecimento social. Apesar do *glamour* sedutor do futebol, sabe-se que este mercado é altamente competitivo, sendo que poucos atletas conseguem negociar contratos milionários e atuar por clubes que participam dos campeonatos nacionais e internacionais mais transmitidos pela grande mídia. Considerando que o futebol enquanto produção humana possui uma inscrição social, histórica e política que se metamorfoseia ao longo do tempo de acordo com os valores, práticas e discursos adotados pela sociedade em determinados momentos de sua história, podemos afirmar que a atual conjuntura da modalidade decorre de um processo. Tendo em vista esta asserção, realizamos uma revisão bibliográfica para investigar a história do futebol no Brasil, procurando elucidar suas principais transformações e os vários componentes que foram incorporados a esta prática sociocultural ao longo do tempo. Ademais, constituiu-se foco de interesse deste trabalho compreender a posição ocupada pela categoria de base e a formação do atleta no decorrer da história do futebol brasileiro. De modo geral, pudemos constatar que a mídia e o desempenho do escrete nas competições internacionais foram basais para mudanças significativas no desporto ora tratado. Ainda, em virtude destes dois componentes o futebol tornou-se, paulatinamente, um esporte popular entre os brasileiros, convertendo-se em objeto de interesse dos governos, em especial a partir de Getúlio Vargas. Com relação à categoria de base, observou-se que uma configuração análoga a atual data de meados de 1950, tendo se estabelecido efetivamente a partir do movimento de modernização e cientifização do futebol, após a Copa de 1966. Apesar disso, sua regulamentação visando à garantia dos direitos dos jovens inseridos neste contexto foi ratificada apenas em 2011. Assim, podemos apontar que o futebol brasileiro encontra-se em construção, sendo necessária a implicação coletiva para o estabelecimento dos princípios segundo os quais desejamos orientar o desenvolvimento desta modalidade, considerada um patrimônio cultural por inúmeros seguimentos populacionais do país.

Palavras Chave: Futebol, Categoria de Base, Subjetivação, Psicologia Social do Esporte, História.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA POSITIVA PARA AS LIDERANÇAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Denis Juliano Gaspar[1], Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro[1], Ivana Campos Ribeiro[1], Márcio Luiz Bess[2], Gisele Maria Schwartz[1]
[1]LEL – Laboratório de Estudos do Lazer – UNESP Rio Claro, São Paulo, Brazil
[2]Instituto Federal Sul de Minas, Poços de Caldas, Minas Gerais, Brazil
denis.gaspar@uol.com.br

Os estudos em Psicologia Positiva tiveram início na década de 90, com o psicólogo Martin E P Seligman, professor da Universidade da Pensilvânia, que alguns anos depois, tornou públicas suas pesquisas no livro intitulado *Authentic Happiness.* As descobertas na área em questão, vêm sendo utilizadas no gerenciamento das emoções positivas e no aumento do nível de satisfação de vida das pessoas, no âmbito pessoal e também profissional. As várias lacunas de liderança presentes na atuação dos profissionais das diversas áreas do conhecimento, entre elas a Educação Física, podem ser atenuadas por meio de algumas contribuições da Psicologia Positiva, como o desenvolvimento das dimensões de quatro estados psicológicos: a Autoeficácia (confiança da pessoa em sua capacidade de superação dos desafios da vida), o Otimismo (expectativa do alcance de bons resultados), a Esperança (tendência para a busca de planos alternativos para atingir e conquistar metas e objetivos) e a Resiliência (capacidade de reação ao fracasso, com foco nos objetivos). Com base nessa perspectiva e com objetivo de ampliar e discutir os estudos em liderança, o presente trabalho, de natureza qualitativa, encontra-se em desenvolvimento por meio de pesquisa exploratória, utilizando um questionário como instrumento para a coleta de dados, com questões abertas a respeito da importância da utilização das quatro dimensões entre os líderes de diversos segmentos da Educação Física. A amostra intencional foi composta por um grupo de 12 professores de Educação Física, líderes de equipes esportivas, maiores de 18 anos, de diferentes modalidades, de um clube de classe média/ alta, de uma cidade do interior de São Paulo. Os dados são analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temático. Os resultados iniciais apontam para maior participação das pessoas nas diversas atividades do clube, bem como, redução no número de ausências nas aulas das diferentes modalidades da instituição. Apontam também para a construção de lideranças eficazes, favorecendo a discussão e a construção de novos modelos de liderança, em contraste com aqueles que não mais atendem às necessidades da sociedade atual. Tais resultados, mesmo que preliminares, apontam para a eficácia das contribuições da Psicologia Positiva para as lideranças em geral. Fazem-se necessários novos estudos para aprimoramento dos aspectos ligados à Psicologia Positiva e à Liderança na Educação Física.

Palavras Chave: Psicologia Positiva, Liderança, Educação Física.

COPING NO ESPORTE: COMPARAÇÃO ENTRE FUTEBOLISTAS DE BASE E UNIVERSITÁRIOS

Renato Henrique Verzani, Adriane Beatriz de Souza Serapião, Guilherme Bagni, Rogéria A. P. Mussio, Afonso Antonio Machado
LEPESPE – DEF – IB – UNESP Rio Claro
renato_verzani@hotmail.com

Introdução. A psicologia do esporte tem o objetivo de analisar diversas questões que podem interferir no rendimento de atletas. Desta forma, precisamos ter um olhar atento para a necessidade do manejo das emoções, uma vez que os esportistas estão constantemente expostos a diversas exigências, inclusive psicológicas, que podem trazer prejuízos. O *coping* é um termo que se refere às estratégias de enfrentamento de problemas. Muitas vezes, as demandas (internas ou externas) estão acima das possibilidades ou recursos dos indivíduos e, como o sucesso também está ligado com a capacidade de manejar ou administrar diferentes situações, é importante que os profissionais envolvidos tenham conhecimento das estratégias e da necessidade de eficácia neste manejo, pois este pode ser um limitador de desempenho dos atletas. **Objetivo.** Comparar as estratégias de enfretamento de problemas dos atletas de futebol, tanto da base quanto do esporte universitário. **Justificativa.** É fundamental identificar as estratégias de enfrentamento dos atletas para auxiliá-los no controle das demandas. **Métodos.** Foram analisados 90 atletas universitários e 88 atletas de futebol de base, sendo que os primeiros disputavam campeonatos universitários e os de base, a Copa São Paulo de Futebol Junior. A média de idade dos universitários era de 22 anos e dos atletas de base, 18 anos. O questionário utilizado foi o EMEP (Questionário de Modos de Enfrentamento de Problemas), adaptado e traduzido para o português por Gimenes e Queiroz A aplicação dos questionários para os universitários ocorreu pelo do Google Drive®, enquanto os futebolistas de base responderam nos hotéis e centros de treinamento das equipes. **Resultados.** Comparando as principais estratégias de enfrentamento de problemas, temos que ambos os grupos utilizam principalmente a estratégia focada no problema, que é considerada a mais adequada para combater diferentes demandas. Contudo, percebe-se que os atletas de futebol têm como segunda estratégia mais utilizada a focada no pensamento fantasioso/religioso, enquanto os universitários utilizam mais a busca de suporte social. Este dado aponta que a segunda estratégia mais utilizada pelos futebolistas é considerada como não adequada, precisando de um olhar mais apurado dos responsáveis pela equipe. Quanto a estratégia focada na emoção, foi a menos utilizada por ambos grupos. **Conclusão.** A principal estratégia utilizada pelos grupos é considerada adequada. Com relação a segunda mais usada, temos os universitários com uma estratégia também interessante e os futebolistas com uma considerada como não ideal para enfrentar demandas, necessitando de maior atenção.

Palavras Chave: Coping, Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Humano.

CORPO X TECNOLOGIA: A INTERATIVIDADE EM EVIDÊNCIA

Juliano Daniel Boscatto, Raphaell Martins, Suraya Cristina Darido
UNESP- Campus Rio Claro
juliano.boscatto@ifsc.edu.br

A sociedade contemporânea apresenta características singulares jamais observadas em outros séculos. Destaca-se o grande desenvolvimento proporcionado pela ciência e a tecnologia nas áreas da comunicação, da medicina, da biotecnologia, entre outras. As tecnologias produzidas por diferentes áreas do conhecimento atuam como coparticipantes na constituição corporal. O objetivo desse estudo é compreender como as tecnologias atuam no processo de constituição corporal em sujeitos com amputação de membros, na *body modification* e nas relações interativas virtuais. O estudo desenvolveu-se por meio de uma pesquisa teórica que buscou identificar na literatura pertinente como a tecnologia atua na interação com o corpo. O trabalho desenvolveu-se com a investigação nos periódicos Qualis/CAPES ranqueados como A2 e B1, buscando-se identificar os termos "Corpo e tecnologia" presente nos textos de 2008 a 2015. O corpo em sua estrutura física, biológica, locomotora é um dos aspectos que fazem a mediação entre o "eu" e o "mundo". Qualquer pessoa que possua uma deficiência física que comprometa os seus movimentos está socialmente condicionada a sofrer limitações e, com isso, passar por situações de impotência em circunstâncias que um "corpo normal" certamente não sofreria. A tecnologia da prótese apresenta significativos benefícios psicológicos, estéticos, sociais e funcionais, auxiliando os sujeitos com amputação a adequar-se a situação. As marcas corporais em pessoas que passam por *body modification* representam significados intrínsecos às subjetividades dessas pessoas. Esses sujeitos querem deixar claro e explícito aos demais que são diferentes e que representam a outros grupos sociais "estranhos" ao padrão socialmente aceito. A interatividade digital é um tipo de relação tecno-social e as redes sociais destacam-se por sua amplitude de possibilidades. Os efeitos das tecnologias interativas virtuais mediadas por interfaces podem ocasionar mudanças de hábitos no cotidiano dos sujeitos, constituindo-se, então, a cibercultura a qual, poderá influenciar profundamente na constituição do corpo. Percebe-se uma interação cíclica corpo/natureza/cultura e tecnologia que resulta em avanços significativos na área médica contribuindo com a melhoria do bem estar subjetivo, auxiliando na *body modification* e nas formas de interatividades virtuais por meio de diferentes interfaces.

Palavras-chave: Corpo; Tecnologia; Contemporaneidade.

CORRIDA DE ORIENTAÇÃO E O USO DO CELULAR EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Alexander Klein Tahara, Mayara de Sena Cagliari, Suraya Cristina Darido

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, São Paulo

alexipatinga@yahoo.com

A Corrida de Orientação é uma vivência realizada em contato direto com a natureza, entretanto pode haver adaptações para o contexto urbano quando se idealiza uma inserção na escola enquanto um conteúdo das aulas de Educação Física. Este estudo quali-quantitativo teve por objetivo elaborar e avaliar um material didático para o ensino da Corrida de Orientação, utilizando o celular enquanto uma TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação), no sentido de perceber se o mesmo pode potencializar e apoiar o trabalho de professores que atuam na área. Foi utilizado como instrumento para coleta de dados um questionário aberto com três questões, aplicado a 9 participantes (6 homens e 3 mulheres, todos professores de Educação Física escolar, faixa-etária de 22 a 52 anos) de uma disciplina de um curso de pós-graduação em uma universidade paulista, os quais participaram da vivência do material didático elaborado e posteriormente responderam as questões. A análise dos dados foi descritiva pela Análise de Conteúdo, sendo que alguns indivíduos responderam mais de um indicador em cada questão, assim havendo mais respostas que o número total de participantes. Os resultados foram apresentados por frequência e tabulação e indicam que a inserção da Corrida de Orientação enquanto um conteúdo da Educação Física escolar (n=6; 26,8%) pode ser importante por ser um conteúdo diferente dos habituais trabalhados em aulas escolares, além de possibilitar a interdisciplinaridade (n=5; 23,8%). No que tange ao uso do celular enquanto uma TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) para o ensino do conteúdo "aventura" na Educação Física escolar, (n=6; 42,9%) dos professores veem o mesmo como um recurso potencializador do processo de ensino/aprendizagem, ao passo que (n=3; 21,4%) acreditam haver necessidade de determinar objetivos claros e plausíveis para o uso adequado durante as aulas. Sobre as possíveis dificuldades e/ou facilidades que poderiam enfrentar a fim de concretizar a inserção desta prática em ambiente escolar, (n=6; 22,2%) acreditam que o espaço físico restrito destinado às aulas de Educação Física seja a principal dificuldade, enquanto para (n=6; 22,2%) a facilidade gira em torno de ser uma atividade que motiva os alunos por ser um conteúdo novo e diferente dos habituais. Percebe-se que a elaboração de um material didático acerca da corrida de orientação utilizando-se o celular foi uma atividade enriquecedora para os professores, com chances de adaptar tal vivência nas escolas que lecionam, abordando um (novo) conteúdo entre os alunos nas aulas de Educação Física.

Palavras chave: Corrida de Orientação, Celular, Educação Física escolar.

DESEJO DE SER MAIS MUSCULOSO: EFICÁCIA DE UM PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO EM ALUNOS DE MUSCULAÇÃO

Francieli Pires Barbosa[1], *Marcelo Callegari Zanetti*[1, 2, 3], *Angela Nogueira Neves Betano Campana*[4]
[1]*Universidade Paulista, São José do Rio Pardo, Brasil*
[2]*Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil*
[3]*LEPESPE/ UNESP, Rio Claro, Brasil*
[4]*EsEFEx - Rio de Janeiro, Brasil*
fran_scp@hotmail.com

(Introdução) É inegável a importância que os homens nas sociedades modernas atribuem à imagem corporal, onde valores são impostos de acordo com princípios pré-estabelecidos culturalmente, como o corpo forte e musculoso. A preocupação em possuir um corpo dito "perfeito" vem ganhando cada vez mais espaço no campo masculino, consequentemente tal preocupação traz consigo insatisfações em relação a própria imagem, podendo também possuir uma visão distorcida, percebendo-se diferentes do que realmente são. Assim, patologias como a vigorexia podem surgir, o que impõe um risco à saúde tão perigoso e mortal que acaba sendo inconsciente para o indivíduo. **(Justificativa)** Esse trabalho justifica-se por se tratar de uma temática relativamente nova, além de apresentar grande relevância social e acadêmica. **(Objetivo)** Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi verificar se após um programa de orientação e educação, praticantes de musculação mudariam de opinião em relação ao querer ser mais musculoso. **(Métodos)** Como proposta metodológica foi aplicado o questionário *Drive for Muscularity Scale* – DMS, e posteriormente realizado o projeto de orientação junto a 82 sujeitos do sexo masculino com idades entre 18 a 35 anos. Este trabalho foi realizado durante 2 meses, sendo uma intervenção semanal, composta por orientações como entrega de panfletos e cartazes expostos nas academias. Ao término da intervenção foi aplicado novamente o mesmo instrumento a fim de verificar possíveis diferenças. No entanto, neste trabalho foi analisada apenas a questão: "Quero ser mais musculoso". **(Resultados)** Na primeira aplicação do questionário os sujeitos apresentaram como resultado: 12,2% (10) Nunca querem ser mais musculosos; 12,2% (10) Raramente; 25,6% (21 pessoas) Às vezes; 18,2% (15) Frequentemente; 8,6% (7) Muito frequentemente e 23,2% (19) Sempre. Já na segunda aplicação, após o programa de orientação os sujeitos indicaram que: 14,6% (12) Nunca querem ser mais musculosos; 17% (14) Raramente; 24,4% (20 pessoas) Às vezes; 19,6% (16) Frequentemente; 12,2% (10) Muito frequentemente e 12,2% (10) Sempre. **(Conclusão)** Após o programa de orientação foi possível percebermos uma redução no desejo de querer ser mais musculoso nos participantes da pesquisa, passando de 75,6% para 68,4% nos níveis: Às vezes, Frequentemente, Muito frequentemente e Sempre, o que parece demonstrar a eficácia desse programa ao menos nesse desejo. Portanto, programas como este deveriam ser empregados em todos os locais de atividades físicas e esportivas, como forma de reduzir possíveis distúrbios de imagem corporal.

Palavras Chave: Vigorexia, Atividade Física, Programa de Orientação.

DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO ESPORTE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM JOGOS DIGITAIS

Adriane B. S. Serapião, Rogéria A. P. Mussio, Fernanda C. Pereira, Carlos N. Fischer
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Rio Claro
adriane@rc.unesp.br

Pesquisas recentes apontam que o desenvolvimento das competências socioemocionais é decisivo para o êxito escolar e, mais tarde, profissional da criança, assim como em sua vida pessoal. Tais estudos mostram que o indivíduo, somente com o desenvolvimento de habilidades cognitivas, não consegue obter sucesso se não puder controlar suas emoções e outras características de personalidade. As competências socioemocionais (ou não-cognitivas) não são um conjunto fechado de habilidades e envolvem capacidades que auxiliam na aprendizagem, como autonomia, estabilidade emocional, sociabilidade, superação de fracassos, curiosidade, perseverança, dedicação, disciplina, protagonismo, determinação, colaboração, gerenciamento de conflitos, dentre outras. Possui como componentes: inteligência emocional, regulação emocional, criatividade emocional e habilidades sociais. Grande parte destas características não é talento inato e pode ser aprendida durante a vida. Nos Estados Unidos, a indústria de jogos digitais já se interessou e produziu jogos educativos voltados para o desenvolvimento de competências socioemocionais. O primeiro jogo para esta finalidade foi desenvolvido em 2014 por Trip Hawkins, fundador da Electronic Arts, e chama-se IF..., cujo objetivo é auxiliar crianças a desenvolverem suas capacidades emocionais e sociais, lidarem melhor com estresse, ansiedade, raiva, tristeza e frustração, e também desenvolverem virtudes como gratidão, senso de cooperação, bondade, aceitação e paciência. Ou seja, isso auxiliaria a criança a entender e controlar seus sentimentos e reagir com empatia a diversas situações. Dentro desta perspectiva, a prática esportiva em muitas modalidades apresenta desafios intensos de convivência, tolerância, superação e controle de emoções, intimamente relacionados com aspectos de Inteligência Emocional. Crianças e adolescentes ainda não estão maduros emocionalmente para lidar com situações de estresse, fracassos, conquistas e conflitos, principalmente quando a prática esportiva deixa de ser uma atividade recreativa para tornar-se competitiva, quando é necessário adquirir recursos para flexibilizar respostas motoras e cognitivas para o desenvolvimento atlético de alto desempenho no início da carreira. Frequentemente, a prática esportiva é motivada pelas aspirações de sucesso no esporte. As frustrações e dificuldades são pouco trabalhadas com os jovens. Assim, neste contexto sugere-se o uso das tecnologias de jogos digitais em atividades de preparação e treinamento esportivo para jovens a fim de propiciar o desenvolvimento de competências socioemocionais. Diferentes tipos de jogos e atividades para crianças e adolescentes em diferentes níveis podem ser elaborados para acompanhar necessidades específicas, tais como despertar o senso de colaboração, estimular a comunicação, incentivar a criatividade, controlar a impulsividade, identificar emoções, superar decepções, ajudando a elaborar soluções para adversidades da vida esportiva do futuro profissional.

Palavras Chave: Competências socioemocionais; Atividades esportivas; Jogos digitais.

DETERMINANTES MOTIVACIONAIS DE ATLETAS VETERANOS DE AMBOS OS GÉNEROS PARA A PRÁTICA DESPORTIVA

Andreia Correia[2], João Barbosa[2], André Aroni[1], Marco Batista[2,3,4], Ruth Castuera[4]
[1] Universidade Estadual Paulista - LEPESPE (Brasil)
[2]Escola Superior de Educação de Torres Novas (Portugal)
[3]Escola Superior de Educação de Castelo Branco (Portugal)
[4]Universidad de Extremadura (Espanha)
andre-aroni@hotmail.com

Introdução: A motivação dos atletas é um dos temas mais investigados na Psicologia aplicada ao Desporto e Exercício, uma vez que é considera um elemento chave para a permanência e o prazer no desporto. A motivação deve ser vista como uma determinante psicológica que pode interferir no rendimento desportivo dos atletas, especialmente dos atletas veteranos, que necessitam de um elevado grau de motivação para suportarem cargas de treino, stress e pressão gerados por fatores internos e externos. Justificativa: Assim sendo e visto que se torna visível e significativo o aumento do número de atletas inseridos nas mais diversas modalidades, com idade acima dos 35 anos, é importante perceber como se sentem ao continuarem a treinar e a competir de forma sistemática. Objetivos: Neste sentido, este estudo teve como principal objetivo identificar a relação entre géneros de atletas veteranos, tendo por base a variável motivação para a prática desportiva. Métodos: Participaram nesta investigação 342 atletas, de ambos os géneros, do escalão de veteranos, praticantes de diversas modalidades desportivas e representantes de diferentes clubes. Como instrumento de recolha de dados foi utilizado um questionário que avalia as seis dimensões que compõe a variável motivação para a prática desportiva, designado de Behavioral Regulation in Sport Questionnaire (BRSQ). Resultados: Os resultados obtidos através da aplicação da estatística descritiva e inferencial revelaram que atletas veteranos do género feminino apresentam níveis mais elevados de regulação externa, regulação identificada e regulação integrada, ao contrário do que acontece com os atletas veteranos do género masculino, que apenas apresentam valores médios mais elevados de amotivação e regulação introjetada. No caso da motivação intrínseca, os valores médios de ambos os géneros são muito próximos, no entanto, apesar de não existirem diferenças significativas, é o género masculino que apresenta um valor ligeiramente mais elevado. Conclusão: Os evidências são abonatórias de que as atletas femininas são mais autodeterminadas do que os atletas masculinos, pois praticam atividade física pela procura de incentivos externos, mas também pelo prazer e pela satisfação gerada pela própria atividade, já os atletas masculinos percecionam uma inexistência de contingências entre as ações e os resultados, estes são indivíduos que estão envolvidos na prática de uma atividade física mas deixam de valorizá-la ou simplesmente praticam-na como forma de evitar pressões internas.

Palavras Chave: Motivação, Atletas Veteranos, BRSQ

DIÁRIO DA DOR: MATERIAL AVALIATIVO E INTERVENTIVO DA DOR PARA A PSICOLOGIA DO ESPORTE

Andressa Melina Becker da Silva, Sônia Regina Fiorim Enumo***
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
andressa_becker@hotmail.com

No esporte e na dança o bom desempenho depende de treinamento físico intenso, contudo, sem equilíbrio e recuperação, podem ocorrer *overtrainig*, lesões e dor. Esta é praticamente inerente na atividade física de rendimento e tem componentes subjetivos, cognitivos e emocionais, interferindo na percepção e na resposta ao estressor. Nesse contexto, é importante avaliar a dor adequadamente para poder intervir. Este estudo objetivou desenvolver uma metodologia para avaliação e intervenção na dor em bailarinas. Participaram 14 bailarinas, com idade entre 12 e 17 anos (*Med*=14; ± 1,26) de um grupo padrão-ouro da cidade de Curitiba-PR, após seu consentimento e dos responsáveis. Durante uma intervenção psicológica centrada no enfrentamento da dor, durante quatro meses, foi aplicado o "Diário da Dor de Uma Bailarina", especialmente elaborado, com dados de: a) identificação (nome e data); b) prática de atividade física (se praticou atividade no dia, qual e por quanto tempo; c) características da dor (imagem frontal e posterior do corpo humano, para assinalar onde dói; Escala de Faces da Dor, para avaliação da intensidade da dor); d) emoções associadas (como se sentiu; quais pensamentos, emoções e desejos apareceram); e) estratégias de enfrentamento (EE) utilizadas e seus efeitos na dor (tomar remédio, chorar, dormir, distrair-se, fazer relaxamento, outros). Oito Diários da Dor foram devolvidos (57,1%), número este provavelmente decorrente do fato de serem adolescentes, sendo necessária uma maior cobrança da tarefa. Observou-se que a freqüência da dor diminuiu ao longo da intervenção psicológica, mesmo que a prática de atividade física tenha continuado intensa. O número de citações no diário (dias com dor) variou de 1 a 15 (*M* = 6,37; ± 5,45). Os locais de dor mais citados foram – posterior de quadril, lombar, virilha, nuca, abdômen, cintura escapular e posterior de coxa. No início da intervenção era citado EE como chorar e dormir, ou mesmo que nada era feito; enquanto que no decorrer da intervenção, citou-se mais distração e relaxamento, percebido por elas como funcional. As dores traziam emoções ruins que se vinculam à qualidade de vida e desempenho na dança. O uso deste instrumento auxiliou as bailarinas a terem maior compreensão da prática e intensidade da atividade física e sua relação com a dor. Foi útil como material de apoio, com cunho psicoeducativo, sobre as EE utilizadas e a eficácia destas em relação ao manejo da dor. Os dados sugerem seu uso em outras modalidades esportivas, facilitando a avaliação e intervenções pelo psicólogo do Esporte.

Palavras-chave: Dança; Dor; Avaliação Psicológica; Intervenção Psicológica; Psicologia do Esporte.

Apoio financeiro: CAPES (bolsa de doutorado*), CNPq (bolsa de produtividade em pesquisa**).

DILEMA ÉTICO DO ATLETA FRENTE ÀS PRESSÕES DE SUPERAÇÃO DOS LIMITES FISIOLÓGICOS NATURAIS

João Augusto Cardoso [1,2]; Carlos José Martins [1]
Universidade Estadual Paulista – UNESP [1]; Universidade Paulista – UNIP [2]
jcardoso@rc.unesp.br

Introdução. O Brasil receberá atletas de alto rendimento de todos os continentes do mundo, que virão disputar os jogos olímpicos em 2016, dispostos a romperem os limites fisiológicos naturais do corpo humano, representados pelos recordes, quer pela conquista de vitória, de realização, reconhecimento, glória, fama, fortuna ou outra motivação, porém, muitas vezes violando o princípio da igualdade formal dos competidores pelo uso do *doping*, obtendo vantagens competitivas desleais. Frente às pressões psicológicas internas e externas que motivam os atletas ao pódio, muitos aderem a essa prática que é ao mesmo tempo antiética e ilícita. **Justificativa**. Considerando a presença incontornável do *doping* no esporte moderno e que seu confronto com os mecanismos tecnológicos, jurídico-normativos e éticos para coibi-lo são insuficientes, o estudo do "dilema ético do atleta frente às pressões de superação dos limites fisiológicos naturais" se revela de grave importância para o diagnóstico das motivações dos atletas de alto rendimento que violam as regras esportivas em prol de vantagens ilícitas e que colocam a saúde em risco, verdadeiro contrassenso esportivo. **Objetivo**. O estudo visa a compreensão da relação existente entre as motivações dos atletas e os aparatos de controle e diagnóstico antidopagem e o emprego da tecnologia para a superação dos recordes e dos limites fisiológicos naturais, vez que não são equivalentes, a medida em que a tecnologia avança mais rapidamente que os mecanismos de monitoramento e detecção do *doping*. **Metodologia**. Caracteriza-se pela revisão bibliográfica exploratória, tanto da literatura esportiva quanto da doutrina e documentos jurídicos e normativos. **Resultados**. Espera-se detectar as motivações que levam muitos atletas ao dilema entre a prática esportiva ética e a antiética, em detrimento às pressões psicológicas, sociais, econômicas, tecnológicas etc., que os impulsionam à superação dos limites fisiológicos naturais através de métodos ilícitos. **Conclusão**. "Os recordes esportivos do mundo representam os valores extremos das capacidades fisiológicas humanas. Mais cedo ou mais tarde eles vão atingir os seus limites". Acredita-se que atualmente a metade dos recordes mundiais estejam intransponíveis" (JANSEN, 2011). Com a prática desportiva ética e com a sonhada ausência do *doping* nas competições, os recordes mundiais quando superados, serão insignificantes, todavia, resta saber se ainda sim haverá motivação antiética para a superação dessas pequenas marcas.

Palavras Chave: Esporte, Limites fisiológicos, *Doping*, Ética, Direito esportivo.

DISCENTES DOS CURSOS SUPERIORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFSULDEMINAS: CONHECENDO SUAS MOTIVAÇÕES

Daniela Gomes Martins Bueno, Aliny Aparecida da Silva, Elisângela Silva,
IFSULDEMINAS – Câmpus Muzambinho
daniela.bueno@ifsuldeminas.edu.br

Ingressar no ensino superior em nosso país atualmente é objetivo de muitos jovens, entretanto esses passam por várias dificuldades, que vão desde os sistemas para obtenção de uma vaga devido a precariedade do ensino fundamental e médio das escolas públicas até a dificuldade de conseguir concluir o curso pelos vários obstáculos que enfrentam durante o processo. Diante disso, acredita-se que várias são as motivações que levam os jovens a optarem pelo ingresso no curso superior. A palavra motivação vem do latim, do verbo *movere*, e o substantivo *motivum*, do latim tardio que deram origem ao termo aproximado *motivo*, ou seja, motivação ou motivo é aquilo que move alguém ou que põe essa pessoa em ação. É definida como um processo multifatorial, onde o fenômeno psicológico se apresenta com extrema importância. Por ser um fator psicológico, não pode ser diretamente vista, mas deduzida através de comportamentos como escolhas de tarefas, persistência, esforço, entre outros. Como os aspectos motivacionais influenciam as pessoas na tomada de decisões e estas trarão consequências ao longo de suas vidas, positivas ou negativas, o presente trabalho teve por objetivo conhecer e compreender quais os motivos levaram os estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS) a se matricularem no curso superior de Educação Física. A pesquisa foi baseada na teoria da motivação humana de Abraham Maslow que tem como quadro teórico a concepção do desenvolvimento humano tratando dos potenciais intrínsecos de crescimento do homem sendo estes determinantes para seu desenvolvimento pessoal. O estudo foi do tipo qualitativo por meio de questionário. Na primeira etapa 71 alunos responderam o instrumento piloto a fim de gerar itens a serem inclusos no questionário padrão. Na sequência foram analisadas todas as respostas e a partir destas, montou-se o questionário padrão da pesquisa contendo duas questões com 30 alternativas. A primeira questão contemplava os motivos que levaram os indivíduos a ingressarem no ensino superior e a segunda continham os motivos de escolher o Curso de Educação Física. O questionário padrão do estudo foi respondido por 59 alunos. Após a análise dos dados observamos que o quesito mais valorizado pelos estudantes do IFSULDEMINAS em relação ao ingresso no Curso Superior de Educação Física foi apreensão e aprimoramento de conhecimentos, o que nos faz concluir, pautado na teoria de Abraham Maslow, que este motivo é utilizado como um meio para a obtenção de outros fins.

Palavras Chave: Motivação, Estudantes, Ensino Superior, Educação Física.

DISPOSITIVO DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS. EDUCAÇÃO PARA TODOS?

Paula Pizzirani Marola, Carlos José Martins
Graduada em psicologia UFSCar, Professor Unesp- Rio Claro
(paulamarola@gmail.com)

O presente trabalho tem por objetivo problematizar as atuais polêmicas em torno do plano nacional de educação e a inclusão do conceito de gênero. Nos últimos meses as politicas públicas educacionais foram palco de polemicas principalmente no que se refere à inserção do termo gênero em planos de educação. O uso feito por grupos contrários do termo "ideologia de gênero" e a confusão a respeito do conceito mostra a importância de se aprofundar a discussão, bem como suas implicações politicas e educacionais. Com o aporte Foucaultiano pretende-se apontar as diferentes relações de poder envolvidas e o que se pode chamar de dispositivo de gênero. Pontua-se que as mudanças no uso do termo gênero que podem ser observadas nos últimos três planos educacionais são importante fonte para desconstruir argumentos naturalizantes no que se refere à sexualidade e gênero. Além disso, os dados achados nas fontes permitem colocar a discussão para além do campo educacional em seu caráter fundamental, qual seja, o dos direitos humanos.

Palavras Chave: (Gênero, políticas públicas, plano nacional de educação.)

LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

DOPING NO ESPORTE: O QUE OS ATLETAS BRASILEIROS UNIVERSITÁRIOS PENSAM SOBRE ISSO?

Matheus de Oliveira Martins, Luis Fernando Gonçalves; Kauan Galvão Morão; Afonso Antonio Machado
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus Rio Claro – DEF-Lepespe
matheus.oliveira80@gmail.com

Introdução: Dentro do esporte de alto rendimento contemporâneo, os meios para a conquista da vitória surgem das mais variadas formas, desde as avançadas tecnologias nos treinamentos, táticas e vestimentas das modalidades, até o uso de novas drogas que possibilitam a melhora do desempenho dos atletas. Nesse universo de possibilidades, o doping aparece como uma problemática atual de grande importância, já que interfere em questões como a ética e o *fair play* esportivo. Na espetacularização do esporte, a mídia surge como peça-chave, tanto na glorificação dos esportistas quando estes alcançam feitos incríveis e quebram recorde, quanto na destruição dos mesmos se flagrados no antidoping ou adotarem condutas éticas de origem duvidosa, por exemplo. A discussão caminha para que o uso dessas substâncias ilegais seja extinto, ao menos quando pensamos nos discursos politicamente corretos e puritanos, haja vista que os que apoiam esse pensamento acreditam que o esporte de alto rendimento deve "sobreviver" sem o uso de tais drogas. Existem também, os que pensam que se as drogas forem bem administradas, de maneira consciente, o desempenho dos atletas seria infinitamente melhor e novos recordes seriam quebrados, novos desafios apareceriam e de certa forma o esporte estaria subindo mais um degrau, pois faria uso de todas as expertises das áreas biomédicas. **Justificava:** A justificativa se dá pelo fato da aproximação dos jogos olímpicos, e pela questão do doping ser recorrente no esporte de alto rendimento, haja vista que as discussões sempre abordam a legalização ou não das drogas que aumentam o desempenho. **Objetivos**: O objetivo do presente estudo é investigar se os atletas universitários da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" do Campus da cidade de Rio Claro, são favoráveis ou não ao uso de drogas que afetem diretamente o desempenho esportivo, sejam elas consideradas doping ou não, e quais seus argumentos para suas respectivas respostas. **Metodologia**: Haverá uma pesquisa bibliográfica com o intuito de obter informações e conhecimentos necessários para entender a temática mais a fundo. Feito isso, será desenvolvida uma pesquisa netnográfica com aplicação de um questionário composto por questões abertas/fechadas por meio do Google Drive. O trabalho fará uso do método qualitativo para análise das respostas, possuindo conteúdo descritivo, pois se trata de um contexto específico, de interesse do pesquisador e também delimitado pelo mesmo. **Resultados Esperados**: Espera-se que os participantes respondam negativamente quando perguntados se usariam drogas que aumentam a performance, adotando um discurso puritano sobre o doping no esporte.

Palavras Chave: Psicologia do Esporte, doping, Esporte Universitário

EFEITO AGUDO DO TREINO DE MARCHA EM ESTEIRA SOBRE A MOBILIDADE FUNCIONAL DE INDIVÍDUOS PARKINSONIANOS

Patrícia de Aguiar Yamada[1], Késia Maísa do Amaral[1], Maira Peloggia Cursino[1], Camilla Zamfolini Hallal[2], Flávia Roberta Faganello Navega[3]
[1]Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro - SP, Brasil
[2]Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, Brasil
[3]Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília - SP, Brasil
pathy_yamada@hotmail.com

Introdução: A doença de Parkinson (DP) é uma doença neurodegenerativa e crônica. A natureza progressiva dos prejuízos motores que os indivíduos acometidos podem apresentar, como tremor de repouso, rigidez, bradicinesia e alterações posturais, podem levar à alterações na mobilidade funcional dos mesmos. A mobilidade reduzida é caracterizada por uma diminuição na capacidade de realizar algumas atividades de vida diária (AVDs), como subir e descer escadas, atravessar a rua, levantar e sentar-se, e, caminhar. A marcha é a AVD mais utilizada e complexa, pois exige uma integração motora, cognitiva e sensorial, associada ao recrutamento da musculatura do tronco, membros superiores e inferiores. Uma das formas de reabilitar a marcha é o treino em esteira, que vem sendo muito utilizado pela repetição contínua da prática do andar, favorecendo a aprendizagem motora da marcha. **Justificativa:** A mobilidade prejudicada leva a anormalidades biomecânicas nos parâmetros da marcha, portanto, torna-se importante a reabilitação desta, visto que a mobilidade funcional quando íntegra garante independência na realização das AVDs. **Objetivo:** Verificar o efeito agudo do treino de marcha em esteira sobre a mobilidade funcional de indivíduos com DP. **Métodos:** Participaram do estudo sete indivíduos do sexo masculino e feminino, com diagnóstico de DP idiopática, classificados nos estágios de I a III da escala de Hoehn e Yahr, nos quais é possível a realização de marcha independente. Foram realizados dois testes que avaliam a mobilidade funcional, nomeados Short Physical Performance Battery (SPPB) e Timed up and go (TUG). Em seguida, os participantes foram submetidos a 30 minutos de treino de marcha em esteira em sua velocidade de preferência. A marcha em esteira foi realizada com o uso de um cinto de segurança para evitar quedas e todos os participantes foram familiarizados ao treino em esteira no dia anterior à coleta. Ao final da sessão, os participantes foram reavaliados. A análise estatística foi realizada pelo teste T pareado e o nível de significância adotado foi de $p<0,05$. **Resultados:** Não foram encontradas diferenças significativas na mobilidade dos indivíduos com DP, tanto no teste SPPB ($p=0,26$) quanto no teste TUG ($p=0,22$) após o treino agudo de marcha em esteira. **Conclusão:** Uma única sessão não influenciou a mobilidade dos indivíduos com DP em nosso estudo. Novos estudos devem ser realizados com a finalidade de verificar o efeito crônico do treino de marcha em esteira sobre a mobilidade funcional de indivíduos com DP.

Palavras Chave: Doença de Parkinson, mobilidade funcional, marcha, esteira ergométrica.

EFEITO AGUDO DO TREINO DE MARCHA EM ESTEIRA SOBRE O COMPRIMENTO DE PASSO DE INDIVÍDUOS PARKINSONIANOS

Késia Maísa do Amara1[l], Patrícia de Aguiar Yamada[1], Maira Peloggia Cursino[1], Camilla Zamfolini Hallal[2], Flávia Roberta Faganello Navega[3].
[1]Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro - SP, Brasil
[2]Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, Brasil
[3]Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília - SP, Brasil
kesinha.m.a@gmail.com

Introdução: A Doença de Parkinson (DP) é uma das doenças neurodegenerativas que mais acarreta distúrbios do movimento em todo mundo. A combinação dos comprometimentos motores da DP resulta em modificações nas variáveis espaço-temporais da marcha, como por exemplo, a diminuição no comprimento de passo. Uma das formas de reabilitação para aprimorar a funcionalidade da marcha é o treino em esteira que vem sendo muito utilizada pela repetição contínua da prática do andar. **Justificativa:** Sendo a marcha um aspecto fundamental para garantir a independência nas atividades de vida diária, a análise da mesma torna-se importante para compreender as variáveis presentes na locomoção e assim fundamentar o tratamento de doenças que comprometem o aparelho locomotor. **Objetivo:** Verificar o efeito agudo do treino de marcha em esteira sobre o comprimento de passo de pacientes com doença de Parkinson. **Métodos:** Participaram do estudo sete indivíduos do sexo masculino e feminino, com diagnóstico de doença de Parkinson idiopática, classificados nos estágios de I a III da escala de Hoehn e Yahr nos quais é possível a realização de marcha independente. A avaliação do comprimento de passo durante a marcha em solo foi realizada antes e após o treino em esteira. Essa avaliação foi realizada em um circuito oval para garantir uma marcha contínua, e evitar alterações no ritmo locomotor. Os participantes caminharam nesse circuito em velocidade de preferência por cinco vezes consecutivas e foram filmados por uma câmera Sony® com frequência de amostragem de 60Hz para que posteriormente os dados de comprimento de passo fossem analisados através de um programa de computador. A marcha em esteira foi realizada com o uso de um cinto de segurança para evitar quedas, e o treino teve duração de 30 minutos. Antes do treino em esteira, os participantes realizaram a seleção da velocidade de preferência e foram familiarizados. A análise estatística foi realizada pelo teste T pareado e o nível de significância adotado foi de $p<0,05$. **Resultados:** Não houve diferença significativa entre o comprimento de passo analisado antes do treino de marcha em esteira e após o treino ($p=0,13$). **Conclusão:** Uma única sessão de treino de marcha em esteira não foi o suficiente para promover aumento significativo no comprimento de passo de indivíduos com doença e Parkinson. Sugerimos estudos que analisem o efeito crônico do treino de marcha em esteira sobre o comprimento de passo de indivíduos parkinsonianos.

Palavras Chave: Parkinsonismo, esteira ergométrica, marcha, comprimento de passo.

EFEITO DA DUPLA TAREFA SOBRE VARIÁVEIS CINÉTICAS DA MARCHA DE IDOSOS SAUDÁVEIS

Késia Maísa do Amaral[1], Patrícia de Aguiar Yamada[1], Manuela Carneiro Arruda Botelho[2], Deborah Hebling Spinoso[1], Flávia Roberta Faganello Navega[2]
[1]Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro - SP, Brasil
[2]Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília - SP, Brasil
kesinha.m.a@gmail.com

Introdução: A marcha pode ser definida como o ato sensório-motor mais realizado nas tarefas cotidianas, necessitando de uma complexa interação dos sistemas motor, sensorial e cognitivo. O processo de envelhecimento, por sua vez, gera distúrbios da marcha em idosos, uma vez que a integridade dos mecanismos posturais para lidar com a instabilidade durante a marcha é degradada com o passar dos anos. A realização da marcha concomitante a outra tarefa motora ou cognitiva, chamada dupla tarefa, tem demonstrado forte relação com a maior propensão a quedas, as quais podem ter consequências potencialmente danosas. A força de reação do solo (FRS) tem sido aplicada com confiabilidade na avaliação da marcha, a fim de demonstrar alterações no padrão de movimento da mesma. **Justificativa:** Sendo esta tarefa fundamental para garantir a independência de um indivíduo, torna-se importante compreender os comportamentos motores atípicos, por meio de variáveis cinéticas, durante a marcha normal e com dupla tarefa de idosos e assim contribuir para nortear condutas fisioterapêuticas funcionalmente efetivas. **Objetivo:** Analisar o efeito da dupla tarefa sobre variáveis cinéticas da marcha de idosos saudáveis. **Metodologia:** Participaram do estudo 10 idosos saudáveis, de ambos os gêneros, com idade média de 68±4,32 anos. A avaliação da marcha foi realizada através de uma plataforma de força AMTI®, com amostragem de 100Hz, acoplada a uma passarela de 7 metros de comprimento. Os participantes foram solicitados a realizar a marcha em 3 diferentes condições: marcha normal, marcha falando ao celular e marcha segurando sacolas com peso igual a 10% do peso corporal. Foi analisado o pico de força de reação do solo (PFRS) durante as fases de toque do calcâneo e propulsão da marcha, esses dados foram normalizados em relação ao peso corporal dos voluntários. Para análise estatística foi utilizado o teste T pareado considerando o valor de $p<0,05$. **Resultados:** Os resultados mostraram diferença significativa durante a marcha com peso, sendo que os valores de PFRS durante o toque e a propulsão foram respectivamente 8,3% e 8,7% ($p=0,0003$) superior à marcha normal. Em relação a marcha falando ao celular, não houve diferença significativa para ambas as variáveis ($p=0,16$). **Conclusão:** Há influência da dupla tarefa sobre a variável cinética PFRS da marcha de idosos saudáveis.

Palavras Chave: Idosos, Marcha, Dupla tarefa, Cinética.

EFEITOS DE UM PROGRAMA DE GINÁSTICA LABORAL: PESQUISA CLÍNICA CONTROLADA E RANDOMIZADA

Diulian Aparecida de Rezende, Império Lombardi Júnior

Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista

diulianrezende@yahoo.com.br

O mundo do trabalho no processo de globalização tem sofrido drásticas transformações ao longo do tempo, sendo este o local onde o ser humano passa uma grande parte da sua vida é de grande relevância que se dê importância a saúde dos colaboradores neste contexto. Os desgastes psicofisiológicos têm gerado diversos malefícios, dentre eles níveis altos de sintomas de estresse e ansiedade. Programas de atividade física no local de trabalho, titulado por ginástica laboral (GL) estão sendo adotados pelas empresas como forma de promover a saúde e qualidade de vida no trabalho. O objetivo deste estudo foi analisar os efeitos de um programa de GL sobre os índices de estresse e ansiedade nos colaboradores de uma empresa de lacticínios. A pesquisa foi realizada com 132 indivíduos que exerciam funções na área de produção do Laticínios Verde Campo, situado em Lavras, Minas Gerais. O estudo foi constituído por dois grupos: Grupo Controle (GC) e o Grupo Intervenção (GI), o programa de GL teve duração de 10 semanas, com aulas três vezes semanais, com duração de 7 a 15 minutos. Ambos os grupos responderam o Inventário de Ansiedade Beck e o Inventário de Sintomas de Estresse de Lipp antes a após a intervenção. Os resultados demonstraram redução do nível de ansiedade e estresse nos colaboradores do GI. Para verificar associação entre as variáveis categóricas de interesse, foi utilizado o teste exato de Fisher, que nos permite afirmar que existe associação entre a variável nível de ansiedade e a variável grupo com valor de p= 0,002 e entre a variável nível do estresse e a variável grupo com valor de p= 0,009 na avaliação pós intervenção. Podemos concluir que o programa de ginástica laboral teve efeito benéfico na redução dos índices de estresse e ansiedade.

Palavras Chave: (Atividade Física, Saúde do trabalhador, Estresse psicológico, Ansiedade)

EFEITOS PSICOLÓGICOS DA GINÁSTICA LABORAL: HÁ AVANÇOS NAS PESQUISAS COM O TEMA DISPONÍVEIS NO PORTAL DA BVS?

Luciana Botelho Ribeiro, Diulian Aparecida de Rezende, Priscila Carneiro Valim-Rogatto

Universidade Estadual Paulista-UNESP

Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP

Universidade Federal de Lavras-UFLA

(lulu_bribeiro@hotmail.com)

No decorrer dos anos as estruturas de trabalho vêm sendo modificadas, gerando uma carga exaustiva e causando um desgaste físico e mental nos trabalhadores. Programas de promoção da saúde no trabalho, como a ginástica laboral, têm sido introduzidos nas empresas como forma de minimizar os malefícios decorrentes da exposição à diversos fatores que compõem o ambiente de trabalho. A Ginástica Laboral é a prática de exercícios realizada de modo coletivo durante o período de trabalho, cujo objetivo é prevenir as doenças ocupacionais e promover o bem-estar do indivíduo. Embora a ginástica laboral tenha sido inicialmente considerada como uma estratégia destinada a lidar com prejuízos físicos decorrentes do excesso ou repetições de movimentos corporais, o objetivo desse estudo foi realizar um levantamento bibliográfico dos artigos publicados sobre o assunto quanto aos efeitos da ginástica laboral especificamente nos aspectos psicológicos dos trabalhadores. A pesquisa adotou como procedimento metodológico a realização de uma revisão bibliográfica dos artigos publicados nos últimos cinco anos disponíveis no Portal da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), utilizando o termo "Ginástica Laboral" como palavra-chave. Foram encontrados 25 artigos, os quais passaram por nova análise de efetiva relação com o tema pretendido, resultando um total de três artigos selecionados para o estudo. De acordo com os resultados dos estudos encontrados, conclui-se que programas de ginástica laboral foram eficazes na redução de níveis de estresse e ansiedade, na melhora da qualidade do sono e do estado positivo de humor. Evidenciou-se a escassez de trabalhos acadêmicos publicados nos periódicos disponíveis no portal referentes à temática tendo a maioria deles como objetivo investigar apenas resposta físicas e fisiológicas, sendo poucos os estudos a analisar os benefícios da ginástica laboral sobre as esferas psicológicas. Salientamos assim a necessidade de novas pesquisas a serem conduzidas com esse foco.

Palavras-Chave: Ginástica Laboral, Saúde do Trabalhador, Benefícios Psicológicos.

EFICÁCIA DE UM PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO SOB O "SENTIR-SE MAIS FORTE" EM PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO

Francieli Pires Barbosa[1], Marcelo Callegari Zanetti[1,2 3], Angela Nogueira Neves Betano Campana[4], Deivison Luis Corrêa[1]
[1]Universidade Paulista, São José do Rio Pardo, Brasil
[2]Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil
[3]LEPESPE/UNESP, Rio Claro, Brasil
[4]EsEFEx - Rio de Janeiro, Brasil
fran_scp@hotmail.com

(Introdução) Mais do que nunca as pessoas estão a procura de adquirir a forma física perfeita, influenciadas pela sociedade que supervaloriza o corpo belo, forte, novo e que é comumente propagado pela mídia. Porém, a busca pelo corpo perfeito e musculoso a qualquer preço deve ser tratada como uma patologia, mas, diagnosticar alguém com vigorexia, que se caracteriza como uma patologia que consiste em uma visão distorcida da imagem corporal, não é tão simples assim. **(Justificativa)** Esse trabalho justifica-se por se tratar de uma temática relativamente nova, além de apresentar grande relevância social e acadêmica. **(Objetivo)** Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi verificar se após um programa de orientação e educação, praticantes de musculação mudariam de opinião em relação a se sentirem mais fortes caso ganhassem mais massa muscular. **(Métodos)** Como proposta metodológica foi aplicado o questionário *Drive for Muscularity Scale* – DMS, e posteriormente realizado o projeto de orientação e educação junto a 82 sujeitos do sexo masculino com idades entre 18 a 35 anos. Este trabalho foi realizado durante 2 meses, sendo uma intervenção semanal, composta por orientações como entrega de panfletos e cartazes expostos nas academias. Ao término da intervenção foi aplicado novamente o mesmo instrumento a fim de se verificar possíveis diferenças. No entanto, neste trabalho foi analisada apenas uma questão contida no instrumento: "Acho que me sentiria mais forte se eu ganhasse um pouco mais de massa muscular". **(Resultados)** Os resultados antes da intervenção indicavam que 22% (19) Nunca se sentiriam mais fortes caso ganhassem um pouco mais de massa muscular; 6,2% (5) Raramente; 15,9% (13) Às vezes; 12,2% (10) Frequentemente; 14,7% (12) Muito frequentemente e 29% (23 pessoas) Sempre. Posteriormente à intervenção, os relatos foram: 25,6% (21) Nunca se sentiriam mais fortes caso ganhem um pouco mais de massa muscular; 15,8% (13) Raramente; 23,2% (19) Às vezes; 13,4% (11) Frequentemente; 13,4% (11) Muito frequentemente e 8,6% (7) Sempre. **(Conclusão)** Após o trabalho de orientação e educação verificamos uma queda nos níveis: Às vezes, Frequentemente, Muito frequentemente e Sempre de "sentir-se mais forte" caso ganhasse mais massa muscular, passando de 71,8% para 58,6%. Assim, percebemos que este trabalho contribuiu de maneira positiva para diminuir tal desejo, que pode ser um dos indícios de uma possível vigorexia em curso. No entanto, é necessário que mais trabalhos como este sejam realizados e que os profissionais estejam preparados para trabalhar com este público.

Palavras Chave: Vigorexia, Massa Muscular, Atividade Física, Programa de Orientação.

EMOÇÕES NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NAS ATIVIDADES DE AVENTURA

Bruno Allan Teixeira da Silva, Valdilene Nogueira, Sheila Aparecida Pereira Santos Silva
Universidade São Judas Tadeu – USJT - Faculdade Piaget - Brasil
allans3@hotmail.com

A disciplina Atividades de Aventura faz parte da formação do profissional de Educação Física. Nela, os alunos vivenciam diversas práticas que incluem atividades terrestres, aéreas e aquáticas. Nessas ocasiões, eles convivem com situações que envolvem riscos e geram incertezas, cujo objetivo é levar o futuro profissional a identificar, analisar e aprender a lidar com essas situações, num processo de aprendizagem e superação. Uma das emoções mais frequentemente enfrentadas é o medo e sua compreensão possui um grande potencial para a promoção do desenvolvimento do ser humano e do ser profissional. O medo costuma estar presente em todas as práticas de aventura, nas manobras, nas situações de instabilidade, nas acrobacias, no deparar-se com paisagens e lugares desconhecidos ou pouco explorados. Passar por estas situações pode proporcionar um aglutinado de mecanismos que costumam proporcionar um maior conhecimento de si próprio, como também dos demais sujeitos envolvidos na experiência. Neste trabalho, relataremos as reações de alunos de um curso de licenciatura em Educação Física durante as práticas realizadas no interior da disciplina de Atividades de Aventura e discutiremos suas relações com uma formação profissional ampla e contextualizada, suas relações com a escola e com as possibilidades específicas de atuação no mercado de trabalho ligado a estas atividades. Em geral, durante as aulas práticas, muitos alunos observam, anotam e demonstram medo de passar por diversas situações. O professor e os colegas estimulam a participação e oferecem algum tipo de proteção e segurança que culminam em levar à superação do medo e proporcionam autoconhecimento. Alguns expressam encantamento pela descoberta de uma nova área de atuação profissional e de atividade pessoal de lazer. Muitos, estimulados pelos desafios enfrentados durante a disciplina, começam a praticar e a se capacitar fora da universidade. As atividades de aventura que antes constituíam um mundo desconhecido, mostram-lhes que são capazes de conquistar algo, experimentam sensações e emoções jamais sentidas em suas vidas, convivem diretamente com risco, e aprendem a controlá-lo e apreciá-lo como um fator promotor de desenvolvimento pessoal e social. Nessas vivências constatam-se os dois movimentos: o de procura e o de recuo, mencionados por Antônio Damásio, O movimento de procura caracteriza-se pela busca do desconhecido, de sentimentos que nunca foram explorados como o medo extremo e o prazer de controla-lo e supera-lo. O movimento de recuo é caracterizado pelas emoções quando são vistas de forma negativa (o medo, tristeza e angustia) e o sujeito não consegue lidar com elas e seguir adiante. As vivências proporcionadas na disciplina Atividades de Aventura permitem que o futuro profissional se depare tanto com a procura, quanto com o recuo, tentando aprender, estudar e pesquisar situações de risco. Por se tratar de uma disciplina recentemente incluída na formação profissional, extas experiências didáticas e seu impacto no desenvolvimento pessoal dos alunos devam ser objeto de muitas investigações.

Palavras Chave: Medo, Emoções, Formação Profissional

EMOTIONAL VARIATIONS IN ELITE FEMALE BASKETBALL PLAYERS DURING INTERNATIONAL COMPETITIONS

Renan Felipe Correia[1], Clóvis R.R. Haddad[1], Júlia Barreira[1], Paula T. Fernandes[2]
[1]Masters in Physical Education Program – Faculty of Physical Education, State University of Campinas (UNICAMP)
[2]Professor of Department of Sport Science - Faculty of Physical Education, State University of Campinas (UNICAMP)
renanfcorreia@gmail.com

INTRODUCTION: There is vast interest on the correlates between athletic performance and athletes' emotional answers and adaptations to training and competition stimuli. Sports Psychology, an interdisciplinary area with knowledge common to the areas of psychology and physical education, among others, offers tools to study this specific question and many more. Among various sports modalities, basketball raises scientific interest due to its game dynamics. **OBJECTIVES:** To asses the emotional variation in the athletes of the Brazilian Adult Female National Basketball Team, during different periods of training for the 34th FIBA South American Championships and 2014 FIBA World Cup. **METHODS:** Three questionnaires were used for data collection during this study: RESTQ-76 (Recovery-Stress Questionnaire for Athletes), POMS (Profile of Mood States Questionnaire) and DALDA (Daily Analysis of Life Demands in Athletes). Seven samples were collected during a four month span and analyzed using one-tail ANOVA. **RESULTS:** Nineteen athletes participated in the study: Age $\bar{x}$ 24 years (SD = ±4.55 years), height $\bar{x}$ 1.82m (SD = ±0.08m), and national team basketball experience $\bar{x}$ 3.68 years (SD = ±4.25 years). On the RESTQ-76, significant statistical difference ($p<0.05$) was only found on only four of its 18 subscales during the study: Lack of Energy, Somatic Complaints, Somatic Relaxation, and Physical Fitness. On the POMS, the athletes displayed the iceberg profile and significant statistical difference was only found in two of its seven subscales: Total Mood Disturbance and Fatigue. On the DALDA, no significant statistical difference was found in any of the subscales. In all, on the 33 subscales investigated (23 in the RESTQ-76, seven in the POMS, and three in the DALDA) only six showed significant statistical difference during the period investigated. **CONCLUSION**: These results show that the athletes suffered no emotional variations during the different phases of physical training for the competitions in question. These results can be explained by the possibility that these athletes engage in emotional coping mechanisms optimally during these training periods.

Keywords: Emotional Variations, Sports Psychology, Basketball, Exercise.

ENTRE A "PRATA DA CASA" E O "OURO IMPORTADO": REFLEXÕES SOBRE EQUIPES EM JOGOS REGIONAIS

Rafael Castro Kocian [1], Rubens Venditti Junior[2]
[1]GEPPEM / IFSULDEMINAS-campus Muzambinho, [2]GEPPEM /UNESP-Bauru
rafaelkocian@gmail.com

Anualmente, o Estado de São Paulo promove, através da Secretaria de Esportes, Lazer Juventude (SELJ), os Jogos Regionais (JR), que acontecem em oito regiões diferentes. O evento é dividido em primeira e segunda divisão, com 22 modalidades esportivas e prevê classificação para os Jogos Abertos do Interior (JAI), que reúne campeões das modalidades de cada região. Dados da SELJ mostram que 40 mil atletas participam dos JR. O objetivo do trabalho foi promover uma reflexão sobre como as equipes participantes dos JR são montadas para o evento. O trabalho justifica-se na tentativa de compreender se o objetivo geral dos JR, que é desenvolver o esporte nos municípios, é cumprido. Trabalhamos com pesquisa qualitativa utilizando questionários e observação de campo. Entrevistamos atletas, treinadores e torcedores e observamos espaços de competição dos JR ocorridos em São José do Rio Pardo/SP. Ao analisar os dados, categorizamos os resultados em dois grupos: "prata da casa" e "ouro importado", expressões que apareceram nas respostas dos entrevistados. O grupo "prata da casa" é caracterizado pelo esforço das equipes em produzir seus próprios atletas, ou seja, através de equipes permanentes e treinamentos constantes com jogadores nascidos ou moradores das cidades em questão. Algumas respostas evidenciaram a valorização do processo em detrimento do produto, mas cabe destacar que "pratas da casa" podem render bons resultados. Ainda nesse grupo, chamou atenção um jogo de voleibol onde a torcida local dividiu-se para torcer por outro município, justamente devido ao fato de atletas locais não terem espaço para jogar pelo próprio município, repleto de jogadores contratados, e migrarem para competir pelo município vizinho. O grupo "ouro importado" caracteriza-se pela montagem de equipes através de jogadores contratados de outras cidades, estados e países, visando garantir uma boa colocação na disputa, ou seja, a meta é apenas o resultado e destaque no posicionamento da equipe. Respostas desse grupo apontam que o sucesso na competição pode motivar jovens do município a iniciar o esporte, ficando clara a valorização do produto em detrimento do processo. Nesse grupo, chamou atenção algumas manifestações da torcida local com cantos de "muito orgulho e muito amor" para equipes com todos jogadores contratados de fora do município. Ao término do trabalho concluímos que é necessária reflexão e debate em cada município para deliberar qual caminho optar para o desenvolvimento do esporte. Espera-se também que a SELJ reflita se de fato os JR cumprem o papel a que se propõem.

Palavras-chave: Esporte; Jogos Regionais; Torcida; Estados Emocionais; Motivação.

ESPORTE ADAPTADO, INCLUSÃO E ELEGIBILIDADE NO BRASIL

Sheila Molchansky, Patrícia Maíra Paranhos, Edison Duarte, Paula Teixeira Fernandes

UNICAMP (Faculdade de Educação Física), Campinas, São Paulo, Brasil

smolchansky@hotmail.com

O estudo apresenta uma análise reflexiva abordando os conceitos: esporte adaptado, inclusão e elegibilidade. Esta análise foi possível em função de vivências práticas desenvolvidas com as modalidades esportivas adaptadas do projeto de extensão da Universidade Estadual de Campinas. Os três conceitos propostos parecem se correlacionar de modo não linear, e ao mesmo tempo dialético, pois não acontecem isoladamente e sim de modo interdependente. Para um atleta praticar uma modalidade esportiva adaptada, ele necessariamente precisa ser elegível para esta, e muitas vezes (nos casos de deficiência adquirida), busca no esporte uma forma de inclusão e de releitura de vida, entretanto a prática mostra que nem sempre um atleta pode pertencer às modalidades com as quais ele se identifica, pois dependendo de sua deficiência ou comprometimento neuromotor, ele se enquadra ou não nos requisitos mínimos de determinada modalidade. Como foco do trabalho, pretendeu-se discutir como estes conceitos parecem se intercomunicar através do viés da psicologia do esporte. A pluralidade do esporte para Bento (2006, p. 28) "[...] é hoje sustentada por um enorme crescimento e alargamento dos seus cenários, modelos e formas, dos seus sentidos e fins, das causas e motivos e das pessoas e grupos que o praticam". Sendo assim, cabe questionar o quanto modalidades esportivas adaptadas tem um papel inclusivo, em função das normatizações inerentes à elegibilidade.

Palavras Chave: Elegibilidade, Esporte, Inclusão.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

ESTADOS DE EMOÇÃO NO DISCURSO DE TEXTOS DIGITAIS

Carlos Alexandre Molina Noccioli
Rafael Castro Kocian
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas – Câmpus Muzambinho
carlos.noccioli@muz.ifsuldeminas.edu.br

Acredita-se que toda forma de expressão humana é carregada de sentimentos e estados emocionais, seja em danças, pinturas, interpretações teatrais, músicas, práticas esportivas, seja em textos. Este trabalho pretende analisar traços de *emoção/afetividade* no discurso em *e-mails*, buscando-se as marcas textuais que traduzam uma intenção afetiva. Como embasamento teórico, foram levantados estudos que envolvem a questão da subjetividade no discurso, identificáveis por meio de marcas formais; gêneros discursivos; e relação emoção/discurso. O grau de informalidade, bem como os recursos linguísticos utilizados nesse tipo de mensagem, nomeadamente textos da esfera digital, motivaram-nos a fazer uma análise discursiva em *e-mails*. Não obstante o caráter informal do gênero "*e-mail* pessoal", pôde-se evidenciar, no caso específico avaliado, elaboradas estratégias textuais a fim de se obter uma persuasão ante o interlocutor da mensagem. Esses recursos justificam a necessidade deste tipo de investigação, já que as estratégias linguístico-discursivas analisadas demonstram considerável potencial argumentativo e, consequentemente, interesse aos estudos do discurso. Como objetivo geral, este trabalho visa discorrer sobre o gênero *e-mail* bem como sobre as marcas formais que direcionam inferências acerca do processo argumentativo. Designa-se de modo específico o objetivo de analisar marcas formais que apontam traços de *afetividade* em *e-mails* de uma aluna de Ensino Médio e, com isso, refletir sobre algumas estratégias argumentativas utilizadas por ela que permitem identificá-las como traços de *emoção*. Como método da pesquisa, estabeleceram-se três *e-mails* para compor o *corpus* da análise. A partir disso, por meio do aporte teóricos da Análise do Discurso, identificaram-se as marcas formais que indicassem o traço *emoção* – em particular, a *afetividade* – com intuito de inter-relacionar os aspectos linguísticos à ideologia, ou intenção enunciativa, de seu emissor. Realizou-se, para tanto, uma pesquisa bibliográfica, a fim de que se obtivesse um fundamento teórico, levando-se em conta estudos sobre a subjetividade no discurso e a relação *emoção*/discurso. Como resultados foram vislumbrados aspectos relativos à *emoção/afetividade*, buscando-se as marcas textuais que traduziam uma ideologia. Essa ideologia, no caso analisado, indicava uma possível intenção, por parte da aluna, para além das relações profissionais identificadas nos papeis sociais mais tradicionalmente atribuídos a professores e alunos. Nesse sentido, as marcas formais avaliadas apontam que os textos estão permeados de *insinuações* que partem do emissor dos e-mails.

Palavras Chave: Expressividade, Tecnologias, Linguagem, Discurso, Estados Emocionais

ESTADOS DE HUMOR, EXERGAMES E ATIVIDADE FÍSICA

Fernanda C. Pereira, Adriane B. S. Serapião

Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Rio Claro
fernanda@rc.unesp.br

Devido a uma grande preocupação com relação ao sedentarismo, obesidade e os riscos que estes processos causam à saúde das pessoas, associada ao grande número de usuários de jogos virtuais, os benefícios dos jogos conhecidos como *exergames* vêm sendo discutidos com maior frequência. O presente estudo vem contribuir no aprofundamento da temática envolvendo jogos eletrônicos e contexto esportivo, dando enfoque na utilização dos *exergames* como ferramenta motivacional que estimule a melhora dos estados de humor. Participaram do estudo 5 voluntários, sendo 4 do gênero feminino e 1 do gênero masculino, com idade média de 22 anos (±1). O instrumento utilizado para coleta de dados foi o POMS (*Profile Of Mood States*), questionário composto de 42 estados de ânimo. Foram realizadas quatro sessões de intervenção de 40 minutos com *exergames*, e aplicação do POMS pré e pós intervenção. Para a prática dos *exergames* foi utilizada uma Tv LED Sony 32", um *Microsoft Xbox360*® com *Kinect*® e os seguintes jogos: *Kinect Sports, Motion Sports Adrenaline, Kinect Sports Freedom, Michael Phelps Push The Limit, Dance Central 3 e Just Dance 2015.* Os valores foram expressos em média das amostras dos indivíduos por dia de treinamento. Para análise estatística foi verificada a normalidade da distribuição dos dados utilizando o teste de Shapiro-Wilk. Foi utilizado o teste t-student para amostras pareadas, e o nível de significância foi estabelecido em 5%, Para realização do tratamento estatístico foi utilizado o ambiente MatLab (versão 8.2 - MathWorks, Inc.). Os resultados apontaram diferença significativa nos componentes Depressão (p= 0,074) e Confusão (p= 0,171) quando comparados os valores médios pré e pós intervenção com Exergames. Analisando os valores médios de percentual de aumento ou diminuição ao longo dos dias de treinamento, verificou-se que a Tensão, Depressão, Raiva/Humor e Confusão reduziram em 45,9%, 83,9%, 92,9% e 15,1%, respectivamente, enquanto o Vigor e a Fadiga aumentaram em 46,3% e 50%, respectivamente. Os resultados do presente estudo corroboram com estudos prévios que salientam os benefícios potenciais dos jogos eletrônicos no âmbito da promoção de hábitos saudáveis, na prática de atividades físicas e na melhora de estados de humor. Diante do exposto, os resultados parecem indicar que os *exergames* podem contribuir na melhora dos estados de humor de seus praticantes.

Palavras-chave: Exergames, Estados Emocionais, Atividade Física, Tecnologia.

ESTRATÉGIAS DE *COPING* EM ATLETAS PARALÍMPICAS

Rafaela Bertoldi, Eduardo Klein Carmona, Tuany Defaveri Begossi, Ester Liberato Pereira, Janice Zarpellon Mazo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

rafaelapsicologia@hotmail.com

Em uma perspectiva cognitivista, Lazarus e Folkman (1984) definem *coping* como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais realizados pelo indivíduo com a finalidade de lidar com as demandas (internas e/ou externas) que sobrecarregam ou excedem seus recursos pessoais. O objetivo deste estudo foi investigar como atletas brasileiras deficientes visuais lidaram com eventos de vida, visando compreender melhor o processo de *coping*. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as quatro únicas atletas brasileiras deficientes visuais que participaram das competições de atletismo nos Jogos Paralímpicos de 1988, em Seul (Coréia do Sul). Utilizando-se a metodologia da História Oral (Alberti, 1989; 2010), foram gravadas e transcritas entrevistas, as quais foram analisadas segundo o método da análise de conteúdo. Cuidados éticos foram observados, de maneira que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, sob o número 27331. Os resultados deste estudo produziram categorias que indicam as estratégias mais utilizadas pelas atletas paralímpicas, permitindo uma maior compreensão dos processos cognitivos utilizados frente a situações estressantes. As categorias identificadas foram as seguintes: estratégias de apoio social e de ação direta. Os dados permitiram concluir que as atletas paralímpicas utilizaram tais estratégias a fim de aliviarem a tensão oriunda da própria competição.

Palavras Chave: Estratégias de *coping*, Atletas paralímpicas, Deficientes visuais.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Humano e Tecnologias
IV Congresso Nacional e VII Seminário de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança

ESTRESSE E *COPING* NO GOLFE: UMA ANÁLISE DE ATLETAS INICIANTES

André Aroni[1], Oscar Gutierrez[2], Guilherme Bagni[1], Kauan Morão[1], Afonso Machado[1]
[1]Universidade Estadual Paulista - Brasil / [2]Florida State University - Tallahassee/USA
Email: andre-aroni@hotmail.com

INTRODUÇÃO O aumento na exigência competitiva dos últimos anos resultou numa maior exposição dos atletas às situações de estresse, assim, tornou-se fundamental entender esse fenômeno e o modo como os atletas se adaptam aos elementos estressores. Seguindo esta perspectiva, uma das propostas mais conhecidas e aceitas pela comunidade cientifica refere-se ao Modelo Transacional Cognitivo, Motivacional e Relacional (LAZARUS, 1991; LAZARUS; FOLKMAN, 1984). De acordo com o modelo, o estudo do modo como as pessoas reagem as situações de adaptação e de estresse, deve ser visto como um processo psicológico onde intervêm fatores cognitivos, motivacionais e relacionais. **OBJETIVO** O objetivo desse estudo foi verificar o processo de adaptação de golfistas ao contexto esportivo. **MÉTODO** Os participantes da pesquisa foram onze jogadores de golfe (dez do gênero masculino e um do feminino), com idade entre vinte e dois e setenta e dois anos [M = 47.36; DP = 14.73], e *handicap* estimado entre vinte e três e quarenta e dois pontos [M = 29.82; DP = 5.98], podendo ser considerados iniciantes. Como instrumento, utilizamos o guia de 'Entrevista de Avaliação Psicológica de Atletas - Gestão do *Stress*', desenvolvido por Gomes (2011) e baseado no modelo Transacional de Lazarus (1991) e Lazarus e Folkman (1984). As entrevistas foram realizadas numa data pré-estabelecida com cada golfista, de forma individual. Para a recolha dos dados, seguiu-se uma lógica de análise de incidentes críticos. Para a análise dos dados adotamos a análise de conteúdo. **RESULTADOS E DISCUSSÃO** Quanto as fontes de estresse, os atletas relataram problemas relacionados com os seguintes aspectos: erros técnicos gerais; medo de executar o movimento correto após um erro; adversários que falam, opinam ou pressionam durante o jogo; adversários lentos no grupo da frente; jogar dentro das bancas de areia. Com relação ao *coping*, e segundo a classificação de Balbinotti et al. (2013), dez jogadores utilizaram estratégias de aproximação centradas essencialmente na ação direta e autocontrole (ex. aumentar a concentração, manter ou reiniciar a rotina e usar pensamentos positivos), o outro jogador não conseguiu definir que tipo de estratégia adota para enfrentar as situações. **CONCLUSÕES** Como já esperado, e por se tratar de golfistas iniciantes, os erros técnicos apareceram como as maiores fontes de estresse. Contudo, o fato de procurarem enfrentar os problemas (*coping*) de forma positiva, mostra o bom potencial de evolução dentro do esporte, por ser desejável que atletas utilizem estratégias de aproximação.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano; Tecnologias; Estresse; *Coping;* Golfe.

ESTRESSE E ENVELHECIMENTO

Narayana de Deus Nogueira Bregagnoli, Elisângela Silva, Tamires Fernanda da Silva, Camila Leite Nogueira, Felipe César de Morais Rocha
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Câmpus Muzambinho
narayana.nogueira@muz.ifsuldeminas.edu.br

O estresse é uma resposta psicológica adaptativa dos indivíduos a uma determinada demanda interna ou externa a ele, sendo o evento estressor o fator desencadeador da ativação desta resposta e reação ao estresse ao conjunto de fenômenos mobilizados pelo organismo. Sabe-se que situações em que um importante aspecto de auto identidade de uma pessoa pode ser negativamente julgado pelos outros, são capazes de desencadear a liberação de hormônios associados ao estresse e que a exposição prolongada ao efeito estressor pode comprometer a saúde do indivíduo. O processo de envelhecimento é considerado uma situação nova e imprevisível, na qual temos pouco ou nenhum controle, além de que na maioria das vezes esta é apresentada como concepção social negativa, tornando-nos vulnerável a percepção de uma auto identidade ameaçada pelo julgamento negativo dos outros. Diante destas informações este estudo visa comparar os níveis de estresse de mulheres em faixas etárias distintas. A amostra foi composta por 36 mulheres inscritas no Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) - Vida Saudável do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Câmpus Muzambinho em parceria com o Ministério do Esporte. Estas mulheres foram divididas em dois grupos: G45 - faixa etária de 45 a 59 anos (53,9±5,3 anos); G60 - faixa etária de 60 a 75 ano (67,3±3,7 anos). Ambos os grupos foram constituídos por 18 sujeitos. Para determinação do nível de estresse foi utilizada a Escala de Estresse Percebido (PSS-10) de Cohen et al. (1983) adaptada por Luft et al. (2007). Para análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva, teste de Shapiro Wilk para verificação da normalidade e o teste de t de Student para amostras independentes no SPSS 21. Após análise dos dados foi possível identificar as mulheres do G45 apresentaram valores significativamente maiores de estresse que o G60 para $p<0,01$, sendo eles: G45 - 16,2±5,4 e G60 - 11,3±3,9. Ao final deste estudo identificou-se que as mulheres desta amostra que se encontravam em uma faixa etária mais elevada apresentaram níveis mais baixos de estresse contradizendo alguns pesquisadores do assunto.

Palavras Chave: Estresse, Envelhecimento, Mulheres.

ESTRESSE E PADRÕES ALIMENTARES DISFUNCIONAIS EM BAILARINOS

Renan de Morais Afonso, Andressa Melina Becker da Silva**, Bruna Faustino Antunes Ferreira, Bruna Neves Gonçalves, Sônia Regina Fiorim Enumo****
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas
renan_afonso18@hotmail.com

O contexto da dança expõe bailarinos a diversas situações de estresse, como as altas cargas de treinamento e as exigências de um perfil corporal magro, que podem levá-los a deixar a alimentação em segundo plano, com padrões alimentares prejudiciais à saúde. Para estudar essa relação entre padrões alimentares e estresse percebido em bailarinos, foi conduzido este estudo com 56 bailarinos (mulheres = 87,50%), com idade entre 12 e 34 anos (M = 17,64; ± 4,53), avaliados durante o Festival de Dança de Joinville, que tem nível internacional. Foi aplicado individualmente o Eating Atittudes Test (EAT-26), que avalia o comportamento alimentar, sendo subdividido em três subscalas: Fator Bulimia, Fator Dieta e Controle Oral. As pontuações acima de 20 nesta escala são consideradas padrões alimentares anormais e indicam risco para transtornos alimentares. Foi aplicada também a Escala de Estresse Percebido, com 10 questões, que compara a população norte-americana e brasileira, indicando se o indivíduo está abaixo ou acima da média. Os dados foram analisados no software estatístico SPSS, com base em estatística descritiva e inferencial (Correlação de Spearman e Kruskall-Wallis, com um nível de significância de $p \leq 0,05$, considerando a não normalidade e homogeneidade dos dados observada pelos testes Kolmogorov-Smirnov e Levene). A maioria dos bailarinos (n = 42; 75%) apresentou um padrão alimentar normal, e 14 (25%) tiveram um padrão alimentar anormal. Os escores de estresse variaram de 19 a 59 (M = 37,68; ± 8,44), sendo que 54 bailarinos (96,40%) estavam com estresse acima da população norte-americana e brasileira. O teste de Kruskall-Wallis mostrou que não houve relações significativas entre padrão alimentar e estresse ($p = 0,348$), nem para idade ($p = 0,985$) ou para o sexo ($p = 0,488$). A Correlação de Spearman também não resultou em relações significativas. Observou-se que, embora a amostra analisada não apresentasse relação significativa entre padrão alimentar anormal e estresse, pode-se considerar que esta é uma população de risco, já que os escores de estresse apresentaram-se maiores que as da população norte-americana e brasileira, e o padrão alimentar anormal foi significativamente alto (25%). Esses dados devem ser considerados com maior atenção para que possam ser desenvolvidas intervenções com essa população.

Palavras Chave: Dança; Estresse; Comportamento alimentar; Psicologia do esporte.

Apoio financeiro: CAPES (bolsa de doutorado**), CNPq (bolsa de iniciação científica* e de produtividade em pesquisa***).

ESTRESSE: INFLUÊNCIA DA GINÁSTICA LABORAL

Daniela Gomes Martins Bueno, Stefani Aparecida Marcolino dos Reis, Januária Andréa Souza Rezende, Narayana de Deus Nogueira Bregagnoli, Elisângela Silva.
Instituto Federal do Sul de Minas Gerais- Câmpus Muzambinho
daniela.bueno@ifsuldeminas.edu.br

O estresse surge quando as exigências diárias ultrapassam os recursos ou capacidade do trabalhador, proporcionando várias respostas emocionais, comportamentais e fisiológicas e diminuindo a qualidade de vida e saúde do trabalhador. Por sua vez, a Ginástica Laboral (GL) tem como objetivo quebrar a rotina monótona da jornada de trabalho, proporcionando uma melhora nos aspectos fisiológicos, psicológicos e interpessoais dos trabalhadores. O objetivo do estudo foi conhecer o nível de estresse de dois grupos de funcionários públicos. A amostra foi composta por 59 servidores técnicos administrativos do sexo feminino e masculino do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, divididos em dois grupos: grupo que participa das atividades de GL do projeto de Extensão "LaborVip"(CGL), composto por 38 sujeitos (34,5±9,6 anos) e o grupo que não participa das atividades da ginástica laboral (SGL), constituído de 21 indivíduos (35,2±9,9 anos). O grupo CGL participa de sessões de segunda a sexta-feira com 15 minutos de duração. Para determinação do nível de estresse foi utilizado o Questionário Escala de Percepção de Estresse 10 (EPS-10) (COHEN et.al.,1983). Os dados foram analisados através da estatística descritiva no SPSS 21. A análise do EPS-10 foi realizada de acordo com a faixa etária. Dentre os sujeitos da faixa etária de 45-54 anos pode-se verificar que 38% dos indivíduos do grupo CGL apresentaram níveis elevados de estresse, enquanto que no grupo SGL, 40% obteve o mesmo resultado. Os sujeitos que apresentaram baixo nível de estresse nesta faixa etária representaram 62% para CGL e 60% para SGL. Para os servidores de 30-44 anos foi observado um total de 63% e 86% classificados com alto estresse para os grupos CGL e SGL respectivamente. Para estes indivíduos ainda foi possível verificar um quantitativo de 37% com baixo estresse para o grupo CGL e de apenas 14% para o grupo SGL. Em relação ao grupo com a idade entre 18-29 anos identificou-se que 60% de sujeitos do grupo CGL estavam com alto nível de estresse e 40% com baixo nível de estresse, enquanto que para o grupo SGL, 45% dos trabalhadores apresentavam alto nível de estresse e os demais 55% apresentam níveis de estresse considerados baixos. Ao final deste estudo pode-se observar um percentual inferior de estresse elevado dentre sujeitos que participam das sessões de GL quando comparados com os servidores que não participam das atividades da GL nas faixas etárias de 45-54 anos e de 30-44 anos.

Palavras Chave: estresse, ginástica laboral, trabalhadores.

ESTUDOS SOBRE YOGA E IDOSOS

Carine Cassiane Rubira Mauricio, Ana Claúdia Gomes de Amorim Pinto, Silvia Deutsch
Departamento de Educação Física – Instituto de Biociências – Unesp – Campus Rio Claro
cassiane.carine@gmail.com

Yoga é uma prática corporal e espiritual originaria da Índia, cada vez mais difundida no ocidente. Vem ganhando espaço de uma forma cada vez maior, chamando a atenção de praticantes e pesquisadores.Contudo, as pesquisas com o yoga, ainda são poucas e não muito difundidas no meio cientifico. Nota-se ainda que pesquisas envolvendo os benefícios da prática do yoga para idosos, são ainda menos frequentes.Este trabalho tem como objetivo fazer um levantamento dos estudos científicos que relacionam diretamente os assuntos Yoga e Idosos nos últimos dez anos. Para obtenção dos resultados, foi feito um levantamento dos estudos científicos no período de 2004-2014 no banco de dados P@rthernon da rede de bibliotecas da UNESP, e também com a ferramenta de busca do Google Acadêmico. As palavras chaves usadas para pesquisa foram: yoga, idosos, seniors e elderly. Foram encontrados 27 estudos dentro deste perfil, sendo 12 nacionais e 15 internacionais. Observou-se que três são os aspectos mais estudados pelos pesquisadores: o físico, o social e o psicológico. Em alguns casos, o mesmo estudo abordou mais de uma categoria. Assim entre os resultados apresentados 81,4% dos trabalhos sobre Yoga dão ênfase aos aspectos físicos dos idosos, 29,6% aos aspectos psicológicos, e 22,2% anos aspectos sociais. De acordo com os resultados, foi possível observar que no período de 10 anos, nestes bancos de dados, a quantidade de trabalhos nacionais apresentados foi em menor quantidade que os internacionais, e que o aspecto físico é o que mais desperta o interesse dos pesquisadores. Portanto, estudos envolvendo os temas Idosos e Yoga merecem mais atenção, e vale maior investimento não apenas no aspecto físico, mas também nos aspectos psicológico e social.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Palavras Chave: Yoga, pesquisas, idosos.

EXPERTISE NO HANDEBOL: ESTUDO COM ATLETAS DA CATEGORIA SUB 16

Deivison Luis Corrêa[1], Marcelo Callegari Zanetti[1,2,3], Francieli Pires Barbosa[1]
[1]Universidade Paulista, São José do Rio Pardo, Brasil
[2]Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil
[3]LEPESPE/ UNESP, Rio Claro, Brasil
deivincorrea@gmail.com

(Introdução) A excelência no desporto parece estar associada a habilidades inatas, talentos, elevadas competências intelectuais, expertise e rendimento perito. Porém, a abordagem da expertise no desporto está altamente atrelada ao alcance da excelência, mesmo que somente uma pequena parte consiga. Para alcançar esse nível, faz-se necessária uma preparação intensa para que o indivíduo aumente o desempenho na modalidade ao qual está inserido, supervisionado pelo técnico e amparado de conhecimentos e meios necessários para o pleno desenvolvimento do atleta. **(Justificativa)** Esse estudo justifica-se pela necessidade de melhor entender propostas de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT),bem como a caracterização da expertise no handebol. **(Objetivo)** O objetivo do presente estudo foi investigar por meio de filmagem possíveis ações *experts* realizadas por atletas no jogo de handebol. **(Métodos)** Participaram da pesquisa 07 atletas da categoria sub 16 da cidade de Santa Cruz das Palmeiras-SP. A equipe estava participando do Campeonato Regional de Handebol da cidade de São José do Rio Pardo-SP, onde foi realizada a coleta de dados. Como procedimento metodológico, foi filmado 01 jogo, que posteriormente foi assistido para a realização do *scoout*, buscando principalmente características que levam um atleta a se destacar do restante de sua equipe. Utilizou-se uma escala decrescente de nota 10 a 0 com todos os atletas que participaram do jogo, atribuindo notas aos atletas desde o que obteve o maior número em tal fundamento, até aquele que obteve o menor número. **(Resultados)** Após a análise da filmagem e realização do *scoout* verificou-se pontos marcantes referentes a alguns jogadores da categoria citada. Seguindo a escala decrescente de 10 a 0 levando em consideração os fundamentos e penalidades: passe, recepção, tiro dos 9 metros, ataque, defesa, ritmo trifásico, tiro dos 7 metros, constatou-se que o Atleta 02, apresentou 9,8 de ataque e 10 de defesa. Mesmo levando uma penalidade de 2 minutos, esse atleta manteve uma distância significativa do atleta 05 que obteve 8,9 de ataque e 9,0 de defesa. **(Conclusão)** Cabe salientar que somente por meio de um jogo de handebol, não é possível definir o atleta *expert*, mas sim, aquele que mais se diferencia nos fundamentos que compõem o jogo.Através do método utilizado, consegue-se investigar as possíveis ações *experts* que um atleta apresenta desde a aleatoriedade nos fundamentos e penalidades, bem como, a troca de posições que o mesmo apresentou em relação ao resto da equipe. Pensar expertise também requer meios adequados de ensino-aprendizagam-treinamento(EAT).

Palavras Chave: (Handebol, Expertise, Psicologia do Esporte.)

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFTM – CAMINHOS E CONSOLIDAÇÃO COM A DANÇA

Skarlet Chayene Salinas Campos, Michele Viviene Carbinatto

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Universidade de São Paulo
ska_chayene@hotmail.com, mcarbinatto@yahoo.com.br

O ambiente universitário não é somente o local da veiculação dos conhecimentos produzidos, mas também tem a função de produzir e ampliar o acesso aos conhecimentos a maior parte das pessoas, locais e espaços. Por este motivo, considera-se universidade como a instituição em que o ensino, a pesquisa e a extensão são incentivadas e exploradas. Por sua vez, a relação entre a universidade e a área artística não deixa de ser recente na história da humanidade e coincide com as transformações educacionais em várias partes do mundo no século XX. No presente trabalho, focamos nossa atenção ao estudo das ações extensionistas relativas a dança- considerada como fenômeno artístico- em uma universidade federal do interior do estado de Minas Gerais. Por meio da pesquisa qualitativa do tipo documental, foram observadas as frequências de ações nas diferentes temáticas e modalidades proposto pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão Universitária no Brasil. Como resultados encontramos: a. os trabalhos relacionados a dança foram desenvolvidos a partir de 2010, coincidentemente pela contratação de um docente da área- também coordenador dos mesmos; b. houve uma crescente do número de ações, mas todos vinculados quase exclusivamente a um mesmo docente e que trata o conteúdo em uma das disciplinas no curso de EF. Estes dados podem nos apontar ao fato de que há uma coerência entre tipo de projeto e coordenação (ambos da mesma área), porém à preocupação da não inserção da dança em outros projetos da universidade, sobretudo os interdisciplinares e interunidades. Se os trabalhos com a dança ou outros aspectos da arte forem desenvolvidos apenas com os profissionais diretamente ligados a área, a universidade pesquisada dificilmente ampliará as formas de linguagem e de acesso a uma manifestação artística, visto que, dos cursos de formação oferecidos, apenas um deles oferece uma disciplina específica no assunto.

Palavras-chave: Arte.Dança.Educação Física.Extensão Universitária.Universidade.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

FATORES MOTIVACIONAIS PARA A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA EM IDOSAS ATIVAS

Daniela Ambrósio de Almeida[1], Leticia Aparecida Calderão Sposito[1], Camilla Lie Higa[1], Priscila Missaki Nakamura[1,2], Eduardo Kokubun[1].
[1-]Núcleo de atividade física, esporte e saúde- NAFES- Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"- UNESP Rio Claro
[2-]IFSULDEMINAS-Campus Muzambinho
daniambrosio15@gmail.com

Introdução: A população idosa no Brasil vem crescendo consideravelmente, dados do IBGE estimam que em 20 anos esse grupo triplicará, passando dos 22,9 milhões em 2014, para 88,6 milhões em 2034. A atividade física nessa faixa etária é de suma importância para a manutenção das capacidades físicas, funcionais e cognitivas e para a diminuição dos efeitos do processo de envelhecimento, que atrelados a um estilo de vida sedentário pode acarretar doenças e uma má qualidade de vida. Sabendo dessa importância é necessário fidelizar os idosos aos programas regulares de atividade física.
Justificativa: Devido à alta desistência de idosos em programas de atividade física é importante identificar o perfil motivacional dos idosos que realizam atividade física com a finalidade de elaborar estratégias de aulas coerentes com os fatores que os motivam à prática regular de atividade física. **Objetivo:** Identificar os fatores que motivam os idosos a praticarem regularmente atividade física. **Métodos:** Participaram da pesquisa 32 (67,7 ± 67,75 anos) participantes do projeto de extensão "Programa de Atividade Física para Terceira Idade (PROFIT)", da UNESP - Campus de Rio Claro há pelo menos seis meses que foram selecionadas randomizadamente em todas as modalidades (aeróbio, atividade física geral, dança e musculação). Para a coleta dos dados utilizou-se o "Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividade Física (IMPRAF-54), dividido em seis fatores, na seguinte ordem: controle do estresse, saúde, sociabilidade, competitividade, estética e prazer, aplicado durante as aulas por profissionais de Educação Física participantes do Projeto. Os valores brutos apurados nos questionários foram somados e classificados dentro das zonas alta, média e baixa nos percentis de acordo com a tabela de normas do IMPRAF-54. Foi realizada a análise de diferença de proporção no STATA versão 12.0. **Resultados:** Identificou-se que para Saúde (64,5%), Sociabilidade (67,7%) e Prazer (51,6%) a maior porcentagem foi para a classificação alta. Somente para a estética (54,2%) que a maior porcentagem foi para a classificação média. **Conclusão:** A partir dos resultados obtidos observou-se que as principais motivações para a prática de atividade física em idosas ativas são a Saúde, a Sociabilidade e o Prazer, assim, para promover aulas coerentes com os fatores motivacionais desse público e implicar na permanência destes na prática regular de atividade física, deve-se prioritariamente promover atividades voltadas à melhora da Saúde, seguida da Sociabilidade e do Prazer.

Palavras-chave: Motivação, Idosos e Atividade Física.

FATORES MOTIVACIONAIS QUE LEVAM JOVENS A PRATICAREM CANOAGEM VELOCIDADE

Yan Figueiredo Foresti, Thales Teixeira Bianchi, Paulo Galvão de Faria, Daniel Liberato Chagas, Alencar Henrique Paula

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais- Campus Muzambinho

yandelavor@gmail.com

Introdução A canoagem pode ser entendida como um esporte aquático individual ou coletivo, no qual se utiliza de caiaques ou canoa podendo ser praticadas em rios, lagos ou mares (CBCa, 2014). Para que os professores tenham maior eficiência no momento de montar suas aulas e colocá-las em prática devem conhecer os fatores que motivam os seus alunos a praticarem a modalidade. Sendo a motivação um tema de grande importância na prática esportiva, tanto no alto rendimento quando na Educação Física escolar (VIEIRA; JUNIOR; VIEIRA, 2013). O objetivo do presente estudo é de identificar os fatores que motivam crianças e adolescentes a praticarem canoagem velocidade, com intuito de esta pesquisa auxiliar professores que trabalham com canoagem no momento de lecionarem suas aulas/ treinamentos para os alunos, otimizando a eficiência desta. **Metodologia** A amostra constitui de 25 jovens de ambos os sexos (20 alunos e 5 alunas), praticantes de canoagem velocidade, todos os jovens participavam do projeto de Canoagem-Juventude do IFSULDEMINAS. Para avaliar os fatores que motivavam os jovens utilizou-se de um questionário desenvolvido por Alves et al (2007), adaptando-o para avaliar praticantes de canoagem, no questionário o aluno deve marcar dentre uma série de itens os três principais motivos que o levou a praticar canoagem, colocando 1, 2 e 3 para os mais importantes. Resultados A média de idade da amostra foi de 11 anos (DP± 1,7 anos), os cinco motivos com maiores pontuações assinaladas foram: porque eu queria ser um atleta de canoagem (29pts), porque meus responsáveis decidiram que era importante eu praticar canoagem (20pts), porque eu queria aprender uma nova atividade física (18pts), porque eu não sabia nadar (17pts) e porque é uma atividade que proporciona diferentes desafios (15pts). Conclusão Concluímos que os motivos que levam jovens a praticarem canoagem são variados, porém em sua maioria os jovens são levados a adesão da modalidade com o foco de competirem e se tornarem atletas, ou pelos próprios desafios que a canoagem proporciona, ou simplesmente pelo gosto de aprender uma nova atividade física diferente e de pouco acesso na região. Nota-se ainda a forte influência de pais e responsáveis na prática da canoagem.

Palavras-Chave: Canoagem, Motivação, Psicologia do Esporte.

FATORES MOTIVACIONAIS PARA INSERÇÃO DE IDOSO EM PRÁTICAS DE ATIVIDADES FÍSICAS EM POÇOS DE CALDAS – MG

Matheus Roncon Dias, Altair Cândido, Paula Marcela Junqueira e Silva, Ana Carolina Smargiassi, Rafael Castro Kocian
GEPPEM / CeCAES / IFSULDEMINAS – Câmpus Muzambinho
Matheus.roncon3@gmail.com

A população mundial tem crescido de forma acentuada, em especial a população idosa. Esse fenômeno não é diferente em nosso país. A importância de aderir hábitos saudáveis tem sido divulgada constantemente como um meio de banir os maus causados pela inatividade física e forma de vida urbana atual. O objetivo deste estudo foi identificar e analisar os principais fatores motivacionais para a inserção e manutenção de idosos em práticas de atividades físicas na cidade de Poços de Caldas/MG. A amostra foi composta por 83 participantes, todos praticantes de atividades físicas oferecidas por dois projetos distintos. Um dos projetos é executado de forma independente em um bairro da cidade e o outro é um projeto social apoiado integralmente pela Prefeitura Municipal de Poços de Caldas/MG através da Secretaria Municipal de Esportes. Ambos os projetos têm como foco oferecer atividades físicas com intuito de proporcionar melhor qualidade de vida, melhora na saúde, prevenção de doenças e socialização entre os participantes. Trabalhamos com uma pesquisa de campo do tipo qualitativa e quantitativa utilizando da aplicação de um questionário com questões abertas e fechadas relacionadas aos fatores que os motivam a iniciar uma atividade ou se manter em tal. Foi identificado, após a análise dos dados, que o principal fator motivacional para a inserção dos moradores de Poços de Caldas em atividades físicas é a saúde com um total de 72,4% dos entrevistados e que a maior fonte de incentivo para o início da prática foi orientação médica. Com relação a permanência nos projetos 77,20% dos entrevistados recebem motivação de outras pessoas para que continuem e os que mais incentivam os indivíduos é á família com 38,9%. Um dado que chama a nossa atenção é que somente 5,4% dos participantes foram incentivados pelos professores de educação física a iniciar a prática, um percentual muito baixo considerando as atribuições da profissão. Quando se trata da permanência nas atividades, 15,5% dos entrevistados citaram o profissional de educação física como o principal motivador para continuar nas atividades. Mesmo que tenha havido aumento substancial nos indicadores ainda é pouco se considerarmos a importância do profissional de educação física como o principal agente em relação ás práticas de atividade física. Por fim, fica evidente a necessidade de entendermos a motivação como um fator primordial para adesão e permanência da prática de atividade física.

Palavras-chave: Estados Emocionais; Motivação; Atividade Física; Saúde; Idosos

GÊNERO E FUTEBOL FEMININO: UM OLHAR DE ALUNAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFSULDEMINAS

Stefânia Maria Vicente Figueiredo, Rodrigo Nunes Silva, Douglas Eleotério, Ana Caroline Tavares Lucas, Rafael Castro Kocian

GEPPEM / IFSULDEMINAS – campus Muzambinho
stefniamaria@yahoo.com.br

O futebol é uma das maiores práticas esportivas do Brasil, sendo que o futebol feminino vem crescendo aos poucos e ocupando seu espaço no esporte brasileiro. Sabe-se que diversos estudantes de Educação Física procuram o curso por conta da prática esportiva, dessa forma temos um vasto campo de estudo de narrativas sobre a vida esportiva, no caso especial, o futebol feminino. A pesquisa justifica-se, pois busca identificar e analisar as questões sobre preconceito no futebol feminino e na sociedade. O objetivo do presente trabalho foi verificar se as alunas praticantes de futebol sofrem ou sofreram algum tipo de preconceito durante a prática ao longo da vida esportiva. Através dessa pesquisa pretendeu responder alguns fatores que atrapalham a participação e prática das mulheres no futebol. Foi aplicado um questionário como uma técnica de investigação composta por nove questões. Coletamos dados a partir de uma pesquisa qualitativa e o estudo foi realizado com 10 alunas do curso Educação Física (IFSULDEMINAS)-Campus Muzambinho que foram ou são praticantes de futebol. Os resultados mostram que no esporte são diferentes os incentivos, apoios, visibilidades, oportunidades, relações de poder conferidos a mulheres e homens. Algumas entrevistadas demonstraram o incentivo familiar para a prática de futebol, entretanto identificamos também casos das alunas que recebiam críticas familiares, em especial de que o futebol é esporte para homens. Percebemos que ainda existe algum tipo de preconceito e este poderia ser alguns dos fatores pelo qual atrapalharia algumas meninas a praticarem o futebol. Nas respostas existem relatos de meninas que pararam de praticar o futebol por causa do preconceito. As alunas participantes desta pesquisa relatam que o preconceito ainda é algo pertinente na sociedade e que na instituição que estudam existe em menor escala. Ao término do trabalho concluímos que, dentro do universo pesquisado, as questões de gênero são latentes e merecem especial atenção. Infelizmente diversas pessoas ainda pensam que o futebol é um esporte masculino e que as mulheres que praticam esses esportes são questionadas em relação a sua sexualidade, comportamento e modo com elas agem. Chama a atenção que isso também ocorra com estudantes do curso superior de Educação Física. Sugerimos novos estudos que permitam melhor compreensão do tema e que possam contribuir para a construção de uma sociedade igualitária, livre de quaisquer preconceitos e discriminações.

Palavras Chave: Gênero; Mulher; Preconceito; Futebol Feminino; Estados Emocionais.

IDENTIFICANDO OS MOTIVOS PELO ÓDIO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: SOB A LUZ DO FACEBOOK.

Raphaell Moreira Martins, Suraya Cristina Darido, Bruno Bember Lofiego, José Ribamar Ferreira Júnior, Maria Eleni Henrique da Silva

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Ceará

raphaell_martins@hotmail.com

Nos últimos anos as relações humanas são construídas hora de forma real/virtual sem precedentes na história. Por este motivo, optou-se pelo Facebook como espelho das novas relações construídas pelos estudantes. Por seu caráter prático e funcional, essa rede social pode apontar indícios de como os estudantes observam a Educação Física Escolar. A intenção desse estudo foi identificar os discursos presentes na comunidade virtual "Odeio Educação Física" do Facebook, desvelando os significados de como esses jovens representam as aulas de Educação Física. A perspectiva metodológica utilizada foi o enfoque qualitativo. A característica dessa pesquisa é descritiva e exploratória. A abordagem adotada para descrever e explorar objeto de estudo foi a netnografia. No planejamento do estudo, a metodologia foi dividida em quatro etapas: 1 – Identificação e seleção da comunidade; 2 – Observação participante da comunidade; 3 – Análise dos dados; 4 – Redação e apresentação dos resultados. A redação do texto de apresentação dos resultados foi dividas em três categorias temáticas: 1 – Dificuldades de interagir com os membros da comunidade "Odeio Educação Física"; 2 – Interpretação imagens de ódio pela Educação Física Escolar; 3 – Análise dos discursos de ódio pela Educação Física Escolar. Pode-se aparentemente citar que os discursos apontam para as aulas de Educação Física como: Um momento sem sentido e significado; de caráter pouco produtivo; com requintes de padronização entre os estudantes; e que deveria ser optativa. Ademais, existe uma forte indicação que o professor de Educação Física é supostamente o culpado por esse sentimento de ódio. Os principais achados do estudo colocam a Educação Física como um componente curricular mecanicista, reprodutivista, esportivista e voltado para valorização dos mais habilidosos. Isso sobre a ótica da comunidade virtual estudada. Esses argumentos compõem uma visão de ensino e professor que se busca na Educação Física superar, mas que persiste em alguns casos.

Palavras Chave: Educação Física, Facebook, comunidade virtual.

IMAGEM CORPORAL NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DE MULHERES INSCRITAS NO PROGRAMA ESPORTE E LAZER DA CIDADE

Wagner Zeferino de Freitas, Narayana de Deus Nogueira Bregagnoli,
Camila Leite Nogueira, Gisele Petreca Leal, Tamires Fernanda da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais-
Câmpus Muzambinho
wagner.freitas@muz.ifsuldeminas.edu.br

As alterações físicas próprias do envelhecimento defrontam-se com uma sociedade que discrimina indivíduos tidos como não atraentes. A imagem corporal engloba fatores psicológicos, sociais, culturais e biológicos, sendo definida como uma construção psicológica complexa, referindo-se à autopercepção do corpo/aparência. Diante destas afirmativas o objetivo deste estudo foi comparar a magnitude da insatisfação com a imagem corporal de beneficiários do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) -Vida Saudável do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Câmpus Muzambinho. A amostra foi constituída de 47 mulheres com idade acima 45 e divididas em 3 grupos: G45/54 - composto por 9 mulheres com idade de 45 a 54 anos; G55/64 - constituído de 21 mulheres na faixa etária de 55 a 64 anos; e o G65/74 - formado por 17 mulheres com idade de 65 a 74 anos. Para análise da imagem corporal fez-se uso do Silhouette Matching Task (SMT) proposto por Stunkard et al. (1983) e adaptado por Marsh e Roche (1996). O SMT, composto por 12 silhuetas em escala progressiva, foi apresentado às integrantes, devendo essas responder às seguintes questões: Qual é a silhueta que melhor representa a sua aparência física atual e qual silhueta você gostaria de ter? Foi avaliada a discrepância entre a silhueta atual (SA) e a silhueta ideal (SI).Para identificação da insatisfação com a imagem corporal fez a subtração do valor correspondente a SD e a AS. Para análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva, teste de Shapiro Wilk, ANOVA com post hoc de Sheffe no SPSS 21. Após análise dos dados foi possível identificar os seguintes resultados médios para o nível de satisfação/insatisfação com a imagem corporal: G45/54 = -3,8$\pm$1,0; G55/64= -2,7$\pm$1,3; G65/74 = -1,9$\pm$1,96. Observa-se que de acordo com os valores médios todos os grupos gostariam de ter uma silhueta menor, contudo não foram observadas diferenças significativas entre os grupos para $p<0,05$. Ao final deste estudo pode-se verificar que para amostra estuda o processo de envelhecimento não alterou o nível de satisfação/insatisfação com a imagem corporal.

Palavras Chave: Imagem Corporal, Envelhecimento, Mulheres.

IMPLICIT LEARNING OF GOLF-PUTTING AMONG CHINESE COLLEGIATE STUDENTS: AN ANALOGY APPROACH

Guiying Hu[1], Sicong Liu[2], André Luis Aroni[3], Oscar Gutierrez[2], Ye Wang[2]
[1]Zhejiang College of Sports, China; [2]Florida State University, USA; [3]Universidade Estadual Paulista, Brazil
Email:huguiying@126.com

Whereas most implicit motor-learning approaches are not practical in reality, analogy learning is posited to be an exception (Masters, 2000).This study aimed to compare analogy learning to traditional explicit learning on a golf-putting task. Chinese college-aged student novices (*N*=24) were randomized either to an explicit-learning group (*n*=12) or to an analogy-learning group (*n*=12). Participants were asked to putt golf balls into a target-hole (Diameter = 8.5 cm) located 150 cm away. The experiment consisted of four sequential phases: Learning (L), Retention (R1), Transfer (T), and Retention (R2). During learning, participants performed eight 30-trial blocks ($Block_1 \rightarrow \ldots \rightarrow Block_8$) and rested for one minute between blocks. Prior to every trial block, participants received learning instructions (analogy or explicit rules) according to group assignment. Participants rested for 10 minutes after learning and they completed the explicit knowledge protocol (Masters, 1992) during this time. Then, participants did a 30-trial block in each of the following phases ($Block_{R1} \rightarrow Block_T \rightarrow Block_{R2}$) and had a five-minute rest between blocks. Transfer (T) differed from retentions (R1 & R2) by adding a secondary task (i.e., reversely reporting given two-digit numbers) to participants while putting. Results indicated a successful group manipulation, as explicit-learning group reported significantly more rules than did analogy-learning group, t (22) = 5.43, p <. 001. Repeated-measure ANOVA was used to test a full model of *Group* and *Block* on task performance (i.e., trial block holing score) during learning and during the following phases, respectively. For the learning phase, a significant *Block* effect was revealed, F (7, 154) = 19.23, p = .000, η^2 = .47, but neither a *Group* effect nor an interaction was evident. For the following phases, a significant *Block*× *Group* interaction was identified, F (2, 44) = 3.82, p = .03, η^2 = .15. *Post hoc* analysis showed a simple *Block* effect in explicit-learning group, F (2, 22) = 9.40, p = .001, η^2= .46, but not in analogy-learning group, F (2, 22) = 0.86, p = .44, η^2= .07. Further analysis revealed that explicit-learning participants had worse performance in transfer (M_T = 13.8) compared to retentions (M_{R1} = 17.7, M_{R2} = 18.5), whereas analogy-learning participants were having similar performance across three blocks (M_{R1} = 16.3, M_T = 16.2, M_{R2} = 17.3). In conclusion, analogy learning is as effective as traditional explicit learning in a golf-putting task and its learning outcome is more resistant to cognitive distraction than that of explicit learning.

Keywords: Analogy; Implicit motor learning; Golf-putting; Chinese collegiate students

ÍNDICE DE ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO PARTICULAR EM EQUIPES DE BASQUETEBOL FEMININO DO BRASIL

Luis Felipe Tubagi Polito[*,**]*; Luciane Aparecida Moscaleski*[**]*; Aline Iris Gil Parra Magnani*[*]*; Simone Inácio de Lima*[**]*; Maria Regina Ferreira Brandão*[*]

**Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação Física – Universidade São Judas Tadeu*

***Faculdades Integradas de Santo André*

futebollf@uol.com.br

Utilizando os descritores "Psicologia" e "basquetebol" no campo de pesquisa "palavras do resumo) foi realizada busca em 2 distintas bases de dados (Scielo e Lilacs) a fim de verificar os estudos que envolvem a participação dos profissionais da Psicologia do Esporte no Basquetebol brasileiro, sendo encontrados apenas dois artigos, sendo que nenhum deles abordava a forma e a frequência como tal área de conhecimento está inserida no contexto clubístico de tal modalidade. Visto a escassez de estudos encontrados nesta linha, torna-se importante verificar como ocorre a inserção destes profissionais nas equipes esportivas e atletas de tal modalidade. Com isso, o objetivo deste trabalho foi verificar dentro da presente amostra o percentual de equipes de Basquetebol que apresentam acompanhamento psicológico, seja ele feito por um psicólogo especialista em Psicologia do Esporte ou não, bem como verificar a frequência de atletas que apresentam esse acompanhamento particular. Foram entrevistadas 78 atletas de Basquetebol de 8 distintas equipes filiadas à Confederação Brasileira de Basketball, que responderam às seguintes questões: "Você tem o acompanhamento de um psicólogo na equipe?" e, "Você tem o acompanhamento de um psicólogo fora da equipe?". As entrevistas foram feitas durante os campeonatos estaduais e regionais. Os resultados mostraram que apenas 3 das 8 equipes analisadas (37,5%) apresentaram em algum momento um profissional da Psicologia dentro da comissão técnica fornecendo o devido suporte às atletas, enquanto que mais de 85% das atletas (n = 69) nunca tiveram acompanhamento de um psicólogo fora da equipe. O Basquetebol se trata de uma modalidade com baixo investimento público e privado dentro do contexto do nosso país, o que reflete muitas vezes no baixo poder aquisitivo das atletas até mesmo para terem acesso aos profissionais da Psicologia por recursos próprios, o que justifica ainda mais a importância do investimento clubístico neste setor com objetivos de melhora de rendimento individual e coletivo. Pode-se concluir que a Psicologia do Esporte ainda não está inserida no contexto das equipes analisadas da forma como deveria, o que deve ser revisto já que tal área de conhecimento apresenta ampla investigação científica em suas mais diversas linhas, podendo contribuir e muito com o desempenho esportivo.

Palavras chave: Psicologia do Esporte, Basquetebol, Atuação Profissional

INFLUÊNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA NO LOCAL DE TRABALHO SOBRE A ANSIEDADE E A DEPRESSÃO

Diulian Aparecida de Rezende, Império Lombardi Júnior

Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista

diulianrezende@yahoo.com.br

Introdução: Muitos trabalhadores têm vivenciado situações de insatisfação, desgaste emocional e conflitos interpessoais nas relações de trabalho, sendo este o local que passamos uma grande parte da vida, é um local propício para intervenções. Diversas empresas têm desenvolvido propostas para promover a saúde e a qualidade de vida no trabalho adotando como estratégia o estimulo da prática de atividade física dentro e fora do trabalho. **Objetivo**: Na busca de uma melhor compreensão da influência da atividade física praticada no âmbito do trabalho sobre os aspectos de ansiedade e depressão dos trabalhadores foi feito então uma revisão de literatura. **Metodologia**: foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana em Ciências de Saúde), Scielo (Scientific Electronic Library Online), Web of Knowledge, Pubmed e Medline de artigos indexados e publicados nos últimos oito anos em português e inglês, disponibilizados na íntegra. Foram utlitizados os descritores: occupational health, motor activity, anxiety e depression. O rigor metodológico dos estudos foi analisado pela Escala de Jadad. **Resultados**: Foram encontrados 40 artigos científicos. Ressaltamos que foram excluídos 37 por não atenderem aos critérios de inclusão, sendo a amostra final composta de 3 artigos. **Conclusões**: Os estudos analisados mostraram em sua totalidade que a atividade física melhorou o bem estar dos participantes, entretanto não houve um consenso em relação a melhoria dos níveis de ansiedade e depressão, pois nem todos os dados alcançaram significância estatística. Evidenciou-se, a escassez de trabalhos acadêmicos com essa temática, ressaltando a necessidade de mais estudos sobre o impacto do exercício fisico no local de trabalho sobre as variaveis depressão e ansiedade.

Palavras Chave: (Saúde do trabalhador, Atividade motora, Ansiedade, Depressão)

INFLUÊNCIA DA TIRA SUBPATELAR NO TREINAMENTO DE EQUILÍBRIO EM IDOSAS COM HISTÓRIA DE QUEDAS

Isabela Feitosa de Carvalho[1], Gianluca Loyolla Montanari Leme[2], Marcos Eduardo Scheicher[1,2]
[1]Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Rio Claro, SP, Brasil.
[2]Universidade Estadual Paulista. Departamento de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Marília, SP,Brasil
isa.feitosacarvalho@gmail.com

Introdução: Durante o processo do envelhecimento algumas alterações são notadas, como por exemplo, o déficit de equilíbrio postural. Informação sensorial e ação motora são importantes no desenvolvimento do controle postural, sendo que idosos podem apresentar alterações sensório-motoras, aumentando o risco de quedas. Estudos sugerem a possibilidade de redução da oscilação corporal, com a adição da informação sensorial pelo contato com uma barra de toque ou com a adição de estímulos sensoriais. Os efeitos benéficos do uso da informação sensorial foram observados em indivíduos sadios, mas de maneira decisiva em indivíduos com déficit proprioceptivo. Por outro lado, a realidade virtual vem sendo utilizada como terapia no tratamento do desequilíbrio postural e apresentando resultados satisfatórios para a população idosa. **Justificativa:** O uso de informação sensorial adicional produz melhora na propriocepção e, por consequência, no equilíbrio postural. O fornecimento de fontes adicionais de informação sensorial pode ser decisivo para pacientes que apresentam algum comprometimento na aquisição de estímulos sensoriais. Os idosos, especialmente os caidores, se encaixam nesse perfil. Por outro lado, o uso de terapias por videogames vem aumentando e pode ser uma das ferramentas para a recuperação do equilíbrio postural em idosos. **Objetivos:** Investigar a influência da tira subpatelar no treinamento de equilíbrio postural de idosas com história de quedas. **Métodos:** Participaram do estudo 7 idosas caidoras. As voluntárias realizaram treino de equilíbrio com o uso do Nintendo® Wii e a adição da informação sensorial (tira subpatelar). Os testes *Timed up and Go (TUG)* e Teste de caminhada de 10m avaliaram a mobilidade funcional e velocidade de marcha, respectivamente, pré e pós-treino. O treinamento teve duração de 12 semanas com duas sessões semanais de 30 minutos. Todos os testes foram realizados com e sem o uso da tira subpatelar. Após a verificação da normalidade de dados, as comparações foram realizadas com o Teste *t* pareado, considerando $p \leq 0,05$. **Resultados:** Houve diferença significativa na comparação da velocidade média de marcha (1,14m/s para 1,24m/s, p=0,009) pré e pós-treino, com o uso da tira subpatelar. Os testes realizados sem a tira subpatelar não apresentaram siginificância (1,05m/s para 1,10m/s, p=0,1255). Não foram encontrados valores significativos para a comparação pré e pós-treino do teste *TU*G, com e sem a informação sensorial adicional. **Conclusão:** A adição da informação sensorial da tira subpatelar melhora a velocidade de marcha de idosas caidoras, após o treinamento de equilíbrio postural. O mesmo resultado não foi encontrado para a mobilidade funcional.

Palavras-chave: envelhecimento, acidentes por quedas, exposição à realidade virtual.

INFLUÊNCIA DOS FATORES DE RISCO CARDIOVASCULARES SOBRE A MODULAÇÃO AUTONÔMICA CARDÍACA

Pedro Henrique Rodrigues[1], Juliana Lôbo Froio[1], Angélica Cristiane da Cruz[2], Eduardo Federighi Baisi Chagas[3], Robison José Quitério[1,2]
1. Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro/ SP-Brasil. 2. Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista. Marília/SP-Brasil. 3. Departamento de Educação Física. Universidade de Marília. Marília/SP-Brasil.
pedrinho010@hotmail.com

Fator de risco independente para eventos cardiocirculatórios, as alterações do sistema nervoso autônomo podem ser estudadas pela análise da variabilidade da frequência cardíaca (FC). **Objetivo:** investigar a influência dos fatores de risco para doenças cardiovasculares sobre a modulação autonômica cardíaca. **Métodos:** Amostra: 23 adultos com fator de risco para doenças cardiovasculares, idade de 59,8 ± 5,9 anos. Realizaram-se anamneses e avaliações antropométricas (Peso, estatura, circunferência de cintura e quadril e percentual de gordura por bioimpedância - Tanita BC548, USA). Na condição de repouso sentado durante 20 minutos, a FC e os intervalos R-R foram captados (Polar RS800CX, Polar Electro Oy, Kempele, Finland) e analisados no domínio do tempo e da frequência (S*oftware Kubios HRV - versão 2.0, University of Kuopio, Finland).* Estatística: Dados apresentados em média e desvio padrão. Foi realizado o Teste Shapiro-Wilk de normalidade e aplicados os testes de correlação de Pearson ou Spearman para variáveis quantitativas. Para correlação entre variáveis qualitativas foi aplicada a correlação de Kendall. Grau de correlação adotado (<0,50 correlação é fraca; 0,50 a 0,70 correlação é moderada; e >0,70 correlação forte). Nível de significância: $p \leq 0,05$. Software SPSS, versão 20.0 para Windows. **Resultados:** índice de massa corporal = 29,7 ± 5,9 kg/m²; Circunferência de Cintura = 100,5 ± 14,3 cm; Relação Cintura/Quadril = 0,93 ± 0,06; Relação Cintura/Estatura = 0,61 ± 0,08; Índice de Conicidade; 1,33 ± 0,07; Percentual de Gordura = 35 ± 9,4; Pressão Arterial Sistólica = 120,6 ± 12 mmHg; Pressão Arterial Diastólica = 78,7 ± 8,9 mmHg; FC = 67,6 ± 13,2 bpm; RMSSD = 22,2 ± 11,9 ms; LF (ms^2) = 214,6 ± 175,5; HF (ms^2) = 176,1 ± 139,8; LF (nu) = 56,4 ± 18,5; HF (nu) = 43,5 ± 18,5; LF/HF = 1,9 ± 1,7. Houve correlação entre a razão cintura/estatura com LF(nu) e HF(nu) (R= 0,415 e R= -0,415), razão cintura/quadril com HF(ms²)(R= -0,495), assim como houve correlação entre a presença de sedentarismo e alteração no LF(nu) e LF/HF (R=0,479 e 0,439). Analisando a simultaneidade de fatores de risco, encontrou-se correlação entre a quantidade de fatores que o indivíduo tem apenas com a FC (R= 0,474 *p*= 0,022), influenciada provavelmente pela disautonomia apresentada. Os fatores de risco tem forte contribuição para disautonomia, influenciada principalmente pela obesidade central e o sedentarismo, sendo importantes as estratégias de atenção primária e secundária a saúde para controle desses fatores e diminuição do impacto sobre funções do sistema nervoso autonômico.

Palavras Chave: Fatores de Risco, Sistema Nervoso Autônomo, Doenças Cardiovasculares.

INFLUÊNCIAS DO CONDICIONAMENTO OPERANTE NO ESPORTE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Raphael Moura Rolim[1], Guilherme Bagni[2], Nely Sandra Abreu de Castro[1], Solange Ferraz de Araújo[1], André Luís Aroni[2]

[1]UNIFACEX – Natal/RN
[2]UNESP – Rio Claro/SP
raphaelmoura_@hotmail.com

Introdução: O condicionamento operante trata-se do principal conceito de um dos teóricos mais renomados da história da Psicologia, conhecido por B.F. Skinner. **Justificativa:** Esse trabalho se justifica pela relação desta teoria com os nossos comportamentos que produzem consequências no ambiente e, estas consequências, podem ser reforçadoras ou punitivas. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho foi avaliar se esta teoria pode ser aplicada ao esporte de alto rendimento. **Método:** Como método de pesquisa, a revisão sistemática foi realizada com livros que são referências básicas em português para a análise do comportamento, como Moreira e Medeiros (2007), Baum (1999) e Galvão e Barros (2001). Através de uma análise de conteúdo orientada por Bardin (2007) foi possível categorizar a leitura e apontar os principais pontos relevantes aos aspectos esportivos que podem influenciar no rendimento de um atleta. **Resultados:** Em virtude do esporte competitivo ser permeado por vitórias, derrotas e empates, faz-se necessário identificar nos atletas as suas expectativas diante dos eventos e como ele assimilará os resultados, ou seja, as consequências dos comportamentos, advindos de circunstâncias diárias, fazem com que haja a repetição ou extinção destes. Segundo Skinner (1984), tanto no condicionamento operante, quanto na seleção evolutiva de características comportamentais, as consequências alteram a probabilidade futura. Operantes se fortalecem porque são seguidos por consequências importantes na vida do indivíduo. Para Moreira e Medeiros (2007), o comportamento operante é aquele que produz modificações no ambiente e assim é afetado por elas. Algumas dessas consequências aumentam a probabilidade de o comportamento voltar a ocorrer, denominando-se de reforço. Em atletas, verificamos que, a busca por reforçadores são constantes, pois, a busca por sucesso, bons salários, reconhecimento, melhora no desempenho e o bem estar pessoal, são reforçadores que aumentam a probabilidade de novas tentativas ou da não desistência, porém, em muitos casos, as experiências são frustrantes durante a carreira, o que podemos considerar como consequências punitivas, que diminuem a probabilidade do comportamento voltar a ser emitido podendo chegar ao abandono do esporte, considerado em análise do comportamento como extinção operante. **Conclusão:** Mediante a análise, foi possível concluir que a teoria do condicionamento operante se faz presente em nosso cotidiano e, ainda mais evidente, em atletas, que vivem em função das consequências dos seus comportamentos, buscando sempre reforçadores para que o êxito competitivo seja alcançado, podendo ser atribuídos a vários fatores que envolvem comissão técnica, torcida, adversários, família e questões financeiras.

Palavras Chave: condicionamento operante, alto rendimento, atletas, reforço, punição.

INICIAÇÃO ESPORTIVA ATRAVÉS DO MÉTODO GLOBAL: RELATO DE UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO FUTSAL

Gian Augusto Bordin Ravetta[1], Marcelo Callegari Zanetti[1,2,3]
[1]Universidade Paulista, São José do Rio Pardo, Brasil
[2]Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil
[3]LEPESPE/ UNESP, Rio Claro, Brasil
gian_augusto@hotmail.com

(Introdução) Com a crescente necessidade de melhora na formação dos atletas, é importante avaliar como está sendo realizada a iniciação dos jovens nos esportes. Essa que deve ser uma etapa na qual o aluno tenha prazer, aprenda novas vivências, seja estimulado constantemente, a fim de manter seu nível de motivação elevado, além de se desenvolver sob vários aspectos (físico, tático, emocional, social) e não somente o técnico, evitando assim que ocorra a especialização esportiva precoce. Pensando nisso, o método global parece ser importante ferramenta nesse processo, já que, os alunos são desafiados a resolver problemas dentro de situações de jogo, apresentando assim maior compreensão do jogo e consequentemente decisões mais acertadas. **(Justificativa)** Esse trabalho justifica-se pela necessidade de maior entendimento sobre o emprego do método global na iniciação esportiva, bem como, ampliação da produção acadêmica envolvendo tal temática. **(Objetivo)** Descrever como se deu a iniciação esportiva na perspectiva do método global em uma escolinha de futsal. **(Metodologia)** Como estratégia metodológica foi adotado o relato de experiência, pelo emprego do método observacional, no estágio supervisionado nas escolinhas de futsal do Departamento de Esportes e Cultura de São José do Rio Pardo-SP. (**Resultados)** Por meio de observação percebeu-se que com o passar do tempo os alunos foram demonstrando desenvolvimento não apenas de aspectos técnicos, mas também táticos, apresentando maior entendimento sobre o jogo e suas possibilidades de ação, melhorando a tomada de decisão nos diversos momentos do jogo. Outro desenvolvimento notável nesse processo foi a socialização entre os alunos, que também eram encorajados a trabalhar em equipe, discutindo estratégias a fim de resolver uma série de problemas propostos. **(Conclusão)** Concluímos que na iniciação esportiva é preciso estimular os alunos com atividades que levem os mesmos a obter maior desenvolvimento em inúmeros aspectos (físico, tático, emocional, social) e não somente no técnico, como preconizado pelo método parcial, já que, além da globalidade ser uma característica presente no contexto esportivo, ela faz parte do próprio desenvolvimento humano. Porém, cabe salientar que somente o método não é capaz de promover tais mudanças, o que coloca mais uma vez luz sob a importância do técnico/professor nesse processo.

Palavras Chave: (Método global, Estágio Supervisionado, Futsal, Psicologia do Esporte, Pedagogia do Esporte.)

INICIAÇÃO ESPORTIVA E ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE: O DISCURSO E A PRAXIS

Maria Luiza Bertoni, Cassio José Silva Almeida
Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino-FAE
malu_bertoni@hotmail.com

Introdução: O presente trabalho refere-se a parte de um trabalho de conclusão do curso de Licenciatura que está sendo desenvolvido como requisito de obtenção do grau de licenciado em Educação Física. Iniciação esportiva entende-se como o período em que a criança aprende de forma específica e planejada a prática de uma ou mais modalidades esportiva, onde seu objetivo é dar continuidade ao seu desenvolvimento e não a competição regular (RAMOS, 2008). A iniciação esportiva é importante para o desenvolvimento integral da criança, desde que seja respeitada cada fase de aprendizado. Quando as fases são atropeladas e as competições são mais importantes que o lazer e a vivencia da criança naquela determinada modalidade, acontece a especialização precoce que tende reduzir as possibilidades educacionais do esporte na infância, influenciando ao abandono precoce da prática esportiva (GALATTI, 2012), trazendo consequências sérias para o desenvolvimento social, intelectual e motor da criança. A pedagogia do esporte vem investigar a prática educativa e está presente desde a iniciação esportiva ao treinamento de alto rendimento. Tendo como objetivo a reflexão, sistematização, avaliação, organização e a crítica do processo educativo por meio do esporte (LEONARDI, 2014). Objetivos: objetivo do trabalho é questionar a forma como o esporte é conduzido pedagogicamente na escola, observando como o esporte é desenvolvido nas aulas de educação física do 1º ano até o 9º ano do ensino fundamental, no Município de São João da Boa Vista – SP, e observar o discurso e a práxis em relação a iniciação esportiva na escola. Materias e Métodos: A coleta de informações será desenvolvida a partir da observação das aulas de educação Física que tem como referência as participações obrigatórias decorrentes das horas de estagio, a aplicação de um questionário aos professores, seguido de posterior analise utilizando o método da análise do conteúdo. Resultados Esperados: contribuir para um melhor entendimento da forma com que o esporte é trabalhado dentro do ambiente escolar, para que se possa propor novas formas de desenvolver o esporte onde discurso e a práxis caminhem próximas no ensino aprendizagem da iniciação esportiva dentro da escola e que as fases de aprendizagem sejam respeitadas.

Palavras Chave: Iniciação Esportiva, Especialização Precoce, Pedagogia do Esporte.

INTELIGÊNCIA ESPORTIVA DE COMPETIÇÃO: COMPARAÇÃO ENTRE AS PERCEPÇÕES DO TREINADOR E ATLETA

Carolina de Campos, Luis Felipe Tubagi Polito, João Baptista Gil Junior, Graziela Néspoli Feltran, Maria Regina Ferreira Brandão
Universidade São Judas Tadeu
carolinadecampos1@gmail.com

A percepção como reflexo da ação do indivíduo sobre a realidade é concebida como um processo dinâmico, cíclico, de caráter ativo, relacionado com processos cognitivos. A percepção se define como um processo complexo que depende tanto da informação que recebe do meio externo, como das experiências internas. O presente estudo teve como objetivo comparar as percepções de técnico e atletas sobre determinados aspectos competitivos. Para tanto foram avaliados 11 atletas (7 homens / 4 mulheres) da Seleção Brasileira Paralímpica de Judô (média de idade: 28,6 anos), todos deficientes visuais e o treinador da equipe através de um questionário contendo dez variáveis avaliadas em uma escala de 1 à 10, sendo "1" a nota mais baixa e '10' a mais alta. Cada judoca respondeu ao questionário avaliando sua própria capacidade em cada um dos itens e o treinador respondeu o mesmo questionário sobre sua percepção da capacidade de cada atleta nas mesmas variáveis, porém sem ter conhecimento de como os atletas se auto-avaliaram. O critério para as respostas foi o desempenho dos judocas na última competição internacional do ano de 2014. As 10 variáveis pesquisadas foram: concentração, resistência de concentração, coragem e busca de resultado, determinação, atitude e comportamento, recomposição após a luta, regularidade de luta, disciplina tática, controle emocional e tomada de decisão. Os resultados foram avaliados através do Teste "t" de Student e através da correlação de Spearman, sendo adotado o nível de significância $p<0,05$. O teste "t" de Student mostrou que para seis atletas houve diferenças significativas entre a avaliação destes e a avaliação do sensei. Já a correlação de Spearman mostrou que somente para um atleta houve uma correlação negativa e significativa ($r=-0,66$) entre sua auto-avaliacao e a avaliação do sensei. Esses resultados nos mostram que apesar do treinador e atletas terem uma tendência a fazer avaliações no mesmo sentido, quando analisamos os resultados atleta por atleta observamos diferenças na forma como o atleta se avalia e na forma como o treinador o avalia nos mesmos critérios. A auto-avaliação que o atleta faz de seu próprio potencial pode, muitas vezes, ser um ponto de conflito na relação técnico/atleta, porque o técnico, por suas próprias características, poderá perceber seu atleta de uma forma diferente da que ele se percebe. Discrepâncias de opiniões deste tipo podem levar a conflitos e dificuldades de relacionamento.

Palavras-chave: autoavaliação, competência psicológica, psicologia do esporte, judô

INVESTIGAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA E DO NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Túllio Pieroni Toledo[1], Ricardo da Costa Padovani[1], Nara Rejane Cruz de Oliveira[1]

Universidade Federal de São Paulo[1]

tulliop.toledo@gmail.com

O ingresso e a permanência no Ensino Superior representam uma transição significativa na vida do individuo. As contingências as quais o estudante está exposto podem exercer influência negativa sobre sua qualidade de vida e favorecer a adoção de um estilo de vida sedentário e pouco saudável. Considerando as implicações na qualidade de vida e seus benefícios à saúde mental, a prática de atividades física em estudantes universitários se revela central. Justificativas: É significativa a influência do contexto universitário sobre a qualidade de vida do estudante, bem como é preocupante a constatação de que é baixo o nível de atividade física em graduandos brasileiros. Objetivos: Avaliar a qualidade de vida e o nível de atividade física de estudantes universitários. Métodos: Trata-se de um estudo de corte transversal, de natureza quantitativa e amostragem intencional. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (691.414). A amostra foi composta por 484 discentes de sete cursos de uma universidade pública federal. Instrumentos: Questionário adaptado do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Públicas Federais Brasileiras (FONAPRACE); Critério de Classificação Econômica Brasil; Avaliação da Qualidade de Vida (WHOQOL – BREF); Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ). Resultados: A amostra foi composta em sua maioria por estudantes do gênero feminino, solteiros e que não trabalhavam. Os homens obtiveram valores médios superiores para qualidade de vida e apresentaram nível de atividade física superior ao do gênero feminino. Os cursos de nutrição e medicina revelaram as maiores médias para qualidade de vida, ao passo que as menores foram observadas nos cursos de psicologia e terapia ocupacional. O curso de educação física apresentou níveis significativos de atividade física (87,0% de indivíduos classificados como ativos), já o curso de nutrição apresentou o menor número de indivíduos classificados como ativos (46,6%). Conclusão: Tais constatações evidenciam a importância de reflexões sobre as características do contexto universitário e a prática de atividade física, tendo em vista a influência que estes exercem sobre a qualidade de vida do estudante.

Palavras chave: estudantes universitários, qualidade de vida, atividade física

INVESTIGAÇÃO DOS ATRIBUTOS PSICOLÓGICOS DE JOGADORES DE FUTEBOL DA CATEGORIA SUB-20

Daniella Moreira Paína, Juliane Jellmayer Fechio, Maria Stella Peccin, Ricardo da Costa Padovani

Universidade Federal de São Paulo-Campus Baixada Santista

danipaina@hotmail.com

O interesse pelo futebol é uma característica marcante na realidade brasileira. A expressão deste genuíno interesse pode ser observada na mobilização de torcedores nos jogos televisionados e nos estádios, na exposição midiática do desempenho das equipes, do comportamento de jogadores nos jogos e nas diferentes situações sociais. Nesta perspectiva, jogadores atuam constantemente sob pressão, vivenciam emoções diversas e intensas durante as partidas e precisam apresentar bom manejo do estresse e da ansiedade competitiva. O objetivo do estudo foi avaliar os atributos psicológicos de jogadores de futebol da categoria juniores. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (CEP 394.420). Participaram do estudo 23 jogadores de futebol da categoria sub-20 vinculados a um clube de futebol profissional da primeira divisão. Instrumentos: *Questionário Perfil dos Atletas Participantes; Avaliação da Qualidade de Vida; Athletic Coping Skills Inventory* – 28; *Inventário de Ansiedade Beck.* Os resultados mostraram que o grupo investigado foi composto em sua maioria por solteiros, não namorando (43,7%,) com ensino médio incompleto (43,7%), iniciaram sua carreira esportiva em média aos 8,6 anos e começaram a competir por volta dos 10,6 anos. Em relação aos atributos psicológicos, os atletas apresentaram baixos níveis de ansiedade, estresse, bom repertório de enfrentamento e boa qualidade de vida. A presença de profissionais de psicologia no clube pode ter contribuído para o melhor manejo das adversidades e dificuldades impostas na categoria investigadas.

Palavras-chave: psicologia do esporte, futebol, atletas juniores, qualidade de vida.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

INVESTIGAÇÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DO MEDO E DA ANSIEDADE NA PERCEPÇÃO DE ARTISTAS MARCIAIS

Pedro Antonio Pennacchioni Filho, Joacks De Paula Lemos Filho, Afonso Antonio Machado
Universidade Estadual Paulista Julio De Mesquita Filho (Unesp Campus Rio claro)
pedro.pennacchioni@hotmail.com

Introdução: O medo pode ser caracterizado como um estado emocional adverso, que desencadeia mal-estar psicológico e reflexos fisiológicos como tontura, náuseas, suor excessivo palpitações e falta de ar, entre outros. A ansiedade está intimamente relacionada ao medo, porém se caracteriza por ser um transtorno onde o agente causador do medo não está presente e é assim antecipado. **Justificativa:** Melhor compreender essas emoções e como seus desdobramentos fisiológicos e psicológicos afetam o desempenho de artistas marciais e, também, a maneira como as artes marciais podem contribuir para amenizar essas emoções é importante para criar um lastro que pode ser usado para melhorar o desempenho dos participantes. **Objetivos:** Investigar a influência das emoções de medo e ansiedade no desempenho de artistas marciais e a maneira como tais artes contribuíram para controlar essas emoções. **Métodos:** Foi utilizada uma pesquisa netnográfica exploratória quantitativa. Obteve-se 17 respostas partir de um questionário com 18 afirmações das quais 3 foram selecionadas para esse trabalho e com uma chave de resposta baseada na escala Lickert. Os participantes eram 14 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, todos brasileiros. Dentre estes, 58% estavam na faixa etária entre 16 e 22 anos e apenas 17% estavam acima dos 40 anos. **Resultados:** Como resultados obteve-se: Para a afirmação "Sinto me ansioso nos treinos" 52,9% dos participantes responderam que discordam ou discordam fortemente. Para a afirmação "Sinto medo ao sair na rua" 70,4% dos participantes responderam que discordam ou discordam fortemente. Para a afirmação "Acredito que a minha arte marcial me prepara para lidar com a violência urbana" 41,2% dos participantes responderam que discordam ou discordam fortemente. **Conclusão:** Podemos concluir que ainda há uma grande porcentagem de praticantes que se sente ansioso nos treinos e embora uma boa parcela dos artistas marciais não se sinta preparado para lidar com uma situação de violência urbana, quase 70 % afirmaram que não sentem medo ao sair na rua ou não temem a violência urbana. Isso denota o despreparo das artes marciais para lidar com a violência urbana e que o medo e ansiedade podem possuir grande impacto na performance de artistas marciais. Sendo assim, melhorar o manejo do medo e da ansiedade pode significar melhor desempenho, tanto em treinos quanto na autodefesa.

Palavras Chave: (Medo, Ansiedade, Arte Marcial.)

INVESTIGAÇÃO SOBRE A MOTIVAÇÃO EM PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA

Joacks De Paula Lemos Filho, Pedro Antonio Pennacchioni Filho, Afonso Antonio Machado
Universidade Estadual Paulista Julio De Mesquita Filho (Unesp Campus Rio claro)
joackslemos@hotmail.com

Introdução: A psicologia bioecológica teoriza que o desenvolvimento humano se baseia em um conjunto de dimensões com relação entre o processo, pessoa, tempo e o contexto em que este indivíduo se encontra. Conforme o ambiente analisado é possível observar as influências do mesmo no desenvolvimento do indivíduo. A musculação e sua relação com o espaço em que é realizada pode ser compreendida como um meio, no qual, é possível analisar quatro subsistemas de organização social: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. O âmbito esportivo permite entender como os subsistemas afetam o desenvolvimento e a motivação. **Justificativa:** É importante analisar a pressão exercida pelos subsistemas na tomada de decisão de praticantes de musculação e as consequências psicológicas e fisiológicas desta coerção. **Objetivo:** O objetivo desta pesquisa é analisar as características motivacionais dos praticantes de musculação e as consequências dessas nas tomadas de decisões. **Métodos:** O estudo constituiu em uma pesquisa netnográfica exploratória, qualitativa. A partir de um questionário com 15 afirmações e uma chave de resposta baseada na escala lickert, obteve-se 49 respostas. Dessas afirmações foram selecionadas 4 respostas pertinentes ao objetivo da pesquisa. Dentre os participantes, 30 foram do sexo masculino e 19 do sexo feminino. 70% dos participantes estavam na faixa etária de 18 a 23 anos. **Resultados:** O presente estudo apresentou os seguintes resultados: para a afirmação "Sinto prazer ao praticar musculação", 79,6% dos participantes responderam que "concordam" ou "concordam fortemente". Na afirmação "Sinto-me estressado quando não pratico musculação", 61,2% "concordaram" ou "concordaram fortemente". Sobre a questão "Minha aparência me motiva a prática de musculação", 87,8% "concordaram" ou "concordaram fortemente". Em "O que as pessoas pensam sobre meu corpo é importante", 34,9% "concordaram" ou "concordaram fortemente" e 24,5% responderam "indiferente". **Conclusão:** A partir dos dados obtidos é possível concluir que o prazer na prática de musculação se torna uma característica motivacional intrínseca e essencial para que o indivíduo mantenha a prática. Outro fator que pode ser analisado é a influência dos subsistemas no modelo de corpo que é aceito pela sociedade. Esse fator estimula extrinsecamente os indivíduos à prática de musculação. O ideal relacionado ao corpo impulsionado pela tecnologia e mídia imprime ao homem moderno um padrão a ser seguido. Sendo assim, a busca por este ideal nem sempre está relacionada com a saúde e, desta forma, pode acarretar distúrbios psicológicos.

Palavras Chave: (Musculação, Motivação, Subsistemas, Estresse)

JOGOS TEATRAIS PARA ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PROPOSTA DESINIBIDORA

Jhonyson de Oliveira; Stefânia Maria Vicente Figueiredo; Rodrigo Nunes Silva; Ligia Lopes Rueda Kocian; Rafael Castro Kocian

GEPPEM / IFSULDEMINAS – campus Muzambinho

jhonysondeoliveira@gmail.com

Na carreira docente sabemos da necessidade de adaptações de aulas, contato direto com situações-problema, necessidade do improviso e do chamado "jogo de cintura" para lidar com situações inusitadas que surgem nas aulas. Sabemos também que nem todos professores se sentem confortáveis e desinibidos para conduzir suas aulas. Nesse sentido, trabalhar com jogos teatrais podem auxiliar tanto no desenvolvimento profissional do docente quanto na formação da expressividade dos alunos. Justificamos o trabalho a partir da premissa que o contexto da ficção permite focalizar ou desafiar aquilo que é normalmente aceito sem questionamentos. Ao mesmo tempo, facilita abordagem de temas ou situações que possam abalar a rotina dos participantes, possibilitando a experiência de respostas ou atitudes como se estas fizessem parte do universo imaginário. O objetivo do trabalho é relatar a realização da Oficina de Jogos Teatrais com a ideia de proporcionar vivência da arte cênica como meio educativo e reflexivo, auxiliando na desinibição e espontaneidade dos participantes. Trabalhamos com uma pesquisa do tipo ação utilizando uma sala de aula e o livro "Jogos Teatrais – O Fichário de Viola Spolin". Também utilizamos jogos e brincadeiras desenvolvidos estrategicamente. As oficinas foram realizadas em sete encontros de uma hora e meia cada com 15 participantes, todos estudantes do curso superior de Educação Física do IFSULDEMINAS campus Muzambinho/MG. As atividades eram registradas através de fotos, filmagens e caderno de campo para análises posteriores. No primeiro dia realizamos atividades introdutórias para desenvolver percepções úteis para os trabalhos propostos. No segundo dia trabalhamos a percepção corpo/espaço e atividades para aguçar a percepção auditiva. No terceiro dia trabalhamos atividades de percepção visual e focadas na atenção. No quarto e o quinto encontros trabalhamos falas e projeção vocal. No sexto dia foram trabalhadas atividades de contato físico e no sétimo dia os participantes foram divididos em grupos para criar uma encenação onde inseriram elementos discutidos e praticados através de jogos durante os encontros. Como resultados, observamos que no decorrer das oficinas os participantes mais tímidos demonstraram ficar cada vez mais à vontade para praticar as atividades e falar suas impressões e considerações. Houve uma aproximação mútua entre todos que participaram das oficinas, criando um ambiente descontraído e amigável. Ao término do trabalho concluímos que utilizar os Jogos Teatrais durante a formação profissional pode ser uma ferramenta de superação para possíveis problemas corriqueiros e que estes jogos são de extrema importância para a formação profissional e desenvolvimento humano.

Palavras Chave: Jogos Teatrais, Expressividade, Educação Física, Estados Emocionais

LAZER E EDUCAÇÃO POR MEIO DE ATIVIDADES LÚDICAS

Tiago Rodrigo Alves Nunes[1], Altair Moioli[2]

FMU - Faculdades Metropolitanas Unidas, SP, Brasil[1], UNIP - Universidade Paulista, SP, Brasil[2]
tiagoralvesnunes@hotmail.com[1]

INTRUDUÇÃO: O lazer passou por diversas concepções na busca de uma conceituação que pudesse abranger os objetivos da sociedade, bem como promover discussões a respeito do lazer-educação que envolve atividades lúdicas prazerosas, proporcionando à criança vivenciar essas atividades integradas ao processo educativo em todas as fases de desenvolvimento. Camargo (2006) acrescenta que o lazer é um tempo, um espaço e uma prática social. É um tempo quando se tem a pausa do trabalho e das demais obrigações, é espaço quando se tem o conjunto de intervalo do território urbano e rural voltado à expressão lúdica dos indivíduos, demarcado pelo trabalho; e por fim, é prática social quando assume a forma de uma atividade prazerosa e socializadora. **OBJETIVO:** O objetivo do presente estudo foi promover intervenções relacionadas ao lazer-educação, com conteúdos que abordaram atividades físico-esportivas em uma escola de educação infantil. **METODOLOGIA:** O estudo consistiu na união da pesquisa bibliográfica associada ao desenvolvimento de atividades por um período de 6 meses em uma escola de educação infantil em que ocorreu a vivência de diversas atividades lúdicas com 12 crianças com idade de 5 e 6 anos, de ambos os gêneros. Vale ressaltar que a participação e permanência das crianças nas atividades se faziam de maneira alegre e descontraída para garantir a autonomia do aluno.**–CONSIDERAÇÕES:** No transcorrer do trabalho procurou-se ressaltar a importância das atividades lúdicas no contexto da escola. Assim, foi possível integrar o lazer no processo educativo e verificar a relevância dessas atividades no desenvolvimento da criança. Permitiu também compreender que as atividades lúdicas foram significativas para as crianças conhecerem, compreenderem e construírem seus conhecimentos de forma autônoma.

Palavras-chave: Lazer, Educação, Crianças.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

LINGUAGEM CORPORAL: QUESTÕES DE GÊNERO NO ESPORTE CONTEMPORÂNEO

[1]Altair Moioli; [2]Afonso Antônio Machado

[1]UNIP Campus JK; [2]UNESP/Rio Claro

amoiolli@uol.com.br

O esporte como manifestação cultural, ou, mais especificamente, como produto da indústria cultural, expressa inúmeros signos da representação social contemporânea, carregado de nuanças físicas que marcam a trajetória do sujeito e seu corpo neste território de linguagens subjetivas, definidoras dos atributos de gênero. Ao contextualizar esta análise, este trabalho teve por objetivo pontuar as manifestações de gênero no ambiente esportivo através da linguagem corporal e ainda, analisar os contrassensos midiáticos para fortalecer alguns atributos da *performance* esportiva. Adotou-se a *netnografia* como parte dos procedimentos metodológicos e da sociologia visual para analisar atletas do sexo masculino e feminino em ação nos esportes competitivos em diferentes modalidades e a exploração da sua imagem em propagandas de televisão, internet ou revistas de moda. Percebe-se neste processo de múltiplas linguagens arquitetadas pelos corpos atléticos em ação, pela ditadura midiática com anuência do poder coletivo dos espectadores, um forte apelo para a manutenção dos atributos *virilizantes* das arenas esportivas, entretanto em desacordo com a expectativa de seus atores que representam diferentes papéis nos distintos territórios que atuam.

Palavras-chave: linguagem corporal; esportes; atributos de gênero

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

MASCULINIDADES E JUVENTUDES NO VOLEIBOL

Douglas Eleoterio, Dayvid Celso Silva, Mariana Zuaneti Martins

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais.

doug_elt@hotmail.com

A juventude é uma etapa da vida dentro da qual as pessoas começam a forjar sua identidade. Este processo é marcado por experimentações e experiências de si e identidades, em particular, a de gênero. O objetivo deste trabalho foi analisar e interpretar as experiências e expectativas de jovens do gênero masculino relacionadas à prática do voleibol, a fim de compreender os marcadores de gênero que os rodeiam. Para tanto, o corpus da pesquisa foi construído a partir de um questionário aberto, sobre as experiências e expectativas com relação ao voleibol. A amostra da pesquisa foi retirada da equipe de voleibol de uma escola técnica federal do estado de Minas Gerais, estudantes de ensino médio, composta por 16 jovens do sexo masculino, com idades entre 14 e 19 anos. Para análise de dados, organizamos as respostas a partir das relações que elas possuíam entre si, dividindo em dois grupos: daqueles que possuíam experiências esportivas em outras modalidades, além do voleibol (9 sujeitos); e aqueles que construíram suas experiências esportivas unicamente a partir dessa modalidade (7sujeitos). No primeiro grupo, os jovens declararam possuir experiências em modalidades e práticas corporais diversas. Apesar disso, a motivação para a prática do voleibol se deu em função, das características presentes na modalidade que agiam sobre seus corpos, como a força, preparo físico, agilidade, habilidades. Tais atributos podem ser interpretados a luz de características que representam uma ideia de uma masculinidade hegemônica, normativa, relacionada a ideais de virilidade, força, agressividade.. Ao analisarmos as respostas do segundo grupo, notamos outras duas justificativas para a prática do voleibol. A mais predominante delas diz respeito às relações sociais anteriores ou que foram possibilitadas pela prática esportiva. Percebe-se nessas respostas que a prática esportiva em si não era o elemento que despertou o interesse dos jovens, o que ajuda a compreender porque a única experiência esportiva deles é por meio do voleibol. Por fim, quando perguntados sobre a existência de preconceito, apenas um afirma não perceber nenhuma forma de discriminação com a prática do voleibol. As respostas atestam uma consequência do ideal normativo de masculinidade hegemônica, que interdita a prática de modalidades relacionadas à feminilidade a homens. Ao dizerem também que não se importam com o rótulo, esses jovens reafirmam outras possibilidades de vivenciarem masculinidades. Com este trabalho, percebemos que o voleibol tem permitido a esses jovens a performatização de identidades de gêneros distintas. Nota-se que não se sobrepõe um ideal de masculinidade normativo, ao passo que os próprios sujeitos articulam características de diferentes matrizes de masculinidades em suas identidades, possibilitando a expressão de uma diversidade de masculinidades.

Palavras Chave: Masculinidades, voleibol, gênero.

MULHERES NO ESPORTE: UMA ANÁLISE SOBRE A ANSIEDADE FÍSICA EM PRATICANTES DE FUTSAL

Ana Kariny Cabral Araújo, Emerson Dias Batista, Raphael Moura Rolim

UNIFACEX – Natal/RN
anacabrall_@outlook.com

Introdução: Desde a década de 60, quando se iniciava com fervor os movimentos feministas, as mulheres vêm ocupando seus espaços na sociedade e no esporte não foi diferente. **Justificativa:** Bracht (1992) afirma que apresentar uma boa forma física nos esportes é quase que uma imposição social. A pesquisa é importante por analisar esta afirmação dentro de uma amostra. **Objetivo:** Analisar a preocupação com o corpo de mulheres praticantes de futsal, tendo como foco de investigação a ansiedade física com a forma física (padrão de beleza; estética). **Método:** A pesquisa foi realizada com auxílio da internet, utilizando uma ferramenta do Google drive: os formulários *Google*®. Foi aplicada na rede social *Facebook*® e ficou disponível por um período de 05 dias, com vinte e quatro (24) mulheres, com idades entre 18 e 22 anos, e praticantes de Futsal, residentes em diferentes cidades da região Potengi do estado do RN. Foi utilizado como instrumento para se construir as análises a Escala de Ansiedade Física Social (EAFS) (GOMES; GONÇALVES; COSTA, 2015). Este instrumento é composto por nove (9) itens (perguntas), distribuídos numa escala likert de 1 a 5, onde 1 expressa nenhuma preocupação com o corpo, e 5 extrema preocupação (1=nada característico de mim, 5 = extremamente característico de mim). O "score" resultante foi a soma dos valores de cada item. **Resultado:** Medido em porcentagem, os resultados apresentados a seguir são 25% das respostas apontaram para uma preocupação moderada com o corpo, ou seja, selecionaram as opções três (3). Porém 24% selecionaram as opções um (1): "Nada característico de mim"; e 23% selecionaram as opções dois (2): "Um pouco característico de mim". As opções menos selecionadas foram a cinco (5) com 17% (Extremamente característico de mim) e quatro (4) com 11% (Muito característico de mim). **Conclusão:** Segundo os resultados, observamos que a amostra com as 24 mulheres praticantes do futsal possuem um nível de preocupação com o corpo (aspecto físico) relevante. Demonstrando que 25% possuem esta preocupação moderada. Apesar de pouco selecionado, as opções quatro e cinco, que indicam forte preocupação com o aspecto físico, somam 28%, um número que não pode ser ignorado, porém, o resultado final indica que a mulher não apresenta uma preocupação exacerbada com seu aspecto físico, atribuindo outros fatores, não investigados aqui, para a prática esportiva.

Palavras Chave: futsal feminino, mulheres no esporte, estética, ansiedade.

NECESSIDADES X REALIDADE: O DESCOMPASSO DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS PARA MINIMIZAR SUAS DEFICIÊNCIAS

Márcio Luiz Bess[1], Carlos José Martins[2], Luiz Henrique do Santos, Denis Juliano Gaspar[2]
[1]Instituto Federal Sul de Minas – IFSULDEMINAS Poços de Caldas-MG, [2]Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquista Filho- UNESP Rio Claro-SP
marciobess@hotmail.com

A educação brasileira constitui-se em um desafio, pois métodos e recursos utilizados no processo de apropriação do conhecimento, não suprem satisfatoriamente as exigências do mercado e das transformações sociais. Este estudo, de natureza qualitativa tem por objetivo produzir reflexões sobre as deficiências da educação e possíveis estratégias para potencializar a produção do conhecimento por meio das tecnologias e ações que proporcionem um aprendizado espontâneo e prazeroso. O estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica utilizando como fontes: consultas em base de dados, artigos científicos e livros. De acordo com o referencial teórico analisado existe pouca relação entre as práticas pedagógicas cotidianas e a vida dos educandos. Os próprios jovens estimam que os momentos mais importantes do dia estão fora da escola e que as instituições de ensino não colaboram para motivar iniciativas, tomada de decisões, resolução de problemas e demais inquietações individuais. Considerando que o ambiente escolar deveria ser um local que gerasse oportunidades de vivências, através das quais a comunidade escolar pudesse em segurança, correr riscos, explorar, se testarem, jogar, fracassar, descobrir e aprender com prazer, gerando experiências que contribuirão a vida futura, no mercado de trabalho e para exercício de sua cidadania com responsabilidade e dignidade. Essa realidade não favorável promove um desapego e descredito da escola e reforça a necessidade de mudanças, para contemplar a realidade cotidiana de cada indivíduo, visando melhores resultados e a permanência do aluno nas instituições de ensino, visto que, muitos jovens se declaram mais felizes quando estão fora delas, sendo esse um dos motivos da evasão escolar. Métodos e práticas atrativas se fazem necessárias para o fortalecimento dos elos entre escola e aluno, atividades do contexto do lazer e tecnológico no ambiente escolar, pois estas facultam, entre outros aspectos, o bem-estar psicológico e o desenvolvimento dos sentidos, os conhecimentos específicos, ligações cognitivas e diversas habilidades dos que nelas participam, reverberam nas aspirações de ordem individual, familiar, cultural e comunitária. Constata-se que o uso das tecnologias é extremamente favorável à educação, pois, flexibiliza o processo de ensino aprendizagem ao máximo e contempla a diversidade de indivíduos, aprestam resultados potencializados quando somadas a práticas pedagógicas que envolvam vivências do âmbito do lazer estabeleçam relações com a realidade do aluno, produzindo assim, um aprendizado espontâneo prazeroso e duradouro. Estudos e pesquisas são necessários para estabelecer relações o lazer, ensino e tecnologia, vislumbrando a possibilidade da melhoria da gestão e disseminação do conhecimento.

Palavras Chave: Tecnologia, Educação, Lazer, Comportamento Humano

O ACOMPANHAMENTO ESCOLAR NA PRÁTICA DO VOLEIBOL

Márcio Adriano Bueno Scheibe, Rafael Castro Kocian
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho
mabsifsul@hotmail.com

Cada vez mais os jovens vêm se interessando pela prática do esporte competitivo e alguns deles acabam se direcionando para o alto rendimento. Com isso, pode acontecer de o estudo ser deixado de lado. Muitas vezes estes jovens, para continuar praticando o esporte, precisam sair de perto da sua família, que poderia ser o suporte nas questões escolares. Diante deste panorama vários clubes se preocupam, ou deveriam se preocupar, com o acompanhamento escolar. O objetivo deste trabalho foi verificar junto a clubes de grande expressão nacional, que trabalhem com a modalidade voleibol, se existe um trabalho de acompanhamento escolar e de que forma ele é feito. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado misto, com perguntas fechadas e abertas que foi enviado por e-mail devido à distância geográfica. Após analisar os resultados verificou-se que os clubes estudados desenvolvem algumas práticas relativas ao acompanhamento escolar, dentre elas: receber os boletins dos atletas e monitorá-los tanto em relação à frequência, quanto às notas, colocar um profissional à disposição dos jogadores para auxiliá-los na realização de atividades escolares, possibilitar uma maior elasticidade de horários e frequência de treinamentos aos atletas que necessitam melhorar o desempenho escolar. Ao término deste trabalho foi possível concluir que, dentro deste universo estudado, existem práticas bem interessantes relacionadas ao acompanhamento escolar e que estas práticas necessitam de uma maior divulgação dentro da área de Educação Física, podendo ser utilizadas como base para a construção de um instrumento de pesquisa mais sólido.

Palavras Chave: Acompanhamento Escolar, Esporte, Voleibol.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

O AVANÇO TECNOLÓGICO E SUAS RELAÇÕES COM O CORPO HUMANO CONTEXTUALIZADO E COM A SOCIEDADE

Juliana Lôbo Froio, Astor Reis Simionato, Afonso Antonio Machado
Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro/ SP-Brasil
julianalobofroio@hotmail.com

Sinônimos de obsoleto são antiquado, arcaico, desusado. A tecnologia aponta que aquilo que não lhe faça relação é obsoleto; o conceito de corpo aceitável e ideal, por sua vez, passou por constantes metamorfoses e ressignificações com o passar das eras históricas. Atualmente, indivíduos com deficiências, raças e credos diferentes são denominados de formas distintas e mutáveis, na tentativa de agregá-los ou simplesmente para segregação social (BALDANZA, 2006; CRUZ JUNIOR; 2010; NETTO, 2011). Nesta perspectiva, o presente texto objetivou promover uma relação do avanço tecnológico com os diferentes aspectos que envolvem discussões com sua relação com o homem contemporâneo contextualizado, e sua sociedade. Nota-se a necessidade da reflexão sobre qual será o fim (tempo/espaço) da metamorfose de conceitos e recursos tecnológicos no paradigma que seria a definição do corpo humano, com todo o seu contexto biológico e "emocional-racional". A sociedade caminha para a humanização através da robotização, como colocado no texto de Gaya sobre o projeto Primus Posthuman, por exemplo, em tentativas cada vez mais ambiciosas e sujeitas à validação prática da personificação por meio da tecnologia (GAYA, 2005). Diante disto, levantam-se indagações sobre a eternização do ser humano, das inteligências e qual a proximidade real de um projeto como este alcançar as sociedades plenamente. O modo de lidar com tal proximidade da tecnologia à humanização deve ser cauteloso e, ao mesmo tempo, utilizado com a sabedoria do progresso em todas as suas esferas; devemos lembrar-nos de não sermos obsoletos e prepararmos o futuro vivendo o presente, sabendo usufruir da tecnologia para o bem, para o aprimoramento de pesquisas, para a melhora da qualidade de vida e para atingir os menos favorecidos de forma a promover melhores recursos de necessidades básicas, sem deixarmos nos posicionar que algo assim é utópico. Além de permitir-rmo-nos ter felicidade e desenvolvimento pessoal com os recursos que temos ao nosso alcance, e com a nossa essência, não pensando em estereotipações e em transformações corporais rotuladas como ideais por via de regra (GAYA, 2005; BALDANZA, 2006; NETTO, 2011). Devemos não nos entregar ao preconceito da reformulação corporal, assim como à reformulação da essência, dos valores, do que não expomos em nossa imagem externa; proporcionar respeito, acima de tudo, para consigo e para com qualquer outra pessoa e valorizar a individualidade, as potencialidades, seus significados e dinâmicas corporais de cada um aliados aos recursos tecnológicos que lhe cabem para uma melhor qualidade de vida individual e socialmente.

Palavras Chave: Desenvolvimento Tecnológico, Corpo Humano, Sociedades.

O CUIDADO NO ESPORTE: UMA DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO CICLISMO.

Profa. Dra. Erika Hofling Epiphanio

Universidade Federal do Vale do São Francisco

NEPFE- Núcleo de Estudos e Pesquisa em Fenomenologia e Esporte

erikapsicoesporte@yahoo.com.br

A Fenomenologia enquanto visão de homem, realiza uma compreensão da subjetividade humana a partir da análise dos fenômenos vivenciados pelos indivíduos. Nesta perspectiva o homem deve ser compreendido enquanto *ser-no-mundo* e *ser-com-outros*, isto é, ao buscar compreende-lo é necessária uma compreensão do mundo em que este vive e de suas relações, pois ao mesmo tempo em que o mundo e as relações exercem influência neste homem, ele mesmo exerce também influência nos mesmos. Com isto, ao se trabalhar a Psicologia no contexto esportivo, passa ser primordial uma compreensão deste contexto específico do qual o *ser-atleta* vive, bem como de suas relações, considerando que o contexto esportivo permeia diversas relações específicas, como relação: treinador-atleta; atletas e os demais companheiros de equipe; atletas e adversários e atletas e comissão técnica. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é fazer uma discussão sobre o cuidado, na visão de Heidegger, a partir do trabalho psicológico realizado com ciclistas de categorias iniciantes, bem como ciclistas profissionais. Este trabalho foi baseado na experiência da autora deste trabalho, enquanto psicóloga de uma equipe de ciclismo no Brasil que realizou intervenções psicológicas nas categorias de base e profissional da equipe por cerca de 3 anos. Após uma conceituação do cuidado, na visão de Heidegger faremos uma diferenciação pensando inicialmente no cuidado do atleta em formação e posteriormente, o cuidado do *ser-atleta*. Ao se trabalhar o atleta nas categorias de base, tivemos como princípio básico, trabalhar o indivíduo em formação, com isto cuidar de sua compreensão sobre as vivências esportivas e as consequências em sua formação e este mostrou ser um cuidado de grande importância na conscientização destes indivíduos, tornando-os mais preparados para sua formação enquanto *ser-no-mundo* e ainda enquanto *ser-no-esporte*. Ao se pensar no atleta profissional o *ser-atleta* deve ser cuidado para que este tenha um aproveitamento melhor e menos desgastante de suas experiências de vida e esportiva, podendo com isto desenvolver estratégias de autoconhecimento e autocuidado, já que o mundo do esporte profissional é extremamente competitivo e muitas vezes o lado humano do atleta é deixado de lado pelos expectadores, pela mídia, pela comissão técnica e as vezes por ele mesmo. Concluindo, podemos perceber que o trabalho da Psicologia do Esporte pode ser considerado de grande importância para esta dimensão ontológica do *ser-atleta*, sendo que em alguns momentos o psicólogo é o único profissional que exerce uma função de cuidador no contexto esportivo.

Palavras Chave: (Fenomenologia, Psicologia do Esporte, Cuidado)

O DESENGAJAMENTO MORAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Thomás Augusto Parente – PIBIC CNPq
Roberto Tadeu Iaochite
Universidade Estadual Paulista – Rio Claro/SP
tho-94@hotmail.com

É crescente a constatação de estudos que demonstram a ocorrência de comportamentos antissociais nas aulas de educação física na escola. Identificado como agressões físicas, verbais ou morais, esses comportamentos podem acarretar sérias conseqüências tanto para os alunos quanto para o professor. O estudo desse fenômeno pode contribuir para promover o desenvolvimento de comportamentos que promovam a prática da cultura corporal de forma segura, saudável e com vistas ao desenvolvimento de atitudes positivas, respeito e comportamentos adequados entre todos nas aulas. Diversos referenciais têm estudado esse fenômeno no cenário nacional. Entretanto, estudos sob a perspectiva da teoria social cognitiva ainda são escassos. Nessa perspectiva teórica, o desengajamento moral, isto é, o processo pelo qual o agressor justifica suas ações antissociais, livrando-se da culpa, de forma que não reconheça os danos causados à vítima, trazem importantes contribuições para o estudo sobre tais comportamentos. O desengajamento moral ocorre por meio de oito mecanismos: justificativa moral (JM), linguagem eufemística (LE), comparação vantajosa (CV), minimização ou distorção das consequências (DC), desumanização (DH), atribuição de culpa (AC), deslocamento de responsabilidade (DR) e difusão da responsabilidade (DiR). O estudo teve como objetivo identificar situações de *comportamentos* antissociais nas aulas de educação física e mensurar os mecanismos de desengajamento moral utilizados como justificativa para tais comportamentos. Participaram do estudo 80 alunos matriculados no Ensino Fundamental – ciclo II, de ambos os sexos, com idade entre 10 e 14 anos, de duas escolas públicas do município de Rio Claro, SP. Os dados foram coletados utilizando uma escala de desengajamento moral traduzida e adaptada para o contexto da pesquisa, de 6 pontos, com índice de confiabilidade adequado (*alpha de Cronbach = 0.*88), composta por 32 itens, agrupados em 6 fatores. Os mecanismos de desengajamento obtiveram os seguintes valores: CV (M=2,93), AC (M=2,40), não responsabilidade pelos atos – DiR e DR (M=2,21), conduta reconstrutiva – JM e LE (M=2,20), DH (M=2,11) e DC (M=2,08). A discussão sobre comportamentos prossociais nas aulas de educação física pode promover não apenas a dinâmica das atividades, mas, sobretudo, promover o aprendizado da importância do respeito mútuo e de valores positivos ligados ao contexto da cultura corporal de movimentos. A teoria social cognitiva, em especial o desengajamento moral tem importantes contribuições a oferecer para o cenário das aulas de educação física na escola.

Palavras-chave: comportamentos antissociais; educação física; desengajamento moral

O MUNDO DO PARADESPORTO COMO FORMA DE INCLUSÃO E MOTIVAÇÃO PARA UM NOVO COMEÇO DE VIDA

Bruna Carolina Garcia Oliveira; Altair Moioli

Centro Universitário de Rio preto – UNIRP

bgarcia.edf@gmail.com

Introdução: A filosofia que se fundamenta os direitos humanos prega que todo indivíduo deve ter as mesmas oportunidades, direitos e deveres. Direito este imprescindível para os portadores de necessidades especiais, que por meio do esporte acabam se motivando e descobrindo uma forma de inserção ao meio social. Lidar com a completa mudança de vida e toda sua transição no processo de readaptação física, social e esportiva em pessoas com deficiência é um momento de extrema sensibilidade psicológica. **OBJETIVO**: Analisar as diferentes dimensões da motivação no esporte adaptado para a reabilitação e inclusão de praticantes iniciantes. **METODOLOGIA**: Os procedimentos metodológicos deste estudo teve como base uma revisão de literatura, caracterizando-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa. Para a análise do problema exposto, realizou-se uma busca pelas principais bases de dados, tais como: SCIELO, BIREME, revistas indexadas, livros, periódicos e artigos científicos com o tema proposto utilizando descritores: esporte adaptado, paradesporto, motivação e teoria da autodeterminação. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** De acordo com a análise realizada, o esporte exerce papel essencial na vida de pessoas deficientes em fase de reabilitação. Os fatores motivacionais advindos da prática esportiva reforça a preocupação em relação à saúde e a qualidade de via. Ficou evidente na pesquisa que a relevância da necessidade de afiliação é muito forte sendo um dos fatores primordiais para que os paratletas considerem a sociabilização um fator intrínseco e importante nas competições e na atividade física.

PALAVRAS-CHAVE: Paradesporto. Motivação. Teoria da Autodeterminação.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

O USO DA MENTALIZAÇÃO POR PRATICANTES DE PARKOUR

Alessandra Vieira Fernandes, Maria Edna Silva de Alexandre, Eltiene Soares Feitosa
Universidade Federal de Campina Grande, Universidade Estadual da Paraíba
E-mail do primeiro autor: alessandrafernandes.ale@gmail.com

O Parkour, para além de uma atividade física, é uma disciplina fundamentada no Método Natural de George Hérbert. Sua proposta consiste no desenvolvimento de força física e mental, suscetível de adaptação ao ambiente em múltiplas circunstâncias, a partir do movimento para a superação de obstáculos físicos e emocionais (Angel, 2011), tornando o indivíduo útil para si e para o outro. No Parkour, a exposição e o confronto com o medo é constante, exigindo um trabalho psicológico do praticante para lidar com essa variável (reacting-fear) e possibilitando o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento. O processo de mentalização, por sua contribuição na concentração, na redução da ansiedade e no aumento da confiança (Weinberg & Gould, 2001), é relevante para controlar as respostas físicas, mentais e comportamentais resultantes de situações causadores de medo (Duarte, Filho & Nunomora, 2008). Esse estudo objetiva investigar o uso da mentalização por praticantes de Parkour. Trata-se de um estudo exploratório. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 16 praticantes de Parkour com faixa etária de 19 a 37 anos de idade e experiência de 2 a 9 anos de treino. Os dados foram explorados à luz da Análise de Conteúdo Temática proposta por Bardin (1997). Os resultados evidenciaram que os praticantes de Parkour utilizam a mentalização como estratégia para enfrentar o medo e para executar o movimento de forma correta, evitando possíveis lesões ao corpo. O medo de errar contribui para que essa técnica seja desenvolvida, naturalmente e instintivamente, entre os praticantes através da necessidade de maior concentração. Os praticantes revelam que esta técnica ajuda na concentração e na avaliação do movimento e das habilidades motoras que serão necessárias para o movimento. Os praticantes constatam a efetividade de imaginar-se na execução da ação e a confiança, como efeito dessa técnica, permite que a movimentação seja eficaz e prudente. Diante dos resultados, conclui-se que a mentalização pode constituir uma importante ferramenta para lidar com o medo no Parkour e em outras práticas corporais.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Palavras Chave: Mentalização, Parkour, Psicologia do Esporte, Prática Corporal.

PADRÕES ALIMENTARES E ÍNDICE DE MASSA CORPORAL EM BAILARINOS

Bruna Faustino Antunes Ferreira, Andressa Melina Becker da Silva, Bruna Neves Gonçalves, Carrubla Ferracin da Silva, Sônia Regina Fiorim Enumo

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

brunantunnes@gmail.com

Os padrões alimentares podem estar relacionados a alterações no comportamento alimentar, com consequências a saúde, propiciando o surgimento de transtornos alimentares, como a anorexia e a bulimia. Essas alterações podem ocorrer em certas modalidades físicas, como o ballet, dadas as exigências de um tipo físico magro, com baixo índice de massa corporal (IMC). Este estudo analisou as relações entre o IMC em bailarinos e seus padrões alimentares, os quais podem desencadear quadros clínicos de transtornos alimentares. Participaram do estudo 56 bailarinos (mulheres = 87,50%), idade entre 12 e 34 anos (M = 17,64; ± 4,53), avaliados durante o Festival de Dança de Joinville, a nível internacional. O IMC foi calculado após medidas com uma balança para o peso e uma fita métrica para medir a altura. Utilizou-se o *Eating Atittudes Test* (EAT-26), que avalia o comportamento alimentar, com três subscalas: Fator Bulimia, Fator Dieta e Controle Oral. Pontuações acima de 20 indicam um padrão alimentar anormal, com risco para transtornos alimentares. Os dados foram analisados no *software* estatístico SPSS, fazendo uma análise estatística descritiva e inferencial (Correlação de Spearman e Kruskall-Wallis, com um nível de significância de $p \leq 0{,}05$, considerando a não normalidade e homogeneidade dos dados observada pelos testes Kolmogorov-Smirnov e Levene). Os resultados mostram que a maioria dos bailarinos estava com IMC normal (n = 37; 66,10%), 16 (28,60%) tinham IMC abaixo do normal, e 3 (5,40%), IMC acima do normal. Para o padrão alimentar, 42 bailarinos (75%) apresentaram um padrão alimentar normal e 14 (25%), anormal. A Correlação de Spearman indicou correlação positiva e significativa entre IMC e idade (rho = 0,46; $p \leq 0{,}0001$), indicando que bailarinos mais jovens tendem a ter menor IMC. Houve relações entre IMC e sexo (rho = 0,47; $p \leq 0{,}0001$), com as mulheres apresentando menor IMC. Considerando que 25% dos bailarinos apresentaram um padrão alimentar fora do esperado, há indicação de intervenção psicológica, dado o risco para transtornos alimentares. Esta situação é mais crítica para os adolescentes, por ser um período de risco para o desencadeamento de transtornos alimentares, quando os processos de autorregulação devem estar prontos para atender às exigências de autonomia e autossuficiência típicas dessa idade.

Palavras-Chave: Padrão alimentar, transtornos alimentares, bailarinos.

PARA ALÉM DOS SALTOS: VALORES MORAIS ASSOCIADOS AO PARKOUR

Alessandra Vieira Fernandes, Lilian Kelly de Sousa Galvão, Maria Edna Silva de Alexandre
Universidade Federal de Campina Grande
E-mail do primeiro autor: alessandrafernandes.ale@gmail.com

O Parkour é uma prática corporal coletiva que prioriza a superação individual e está enraizada em um conjunto de princípios associados a uma maneira particular de mover-se dentro do ambiente e de superar obstáculos físicos e mentais (Perriére & Belle, 2014). Os veículos de informação, como estudos acadêmicos científicos e reportagens, possuem uma função primordial na disseminação de valores agregados às práticas corporais. Esse estudo objetiva apreender e identificar os valores morais associados ao Parkour. Trata-se de um estudo exploratório e bibliográfico descritivo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com com 16 praticantes de Parkour com faixa etária de 19 a 37 anos de idade e experiência de 2 a 9 anos de treino. Também foram efetivadas uma análise da literatura acadêmica nas bases de dados acessíveis no periódico CAPES, onde foram selecionados os textos que abordavam diretamente o tema "Parkour" e desta seleção permaneceram 20 artigos, e uma análise de reportagens em 59 jornais eletrônicos. Os dados obtidos foram submetidos à análise de conteúdo temática proposta por Bardin (1997). Os resultados articulam os conteúdos da literatura e as informações da mídia com a percepção dos praticantes. Os estudos acadêmicos analisados têm explorado, em maioria, as implicações sociais da prática do Parkour, a personalidade narcísica e o comportamento de risco e a apropriação e reformulação do espaço urbano. As reportagens apresentaram dois grupos: as fundamentadas no embasamento teórico, filosófico e social da prática; e as que representam uma visão contemporânea da prática, embasadas em informações distorcidas por alguns recursos midiáticos promotores de preconceito, os quais supervalorizam a competição, a institucionalização da prática e a difusão de uma imagem desvirtuada dos praticantes. Os resultados denotam que parte da sociedade e da mídia desconhecem os princípios e os benefícios da prática, desencadeando reações negativas. Todavia, observa-se que o Parkour é afirmado, pelos praticantes, como uma prática transformadora que prioriza a cooperação e uma interação respeitosa com o meio e com a sociedade são essenciais para sua reputação como uma prática pacífica e responsável. O resultado desta pesquisa revela que, ao contrário de informações difundidas por alguns veículos midiáticos e acadêmicos que associam o Parkour à imagem contraproducente e competições, a prática possui em sua essência um forte senso de comunidade e responsabilidade social, em consonância com sua máxima original: "ser forte para ser útil".

Palavras Chave: Parkour, Prática Corporal, Valores Morais, Desenvolvimento Moral.

PEDAGOGIA DO JOGO APLICADA ÀS LUTAS NA INFÂNCIA.

Marcos Paulo Vaz de Campos Pereira; Débora J. F. Fabiani**; Alcides José Scaglia***.*
Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp, Limeira – SP, Brasil.*
*Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas – SP, Brasil**.*
*Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp, Limeira – SP, Brasil***.*
marcos.pereira@fca.unicamp.br

As Lutas enquanto conhecimento nas vivências de Educação Física na Educação Infantil possibilitam às crianças, por meio do jogo de faz de conta, o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social, estimulam a criatividade, sempre respeitando as características do desenvolvimento infantil e uma sequência pedagógica apropriada. Nesse sentido, o objetivo do presente texto é apresentar o jogo de faz de conta como um facilitador dos processos de ensino, vivência e a aprendizagem das Lutas, em consonância com os preceitos de Vigotski. A metodologia terá como referencial o jogo, um fenômeno complexo, e utilizará como estratégia pedagógica o faz de conta. Partindo das concepções da teoria histórico-cultural de Vigotski, o qual atribui grande importância ao jogo de faz de conta para o desenvolvimento infantil, o conhecimento será sistematizado sempre em um contexto que irá dispor de histórias, fábulas e os desenhos de Lutas, transportando a criança para esse mundo imaginário das Lutas e desenvolvendo o jogo como um conteúdo procedimental, possibilitando, assim, uma prática significativa, na qual a imaginação e a imitação de personagens tenham total destaque. Dessa maneira, o educador consegue inserir outras dimensões de conteúdos por meio deste mundo imaginário, como os conteúdos atitudinais e conceituais inseridos nas histórias e fábulas, conseguindo atingir os princípios históricos e filosóficos das Lutas, valorizar o conhecimento prévio dos educandos e sua opinião durante as aulas. Sendo assim o jogo de faz de conta apresenta uma finalidade pedagógica, visto que este possibilita a ressignificação das práticas culturais, coloca em evidência o desenvolvimento de habilidades potenciais da criança, além de intensificar as relações entre as crianças e destas com o ambiente e a provocar questionamentos, por parte dos educandos, sobre todo o conhecimento desenvolvido. Defendemos que essa estratégia pedagógica pautada no jogo possibilita uma valorização do desenvolvimento infantil, e possibilita às crianças vivenciar o conteúdo das Lutas de forma prazerosa e eficaz.

Palavras-chave: Luta; Crianças; Jogo; Imaginação; Imitação.

PENSAMENTOS AUTOMÁTICOS NO ESPORTE: PERSPECTIVA DE INVESTIGAÇÃO

Cátia Donizete Moreira[1], *Marcelo Callegari Zanetti*[1,2,3]
[1]*Universidade Paulista, São José do Rio Pardo, Brasil*
[2]*Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil*
[3]*LEPESPE/ UNESP, Rio Claro, Brasil*
jmartins.catia@hotmail.com

(Introdução) O presente projeto de pesquisa buscará verificar indícios de pensamentos automáticos em atletas no contexto esportivo, já que, tais pensamentos podem atrapalhar o desempenho do atleta, desviando sua atenção para algum acontecimento ocorrido anteriormente ou algo que está para acontecer, gerando sentimentos de ansiedade, estresse, medo, etc. **(Justificativa)** Esse trabalho justifica-se pela escassez de pesquisas envolvendo tal temática, além de importante contributo na busca pela excelência esportiva. **(Objetivo)** O objetivo do presente trabalho será investigar o comportamento problema (pensamento automático), bem como, seus antecedentes e consequências, afim de diminuir seus efeitos deletérios no esporte. **(Métodos)** Serão entrevistados individualmente 6 atletas amadores, por meio de uma entrevista semiestruturada, para detalhamento do problema. Durante a entrevista será solicitado que os mesmos relatem os pensamentos automáticos nas situações de competição, bem como, fatores desencadeadores e suas consequências negativas sob o desempenho atlético. **(Resultados)** Por meio do registro dos estímulos antecedentes, dos comportamentos e das respectivas consequências, será feita uma analise funcional, o que permitirá organizar de forma lógica e coerente as queixas dos atletas, ou seja, compreender de forma objetiva as relações entre a história de vida dos mesmos, seus comportamentos e as diversas variáveis do esporte. **(Conclusão)** Esse trabalho permitirá entender o que levou o atleta a se comportar desta maneira, o que mantém seu comportamento, e, principalmente, gerar possibilidades de mudanças, melhorando ainda os níveis de concentração durante os treinamentos e competições.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Palavras Chave: (Esporte, Pensamentos automáticos, Desempenho, Atenção)

PERCEPÇÃO DO SIGNIFICADO DE ARBITRAR PARA ÁRBITROS INTERNACIONAIS DE BASQUETEBOL

Flávia Renata de Almeida, Aline Iris Gil Parra Magnani, Luis Felipe Tubagi Polito, Maria Regina Ferreira Brandão

Universidade São Judas Tadeu
flavia.r.almeida@hotmail.com

Sabe-se que para a prática oficial do basquetebol são necessários três árbitros e, quanto maior a categoria em que se encontram, maiores serão a responsabilidade e as cobranças que recebem. Ao longo da carreira arbitral os árbitros passam por diferentes percalços desde ofensas e possibilidades de agressão física até serem considerados "culpados" pela derrota da equipe A ou B. Assim, conhecer o significado que uma atividade escolhida por eleição tem para os árbitros foi o objetivo do presente estudo. Para tanto, foram avaliados sete árbitros brasileiros de basquetebol, pertencentes à categoria internacional (de acordo com as normas estabelecidas pela Federação Internacional de Basquetebol - FIBA) através de uma perguntabque permitiu respostas abertas *"O que significa para você ser um árbitro de basquetebol?"*. A análise dos discursos foi feita de acordo com os procedimentos recomendados por Miles; Huberman (2004). Foram obtidas quatro categorias de respostas: a) desenvolvimento de competências e reconhecimento; b) emoções pela arbitragem e pelo basquetebol; c) relação com o basquetebol e d) meio de vida. Um aspecto importante a observar em relação às respostas enviadas pelos árbitros é que o "desenvolvimento de competências e reconhecimento" foi a categoria de discursos que mais apareceu como justificativa sobre o significado de ser um árbitro, mas a paixão pelo esporte e as emoções vivenciadas pela arbitragem e pelo basquetebol também são fatores fundamentais para a permanência destes profissionais no meio esportivo. O fator que recebeu menos destaque dentre as categorias acima foi a atribuição da arbitragem como um "meio de vida", ou seja, mesmo que a amostra pesquisada seja composta de árbitros internacionais de basquetebol, e que fazem do ato de arbitrar a sua profissão, não é este o aspecto predominante para os manter atuando nesta profissão. Por fim, nossa pesquisa corrobora com os estudos apresentados por Ferreira; Brandão (2012) e Brandão et al. (2011) o conhecimento dos aspectos relacionados ao significado arbitrar pode auxiliar na elaboração de planos de preparação psicológica pelas comissões organizadoras de eventos esportivos, bem como pelos órgãos responsáveis pela formação e orientação dos árbitros.

Palavras Chave: Arbitragem, Basquetebol, Significado

PERCEPÇÃO SUBJETIVA DE ESFORÇO DE ADULTOS JOVENS DURANTE A DANÇA EM AMBIEMTE REAL E VIRTUAL

Arielle de Fátima Da Silva, Gustavo Puggina Rogatto,Priscila Carmeiro Vallim-Rogatto

Universidade Federal de Lavras

*(*ariellefs@edufisica.ufla.br*)*

Há algum tempo os videogames fazem parte do lazer de pessoas de diferentes faixas etárias uma vez que a percepção atual dos jogos em relação aos antigos consoles vem sendo modificada. Os videogames ativos que incluem o exercício físico como meio de interação com o ambiente do jogo são recentes e diferentes tipos de pesquisa têm investigado a utilização dessa ferramenta como forma de atividade física. A realização de movimentos de dança por reprodução de movimentos simulados por jogos de computador pode agir de maneira diferente sobre aspectos de motivação do indivíduo. Isso pode afetar tanto aspectos biológicos quanto psicológicos, influenciando a percepção de esforço durante o exercício. O objetivo do estudo foi comparar a percepção subjetiva de esforço (PSE) de adultos jovens antes, durante e depois da realização de uma sessão de dança desempenhada reproduzindo-se os movimentos nas condições real e virtual. Vinte e cinco voluntários de ambos os sexos, com idade entre 20 e 39 anos, foram submetidos a duas sessões de movimentos de dança com a música "*Wanna be* - Spice Girls" do jogo "Just Dance 1" para console Nintendo Wii.A sessão 1 consistiu em reproduzir os movimentos de dança realizados pela boneca virtual do jogo (ambiente virtual).A sessão 2 consistiu em reproduzir os mesmos movimentos da sessão anterior, conduzidos por uma professora de dança (ambiente real).Ambas as sessões foram executadas em laboratório em ordem aleatória sendo realizadas com intervalo de pelo menos 48 horas.Cada voluntário realizou a sequência duas vezes seguidas, totalizando o tempo de 5'30" em cada sessão.O andamento musical foi de 110bpm.Antes, durante e ao final de cada sessão de dança foi realizada a aplicação da Escala Subjetiva de Esforço de Borg. A análise estatística foi feita por ANOVA e teste post hoc de Bonferroni considerando $p<0,05$.Não foram observadas diferenças significativas no nível de percepção subjetiva de esforço entre as condições real (antes: 6,1+0,6; durante: 9,3+1,8; e depois: 10,2+2,2) e virtual (antes: 6,1+0,3; durante: 9,5+2,1; e depois: 10,6+2,4).Foi observado aumento da PSE durante a sessão de dança em ambas as condições.Esse aumento se manteve até o final da coreografia tanto na condição real quanto na virtual.Embora a realização da sessão de dança tenha influenciado a percepção subjetiva de esforço, o ambiente não resultou em respostas diferenciadas em um grupo de adultos jovens.

Palavras Chave: Videogames ativos; Percepção Subjetiva de Esforço; Dança.

PERFIL DA ANSIEDADE DE TRAÇO E ESTADO EM ATLETAS BRASILEIROS DE ORIENTAÇÃO

Sara Fabrina Soares Dornelles Weis
Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro - Portugal
E-mail do autor: saradornelles@gmail.com

Introdução A preparação psicológica é tão importante quanto a física. Um bom técnico deve atentar-se para a motivação do atleta, o fortalecimento da autoconfiança, preparação para lidar com o opositor e com as condições existentes durante a competição. O esporte Orientação tem por característica ser desafiante e submeter os atletas à dúvida e à tomada de decisão com rapidez, onde a concentração e os níveis de ansiedade parecem estar em sintonia com os erros e acertos. **Justificativa** A importância deste estudo reside na transmissão do conhecimento acerca da atual condição dos atletas aos técnicos para que, no trabalho interdisciplinar com o psicólogo, possam minimizar a influência da ansiedade na competição. **Objetivo** Identificar o perfil da Ansiedade de traço (AT) e estado (AE) pré-competitiva dos atletas praticantes de Orientação e se existe diferença nos escores de ansiedade entre novatos e experientes. **Métodos** O estudo caracterizou-se por ser uma pesquisa exploratória descritiva de cunho qualitativo e corte transversal. Compôs a amostra 23 atletas militares com média de idade de 21,2 ±1,3 anos e tempo de prática de 3,5 ±2,9 anos, participantes da etapa Campeonato de Orientação do Rio de Janeiro, válida como seletiva interna para uma competição militar. Foram utilizados o Teste de Ansiedade Competitiva nos Esportes (SCAT) e o Inventário de Ansiedade Pré Competitiva no Esporte (CSAI-2). **Resultados** Ficou evidenciado que o grupo possui diferentes níveis de AT. No referente à AE identificou-se um nível médio em todas as dimensões. A AE Somática aparece com um valor médio-alto e a Autoconfiança varia entre valores médio-baixo. Ao separar os participantes pela experiência descobrimos que iniciantes apresentam mais características positivas no tocante ao preparo psicológico. A Autoconfiança é menor no grupo com maior vivência na modalidade. **Conclusão** Podemos destacar a importância e a necessidade de um plano de treinamento psicológico para os atletas do Esporte Orientação, tendo em vista que as características desta prática, aliada à comparação aos adversários e à expectativa sucesso/fracasso tendem a preocupar o atleta, retirando dele o foco, a atenção e o estado ótimo para a competição.

Palavras Chave: Psicologia do Esporte, Orientação, Ansiedade de Traço, Ansiedade de Estado

PERSONAL TRAINER: ORIGEM, ATUACAO E TENDENCIAS NO MERCADO DE TRABALHO

Thiago Andriolli Roberto; Afonso Antonio Machado
Universidade estadual paulista (UNESP)
andriolli.thiago@yahoo.com.br

(Introdução) Com as mudanças de comportamento provocadas pelo avanço tecnológico, onde uma sociedade rural trabalhadora e fisicamente ativa se transforma em uma população de ansiosos, estressados e obesos habitantes de cidades e subúrbios com pouco ou nenhum tempo para desenvolver exercício físico regularmente, surge o Personal Trainer, cujo a definição: "Profissional da área de saúde capacitado em avaliar, prescrever e controlar o exercício físico; fundamentados nos princípios científicos, que respeita os objetivos e limitações de seus alunos, para que dessa forma evite possíveis lesões".(Justificativa)Uma das justificativas desse trabalho é mostrar a importância e competência do profissional de educação física e suas tendências dentro do contexto desportivo no mercado de trabalho e sua pratica profissional como atuação dentro do mesmo.(Objetivo) identificar os motivos necessários, conhecendo os objetivos e limitações de cada aluno através de avaliações físicas e psicológicas, intensidade, duração, frequência e progressão para alcançar o objetivo proposto, gerando prazer e bem estar. (Metodologia)Revisão bibliográfica com utilização de material pertinente ao assunto. (Resultados) Vemos, que o treinamento personalizado traz benefícios extremamente positivos, principalmente motivacionais, nota-se tanto a melhora física quanto psicológica. (Conclusão) Como perspectiva do mercado profissional, não só Personal Trainer, mas o profissional de educação física seja a profissão do futuro, pois quanto mais mecanizada e informatizada é a vida do ser humano, maior a necessidade de se movimentar, cada vez mais, é preciso se exercitar, o profissional de educação física ainda não atua em todas as áreas por falta de conhecimento. o que se torna necessário reformular alguns currículos, para que dessa formar profissionais voltados para esse campo de atuação, sejam mais responsáveis, éticos, respeitando as limitações e transparecendo profissionalismo. Das profissões da área da saúde, a Educação Física, talvez seja a única que previne, cure e retarde os processos deletérios do envelhecimento. Por isso, é uma área que nós temos que saber como trabalhar nas diversas situações e fazer com que as pessoas sintam-se satisfeitas.

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E ESPORTES RADICAIS: PERCEPÇÕES DE UMA PRÁTICA POSSÍVEL

Nátali Cristófolli[1], Jacksiani Erat[2], Adriano Henrique Nuernberg[2]
[1]Universidade Federal do Triângulo Mineiro, [2]Universidade Federal de Santa Catarina
nani.cristofolli@gmail.com

Os esportes radicais proporcionam diversos benefícios à saúde física e mental de seus praticantes. Essa prática é considerada uma experiência transformadora, já que proporciona emoções e sentimentos em grande intensidade para o indivíduo. Considerando esses benefícios e o Modelo Social da Deficiência, que demonstra que a deficiência é a relação entre falta de estrutura do contexto social de uma pessoa com a sua lesão, faz-se importante o estudo da inclusão dessas pessoas nesse contexto. Dessa forma, **e**ste estudo objetivou verificar como se dava a inclusão das pessoas com deficiência em esportes radicais no estado de Santa Catarina, as barreiras encontradas, os facilitadores, e as percepções dessas pessoas sobre a vivência que experenciaram nessa prática. Para atingir tais objetivos, o estudo contou com doze pessoas com deficiência que já haviam realizado algum esporte radical, que foram entrevistadas com base em um roteiro de entrevista semiestruturado. As entrevistas foram audiogravadas mediante autorização, transcritas e posteriormente analisadas. Os resultados obtidos demonstraram que as motivações para a prática de esportes radicais estavam ligadas à autossuperação, à uma relação prévia com esportes em geral e reconhecimento da importância deste, à vontade de novas experiências, à fuga da rotina e à curiosidade aliada às oportunidades oferecidas. Em relação às barreiras e facilitadores, notou-se uma dificuldade de encontrar receptividade das empresas que oferecem essas experiências, adaptações de equipamentos, e uma formação diferenciada dos profissionais, como barreiras atitudinais e físicas. Entretanto, esses fatores quando encontrados, foram considerados facilitadores, assim como as iniciativas das organizações de pessoas com deficiência e o apoio dos familiares. A opinião de todos os praticantes sobre os esportes realizados foi positiva e a inclusão foi avaliada como possível, porém dependente da vontade e persistência das pessoas interessadas. Com base nas premissas do Modelo Social da Deficiência, nota-se que a diminuição das barreiras identificadas é condição para uma maior inclusão e que os facilitadores podem consolidar a mesma. É importante pontuar que o presente estudo ainda está em processo de finalização, entretanto, com os resultados obtidos pode-se observar a relevância que este possui para o cenário investigado.

Palavras Chave: Deficiência, Esporte Radical, Modelo Social da Deficiência, Psicologia, Inclusão

PRÁTICA DE YOGA PARA GESTANTES

Laissa P. Avallone, Marcela Pedersen, Silvia Deutsch
Departamento de Educação Física da Unesp de Rio Claro
laissa2_avallone@hotmail.com

A gestação é um período caracterizado por grandes mudanças na vida de uma mulher. Ao longo dessa experiência singular, a gestante passa por inúmeras alterações fisiológicas, biomecânicas e emocionais. No que diz respeito especificamente aos aspectos emocionais, essas alterações são marcadas por momentos de estresse, angustia, ansiedade, alegria, afeto entre outros. Esse fato faz com que, cada vez mais as futuras mamães procurem algum tipo de ajuda nos mais variados tipos de atividades físicas - em busca de equilíbrio físico e mental, mais conforto na gestação, e bem estar do bebê, ainda em desenvolvimento. O Yoga trata-se de uma filosofia que busca equilíbrio entre corpo e mente, sua prática é possível à todos, pois não exige alta performance, e essas características fazem desta prática uma atividade que pode proporcionar inúmeros benefícios para gestantes, já que a mesma contribui para a melhora de aspectos físicos, como o desenvolvimento da força, flexibilidade articular, maior controle postural, além de beneficiar o funcionamento dos sistemas cardiovascular, endócrino, digestivo e nervoso. Auxilia ainda no aspecto mental, gerando maior tranquilidade, controlando níveis de estresse e a ansiedade, promovendo assim um melhor controle emocional e equilíbrio. Além dos fatores citados, acredita-se que o Yoga seja uma prática bastante viável no período gestacional, já que acarreta baixos riscos à mãe e ao bebê, e pode trazer maior conforto aos distúrbios digestivos e diminuição de dores em virtude do peso extra, reduzindo a fadiga. Partindo dessa perspectiva que este trabalho se desenvolve. O objetivo do projeto consiste em investigar os benefícios da prática do Yoga para gestantes, principalmente no âmbito emocional, com base em uma revisão bibliográfica a respeito do tema Yoga, transtornos hormonais provocados pela gestação, benefícios de atividades no período gestacional, entre outros. Alguns resultados apontam que a prática interfere na ansiedade devido a uma resposta de relaxamento, uma redução generalizada na excitação somática fazendo com que ocorra um aumento de bem-estar, autoconfiança, melhora de humor, redução da tensão emocional, da depressão, da ansiedade e da irritabilidade. Fatores como ansiedade e estresse podem transformar a gravidez em um período desgastante, prejudicando a saúde da mulher, influenciando de forma negativa o desenvolvimento do bebê, pois quando exposto a elevados níveis de cortisol, hormônio do estresse, a probabilidade de empobrecimento no desenvolvimento mental do feto é maior. Conclui-se portanto, que o Yoga é uma prática que auxilia e contribui para a melhora física e psicológica da mulher, inclusive no que se refere aos fatores psicológicos como ansiedade e estresse.

Palavras chave: Yoga, gestantes, ansiedade, estresse.

PRÁTICAS DE YOGA PARA ALUNOS PRÉ-VESTIBULANDOS

Marcela Pedersen, Laissa Pietro Avallone,
Ana Claudia Gomes de Amorim Pinto, Silvia Deutsch.

Departamento de Educação Física do Instituto de Biociencias da Unesp de Rio Claro.

marcela.pedersen@hotmail.com

O adolescente vive uma fase extremamente difícil, em que não se encontra nem na infância e nem na idade adulta, vivenciando diversas perdas, conflitos e também crises de identidade. No contexto escolar do ensino médio, o jovem tem seus três anos correspondentes dedicados exclusivamente para o Exame do Vestibular. A escolha vocacional e a preparação para o mundo das profissões, configura-se como um período de conflitos e dúvidas que desencadeiam tanto emoções agradáveis como grandes frustrações. A ansiedade e a falta de autoconfiança são estados que oscilam durante esse período. Dois tipos de ansiedade podem se apresentar neste período: a cognitiva e a somática. A ansiedade cognitiva caracteriza-se por pensamentos negativos e preocupações sobre a performance, o que prejudica a concentração e atenção. É um fator negativo na fase do exame vestibular pois afeta também a agilidade psicomotora e a capacidade de elaborar ou desenvolver estratégias. A ansiedade somática, envolve elementos fisiológicos e afetivos. Ambas interferem na autoconfiança do adolescente que é conceituada como uma crença geral do indivíduo de poder realizar com sucesso uma atividade. Yoga é uma prática composta por posturas psicofísicas, exercícios de respiração entre outras inclusive a meditação que promovem a integração do ser em todos os aspectos, além de auxiliar na busca da auto-observação , sendo um caminho que conduz o homem a compreender-se. Nesse período de grandes decisões, essa prática pode contribuir com a proposta da busca de equilíbrio físico e mental, que auxilie o estudante provocando mudanças comportamentais e emocionais positivas. Com base em uma revisão bibliográfica a respeito do tema em questão, este estudo contempla a investigação da interferência da prática de Yoga nos estados emocionais e nos níveis de ansiedade e autoconfiança em jovens pré-vestibulandos. Segundo os autores estudados, o Yoga é um instrumento auxiliar para aquisição da sensibilização corporal desenvolvendo um conhecimento do próprio corpo além de capacidades físicas onde também se faz necessário um cuidado com a mente, de modo a formar o indivíduo de maneira integral e harmoniosa, sendo uma excelente alternativa para o jovem neste período de preparação para o vestibular. Essa prática pode auxiliar no controle da ansiedade devido a uma resposta de relaxamento e uma redução generalizada na excitação somática alterando o comportamento do indivíduo, tornando-o mais sereno, calmo, e descontraído podendo auxiliar o adolescente durante essa etapa difícil de sua vida.

Palavras chave: yoga, vestibular, estados emocionais.

PREVENÇÃO E RECUPERAÇÃO DE LESÕES EM ATLETAS DE VOLEIBOL E AS TECNOLOGIAS

Mateus da Silva Pinheiro[1], José Calixto[2], Adriane Beatriz de Souza Serapião[2]
[1]FHO – Uniararas, [2]UNESP – Rio Claro
mateus.spineiro@gmail.com

Todas as práticas esportivas estão sujeitas a lesões e os atletas de alto rendimento estão mais vulneráveis, não só porque praticam cada vez mais cedo como também com mais intensidade, aumentando as possibilidades das lesões. Esse estudo objetiva responder questões como: quais são as principais causas de lesões esportiva na modalidade voleibol, quais as prevenções aos atletas de rendimento, e como a tecnologia contribui para esse trabalho. As lesões crônicas são de dedos, ombros e, principalmente, joelhos e tornozelos, apesar de algumas lesões serem incomuns, como arteriais de mãos em jogadores de voleibol, encontrando como causa o ataque dos atletas. Analisado no momento de jogo, o fundamento de maior predisposição à ocorrência deste agravo são bloqueios, levantamentos e ataques, sendo mais grave, o peixinho (defesas). Destacam-se aqueles em que se propicia maior impacto sobre o chão (rolamentos). Porém, a causa geradora do maior número de afastamentos dos atletas é a síndrome do joelho do saltador, caracterizada pela tendinite patelar ou do tendão do quadríceps, decorrente do grande número de repetições de saltos executados pelos atacantes, bloqueadores, toque em suspensão, saque viagem, dentre outros. Atletas do sexo feminino apresentam maiores incidências de entorses nas articulações do tornozelo devido ao grande contato com a bola na defesa, em que as estruturas faciais (nariz e supercílios) podem tornar-se mais vulneráveis, bem como a não utilização ou uso incorreto de equipamentos de proteção, treinamento escasso e, evidentemente, os choques com adversários e contra o suporte da rede. A prevenção pode ser feita com trabalho de propriocepção, que reduz as possibilidades de entorse de joelho e tornozelo, utilizando corda, *bosu*, bola suíça, etc. Porém, pode ser realizada também com o uso de novos métodos tecnológicos que enriqueceram ainda mais os tratamentos, como o trabalho que é realizado pelas seleções brasileiras feminina e masculina de vôlei, medindo a temperatura através de termômetro digital que envia todos os dados de cada atleta para o computador para análise. Quanto maior a quantidade de calor, maior o risco de lesão, que quando detectada é levada ao consentimento da comissão técnica, que realiza a intervenção para o atleta ser poupado ou fazer um treinamento diferenciado, evitando lesões ou agravamento das mesmas, que deve ser avaliado por uma equipe multidisciplinar e de acordo com cada caso de lesão, calendário da competição e necessidades dos atletas e comissão técnica. A proposta deste trabalho visa responder as perguntas apontadas e contribuir para o tema.

Palavra Chave: Lesão, atletas, e tecnologias.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS EM AMBIENTES VIRTUAIS: UM OLHAR SOBRE A RESOLUÇÃO Nº 466/2012

Marcelo Callegari Zanetti[1,2,3], Afonso Antonio Machado[3], Maria Regina Ferreira Brandão[2]
[1]UNIP – SÃO JOSÉ DO RIO PARDO
[2]USJT – SÃO PAULO
[3]LEPESPE/UNESP – Rio Claro
marceloczanetti@hotmail.com

(Introdução) No Brasil, a resolução nº 466/2012 pode ser considerada norteadora da ética em pesquisas e testes envolvendo seres humanos. Tal resolução foi publicada no dia 13 de junho de 2013 no Diário Oficial da União, após ter sido aprovada pelo Plenário do Conselho Nacional de Saúde (CNS) na 240ª Reunião Ordinária em dezembro de 2012, substituindo assim a resolução 196/96 em sua versão mais atualizada, datada de 2012. Paralelamente, é notório o crescimento envolvendo pesquisas com seres humanos em ambientes virtuais (jogos *online*, redes sociais, fóruns, salas de bate papo, etc.) o que demonstra a necessidade de se adotar procedimentos éticos também nesses ambientes. **(Justificativa)** Esse trabalho justifica-se pela importância de se estabelecer procedimentos éticos em ambientes virtuais. **(Objetivo)** Verificar a existência de procedimentos éticos específicos para ambientes virtuais na resolução nº 466/2012. **(Métodos)** A fim de atender aos objetivos propostos, a resolução acima citada foi lida integralmente atentando-se principalmente para a adoção dos termos: "virtual" e "internet", bem como de procedimentos éticos específicos para esses ambientes. **(Resultados)** Como resultado, a resolução nº 466/2012 menciona apenas uma única vez a palavra virtual, ao reconhecer "... o progresso da ciência e da tecnologia..." "... no comportamento do ser humano nos meios reais e virtuais disponíveis…", o que demonstra o reconhecimento de sua importância, mas, a ausência de procedimentos específicos para esse fim no documento norteador de princípios éticos em pesquisas e testes envolvendo seres humanos. **(Conclusão)** Apesar da ausência de procedimentos éticos específicos para ambientes virtuais na resolução nº 466/2012 há importantes recomendações nas obras de Young (2013), Boellstorff (2008) e principalmente nas de Boellstorff et al. (2012), que sugerem os seguintes cuidados: 1. Princípio do cuidar, 2. Consentimento informado, 3. Atenuar os riscos legais e institucionais, 4. Anonimato, 5. Fraude, 6. Sexo e intimidade, 7. Fazer o bem e compensar, 8. Despedir-se e 9. Retrato fiel. Tais recomendações, compiladas na tese de doutorado de Zanetti (2013) parecem ser um importante caminho na adoção de tais princípios, que vão além da simples citação de muitos pesquisadores de ambientes virtuais de que todos os princípios éticos da resolução nº 466/2012 foram adotados e de chamar atenção para a necessidade de serem implementadas recomendações para tal fim nesse documento.

Palavras Chave: (Procedimentos éticos, Ambientes Virtuais, Pesquisa com seres humanos.)

PROCESSOS COGNITIVOS: A CAPACIDADE DE MEMORIZAÇÃO PÓS-EXERCÍCIO

Emerson Dias Batista, Anna Cândida Guimarães, Ronald França, Thales André Garcia Santos, Raphael Moura Rolim

UNIFACEX
emersondias_95@hotmail.com

Introdução: Compreender a relação existente entre o exercício físico e os aspectos psicobiológicos vem sendo tema central de alguns estudos e revisões, neste estudo vamos nos ater ao Processo Cognitivo de Memória, como uma capacidade de registro, conservação e evocação de experiências e/ou fatos previamente ocorridos. **Justificativa:** Melo (2005) aponta literaturas sobre esta relação entre a capacidade aeróbia e as capacidades cognitivas, como Molloy (1988), Van Boxtel (1996) e Willians (1997). O trabalho será contribuinte para a área acadêmica por analisar na prática os benefícios de exercícios em relação a memória, uma área que não conta com muitos estudos no Brasil. **Objetivo:** O objetivo é investigar esta relação entre exercícios físicos e a capacidade cognitiva de memorização classificada como imediata (DALGALARRONDO, 2008). O que queremos saber é se a capacidade de memorizar imediatamente melhora após exercícios físicos. **Método:** como método utilizamos um jogo de memorização, que foi aplicado a seis adolescentes voluntários do sexo masculino, com média de idade de 14 anos, durante duas sessões. Foi aplicado a três jovens antes das aulas de Educação Física, e aos outros três pós aulas de Educação Física. Nas aulas de Educação Física, os voluntários participavam através de exercícios aeróbios. O jogo utilizado para medir a capacidade de memorização era uma espécie de tabela 6x5 (30 quadrados), que preenchia uma folha, e cada sessão utilizava cinco tabelas. O aplicador possuía em mãos as mesmas tabelas, porém com alguns quadrados preenchidos. A primeira página possuía cinco e a última nove quadrados "rabiscados", de uma forma crescente, aumentando a dificuldade da primeira para a última página. Essas páginas eram mostradas aos alunos, uma de cada vez, e eles tiveram 5 segundos para memorizar os locais dos quadrados rabiscados na tabela, e fazer o mesmo em suas tabelas em branco. **Resultados:** os três alunos voluntários que fizeram o teste antes das aulas de Educação Física, com exercícios aeróbios, obtiveram 73,8% de acertos. Já os outros três, que realizaram o teste logo após as atividades físicas, obtiveram 85,9 % de acertos. **Conclusão:** Com esse resultado, chegamos à conclusão de que nos voluntários, os exercícios aeróbios influenciaram no aumento de suas capacidades cognitivas de memorização. Porém, não se pode afirmar (generalizar) que o exercício aumenta a capacidade de memorização, tendo em vista que o público avaliado foi muito específico e de quantidade pequena. Porém fomenta e sugere mais ainda investigação acerca do tema.

Palavras Chave: memorização, capacidades cognitivas; exercício físico.

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DIFICULDADES E SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS VOCAIS

Vagner José Pedersen, Marcela Pedersen

Centro Universitário de Araraquara UNIARA, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita filho" Câmpus de Rio Claro UNESP

vagnerpedersen@ig.com.br

INTRODUÇÃO Esse trabalho preocupa-se com a preservação e o adequado uso da voz pelo professor de educação física no exercício de sua profissão no ambiente escolar, que é caracterizado na maioria das vezes por uma quadra esportiva, o que determina algumas características específicas quanto aos aspectos vocais desse profissional. JUSTIFICATIVA A voz é considerada como uma das principais ferramentas usadas pelo professor na realização do seu trabalho, (DRAGONE, 2000), não bastasse o amplo espaço onde o professor de educação física escolar atua, a natureza da aula contribui para a composição de um ambiente ruidoso, que acaba concorrendo com a voz de comando do professor, ocasionando o desgaste do aparelho fonador. OBJETIVO/MÉTODO/RESULTADO Evidenciar os distúrbios vocais apresentados por professores, e apontar algumas iniciativas que apontam soluções para os problemas, para tanto foi necessário a revisão de alguns trabalhos na área. Diferentes autores apontam diferentes motivos para a manifestação do problema, Alves (2011) constata a falta de preparo aliado ao uso intenso, Mestre (2012) relata a falta de conhecimento em reconhecer problemas aliada a procura tardia por ajuda, já Alves (2011) atribui os problemas vocais como resultado do uso intenso, somado a condições desfavoráveis de trabalho. Entre os autores que buscaram soluções há Esteves (2011) que testou com sucesso a hidratação, já Ribas (2012) propõe a ação fonoaudiológica e Santos (2012) a capacitação por um curso a distância. Todas as iniciativas apresentaram bons resultados sobre a voz dos professores estudados. Dragone e Giovanni (2014) defendem a inclusão nos currículos dos cursos de graduação de professores a preparação do uso da voz de maneira profissional, assim como Nóvoa (1999) quando diz, "[...] é preciso que os professores sejam capazes de refletirem sobre sua própria formação, encontrando modelos de formação e de trabalho [...]" (NÓVOA, 1999, p.20). CONCLUSÃO Diante da evidência do problema vocal em professores e o papel central que esse profissional ocupa no processo escolar, importância reforçada por Tardif (2005) que diz que o professor é o sol do sistema pedagógico, cabe reivindicar em tom de sugestão a complementação do currículo da graduação em educação física no sentido de atender as necessidades de conhecimento do uso profissional da voz.

Palavras chave: Professor, Educação Física,Voz

PROGRAMA ESPORTE E LAZER DA CIDADE: SATISFAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL DOS INSCRITOS

Elisângela Silva, Gisele Petreca Leal, Tales Christian Soares, Rafaela Nayara Lara Pessoa, Wagner Zeferino de Freitas
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Câmpus Muzambinho
elisangela.silva@muz.ifsuldeminas.edu.br

A imagem corporal pode ser conceituada como uma construção multidimensional que representa como os indivíduos pensam, sentem e se comportam a respeito de seus atributos físicos. Independentemente da faixa etária, há fatores socioculturais, tais como mídia, amigos e família que influenciam os indivíduos a buscarem o corpo perfeito. O objetivo deste estudo foi identificar a insatisfação com a imagem corporal em beneficiários do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) - Vida Saudável do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Câmpus Muzambinho em parceria com o Ministério do Esporte. A amostra foi constituída de 50 mulheres com idade acima de 45 anos (62,1±8,4 anos) inscritas no PELC. Para análise da imagem corporal fez-se uso do Silhouette Matching Task (SMT) proposto por Stunkard et al. (1983) e adaptado por Marsh e Roche (1996). O SMT, composto por 12 silhuetas em escala progressiva, foi apresentado às integrantes do PELC, devendo essas responder às seguintes questões: Qual é a silhueta que melhor representa a sua aparência física atual e qual silhueta você gostaria de ter? Foi avaliada a discrepância entre a silhueta atual (SA) e a silhueta ideal (SI). Para análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva e o teste de t de Student para amostras pareadas no SPSS 21. Após análise dos dados verificou-se que 12% da amostra encontram-se satisfeitas com sua imagem corporal, enquanto que 88% apresenta algum tipo de insatisfação com sua SA. Dentre as que se encontram insatisfeitas com a sua SA, 8% gostariam de ganhar peso e 80% de emagrecer. Comparando-se a média da SA que foi de 8,0±2,4 com a média da SD de 5,4±1,9 observou-se que estas mulheres gostariam de ter uma silhueta significativamente menor ($p<0,001$). Ao final deste estudo foi possível identificar que 88% participantes do PELC encontram-se insatisfeitas com a sua SA e que o anseio destas, na sua maioria é a redução da SA.

Palavras Chave: Imagem Corporal, Mulheres, Satisfação.

PSICOLOGIA DO ESPORTE E MÍDIA CONTEMPORÂNEA: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA (IN)VISIBILIDADE.

Bruno Bember Lofiego; Raphaell Moreira Martins; Gabriel Keine Kuga; Afonso Antônio Machado.

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

brunolofiego@gmail.com

Introdução: O que poderia ser pensado como lazer em um passado recente, direcionando-se a reuniões religiosas, clubes de campo, brincadeiras com amigos na rua, já é tido por inviável na maior parte das sociedades contemporâneas. Em decorrência principalmente do excesso de compromissos e constante medo da violência gerada pela urbanização descontrolada, o uso de mídias modernas, tais como a televisão e mais recentemente a internet e smartphones, torna-se a opção possível de interatividade e diversão. Este processo de enclausuramento nas casas e de individualismo transforma as novas mídias em verdadeiros espações físicos, onde é possível observar "relações interpessoais". Tais espaços criam tendências de comportamentos e atividades sociais a partir da exibição de recortes diretivos e tendenciosos, que facilmente criam realidades, guiam opiniões e sentimentos. Justificativa: A importância do estudo se dá devido ao espaço que as grandes mídias e tecnologias, principalmente alternativas, estão obtendo no cotidiano e influência mundial, fluindo de maneira quase instantânea e abrangendo cada vez mais indivíduos. Tal movimento exige uma postura sólida também da Psicologia do Esporte na análise de consequências relacionadas a estes fenômenos próprios da atualidade. Objetivos: Contribuir para o estudo de fenômenos psicossociais gerados tanto na visibilidade quanto na invisibilidade de atletas a partir das grandes mídias, o quanto isso os influencia e influencia também o público em geral, refletindo na mídia não-tradicional. Métodos: O trabalho vem sendo realizado a partir de revisão bibliográfica, contando com análises de artigos, notícias e entrevistas. Partindo da compreensão geral da questão, o projeto será direcionado na aproximação com atletas de pouca exibição midiática e ao público em geral da mesma região, a fim de observar como sentem-se e o que motiva tanto esta classe de atleta quando o grande público na relação de valorizar e reconhecer ou não estes. O material utilizado será contato pessoal e pesquisa netnográfica. Resultados e Conclusão: Assim como as imagens divulgadas pela mídia, a vida pública também transforma o sujeito em um ser impessoal, pois este é caracterizado pela função de seu trabalho, sendo apenas isto visível, e não o seu ser. Portanto, o sujeito encontra-se sem referência e em crise sobre sua verdadeira identidade, sobre seu lugar na sociedade. O presente trabalho analisa o que se desenvolve a partir disso, a invisibilidade pela indiferença, que pode ser observada não apenas por falta de destaque ao indivíduo, mas muitas vezes por estigma e preconceito por este não se enquadrar a uma normalidade construída.

Palavras chave: Psicologia do Esporte; Mídia; Invisibilidade

PSICOLOGIA DO MERGULHO: UMA REVISÂO BIBLIOGRÁFICA

Roberto Trindade
UniFMU- Faculdades Metropolitanas Unidas
trindade_scuba@hotmail.com

Introdução: O mergulho é um esporte de aventura complexo e envolve diversas atividades com diferentes níveis de risco e incidência de perigos que podem gerar incidentes/acidentes. Sabemos que traumas raramente resultam de um único fator. Constituídos por encadeamentos de erros previsíveis, são, portanto, evitáveis. Estes podem ocorrer em função de alterações no estado emocional do mergulhador, desencadeados por quadros de ansiedade, estresse e pânico. Assim sendo, o entendimento da Psicologia do esporte reveste-se de fundamental importância. **Objetivo:** O objetivo deste estudo foi realizar uma revisão de literatura sobre a Psicologia do mergulho. **Procedimentos:** O método adotado foi a revisão sistemática realizada nas bases Medline e Google Acadêmico® entre os meses de janeiro à julho de dois mil e quinze. **Resultados – revisão:** Segundo J. Barbero, (1993); J. Brohm, (1993); N. Elias & E. Dunning, (1992) "o esporte contemporâneo é considerado um dos maiores fenômenos sociais do século e agrega em torno de si um número cada vez maior de áreas de pesquisa". De acordo com Bracht, (1995) são elas "a antropologia, filosofia, psicologia, sociologia, medicina, fisiologia e biomecânica", constituindo as chamadas Ciências do Esporte. Rubio (2000) afirma que ao longo dos anos temas como motivação, personalidade, estresse, bem-estar psicológico, pensamentos e sentimentos de atletas entre outros aspectos da prática esportiva foram sendo incorporados à lista de preocupações e necessidades de pesquisadores e profissionais. Assim sendo, traçamos uma linha histórica a partir de Capodieci (2002) que nos remete à 1945, ano em que Behnke publica o primeiro artigo a respeito das reações psicológicas no mergulho no American Journal of Psychology e prosseguimos até 2014, fundamentados nos trabalhos da Divers Alert Network (DAN) e da Undersea and Hyperbaric Medical Society (UHMS) que debruçaram – se sobre o tema em seus diferentes aspectos. **Considerações finais:** Discutir o mergulho por meio da revisão sistemática possibilitou buscar compreensões à luz da Psicologia do esporte e dos riscos envolvidos na modalidade. Podemos afirmar que as questões emocionais tornam-se o diferencial nos momentos de estresse e consequentemente, influenciam diretamente a segurança do mergulho. Alguns estudos nesta temática apresentam sugestões para minimizar este quadro preocupante, focando a prevenção.

Palavras Chave: Mergulho recreativo, turístico e de lazer; psicologia do esporte; psicologia do mergulho.

PSICOPROFILAXIA, ESPORTE E ADOLESCÊNCIA

Letícia Molina Rodrigues, Tânia Aiello-Vaisberg
PUC-Campinas
leticiamolina_r@hotmail.com

Objetivo: A presente pesquisa investiga o imaginário coletivo de adolescentes sobre o esporte. **Justificativa:** A literatura científica indica que a adolescência é período de acentuada vulnerabilidade ao sofrimento emocional, o que motiva a proposição de práticas clínicas preventivas, que se revelam especialmente eficazes quando apoiadas em mediações não-verbais. Justifica-se portanto a realização de estudo preliminar e exploratório sobre o imaginário de adolescentes sobre o esporte, visando seu uso como atividade mediadora. **Método:** Dezenove adolescentes, frequentadores de uma ONG, foram coletivamente entrevistados por meio do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Psicanaliticamente consideradas, suas respostas levaram à interpretação de campos de sentido afetivo-emocional vinculados a diferentes posicionamentos. **Resultados:** Os participantes posicionam-se diante do esporte concebendo-o a) como lazer (6 adolescentes) ; b) como meio para obtenção de reconhecimento e ascensão social (10 adolescentes) e c) como atividade perigosa (3 adolescente). **Discussão:** Os resultados permitem cogitar que os adolescentes que já imaginam o esporte como lazer encontram-se em condições de obter benefícios imediatos de uma atividade brincante. Aqueles que concebem o esporte como meio para obtenção de reconhecimento e outros ganhos merecem ser atentamente acompanhados durante sua participação neste tipo de atividade. Os que associam o esporte a perigo provavelmente serão melhor atendidos em enquadres clínicos baseados em arte ou artesanato. **Conclusão:** O uso do esporte em psicoprofilaxia parece promissor, ainda que não seja indicado para todo e qualquer adolescente.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Palavras-chave: (Adolescentes, imaginário coletivo, prática esportiva, pesquisa com método psicanalítico, D. W. Winnicott).

REESTRUTURAÇÃO DO PROGRAMA "GINÁSTICA LABORAL NA UFLA" PARA CONSCIENTIZAÇÃO E MANUTENÇÃO DA ATIVIDADE

Paula Aparecida Borges, Renata Batista Fernandes, Priscila Carneiro Valim-Rogatto
Universidade Federal de Lavras
(pauli-nha-borges@hotmail.com)

O objetivo do presente estudo foi relatar a experiência de reestruturação de um programa de Ginástica Laboral (GL) para a adesão e principalmente a manutenção à atividade. Em 2010 foi implantado, como projeto de extensão, o programa "Ginástica Laboral na UFLA" na Universidade Federal de Lavras (Lavras-MG) e com o seu desenvolvimento, foi possível observar resultados positivos. Eram oferecidas aulas de GL em diversos setores da universidade. O programa beneficiava os servidores docentes e técnicos-administrativos de diferentes setores agrupados em núcleos, tais como: Núcleo da Biblioteca, Núcleo da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC) e Núcleo da Coordenadoria de Saúde. Os bolsistas e monitores do projeto, sob a supervisão da orientadora, ministravam aulas com duração de 15 minutos disponibilizadas em três ou duas vezes por semana nos períodos matutino e vespertino. De acordo com o horário as aulas de GL eram do tipo preparatória ou compensatória. A metodologia era adequada de acordo com as necessidades dos servidores e as aulas eram variadas, explorando materiais simples e de fácil acesso. Era realizada em um local especifico disponibilizado por cada núcleo. Os participantes do programa relatavam perceber resultados como a diminuição de dores causadas por determinado esforço repetitivo, melhora da postura, maior disposição para o trabalho e principalmente maior interação social. Mostravam-se satisfeitos, assíduos e disciplinados no decorrer do programa. Apesar dos numerosos benefícios relatados, com o passar do tempo houve uma evasão considerável dos participantes, que alegavam falta de tempo devido ao aumento da demanda de trabalho. Com isso, fez-se necessário uma reestruturação do programa para que mais pessoas pudessem ser beneficiadas com a atividade. A equipe do programa trabalhou na reformulação da proposta e criaram um *site* contendo informações sobre GL, dicas e fotos com explicações para a realização de exercícios para diversos grupos musculares entre outras informações de saúde. Com essa nova proposta as informações se tornaram de fácil acesso e ampliada para além dos núcleos iniciais, mas para todos os servidores federais ou trabalhadores de outros setores atuantes em um campo de trabalho com características semelhantes ao trabalho dos participantes da primeira versão do programa. Além disso, a página também conta com telefone de contato e e-mail da equipe para que qualquer dúvida seja esclarecida. Com essa estratégia, esperamos atingir um maior número de beneficiados vislumbrando a melhora na qualidade de vida e na qualidade do trabalho desses trabalhadores.

Palavras-Chave: Relato de Experiência, Ginástica Laboral, Adesão, Manutenção à Atividade Física.

RELAÇÃO ENTRE ATIVIDADE FÍSICA HABITUAL E APTIDÃO FUNCIONAL EM MULHERES PÓS-MENOPAUSA

Uilson Roberto Pereira Junior[1]; Juliana Lôbo Froio[2]; Angélica Cristiane da Cruz[3]; Pedro Henrique Rodrigues[2]; Eduardo Federighi Baisi Chagas[1].
1. Departamento de Educação Física. Universidade de Marília. Marília/SP. 2. Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro/SP. 3 . Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista. Marília/SP.
junior_dwebsite@hotmail.com

Exercício físico tem se mostrado efetivo na manutenção e desenvolvimento da aptidão funcional em mulheres pós-menopausa (MPM), porém não é certo se volume de treinamento contribui de forma proporcional nesta melhoria. Objetivo do estudo foi analisar se volume semanal da prática de exercícios físicos influencia nos componentes da aptidão funcional de MPM. Estudo aprovado pelo Comitê de Ética (364/2014). *Amostra:* 49 MPM (mínimo doze meses amenorreicas), idade entre 50 a 83 anos, ativas há pelo menos seis meses. *Avaliações:* Estatura, peso, cálculo do índice de massa corporal (IMC), circunferência de cintura (CC), questionário sobre morbidades referidas, e de nível de atividade física (IPAQ - versão curta) categorizando em grupos a partir do tempo em minutos semanal despendidos na prática de exercício físico (MSEX) moderado a vigoroso: grupo1 < 150 minutos; grupo 2 de 150 a < 350 minutos; grupo 3 ≥ 350 minutos. Testes funcionais que avaliam a agilidade, flexibilidade, força de membros superiores (FMS), coordenação e a capacidade aeróbia, complementado com teste de levantar e sentar na cadeira em 30 segundos [mensuração da força de membros inferiores (FMI)]. *Estatística:* Dados em média e desvio padrão. Teste Kolmorogov-smirnov de normalidade. Para comparar média da aptidão funcional entre os grupos, teste de Anova-one-way. Teste post hoc de Bonferroni. Nível de significância *p*= <0,05. *Resultados*: Idade = 65,3±8 anos; IMC = 28,1±4 kg/m²; CC = 92,2±10,1 cm; MSEX= 208,4±98,2 min/sem. Agilidade = 17,2±4,2 segundos; Flexibilidade = 57,8±11,6; FMS = 19,8±5,8 repetições; Coordenação = 12,4±4,7 segundos; Capacidade aeróbia = 535,6±83,5; FMI = 15,2±4,5 repetições. Morbidades: Hipertensão Arterial (71,4%); Diabetes tipo 2 (24,5%); Artrite/Artrose (16,3%); Osteoporose (12,2%). Agilidade apresentou diferença significativa entre os grupos 1 e 2 (p=0,038), e entre os grupos 1 e 3 (p=0,006). FMS apresentou diferença significativa entre os grupos 1 e 2 (p=0,05), e grupos 1 e 3 (p=0,002). FMI foram observadas diferenças significantes entre os grupos 1 e 3 (p=0,001), e grupos 2 e 3 (p=0,038). Não se observaram diferenças estatísticas nas outras variáveis. Resultados apontaram influência do volume de prática de exercício físico sobre os componentes da aptidão física de agilidade e FMS e FMI, sendo que a prática de menos de 150 minutos semanais tem mostrado menor eficiência em relação a volumes maiores de treinamento. Volumes maiores da prática semanal de exercícios físicos moderados a vigorosos contribuem para maiores extensões das adaptações funcionais nas MPM, principalmente nos componentes como agilidade e força de membros superiores e inferiores.

Palavras Chave: Pós-menopausa, Atividade Física, Capacidade Funcional, Atividades Cotidianas.

RELAÇÕES ENTRE IMAGEM CORPORAL E INDICE DE MASSA CORPORAL EM BAILARINOS

Bruna Neves Gonçalves, Andressa Melina Becker da Silva**, Carrubla Ferracin da Silva*, Murilo Fernandes de Araújo*, Sônia Regina Fiorim Enumo****

Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas

E-mail: bruna.ng@puccampinas.edu.br

O perfil corporal ideal de bailarinas exige que sejam magras e esbeltas, levando-as a procurar a atender esta imagem corporal; mas, em geral, há diferenças entre a imagem real e a ideal. Este estudo verificou as relações entre o índice de massa corporal e a imagem corporal de bailarinos. Participaram 56 bailarinos (mulheres = 87,50%), com idade entre 12 e 34 anos (*M* = 17,64; ± 4,53), avaliados individualmente durante o Festival de Dança de Joinville, com nível internacional. O índice de massa corporal (IMC) foi mensurado utilizando-se balança (para o peso) e fita métrica (para a altura). Para avaliação da Imagem Corporal, aplicou-se o *Silhouette Match Test*, composto por 12 silhuetas para assinalar qual é a silhueta atual e a ideal. Se houver diferença entre as duas imagens, há indicativo de descontentamento com a imagem corporal, de forma que, quando a silhueta ideal for assinalada como menor que a atual, há um desejo de emagrecimento por parte do respondente. Os dados foram analisado em termos de estatística descritiva e inferencial (Correlação de Pearson e ANOVA, com um nível de significância de $p \leq 0{,}05$), pelo *software* estatístico SPSS. Os resultados mostram que 16 bailarinos (28,60%) estavam com IMC abaixo do normal, 37 (66,10%) com IMC normal e 3 (5,40%) com IMC acima do normal. A maioria dos bailarinos (*n* = 40; 71,40%) estava insatisfeito com sua imagem corporal, sendo que, 32 deles (57,10%) gostariam de emagrecer e 3 (5,40%) gostariam de engordar, restando 16 bailarinos (28,60%) satisfeitos com sua imagem corporal. A ANOVA mostrou relação entre a imagem corporal e o sexo (p = 0,03), ou seja, mulheres tenderam a estar insatisfeitas com sua imagem corporal e querer emagrecer. A correlação de Pearson mostrou correlações positivas e significativas entre IMC e idade (r = 0,46; $p \leq 0{,}0001$), ou seja, pessoas mais jovens apresentam menor IMC. Mostrou também relações entre IMC e sexo (r = 0,47; $p \leq 0{,}0001$), sendo que as mulheres apresentam menor IMC; além do sexo com a imagem corporal (r = 0,26; *p* = 0,48), sendo que as mulheres estavam mais insatisfeitas com a imagem corporal. Esses dados mostram a importância de analisar como essa busca pelo corpo perfeito nas bailarinas gera insatisfações com seu corpo, o que pode levar a distorções de imagem corporal, que é um dos principais riscos para distúrbios alimentares, como a anorexia.

Palavras-chave: Dança; Índice de massa corporal; Imagem corporal; Psicologia do Esporte.

Fontes de apoio: CAPES (bolsa de doutorado**), CNPq (bolsa de iniciação científica* e de produtividade em pesquisa***).

RELAÇÕES ENTRE O ÍNDICE DE MASSA CORPORAL E AUTOESTIMA EM BAILARINOS

Carrubla Ferracin da Silva, Andressa Melina Becker da Silva**, Murilo Fernandes*, Renan de Morais Afonso*, Sônia Regina Fiorim Enumo****
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
E-mail: carrubla_9@hotmail.com

Diversos estudos têm evidenciado uma possível relação entre o Índice de Massa Corporal (IMC) e a autoestima, entendida como uma apreciação subjetiva do indivíduo, refletida como uma atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo. Em bailarinos, essa relação é potencializada devido à influência da mídia e a pressão pela busca de um corpo perfeito e esperado. Nesse contexto, é esperado que um menor IMC esteja associado com uma maior autoestima. Este estudo analisou as relações entre o IMC e a autoestima em bailarinos. Participaram 56 bailarinos (mulheres = 87,50%; homens = 12,50%), idade entre 12 e 34 anos (M = 17,64; ± 4,53), avaliados durante o Festival de Dança de Joinville, com nível internacional. O IMC foi medido utilizando-se uma balança (para o peso) e uma fita métrica (para a altura). Aplicou-se individualmente o Questionário de Autoestima, composto por 25 perguntas dicotômicas (verdadeiro ou falso), em que escores abaixo de 50% são indicativos de uma baixa autoestima; entre 51 e 75%, uma autoestima normal; e acima de 76% considera-se uma alta autoestima. Os dados foram analisados pelo *software* estatístico SPSS em termos descritivos e inferenciais (Correlação de Spearman e Kruskall-Wallis, com um nível de significância de $p \leq 0{,}05$, considerando a não normalidade e homogeneidade dos dados observada pelos testes Kolmogorov-Smirnov e Levene). Os resultados mostraram 37 bailarinos (66,10%) com IMC normal, 16 (28,60%) estavam com IMC abaixo do normal e 3 (5,40%) com IMC acima do normal. Para a autoestima, 36 bailarinos (64,30%) apresentaram autoestima normal, 11 (19,60%) apresentaram baixa autoestima e 9 (16,10%), uma autoestima alta. O teste de Kruskall Wallis revelou uma relação significativa entre a autoestima e IMC (p = 0,014); entre autoestima e sexo (p = 0,007); entre IMC e idade (p = 0,007); e entre IMC e sexo ($p \leq 0{,}0001$). A Correlação de Spearman mostrou correlação positiva e significativa entre autoestima e sexo (rho = 0,289; p = 0,031), ou seja, homens apresentam maior autoestima; e entre autoestima e IMC (rho = 0,354; p = 0,007), sendo que, quanto maior o IMC, maior a autoestima. Este último resultado foi controverso ao esperado, não se encontrando uma relação direta entre a maior autoestima e o menor índice de IMC. Esses dados sugerem a necessidade de mais pesquisas com a população de bailarinos, inclusive verificando a influência de outras variáveis que possam ser moderadoras e mediadoras dessa relação entre IMC e autoestima.

Palavras-chave: Dança; Índice de massa corporal; Autoestima; Psicologia do esporte.
Apoio financeiro: CAPES (bolsa de doutorado**), CNPq (bolsa de iniciação científica* e de produtividade em pesquisa***).

RELIGIOSIDADE E SUA RELAÇÃO COM A PRÁTICA DO FUTEBOL PROFISSIONAL

João Baptista Gil Junior, Carolina Campos, Flávia Renata de Almeida, Maria Regina Ferreira Brandão

Universidade São Judas Tadeu
bagil@uol.com.br

Apesar do tema Religiosidade e Espiritualidade despertar há muitos séculos o interesse da humanidade, apenas recentemente tem sido objeto de estudo da ciência da Psicologia do Esporte. Para melhor compreensão do tema faz-se necessário diferenciar Religiosidade de Espiritualidade. Compreende-se Espiritualidade como a maneira através da qual o indivíduo se relaciona com o transcendente, enquanto na Religiosidade a relação é mais institucionalizada e com procedimentos padronizados. Assim, o objetivo do presente estudo foi avaliar como jogadores de futebol profissional percebem a relação entre a prática esportiva e a Espiritualidade e a Religiosidade. Para tanto, foram avaliados 28 jogadores de futebol de uma equipe que disputou a série A do Campeonato Paulista 2015 através do Inventário de Comportamento Espiritual e Religioso no Esporte, que consta de 51 questões avaliadas em uma escala de quatro pontos: nunca, algumas vezes, quase sempre e sempre. Foram considerados para análise os itens com médias situadas entre quase sempre e sempre. Os resultados mostram que 17 itens atingiram os critérios estabelecidos e, todos eles, se referem à Religiosidade. Desses, oito se relacionam a uma dimensão cognitiva, cinco a uma dimensão comportamental e quatro a uma dimensão emocional da Religiosidade. Podemos concluir que a Religião parece desempenhar um papel expressivo na vida dos jogadores avaliados e que ela se expressa através de três componentes: as crenças religiosas, os rituais e as emoções.

Palavras Chave: (Religiosidade, Espiritualidade, Esporte, Futebol.)

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

RENDIMENTO NOS ESPORTES: A INFLUÊNCIA DA ANSIEDADE NO DESEMPENHO INDIVIDUAL E COLETIVO

Luiza Machado dos Santos, Claudio Edward dos Reis

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP

luizammds@gmail.com

Introdução: A partir da abordagem da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), o presente trabalho estudará sobre a relação ansiedade-atleta. O modo pelo qual a ansiedade aflora no atleta antes e durante a competição muitas vezes influencia o seu desempenho dentro delas. **Justificativa:** É de fundamental importância que o atleta tenha um acompanhamento psicológico em seus treinos, concomitantemente com o treinamento técnico e nutricional, além da conscientização de seu estado psicológico. **Objetivo Geral:** Desta forma, o principal objetivo deste trabalho é de compreender e analisar a relação existente entre a ansiedade e o esporte. **Objetivos Específicos:** Investigar se a alta ansiedade em uma grande competição ou etapa decisiva interfere no desempenho do atleta; Conhecer e identificar os recursos adotados pelos atletas para controlar o nível de ansiedade; Analisar o papel e a atuação dos técnicos e psicólogos (quando houver) na minimização e/ou eliminação de estados ansiosos prejudiciais ao desempenho esportivo. **Métodos:** Este estudo utilizou-se da abordagem qualitativa, do tipo exploratório descritivo e comparativo, dos dados coletados nas entrevistas e nos inventários, considerando a competição individual partir da perspectiva do estudo de caso de atletas. Amostra: O presente estudo terá como participantes atletas de diferentes modalidades e seus respectivos técnicos ou psicólogos, quando houver, perfazendo um numero total de 10 sujeitos divididos na seguinte proporção: 07 atletas e 03 técnicos ou 02 técnicos e 01 psicólogo do esporte. Instrumentos: Inventário Beck de Ansiedade, composto de 21 questões com avaliação nas seguintes categorias (nada, um pouco, moderadamente e gravemente) sendo pontuadas de 0 a 3 pontos cada resposta assinalada. Entrevistas semiestruturadas como técnica de coleta de dados, sendo elas: uma direcionada aos atletas e outra aos técnicos e/ou psicólogos. **Resultados Esperados:** Com este trabalho de iniciação científica, espera-se identificar se a ansiedade do atleta interfere de forma significativa em seu desempenho em competições; Como o psicólogo ou técnico percebe essa relação; Identificar quais os recursos utilizados pelos atletas para controlar sua ansiedade e, por fim, compreender o papel do psicólogo e do técnico junto a ele. **Conclusão:** O estudo está em andamento e as conclusões serão baseadas nas hipóteses criadas.

Palavras Chave: Ansiedade, Competição, Atleta

RESILIÊNCIA E OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Marcela Fernanda Tomé de Oliveira, Cynthia Yukiko Hiraga, Afonso Antonio Machado

Universidade Estadual Paulista – UNESP - Rio Claro – São Paulo – Brasil
E-mail: marcelaoli211@hotmail.com

O tema associado à *resiliência* é pouco explorado e difundido no meio acadêmico. A palavra resiliência é originária das ciências exatas, mais especificamente da Física que compreende o termo como capacidade de um material sofrer deformação e voltar ao seu estado anterior (YUNES, 2003). Nas ciências humanas, a resiliência focaliza questões voltadas para o enfrentamento do indivíduo frente às adversidades. Por exemplo, diversos estudos sobre o tema foram conduzidos para compreender situação de vulnerabilidade social envolvendo crianças e adolescentes abrigados (PESCE, et. al 2006; REPPOLD, et. al. 2012; CAZAN; TRUTA, 2015; RUTTER, 1999; POLETTO E KOLLER, 2002). Estes estudos demonstraram que mesmo em situações adversas esses indivíduos apresentavam padrões de normalidade e adaptação psicossocial positiva, estratégias de enfrentamento, flexibilidade, autoestima, organização e superação frente às situações negativas. O interesse sobre o fenômeno da resiliência psicológica tem se estendido na área da saúde mental, como em casos de pacientes em tratamentos quimioterápicos, ex soldados de guerras e suas famílias e ainda, no âmbito esportivo com atletas de alto rendimento e paraolímpicos (Connor; Davidson, 2003; Lee et al., 2013; Brandão, et al. 2013; Machida, et al. 2013; Fletcher & Sarkar 2012). Tendo em vista uma variedade de situações na qual a resiliência psicológica parece determinar o estado comportamental de indivíduos em situações de vulnerabilidade, a compreensão quanto à escolha e utilização dos instrumentos de avaliação é relevante para medição apropriada da superação da situação adversa em que o indivíduo se encontra. A superação não é medida trivial e depende das circunstâncias da situação de vulnerabilidade. O presente trabalho tem como objetivo explorar o uso das escalas de resiliência existentes no meio científico e a adequação dessas escalas nas mais variadas situações de adversidade.

Palavras chaves: resiliência, adaptação positiva, escalas, pesquisa.

RESPOSTAS AFETIVAS AO TREINAMENTO RESISTIDO COM CARGAS AUTOSSELECIONADAS

João Francisco Barbieri, Kell Grandjean Costa, Arthur Fernandes Gáspari
UNICAMP
Contato: Francisco600_25@hotmail.com

É amplamente difundido na sociedade o conceito de que atividade física traz benefícios ao organismo, porem grande parcela da população ainda permanece sedentária. Este fato tem levado pesquisadores a investigarem quais fatores são responsáveis por aumentar ou diminuir o engajamento de participantes em programas de exercícios físicos. Encontramos na literatura estudos que se dedicam a analisar o efeito das respostas afetivas sobre a aderência em programas de exercícios físicos, estes estudos, assim como a própria teoria do modelo hedônico, nos mostram que pessoas que vivenciam experiências prazerosas durante a atividade tendem a buscar ou repetir essa experiência. Aplicando-se essa teoria a prática de exercícios físicos, temos os modelos de prescrição de treinamento aeróbio com intensidade autosselecionada como uma promissora ferramenta para aumentar a aderência, visto que o mesmo proporciona respostas afetivas positivas superiores às prescrições de treinamento convencional, com a vantagem de ainda se manter dentro da faixa de intensidade recomendada pelo ACSM para melhora de parâmetros fisiológicos. Este presente trabalho objetivou investigar, através de uma revisão sistemática na literatura existe, se a prescrição de treinamentos resistidos com carga autosselecionada se mostraria igualmente eficaz a prescrição de treinamento aeróbio com carga autosselecionada, para tal foram revisadas as seguintes bases de dados: PubMed, Lilacs, Scielo e Google Scholar. A entrada com as palavras chave (Exercício Resistido, autosseleção, afetividade, aderência, *Physical activity, self-selected intensity, resistance training, weight training, affect, Adherence*) gerou um total de 154 artigos, destes foram somente incluídos artigos com as seguintes características: Possuir grupo experimental, possuir grupo controle, ter ao menos uma das varáveis do treinamento resistido autosselecionada, possuir participantes eutróficos, estudos que se utilizaram da musculação como modalidade de exercício resistido e, por último, que avaliaram a percepção de esforço ou resposta afetiva frente ao treinamento. Destaca-se como resultado a superioridade do exercício resistido com carga autosselecionada em propiciar menores percepções de esforço e maiores respostas afetivas positivas, quando comparado à prescrição tradicional. Porem, a análise dos trabalhos existentes nos mostra que, indivíduos que autosselecionam suas cargas de treinamento escolhem cargas abaixo das recomendações, fato que pode comprometer a aderência a programas pela falta de adaptações fisiológicas. Conclui-se que a prescrição de treinamento resistido com carga autosselecionada é um método eficaz para gerar respostas mais prazerosas provenientes do exercício, porem, outras estratégias devem ser utilizadas em conjunto para que os indivíduos treinem em cargas que se enquadrem nas faixas de recomendações garantindo assim melhoras adaptativas.

Palavras Chave: Treinamento resistido; Aderência; Afetividade; Auto seleção da intensidade; Percepção subjetiva de esforço

RESPOSTAS AFETIVAS DO EXERCÍCIO FÍSICO AERÓBIO COM INTENSIDADE AUTOSSELECIONADA E ADERÊNCIA

Leonardo Rodrigues Motta, João Francisco Barbieri
Universidade Estadual de Campinas
leomotta.lm7@gmail.com

Muito se sabe a respeito dos benefícios da atividade física e dos prejuízos causados por uma vida inativa, entretanto, ainda é crescente o número de sedentários no cenário nacional. Um grande fator que determina a não aderência de indivíduos à prática de atividade física é a resposta afetiva negativa (desprazer) a qual se deparam no momento da sessão de exercício. Uma vez que o sedentarismo é um desafio de abrangência mundial, é necessário investigar as causas e procurar formas de inverter esse quadro. Aplicando o modelo hedônico para a atividade física, compreendemos que os indivíduos tendem a repetir atividades que lhes dão prazer, e descartar aquelas que lhes geram desconforto ou dor, ou seja, a resposta afetiva no exercício pode ser responsável pela aderência. Este trabalho procura discutir sobre os possíveis mecanismos envolvidos no estado de prazer/desprazer durante o exercício aeróbio com intensidade autosselecionada. Foi realizada uma revisão sistemática da literatura atual nas seguintes bases de dados: Pubmed, Mediline e Google Scholar. Foram realizadas duas pesquisas, uma em português e uma em inglês com as seguintes palavras-chave: modelo hedônico, teoria do modelo-duplo, exercício aeróbio, corrida autosselecionada, limiar anaeróbico, aderência; *hedonic model, anaerobic threshold, endurance training, running, auto-selected intensity, aderence, auto-selected pace.* Os artigos resultantes da busca foram primeiramente triados pelo título, logo após esta triagem inicial foram lidos os resumos dos artigos selecionados, artigos que não possuíssem grupos experimentais foram excluídos, a terceira etapa da triagem foi a leitura completa dos artigos, todos os artigos condizentes com o tema foram incluídos nesta revisão de literatura. Como resultado da pesquisa encontramos que a autosseleção da intensidade no exercício aeróbio proporciona respostas afetivas mais positivas que a prescrição de treinamento convencional, constatou-se também que a afetividade tem intrínseca relação com a intensidade do exercício, em especial se está abaixo, no, ou acima do limiar anaeróbio. Este modelo está descrito na literatura como modelo de duplo-modo. Conclui-se que a prescrição de exercícios com intensidade autosselecionada é uma ferramenta válida para aumentar o engajamento a programas de exercício aeróbio. O resultado obtido foi que a intensidade abaixo do limiar ventilatório, como também a autosseleção da intensidade do exercício têm proporcionado um aumento na valência positiva da resposta afetiva em indivíduos sedentários, o que aumenta as chances de engajamento na atividade física. Foi concluído também que a autosseleção da intensidade não impede que os praticantes tenham uma melhora no condicionamento cardiorrespiratório e obtenham adaptações fisiológicas.

Palavras-chave: Afetividade; Sedentarismo; Modelo hedônico; Atividade física; Aderência.

SAÚDE E ESPORTE: ABORDAGEM INTERPROFISSIONAL

Isabella Garcia Riviti, Daniella Moreira Paína, Henderson Palma, Ricardo da Costa Padovani, Maria Stella Peccin

Universidade Federal de São Paulo- Campus Baixada Santista

bebsriviti@gmail.com

A escolha do esporte de alto rendimento como profissão exige o desenvolvimento de capacidade física e psicológica complexas. Disciplina, longas horas de treinamento, restrição de atividades sociais e de lazer. A elaboração do Projeto de Extensão "Saúde e Esporte: abordagem interprofissional" possibilitou a criação do Centro Interprofissional de Pesquisa no Esporte (CIPE) que além de proporcionar a troca de experiências e o desenvolvimento na área esportiva, permitiu o estabelecimento de parcerias interinstitucionais. O projeto tem como objetivos aproximar a universidade da sociedade; propiciar ao discente vivência na rotina profissional do atleta; desenvolver pesquisas e programas de intervenção de natureza interdisciplinar na área esportiva. O projeto é coordenado por professores do curso de fisioterapia e psicologia A equipe discente é composta por dois alunos dos cursos de fisioterapia e dois da psicologia, e dois alunos do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde e um fisioterapeuta. Participantes: atletas de diferentes modalidades esportivas da cidade de Santos. Atividades desenvolvidas: reuniões de equipe, discussões clínicas, intervenções fisioterapêuticas e psicológicas. O projeto busca propiciar aos alunos oportunidade de vivenciar a rotina profissional, por meio de atendimentos fisioterapêutico e psicológico realizados aos atletas de alto rendimento. Foram atendidos 28 atletas (Handebol, Basquete, Muay-Thai e Beach-Tennis) pelo setor da fisioterapia e sete atletas pelo setor da psicologia (Handebol, Muay-Thai, Karatê e Stand-up Paddle). O reconhecimento da comunidade esportiva da cidade de Santos e o feedback positivo dos atletas evidenciam a importância do projeto de extensão para a comunidade de atletas e reforçam a relevância para o processo de formação de alunos da graduação e da pós da graduação da área da saúde.

Palavras chaves: interdisciplinaridade, psicologia, fisioterapia, saúde, esporte.

SCOUT E AS TECNOLOGIAS NA MODALIDADE VOLEIBOL: A VISÃO DE TÉCNICOS E ATLETAS

José Calixto[1], Adriane Beatriz de Souza Serapião[1], Mateus da Silva Pinheiro[2]
UNESP – Rio Claro[1], FHO – Uniararas[2]
js_calixto@yahoo.com.br

O voleibol é uma das modalidades esportivas que mais se popularizou no Brasil nos últimos anos. Em 1981, a FIVB (Federação Internacional de Voleibol) realizou um simpósio especificamente para difundir a utilização das análises de desempenho das ações de jogo, inserindo o voleibol no mundo da informática. Esses sistemas foram aperfeiçoando-se a partir dos Jogos Olímpicos de 1984, pela utilização de elementos estatísticos e inovações tecnológicas. Com esse avanço, um estudo baseado em entrevistas com técnicos e jogadores foi realizado para avaliar a importância das estatísticas e análises de jogos na visão dos entrevistados que participaram da 59ª. Edição dos Jogos Regionais, em São José do Rio Pardo, na modalidade voleibol masculino – 1ª Divisão. O *scout* é altamente importante e rica fonte de informação para preparação de atletas e equipes antes, durante e depois de um treino, jogo, temporada ou campeonato. Portanto, aborda-se de forma específica a análise e estatísticas de jogos, e os recursos para elas utilizados. A estatística reúne e classifica fatos, baseando-se em números e freqüências, obtendo conseqüências e conclusões gerais para tomada de decisões. Tem por objetivo orientar a coleta, resumo, apresentação, análise e interpretação de dados. Dos jogadores entrevistados, 89% acreditam que os dados estatísticos auxiliam o atleta para melhoria do rendimento; 81% sentiriam-se mais confiantes em um jogo se tivessem os dados estatísticos, análises técnica e tática do seu adversário, acreditando que a estatística faria diferença se aplicada durante os treinamentos e jogos; 63% declararam que a estatística tem total importância para o melhor desempenho da equipe e o fundamento mais importante para ser analisado é o ataque dos jogadores. Os técnicos relataram que a maior dificuldade em usar as estatísticas nas competições é o alto custo e falta de profissionais qualificados para essa função. É verdade que empresas desenvolvedoras de software para análises de jogos cobram preços altamente abusivos e licenças periódicas para seu uso, mas existem ferramentas de uso público gratuito disponível na Internet e a possibilidade de cada comissão técnica desenvolver suas ferramentas para essas análises, utilizando vídeos, planilhas e outras tecnologias para essa finalidade. As estatísticas no vôlei em todos os campeonatos nacionais e internacionais são usadas e servem como parâmetros para análise e estruturação técnica. Informações como o maior pontuador, melhor defesa, melhor passe, ou melhor levantador levam as equipes e atletas individuais ou coletivamente a traçar metas ou estruturar a tática através desses dados durante os jogos e treinamentos.

Palavras Chave: *Scout*, atletas, tecnologias, voleibol, estatística.

SCOUT FUTEBOL: DIFERENÇAS TÉCNICAS JOGANDO DENTRO E FORA DE CASA

Carlos Donizete Nascimento Junior, Eunice Cristina da Silva Costa

Unifae São João da Boa Vista

carlos_jr2@hotmail.com

Introdução: O scout é uma ferramenta utilizada na quantificação e qualificação das ações realizadas nas modalidades esportivas, fornecendo dados à comissão técnica para tentar quaisquer intervenções, objetivando a melhora no desempenho do grupo ou individualmente. Objetivo: Assim, o scout foi utilizado para identificar as diferenças técnicas quando jogam dentro e fora de casa em competição, e associar com possíveis fatores que podem ter influência no desempenho de jovens esportistas de uma escolinha de futebol na categoria sub 13 anos. **Materiais e Métodos:** Os jogos foram gravados por uma filmadora digital SONY, modelo HANDYCAM DCR-SR68 e posteriormente, foram feitas as transferências dos dados coletados a uma planilha. Foram analisados os seguintes fundamentos: passes, cruzamentos, cruzamentos com finalização, desarmes, faltas cometidas e recebidas e finalizações. Foram observados 8 jogadores que participaram regularmente de 6 jogos de futebol pela fase de classificação da categoria sub 13 anos do Centro Social Urbano Miguel Jorge Nicolau (CSU-DER) da cidade de São João da Boa Vista /SP, com turno e returno, sendo que 3 jogados dentro de casa e 3 jogados fora de casa aleatoriamente. A escolha dos jogadores se deu pela sequência de jogos dos mesmos. Os dados em porcentagem foram apresentados através da média ± desvio padrão e submetidos à análise de variância por dois fatores seguida do teste de TUKEY. **Resultados:** Os resultados obtidos através do scout mostram que não houve diferenças estatísticas em relação aos jogos dentro e fora de casa, quando avaliados os passes, cruzamentos certos e errados e desarmes, bem como, o número de faltas cometidas e recebidas foram semelhantes em quaisquer ambientes de jogo. Entretanto, observou-se um percentual maior de cruzamentos com finalizações em jogos disputados em casa (19,37 ± 8,17 %) quando comparados com jogos disputados em campo adversário (1,96 ± 3,39, $p < 0,05$). O mesmo fato se repetiu em relação ao percentual de finalizações corretos e errados. Jogos dentro de casa, os acertos foram semelhantes ao percentual de finalizações erradas (52,30 ± 9,27 e 47,70 ± 9,27, respectivamente; $p > 0,05$), mas em jogos fora, houve diminuição do percentual para 28,03 ± 5,57 ($p < 0,05$), bem como, houve aumento das finalizações erradas para 71,97 ± 5,57 ($p<0,05$). **Conclusão:** Baseado nestes resultados pode-se concluir que há uma maior possibilidade de marcar gols e consequentemente conseguir mais vitórias em casa do que em jogos no campo do adversário.

Palavras Chave: escolinha futebol, scout, sub 13

SEX-RELATED VIOLENCE ON THE BRAZILIAN TELEVISION NOVELLA, "MALHAÇÃO"

Eliane Mauerberg-deCastro, Debra Frances Campbell, Afonso Antonio Machado
Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP
campbell@rc.unesp.br

This study examined the prevalence, or *salience*, of sex-related violence on a widely popular Brazilian television program for teenagers, "Malhação" (*Workout*, in English), and determined what types of violence are depicted. *Sexual violence* includes not only blatant, physical violence such as sexual assault or overt representations portrayed through pornography, but more subtle types of violence such as the objectification and sexualization of children and young adults. The purpose of this investigation was to identify if and how sex-related violent content occurs in a Brazilian television program designed for young viewers, the telenovella, "Malhação," and to quantify particular forms of violence that involve misogyny, gender stereotypes, and messages and images that reinforce the objectification and sexualization of teens. Thirty episodes were randomly-selected and coded from the 21st season of Malhação, 2013-2014, and the content analysis protocol measured frequency and duration of content that reflected sex-related violence. We determined types, categories and subcategories, and intensity of violence in the program's storylines. Also, we included an analysis of demographic variables (i.e., age, race, and gender). Our results confirmed a trend towards representations of misogyny, stereotypes, female objectification, and the sexualization of female teens, as well as the acceptance of age- and place-inappropriate behaviors by the story's institutions (school and family) and its community in general. Sex-related violent content represented 25% of the total duration of the sampled episodes. The young female characters often were framed via their appearance and behaviors (e.g., class/category: actions, body movements, and clothing) as innocent waifs, or ingénues, but the accompanying storylines contained subtle and insidious sexual messages. For example, romantic expressions were permeated with sexual innuendo, demonstrations of arousal, and dialog that indicated that having under-aged, unmarried sexual relations were acceptable behaviors. These themes appeared with relative frequency, and seemed to be condoned and supported by family members, friends, community members, and faculty from the students' Catholic school. While the female characters often were portrayed as the archetypical ingénue, they also were portrayed with much greater frequency than the male characters as sexual aggressors. The storylines and characters in our sample reinforce stereotypical representations and behaviors considered sexually violent. Malhação is popularly considered to be a novella for teens and young adults. However, the values it represents, and therefore teaches via the process of *modeling*, are questionable as age-appropriate and desirable for young viewers. It can be argued that the young characters and actors in Malhação, especially the females, are not positive role models, as they are frequently the subjects of objectification and sexualization.

Palavras Chave: media effects, violence and sex, Brazilian television, content analysis

SÍNDROME DE BURNOUT e a resiliência EM ATLETAS DE ESPORTES DE RENDIMENTO

José Calixto[1], Adriane Beatriz de Souza Serapião[1], Mateus da Silva Pinheiro[2]
UNESP – Rio Claro[1], FHO – Uniararas[2]
js_calixto@yahoo.com.br

Síndrome de Burnout é um distúrbio psíquico de caráter depressivo, precedido de esgotamento físico e mental intenso, também definido por Herbert J. Freudenberger como *"(...)* um estado de esgotamento físico e mental cuja causa está intimamente ligada à vida profissional" devido a uma dedicação exagerada à profissão.

Ela passa por diversos estágios dentre eles a necessidade de se afirmar ou provar ser sempre capaz, a dedicação intensificada com predominância da necessidade de fazer tudo sozinho e a qualquer hora do dia de forma imediata. O descaso com as necessidades pessoais como comer, descansar, dormir, ter vida social, o recalque de conflitos com dificuldades de solução dos problemas, ocasionando reinterpretação dos valores, isolamento e fuga dos conflitos, a desvalorização do lazer, casa, amigos, supervalorizando a auto-estima pela realização no trabalho, desvalorização do outro os colocando como incapazes ou com desempenho abaixo do seu são sintomas de Burnout. O objetivo dos técnicos e dirigentes esportivos é evitar essa síndrome nos atletas ou torná-los resilientes às adversidades que a prática dos esportes de rendimento apresenta.

A pressão por vitórias aumenta o estresse, e a ausência de resultados positivos pode levar à saturação desencadeadora da síndrome, que possui como uma de suas principais conseqüências, a desistência da atividade competitiva, atitude conhecida como *dropout*, ou seja, o abandono do esporte em virtude da falta de prazer, de recompensas estáveis ou reduzidas, de custos elevados, de pouca satisfação, do aumento de alternativas e de baixo investimento em relação à carreira atlética. Em investigação conduzida com jovens tenistas brasileiros encontraram correlações significativas e negativas entre a variável denominada pensamentos de abandono e o número de horas semanais de treino.

Por se tratar de uma síndrome que gera conseqüências negativas aos atletas, pode-se evitar o Burnout aplicando-se as cargas de treinamento em conformidade com os princípios científicos e da variação dos métodos de treinamento, que os torna menos monótonos. Um estudo aponta a importância de monitorar o jovem atleta comprometido com o treinamento intenso. Alguns esportistas suportam as demandas do treino, porém outros ficam expostos aos riscos de Burnout e de estresse físico e emocional. Aspectos como necessidades financeiras, dedicação aos estudos com meta em vestibulares, impedimentos familiares, amigos e relacionamentos influenciam diretamente nas situações de abandono ao esporte.

Palavras Chave: Burnout, atletas, esportes.

SOBRE TRABALHOS DE GÊNERO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS EQUÍVOCOS CONCEITUAIS

Renata de Andrade Teixeira, Carlos José Martins
Universidade Estadual Paulista
renatandradet@hotmail.com

Os estudos de gênero conduzem uma área de pesquisa que se encontra em amplo desenvolvimento no campo da educação física. Goellner; Votre; Mourão e Figueira (2009) definem e diferenciam, em seu trabalho, os termos gênero e sexo. Para esses autores o termo gênero faz referencia a construção social com a qual o sujeito se identifica como masculino ou feminino se distinguindo do termo sexo que já faz referencia às características anatômicas e fisiologias desse sujeito. Dessa forma, pode-se dizer que as características de distinção entre homens e mulheres, no que se refere ao sexo, são dadas desde o nascimento, porém os significados conferidos a elas são culturais e históricos. Goellner (2001) sugere que apesar da quantidade de estudos que foram realizados desde os anos 80, envolvendo a temática de gênero, esses parecem não compreender o real significado do termo gênero, e acabam, dessa forma, caindo em muitos equívocos conceituais. Uma observação que Goellner (2001) faz sobre os estudos de gênero, é que, não raro, os pesquisadores confundem esse marcador identitario, com a definição de sexo dos sujeitos estudados. O objetivo desse trabalho foi averiguar a existência desses equívocos conceituais em estudos que envolvam o tema gênero e atividades físicas. O levantamento bibliográfico foi conduzido por uma base eletrônica de dados (SciELO), utilizando-se as palavras-chave “gênero” e “atividade física”. Foram obtidos a partir dessa busca, quatro artigos que continham esses termos em seus títulos. Após a leitura dos textos completos, os mesmo foram analisados e classificados com relação a fazer parte ou não de um trabalho situado fundamentalmente no campo de estudo de gênero. Como resultado, dois estudos pareciam tratar do sexo dos sujeitos pesquisados, caindo assim em equívocos conceituais, comprovando assim a idéia de Goellner sobre esses trabalhos. Sendo assim, continua a necessidade, apresentada pela autora, que se façam estudos e pesquisas que problematizem essa questão e que discutem esse tema, pois a grande maioria dos trabalhos publicados até hoje, envolvendo a temática, não conseguiram realmente levar a uma reflexão profunda do problema.

Palavras Chave: Gênero, Sexo, Atividade Física.

TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO E AGRESSÃO: PROPOSTA DE UM PROJETO DE INTERVENÇÃO E PESQUISA

Graziela Néspoli Feltran[1,2], Carolina de Campos[2], Marcelo Callegari Zanetti[1,2,3], Maria Regina Ferreira Brandão[2]

[1]UNIP – SÃO JOSÉ DO RIO PARDO
[2]USJT – SÃO PAULO
[3]LEPESPE/UNESP – Rio Claro
grazzi.gg@gmail.com

(Introdução) No contexto da Psicologia do Esporte há diferentes teorias que dão suporte ao estudo da motivação, dentre elas, podemos destacar a Teoria da Autodeterminação. Esta teoria busca verificar o grau em que as condutas humanas são volitivas, isto é, o quanto as pessoas realizam suas ações em um nível maior de reflexão e se comprometem com as mesmas de forma voluntária, além de apontar que o comportamento é regulado por três necessidades psicológicas básicas (NPB), que atuam de forma interdependente: competência, autonomia e relação social. **(Justificativa)** O estudo da motivação assume papel determinante nas investigações acerca da prática de atividades físicas e esportivas, principalmente na compreensão dessa influência sobre o desempenho esportivo e o bem-estar de alunos e atletas. **(Objetivo)** Nesse sentido, o presente projeto buscará investigar a relação entre o cumprimento das NPB e os níveis de autodeterminação sobre os comportamentos agressivos e antissociais nas aulas de Educação Física escolar. **(Método)** Serão investigados 90 alunos do Ensino Médio da rede estadual paulista de ensino de 3 diferentes escolas, durante as aulas de Educação Física escolar, por meio dos instrumentos: 1. Inventário de Autodeterminação para Praticantes de Atividades Físicas e/ou Esportivas, 2. Escala de Satisfação de Necessidades Básicas no Esporte, 3. Escala de Comportamento Prosocial e Antissocial no Esporte, 4. Entrevista semiestruturada com Professores de Educação Física escolar, além de 5. Quatro sessões de orientação junto a esses professores quanto à importância do cumprimento das NPB nas aulas de Educação Física escolar. Os instrumentos 1 a 4 serão reaplicados após a realização de 8 aulas de Educação Física escolar. **(Resultados)** O significado moral que o aluno atribuirá à prática esportiva será determinado pela forma como este é orientado, portanto, espera-se uma influência positiva do cumprimento das NPB na diminuição de comportamentos agressivos e antissociais nas aulas de Educação Física escolar. **(Conclusão)** Os resultados esperados apresentam suporte em Stephens (2000), que ao estudar a tendência de atletas em comportar-se agressivamente, aponta importante relação entre os fatores motivacionais e comportamentos agressivos em alunos e atletas.

Palavras Chave: Teoria da Autodeterminação, Comportamentos Agressivos, Educação Física escolar.

TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO E AUTOESTIMA

Luís Antônio de Souza Junior[1], Graziela Néspoli Feltran[1,2], Marcelo Callegari Zanetti[1,2,3], Maria Regina Ferreira Brandão[2]
[1]UNIP – SÃO JOSÉ DO RIO PARDO
[2]USJT – SÃO PAULO
[3]LEPESPE/UNESP – Rio Claro
bioaction@bol.com.br

(Introdução) Entende-se a autoestima como o sentimento, apreço e a consideração que uma pessoa sente por si própria. A autoestima parece estar associada a aspectos avaliativos que o sujeito elabora a seu respeito, baseado nas suas capacidades e desempenho. Já, a Teoria da Autodeterminação (TAD) aponta que a motivação humana está alicerçada em três necessidades psicológicas básicas e primordiais (autonomia, competência e relação social). **(Justificativa)** A prática de exercícios físicos vem sendo apontada como uma importante atividade para manutenção da saúde e da autoestima, por outro lado maiores níveis de motivação autodeterminados podem contribuir na melhora da percepção da autoeficácia, da competência e aceitação física, o que pode sugerir ligação entre ambos os estados. Por outro lado, parece haver baixa produção acadêmica sobre a relação entre ambas. **(Objetivo)** Explorar a associação entre a TAD, autoestima e a prática de atividades físicas/esportivas. **(Método)** Como método foi empregada uma ampla revisão de literatura em diversas bases de dados, usando como palavras-chave: "Teoria da Autodeterminação", "Autoestima" e "Exercício Físico". Foram consideradas apenas obras dos últimos cinco anos. **(Resultados)** Apesar da escassez de trabalhos encontrados, uma pesquisa com adolescentes apontou que motivos mais autodeterminados para participar de programas de exercícios físicos podem influenciar positivamente na autoestima, além de que, quanto maior a autoestima, maior a possibilidade de inserção em programas de exercícios físicos. **(Conclusão)** Não podemos afirmar que maior autoestima seja fruto somente da prática de exercícios físicos ou que ela é um fator chave para que haja motivação suficiente para um comportamento ativo, porém, a autoestima é reconhecida como um aspecto central da saúde e do bem estar psicológico, o que remonta para a necessidade de se investigar de maneira mais profunda tal associação.

Palavras Chave: Teoria da Autodeterminação, Autoestima, Exercício Físico.

TEORIA DA COMPLEXIDADE: DIMENSÕES DE UMA ESCALA PARA O ESPORTE

Marcelo Callegari Zanetti[1,2,3], Afonso Antonio Machado[3], Maria Regina Ferreira Brandão[2], Angela Nogueira Neves Betanho Campana[4], João Ricardo Nickenig Vissoci[5]
[1]UNIP – SÃO JOSÉ DO RIO PARDO
[2]USJT – SÃO PAULO
[3]LEPESPE/UNESP – Rio Claro
[4]EsEFEx – Rio de Janeiro
[5]Duke University - USA
marceloczanetti@hotmail.com

(Introdução) Apesar do avanço das Ciências do Esporte nas últimas décadas ainda é notória sua perspectiva reducionista e analítica, que comumente secciona as diversas áreas do conhecimento científico do esporte como forma de melhor explicar suas aplicações e fenômenos. Porém, tal situação acaba muitas vezes desconsiderando a própria complexidade humana e do contexto esportivo, que agora vem ganhando espaço à partir das proposições da Teoria da Complexidade no Esporte. **(Justificativa)** Nesse sentido, esse trabalho justifica-se pela importância de se criar um instrumento que verifique a complexidade do treinamento esportivo à luz da Teoria da Complexidade. **(Objetivo)** Criar dimensões para uma Escala de Complexidade no Esporte. **(Métodos)** Como estratégia metodológica foi realizada uma pesquisa prévia sobre a Teoria da Complexidade no Esporte em diversas bases de dados, atentando-se principalmente para os termos: "princípios gerais da Teoria da Complexidade" e "Dimensões da Teoria da Complexidade". **(Resultados)** Como resultado foram encontrados diversos estudos sobre a temática, porém, a obra de Serre e Martín (2011) apresenta importantes contributos para o desenvolvimento dessa escala, ao apresentar possíveis dimensões, tais como: 5 Princípios Gerais da Teorias da Complexidade (1. Incerteza, 2. Sensibilidade, 3. Globalidade, 4. Interdependência e 5. Emergência espontânea), além de 10 Princípios Gerais dos Sistemas Complexos Adaptativos (1. Criar suas próprias delimitações, 2. Se auto organizar, 3. Se coadaptar, 4. Ser sub-ótimo, 5. Apresentar variabilidade, 6. Possuir conectividade e interação, 7. Ter regras simples, 8. Apresentar interação, 9. Estar à beira do caos e 10. Estar alojado dentro de outros sistemas). **(Conclusão)** Apesar do grande número de dimensões encontradas na Teoria da Complexidade, parece relevante que o desenvolvimento dos itens do instrumento atente-se para a complexidade do treinamento esportivo à partir de sua perspectiva metodológica e ambiental, o que implicará ainda na suplantação ou criação de novas dimensões e/ou itens. Essa escala também poderá ser útil na diminuição da saturação dos atletas ocasionada por meio de seções monótonas, reduzir problemas relacionados à especialização esportiva precoce, além de contribuir no desenvolvimento de atletas inteligentes por possibilitar o aprimoramento da tomada de decisão.

Palavras Chave: Teoria da Complexidade, Psicologia do Esporte, Formação e desenvolvimento de atletas.

UMA META-ANÁLISE SOBRE A SÍNDROME DE BURNOUT

Luis Fernando Gonçalves, Matheus de Oliveira Martins, Afonso Antonio Machado
Universidade Estadual Paulista – UNESP
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte - LEPESPE
lfgoncalves17@gmail.com

Introdução - A síndrome de *burnout* esta relacionada ao esgotamento profissional, caracterizada como um distúrbio psíquico é caracterizado diretamente em agentes que tem um relacionamento interpessoal intenso, causando então um estado de tensão emocional. Nos primeiros estudos realizados a respeito de determinada ação mostraram que profissionais ligados a áreas que estabelecem contato direto com pessoas são mais propícios a adquirir a síndrome que os demais, grandes exemplos são médicos, enfermeiros e professores, profissionais estes que necessitam de um contato direto com o público mediante suas ações profissionais. **Objetivo** - A principal meta do estudo é desenvolver uma revisão meta-analítica através de pesquisas já concretizadas que envolvem a síndrome de *burnout* em atletas. **Métodos** - O universo da pesquisa é caracterizado através de uma busca no site da *scielo*, tendo palavras chave de buscador "síndrome de *burnout* em atletas", foram encontrados oitos resultados diretos. Logo foi realizada uma meta-análise, partindo das normas e técnicas de revisão de literatura. **Conclusão** – Através dos pressupostos estudos que envolvem a síndrome de *burnout* no esporte temos que; Existem vários motivos pelos quais pessoas ligadas ao esporte desenvolvem a síndrome de *burnout*. De acordo com Smith (1986), *burnout* é considerado uma exaustão de emoção, ou seja, um estresse crônico, em primeiro plano o autor relata que o desenvolvimento do *burnout* se pode dar devido a uma intensidade de treinos ou jogos, mesmo que o atleta consiga obter bons resultados, e mesmo assim resolve abandonar o esporte. Também temos o modelo de Coakley (1992), que diz respeito a condição do circulo social do atleta, onde este faz seu convívio em torno do seu "eu", este que relata que a única maneira de escapar desse estágio da síndrome é partilhando de novas experiências sociais. Logo podemos dizer que a síndrome de burnout é algo que tem uma grande ascensão dentro do mundo esportivo, e que sua mensuração e tratamento é importante não só para que os atletas não deixem o mundo esportivo, como para que os mesmos tenham uma melhor qualidade de vida.

Palavras chave: Desenvolvimento humano e tecnologias, burnout no esporte, psicologia esportiva.

USO DE DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS E DA MÍDIA POR JOGADORAS DE BASQUETEBOL

Luis Felipe Tubagi Polito[*,**]*; Luciane Aparecida Moscaleski*[**]*; Flávia Renata de Almeida*[*]*; Henrique Nunes*[**]*; Maria Regina Ferreira Brandão*[*]

**Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação Física – Universidade São Judas Tadeu*

***Faculdades Integradas de Santo André*

futebollf@uol.com.br

Muitos são os fatores estressores que acometem o rendimento esportivo de atletas de alto rendimento, incluindo família, negociações contratuais, transferências e lesões. Observa-se ainda uma aproximação significativa da mídia com o esporte, o que a torna um fator de interferência direta ou indireta muito relevante para o rendimento esportivo. O objetivo do presente estudo foi verificar a frequência de uso de aparelhos celulares em momentos próximos dos jogos oficiais de Basquetebol bem como verificar a incidência de atletas que buscam notícias de si mesmas na mídia pelos mais diversos dispositivos eletrônicos. Por meio de questionário fechado foram entrevistadas 78 atletas de Basquetebol de 8 distintas equipes filiadas à Confederação Brasileira de Basketball, que responderam às seguintes questões: "Você utiliza celular antes dos jogos?" e, "Você procura notícias de si mesma na mídia por meio do computador, *tablets* ou *smartphones*?". As entrevistas foram feitas durante os campeonatos estaduais e regionais. Os resultados mostraram que 82% das atletas entrevistadas (n = 64) utilizam o celular em até uma hora antes da partida, porém aproximadamente 71% das atletas (n = 56) relataram não procurar notícias de si mesmas na mídia digital. O Basquetebol é uma modalidade de potencial mercantil baixo, o que faz com que sua exposição midiática ocorra de forma acentuada apenas em nível regional. Além disso, segundo dados publicados pela *Informídia* tal modalidade ocupou em 2010 somente 3,9% do tempo total da dispendido para o esporte na TV, ficando atrás do Futebol (77,2%), Vôlei (6,1%) e Automobilismo (4,5%). Tais fatores podem colaborar para a falta de interesse das atletas em buscarem notícias de si mesmas pela mídia digital, já que esta se atenta principalmente às dimensões estaduais e nacionais. Deste modo, conclui-se que apesar de as novas tecnologias e a modernização dos meios de comunicação induzirem a maior uso dos equipamentos eletrônicos em momentos muito próximos à situações de estresse competitivo, a grande maioria das atletas de Basquetebol analisadas não foram motivadas a buscarem notícias próprias nos meios digitais de informação, o que pode estar relacionado com a menor dimensionalidade econômica e cultural da modalidade quando comparada com as demais que ocupam maior espaço desses canais de divulgação.

Palavras Chave: Mídia, Basquetebol, Estresse

USO DOS *EXERGAMES* NO CONDICIONAMENTO FÍSICO E MELHORA CARDIOVASCULAR EM INDIVÍDUOS OBESOS

Juliana Lôbo Froio[1], Lara Alves Moreira[1], Sônia Maria Alves[2]
1. Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro/ SP-Brasil. 2. Fundação de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão da FAMERP. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. São José do Rio Preto/SP-Brasil.
julianalobofroio@hotmail.com

A obesidade é um problema de saúde pública, com crescente prevalência nas últimas décadas, ocasionando um quadro de epidemia global (WHO, 2014); associa-se a inúmeros problemas de saúde (DE CARVALHO, 2014), incluindo adaptação anormal e insuficiente do sistema nervoso autônomo cardíaco (VANDERLEI et al., 2009), além de aumentar as taxas de morbidade e mortalidade na idade adulta (BRUNETTO, 2006). Estudos postularam que a obesidade, especialmente a obesidade abdominal, está associada com hipertensão, frequência cardíaca alta, hiperinsulinemia e resistência à insulina com metabolismo de carboidratos e lipídicos anormais (LOPES, 2010). Nesse contexto, emergem várias pesquisas em diferentes linhas, com a finalidade de contribuir com a melhoria da qualidade de vida das pessoas obesas; além de buscarem novas informações sobre o desenvolvimento de mecanismos para melhora da prevenção e tratamento das doenças cardiovasculares e metabólicas decorrentes da obesidade (PASCHOAL, 2012). Em meio aos elevados índices de excesso de peso e obesidade, sua causa é postulada como interação de diversos fatores, tais como maus hábitos alimentares e sedentarismo (ENES, SLATER, 2010; SIMON et al, 2009; YOSIPOVITCH, DEVORE, DAWN, 2007). Fundamental para o controle da obesidade da prevenção ao tratamento, a atividade física é capaz de melhorar e manter a qualidade de vida do individuo obeso (MOTA et al. 2007). Pesquisas comprovaram a aplicabilidade de um ramo da realidade virtual, os exergames, em programas de reabilitação e promoção da saúde (ANDERSON, ANNETT, BISCHOF, 2010; DEUTSCH et al, 2008; NITZ et al, 2010; REIS, CAVICHIOLLI, 2008; SILVA, TORRES, 2009). Com o objetivo de investigar e discutir sobre as potencialidades e perspectivas da utilização dos exergames nas repercussões cardiovasculares e de condicionamento físico de indivíduos obesos, este estudo realizou uma revisão bibliográfica, composta de leitura, análise e interpretação de documentos relacionados ao objetivo central do estudo. Os autores concluíram que o uso dos exergames é um método adjuvante eficaz em diversos contextos para melhora do condicionamento físico e emerge também na melhora cardiovascular de indivíduos obesos, de modo que podem ser beneficiados desta ferramenta em diferentes faixas etárias. É válida a ressalva de que os conteúdos utilizados devem respeitar as faixas etárias e público alvo, assim como as capacidades físicas que serão trabalhadas em cada jogo, além de proporcionar aos praticantes a sensação de motivação para melhor resposta destes ao método.

Palavras Chave: Obesidade, Reabilitação, Exercício físico.

VIDEOGAME NAS PUBLICAÇÕES DO SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA, ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA

Débora Bravo do Nascimento, Eryclis Eduardo Miguel Nunes, Gustavo Almeida Soares, Luciana Botelho Ribeiro, Priscila Carneiro Valim-Rogatto.
Universidade Federal de Lavras – UFLA
Universidade Estadual Paulista – UNESP
(deborabravo@gmail.com)

O avanço da tecnologia faz com que o ser humano se mantenha em constante adaptação possibilitando o desenvolvimento de novas habilidades. Diante disso, é cada vez mais frequente a utilização de videogames com diversos objetivos. Os *exergames* são jogos ativos com características e aplicações variadas em ambiente virtual que além de favorecer a aprendizagem e aprimoramento de movimentos corporais, podem aumentar o gasto calórico contribuindo para a manutenção da saúde sendo considerado uma atividade divertida que pode extrapolar o tempo de lazer. Considerando o recente surgimento dos videogames ativos no mercado, e a possibilidade de se pesquisar a sua interface com a psicologia do exercício e do esporte, vimos a importância de se fazer um levantamento dos trabalhos apresentados nas edições anteriores dos "Seminários de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança" que possibilitará o entendimento do quanto esse tema tem sido abordado nos últimos anos por meio de um evento conceituado na área. Assim, o objetivo dessa pesquisa foi identificar os resumos publicados nos anais das edições do evento que continham a temática "videogames". Para isso, foi realizada uma busca em cinco anais dos seminários disponíveis online com as palavras-chave "exergames", "videogame" e "jogos eletrônicos", pesquisadas de maneira isolada. Considerou-se a presença das palavras tanto no título quanto no corpo do texto. Dos 522 resumos apresentados nas edições em 2010 (2:92), em 2011 (3:102), em 2012 (5:85), em 2013 (1:108) e em 2014 (4:135), totalizou-se 15 publicações com a temática, o que corresponde a 2,9% dos resumos apresentados no evento em um período de cinco anos. Conclui-se que devido ao grande volume de trabalhos apresentados nas edições do Seminário, que passou a ser um Congresso Nacional e atualmente está na primeira edição de um Congresso Internacional de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança, poucos trabalhos com essa temática foram apresentados, talvez pelo fato de ser uma abordagem ainda recente nessa área do conhecimento. Ressaltamos a necessidade do aprofundamento da temática e da elaboração de projetos de pesquisa nessa linha de estudos.

Palavras-Chave: Exergames, Tecnologia, Videogames.

VIOLÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Graziela Néspoli Feltran[1,2], Marcelo Callegari Zanetti[1,2,3], Maria Regina Ferreira Brandão[2]

[1]UNIP – SÃO JOSÉ DO RIO PARDO
[2]USJT – SÃO PAULO
[3]LEPESPE/UNESP – Rio Claro
grazzi.gg@gmail.com

(Introdução) As manifestações agressivas e os atos de indisciplina nas escolas vêm adquirindo cada vez mais importância na sociedade brasileira, o que vem deixando pais e professores preocupados com o frequente envolvimento dos alunos nas mais variadas formas de agressão, porém, tal ambiente parece ser diretamente afetado pela própria sociedade. Por outro lado, a Educação Física escolar, por meio de seus conteúdos, parece ter muito a contribuir contra muitas formas de violência, mediando tais conflitos. **(Justificativa)** Sendo assim, fica evidenciada a necessidade de investigação, a fim de melhor compreender o fenômeno da violência escolar, além de propor ações na estrutura da Educação Física escolar como forma de minimizar tais eventos. **(Objetivo)** Diante dos novos conceitos e dessa problemática, faz-se necessária uma investigação mais consistente das causas dessa violência nas aulas de Educação Física escolar, bem como, as possíveis alternativas para compreender e modificar essa situação. **(Método)** A presente pesquisa situa-se em uma revisão de literatura. Na coleta de dados, foram consultados livros, periódicos e anais de congressos, priorizando textos dos últimos 5 anos nos idiomas português e inglês. **(Resultado)** Como resultado, percebemos que estudar a agressividade por meio do esporte pode ser uma estratégia útil para identificar como esse jovem se desenvolve. Entender suas causas pode ajudar ainda a responder questões como: Por que algumas crianças são mais agressivas do que outras? Os indivíduos nascem ou se tornam agressivos? **(Conclusão**) Cabe a Educação Física escolar assumir também um papel social e transformador, de uma educação que se preocupa com a formação de atitudes e valores, para que desta forma o homem possa viver em sociedade sem agredir ou prejudicar o outro. Tal ação poderá proporcionar a formação de um sujeito crítico e emancipado, possibilitando um novo olhar na forma de ser, ver e intervir no mundo, independentemente das causas inatas e/ou adquiridas de violência.

Palavras-Chave: (Violência, Agressividade, Educação Física Escolar.)

VIRTUAL E REAL: O ENSINO DE MODALIDADES COLETIVAS A PARTIR DE NOVAS TECNOLOGIAS

Beatris Lourdes Alves Huhn, Matheus Roncon Dias, Lucas Vieira Gomes, Rafael Castro Kocian
GEPPEM / CeCAES / IFSULDEMINAS – campus Muzambinho
E-mail: beatrisalves6@gmail.com

A cada dia percebemos que cada vez mais estamos ligados à tecnologia e aos jogos virtuais. Em nosso cotidiano, os aparelhos celulares, *tablets* e diversos aparatos tecnológicos estão presentes. Os meios de comunicação estão cada vez mais dinâmicos e antigamente uma carta que demorava dias ou semanas para chegar ao destinatário foi substituída por mensagens virtuais de um e-mail, SMS ou até pelo mais recente WhatsApp. Nossas crianças e adolescentes estão conectadas a rede mundial de computadores, a internet, ligadas em comunidades virtuais e a diferentes sites. Junto a esse processo, temos os jogos virtuais, presentes tanto na rede mundial de computadores, quanto em consoles de videogames cada vez mais sofisticados. Dessa forma, o presente trabalho procurou estudar diferentes atividades virtuais ligadas ao voleibol, que sejam desenvolvidas em sites da rede mundial de computadores e em aplicativos para celulares e tablets nas plataformas para Android, IOS e Windows Phone, tentando estabelecer relações que transponham a vivência virtual e atinjam a prática real. O trabalho justifica-se a partir de um estudo original que busca compreender essa nova relação entre o virtual e o real em relação ao ensino de uma modalidade esportiva. Para a realização do trabalho foram realizadas pesquisas na rede mundial de computadores e lojas virtuais com finalidade de encontrar jogos on-line gratuitos de voleibol. A partir desta pesquisa estes jogos foram testados e foram criadas jogos e brincadeiras relacionados a modalidade em questão. Esta experiência virtual pode ser proporcionada pelos professores aos alunos a fim de oferecer a vivência do esporte através de outra perspectiva conciliando duas realidades: a virtual e a real. Nos resultados encontramos diferentes possibilidades de se vivenciar a modalidade. Acredita-se que este processo facilitará o aprendizado e compreensão dos alunos, uma vez que muitos deles se sentem motivados a praticar jogos virtuais Os jogos virtuais ajudam e facilitam o processo de ensino-aprendizagem, tanto na interface virtual como no ambiente real.

Palavras Chave: Tecnologias; Jogos Virtuais; Voleibol; Pedagogia do Esporte

CORRIDA E CULTURA

Letícia Fernanda F. Masson [1], Cinthia Lopes da Silva [2]

Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

[1]Mestranda em Ciências do Movimento Humano – UNIMEP

[2] Doutora em Educação Física e docente do Mestrado em Ciências do Movimento Humano-UNIMEP

leticia_edfisica@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar os significados da corrida de rua para os corredores que frequentam a Represa Municipal da cidade de São José do Rio Preto. Partindo do pressuposto que a corrida de rua tem demonstrado ser um fenômeno sociocultural contemporâneo, fato este, que se dá por meio de um crescimento significativo em números de corredores e de eventos destinados à prática, se faz necessário compreender e analisar os significados que os praticantes atribuem à corrida de rua. Considerando o significado da corrida de rua para os corredores, podemos observá-la como elemento dos conteúdos culturais do lazer, que pode não estar apenas relacionada ao conteúdo físico esportivo, mas também ao social. A corrida de rua por ser um elemento da cultura e de manifestações sociais urbanas, contribui para rompimento das barreiras intra e interclasse social (gênero, faixa etária e fator sócio econômico). Segundo Dumazedier (1972), os interesses culturais do lazer podem ser classificados como: artísticos, intelectuais, manuais, sociais e físico esportivo. Entretanto, o relacionamento entre pessoas é evidente em quase todos os conteúdos culturais do lazer, o que caracterizaria essas atividades com um viés social. Contudo, destacamos a corrida de rua como interesse social e físico esportivo do lazer. Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo que se encontra em andamento. A pesquisa bibliográfica, tendo como base as ideias de Severino (2007), será efetuada a partir de um levantamento bibliográfico no acervo da UNIMEP e UNICAMP, correspondente às obras de autores da Antropologia, Sociologia e da Educação Física, que se centram em um referencial sociocultural. Nesse sentido, a corrida de rua ao se mostrar como manifestação cultural da cidade contemporânea, contribui para integrar grupos de corredores, atuando como base em suas manifestações culturais, considerando a subjetividade da participação de cada corredor. Nesse sentido, a corrida de rua pode propiciar a seus praticantes a troca de experiências e a construção de valores que não são predominantes na sociedade atual, tais como solidariedade, companheirismo, amizade e etc.

Palavras Chave: corrida de rua, lazer e cultura.

NÍVEL DE ANSIEDADE EM ATLETAS DE RENDIMENTO DE UMA EQUIPE DE HANDEBOL NA CIDADE DE BAURU – SÃO PAULO

Rômulo Dantas Alves, Flávio Machado dos Santos, Rubens Venditti Jr
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (Unesp), Campus Bauru
Faculdade de Ciências, Departamento de Educação Física
romao_dantas@hotmail.com

Essa pesquisa trata das questões a respeito da ansiedade pré-competição, em equipes de rendimento esportivo da região da cidade de Bauru-SP. Ao entender o atleta como atuante e formador desse contexto, sabendo que lhe é exigida uma serie de comportamentos, atitudes e posturas, compreendemos a competição como fonte causadora de emoções, através do confronto, demonstração, comparação e avaliação (DE ROSE JR, 2002). Todo processo competitivo pode levar a reações emocionais, e uma das reações é a ansiedade, que pode ser definida como um estado emocional que acarreta em tensão, sentimentos negativos, angústia, alterações e alto nível de ativação do sistema nervoso autônomo (SAMULSKI, 2002). Venditti Jr e colaboradores (2013), com atletas femininas do interior, acima de 16 anos, encontraram fatores de estresse no handebol: (1) "Arbitragem prejudicar minha equipe", (2) "Errar um arremesso completamente livre", (3) "Errar tiros de 7m em momentos decisivos do jogo". Desses fatores, o primeiro está relacionado a algo externo e os outros dois com maior pontuação estão relacionados ao próprio atleta, nas situações de jogo. Já para o estudo de Pandolfo e colaboradores (2014), verificou-se o nível de ansiedade-estado em atletas masculinos entre 14 e 16 anos, durante as finais do Campeonato Gaúcho em 2012. Nele, encontramos níveis baixos e moderados de ansiedade-estado: entre os finalistas e semi-finalistas encontrou-se níveis moderados de ansiedade-estado mais elevados que a maioria, porém entre as equipes que ficaram em segundo e quarto lugar observou-se um menor nível, do que na equipe campeã e na terceira colocada, podendo haver um nível de ansiedade ótimo para a performance. Os 12 atletas da nossa pesquisa piloto responderam ao questionário "Inventário de Ansiedade Traço-Estado" (IDATE), traduzido, desenvolvido e validado em português por Biaggio e colaboradores (1977). É constituído por duas escalas auto relatadas, 20 afirmativas, nas quais os sujeitos devem assinalar como se sentem, visando identificar o grau de ansiedade estado (A-estado) e o grau de ansiedade traço (A-traço). Os resultados obtidos confrontam a literatura, uma vez que a média das escalas foi praticamente semelhante entre ansiedade-estado e ansiedade traço (37,5 +/- 6,1 pontos e 37 +/- 8,9 pontos respectivamente) e nos levam a discutir a subjetividade dos atletas e a necessidade de interpretações a respeito da ansiedade de cada um. Assim, o estresse pode ser visto na relação entre a pessoa com o meio ambiente (fatores individuais/situacionais). Tais fatores variam individualmente, para cada contexto esportivo. O controle e interpretação que o atleta tem sobre tais fatores e todo processo de estresse pode levar a reações emocionais, e uma das reações é a ansiedade que incide e prejudica o desempenho esportivo na tomada de decisões.

Palavras Chave: ansiedade, handebol, estresse, rendimento, competição.